

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

**As Mulheres no Reinado de Momo: lugares e condições femininas no
carnaval de Porto Alegre (1869-1885)**

Caroline P. Leal

Porto Alegre
2008

CAROLINE P. LEAL

As Mulheres no Reinado de Momo: lugares e condições femininas no carnaval de Porto Alegre (1869-1885).

Dissertação apresentada como requisito para obtenção do grau de Mestre, pelo Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientador: Profa. Dra. Margaret Bakos

PORTO ALEGRE
2008

CAROLINE P. LEAL

As Mulheres no Reinado de Momo: lugares e condições femininas no carnaval de Porto Alegre (1869-1870)

Dissertação apresentada como requisito para obtenção do grau de Mestre, pelo Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Aprovada em ____ de _____ de _____

BANCA EXAMINADORA

Dr.^a. Margaret Bakos
Orientador – PUCRS

Dr.^o René Gertz – PUCRS

Dr.^o. Benito Schmidt – UFRGS

PORTO ALEGRE

2008

AGRADECIMENTOS

Agradecimentos especiais a minha orientadora, Dra. Margaret Marchiori Bakos, por sua incansável dedicação e direcionamento a este projeto de pesquisa e análise, me fazendo perceber que nossos trabalhos são para nos “fazer feliz”.

Também a essa ilustríssima e grandiosa instituição educacional, Pontifícia Universidade Católica, que a mim muito bem recebeu e às condições que me foram direcionada pelo CNPq, as quais eu acredito que tenha, verdadeiramente, aproveitado.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em História da Pontifícia Universidade Católica pelas instigantes aulas que foram de grande proveito para esta pesquisa.

Aos professores do Departamento de História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em especial Drº. Benito Schimidt e Drº. René Geertz, responsáveis pela formação do meu arcabouço teórico e intelectual e que tiveram profunda responsabilidade pelo desenvolver de minha jornada acadêmica.

A todos esses personagens reais que fundamentaram a concretização deste trabalho, o meu muito obrigada!

RESUMO

Mulheres e carnaval: este é o tema tratado nesta dissertação. Porto Alegre, por volta do último quartel do século XIX, passa a sofrer uma transformação no que se refere a sua maneira de render louvores ao deus Momo: surgiam as sociedades carnavalescas – Esmeralda e Venezianos; até então a data era comemorada sob a forma do entrudo, na qual as mulheres tinham ativa participação. Desta forma, este trabalho tem como objetivo analisar a participação das mulheres no carnaval de Porto Alegre, de 1869 a 1885, apontando para os diferentes lugares e condições que elas ocuparam nestes festejos.

Palavras-Chave: Mulheres; carnaval; cidade.

ABSTRACT

Women and carnival: this is the topic this dissertation. Porto Alegre, around the last quarter of the nineteenth century, is undergoing a transformation with regard to their way of rendering praise to God Momo: arose carnival companies - Emeraldal and Venezianos; until then the date was celebrated in the form of entrudo, in which women had active participation. Thus, this paper aims to examine the participation of women in carnival of Porto Alegre, from 1869 to 1885, pointing to the different places and conditions which they occupied in these celebrations.

Key words: Women; carnival; city.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 1 – Lito de Araújo Guerra	p.100
Ilustração 2 – Bisnagadas	p.103
Ilustração 3 – Entrudo	p.105
Ilustração 4 – Cenas Domésticas	p.122
Ilustração 5 – Esmeralda	p.135
Ilustração 6 – Alegria Veneziana	p.149
Ilustração 7 – Carnaval de 1885	p.165
Ilustração 8 – Till Eulenspiegel em detalhe	p.167
Ilustração 9 – Lorilei em detalhe	p.172

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	p.9
 CAPÍTULO I – MULHERES E ENTRUDO: o protagonismo da participação feminina no carnaval de Porto Alegre	p.26
1.1 – Entrudo e Carnaval: da Península Ibérica para Porto Alegre.....	p.26
1.1.1 – As origens da brincadeira	p.26
1.1.2 – Sua Chegada no Brasil	p.28
1.1.3 – O entrudo em Porto Alegre	p.29
 1.2 – O Entrudo e as Mulheres	p.31
1.2.1 – O Saneamento Físico e Moral da Cidade: a moralização do comportamento carnavalesco	p.31
1.2.2 – Culpada! A condenação da Ex-Marquesa de Monte Alegre	p.34
1.2.3 – Delicadas mãozinhas e rudes limões de cheiro.....	p.39
 1.3 – Entrudo, Imprensa e Repressão.....	p.44
 CAPÍTULO II – JÁ É O CARNAVAL: vem à luz Esmeralda e Venezianos e o ideal de passividade feminina	p.54
2.1 – Surgimento da Esmeralda e Venezianos	p.54
2.2 – As mulheres e as Sociedades Carnavalescas	p.71
 CAPÍTULO III – DE PLATEIA A PARTICIPES: a presença feminina nas tradicionais sociedades carnavalescas porto-alegrenses	p.86
3.1 – Os bailes	p.86
3.1.1 – Mulheres e Bisnagas:a permanência do entrudo nos bailes das sociedades	p.92

3.1.2 – A participação das mulheres na diretoria das associações e na organização dos bailes	p.110
3.1.3 – Práticas e discursos sobre o comportamento das mulheres entre as camadas populares: o universo dos bailes públicos	p.113
3.1.4 – “Debaixo da máscara, imagine o meu amigo, o que não farão os pelintras”: a ordem na folia e o controle sobre as mulheres	p.116
3.2 – Desfiles	p.123
3.2.1 – As Mulheres nos préstitos das sociedades	p.126
CAPÍTULO IV–DECADÊNCIA X INFLUÊNCIA	p.139
4.1 – A falência das tradicionais sociedades	p.139
4.1.1 – O entrudo e as mulheres	p.141
4.1.2 – Crise financeira	p.147
4.1.3 – Disputas Internas	p.154
4.2 – Surgem outras Sociedades	p.158
4.2.1 – Germânia	p.159
4.2.2 – A presença feminina na Germânia	p.171
CONCLUSÃO	p.176
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	p.179
LISTA DE FONTES	p.186
ANEXOS	p.189

INTRODUÇÃO

Carnaval. Para uns significará a esperada oportunidade de vestir uma bela fantasia e ser admirado. Para outros, tal idéia é inconcebível, mas pode ser substituída por ensaiar uns passos desajeitados, de sunga ou biquíni mesmo, ao som de uma banda. Alguns associam a idéia de carnaval a uma ou várias latinhas de cerveja. Outrora foi moda cheirar lança-perfume e há quem o faça ainda hoje, em nome do carnaval.

Para um dirigente de escola de samba, carnaval significa trabalho e tensão. Para o folião descompromissado, a oportunidade de paquerar e ser paquerado, chegando sempre que possível às vias de fato. Para uma velha baiana do Império Serrano, o carnaval era o único dia do ano em que encontrava um ex-namorado da juventude, hoje componente da velha-guarda, com quem não se casara. Muitos só neste período do ano têm coragem de viver plenamente sua sexualidade, permitindo-se atitudes censuradas durante o resto do ano¹.

Festa de múltiplos sentidos e significados que se transformaram ao sabor do tempo e do espaço. O extrato acima retrata a diversidade presente no carnaval carioca atual, mas que também podia ser experimentada há mais de um século: para uns era uma forma de civilizar a cidade, para outros o único momento que tinham para aproveitarem sua sexualidade; outros, ainda, viam nesse período a oportunidade de se adequarem aos modelos divulgados ou dar uma brejeira escapadela dos olhares sempre atentos dos pais. Sociedades, bailes, préstitos, entrudo, mascarados, bisnagadas: eram assim as festas por volta do último quartel do século XIX, na capital da Província de São Pedro.

No atual carnaval brasileiro – de escolas de samba e trios elétricos – percebe-se uma intensa participação das mulheres durante os festejos. Elas saem de destaques nas escolas de samba, passistas, porta-estandartes, vocalistas e dançarinas nos conjuntos musicais que animam os blocos no carnaval baiano em uma exaltação ao belo, às formas femininas e à sensualidade. Mas teria sido sempre assim? Durante o século XIX as mulheres participavam desses festejos? Como teria sido seu envolvimento com a festa em tempos de entrudo? E quando surgiram as sociedades carnavalescas teria havido alguma mudança? Estes foram os primeiros questionamentos e curiosidades que, por assim dizer, levaram a esta pesquisa.

¹VALENÇA, Rachel. *Carnaval: pra tudo se acabar na quarta-feira*. Rio de Janeiro:Relume-Dumará: Prefeitura, 1996, p.7.

Em meados da década de setenta do século XIX, Porto Alegre era uma pequena cidade que começava a se desenvolver e para obter os ares da modernidade era preciso reformá-la não só fisicamente, como nos hábitos, condutas e valores. Então, encontramos com o carnaval! Nele, igualmente, se tentaria estabelecer uma nova forma de festa, o chamado carnaval veneziano. Duas foram as representantes iniciais desse folguedo: a Sociedade Carnavalesca Os Venezianos e a Esmeralda Porto-Alegrense. Essas agremiações, compostas por homens influentes daquela sociedade, acreditavam estar trazendo uma maneira mais civilizada de fazer o carnaval, pois até então, ele era celebrado sob a forma do entrudo, brincadeira que estava sendo atacada de rude, insalubre e grosseira.

Através das pistas que nos foram deixadas do passado, dos dados “aparentemente negligenciáveis, [procuramos] remontar a uma realidade complexa não experimentável diretamente”² e com isso novos questionamentos surgiram: quais eram os lugares e as condições que as mulheres ocupavam durante os festejos carnavalescos na cidade de Porto Alegre, entre os anos de 1869 e 1885? Quais eram os espaços de atuação que seriam socialmente desejáveis às mulheres durante o carnaval e de que maneira elas se comportavam diante da prescrição de condutas morais? Existiu espaço e formas de resistência apresentadas pelas mulheres diante de tais imposições? Tendo em vista as questões acima arroladas, este trabalho tem como objetivo analisar as condições e os lugares que ocupavam as mulheres durante os festejos carnavalescos, destacando o processo de transformação desta festa, nesta cidade e suas influências sobre as práticas femininas. Pretende-se abordar as tentativas de moralizar e adequar os comportamentos femininos aos espaços e condutas estabelecidas com o surgimento das sociedades carnavalescas e as posturas daquelas mulheres diante de tais condicionamentos. O período abordado por esta pesquisa compreende os anos entre 1869 – ano em que o entrudo, após algumas décadas de abrandamento, ressurgiu na capital da Província de São Pedro, tendo sido este renascimento atribuído a uma figura feminina – e 1885, ano marcado pela ausência dos venezianos, que deixam de apresentar seu préstito e realizar seus bailes, representando o declínio e a falência das tradicionais sociedades carnavalescas³.

Como este se trata de um trabalho que parte de uma perspectiva da análise de gênero, é necessário fazer uma breve discussão em torno desta questão a fim de aprofundar tais conceitos.

²GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas e sinais: Morfologia e História*. São Paulo: Cia. Das Letras, 1990, p. 152.

³A sociedade Esmeralda, que juntamente com os Venezianos representava as tradicionais sociedades carnavalescas irá desaparecer em 1892, mas – tal qual sua co-irmã – enfrentava uma crise desde a década de 1880.

Em princípio, deve-se ter em mente que o gênero é uma categoria que se constrói sempre em uma perspectiva relacional, em função da oposição estabelecida entre masculino X feminino. Assim, estamos trabalhando a idéia de gênero entendida como uma categoria na qual “a diferença entre masculino e feminino [é tida] como resultado de uma organização social da relação entre os sexos, logo distanciando-se dos determinismos biológicos”⁴, pois as relações de gênero são construções históricas e culturais, imbricadas no sistema simbólico das representações.

Essas representações, ao mesmo tempo em que são elaboradas a partir da experiência de homens e mulheres em sociedade, ajudam a configurar estas mesmas experiências e a torná-las inteligíveis, refazendo-se a todo o momento, pois

os homens e as mulheres reais não cumprem sempre os termos das prescrições de sua sociedade ou de nossas categorias de análise. Os historiadores devem antes de tudo examinar as maneiras pelas quais as identidades de gênero são realmente construídas e relacionar seus achados com toda uma série de atividades, de organizações e representações historicamente situadas⁵.

Assim, ao longo deste trabalho, procurou-se observar que as prescrições sobre os comportamentos femininos nos festejos carnavalescos não eram rigorosamente aceitas e incorporadas pelas mulheres, que permaneciam fiéis a antigos costumes condenados tanto pela imprensa quanto pelas sociedades carnavalescas que queriam estabelecer lugares e condições para as mulheres diferentes daqueles ocupados até então.

Bourdieu propõe analisar “os ‘gêneros’ como *habitus* sexuais”⁶, ou seja, como a incorporação das disposições culturais do princípio de divisão sexual dominante sobre os agentes sociais, resultado de um extraordinário trabalho coletivo de socialização difusa e contínua no qual “as identidades distintivas que a arbitrariedade cultural institui se encarnam em *habitus* claramente diferenciados”⁷. Para Bourdieu

as aparências biológicas e os efeitos, bem reais, que um longo trabalho coletivo de socialização do biológico e de biologização do social produziu nos corpos e nas mentes conjugam-se para inverter a relação entre as causas e os efeitos e fazer ver uma construção social naturalizada [...], como o fundamento *in natura*

⁴SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria de análise histórica. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v.16, n.2, jul/dez 1990, p.15.

⁵ Ibid., p.15.

⁶BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro:Bertrand Brasil, 2005p.6.

⁷Ibid., p.34.

da arbitrária divisão que está no princípio não só da realidade como também da representação da realidade e que se impõe por vezes à própria pesquisa⁸.

As pré-disposições culturais de uma sociedade é que formariam, portanto, o que é ser homem e o que é ser mulher. Na relação de forças material e simbólica entre os sexos, é destinado aos homens uma posição de dominação, onde o princípio dessa relação de dominação reside em instâncias como a “Escola ou o Estado, lugares de elaboração e de imposição de princípios de dominação que se exercem dentro mesmo do universo mais privado”⁹.

Entender gênero como “*habitus* sexuado”, conforme Bourdieu, nos induz a discutir a própria noção de *habitus* trabalhada por esse autor. Para ele, o *habitus* é o conjunto de disposições culturais incorporadas a partir das estruturas materiais de um determinado período histórico e da posição ocupada pelos diferentes agentes no espaço social, ou seja, “as estruturas mentais através das quais eles apreendem o mundo social, [que] são em essência produto da interiorização das estruturas do mundo social.”¹⁰ As disposições dos agentes, as estruturas mentais através das quais eles entendem e percebem o mundo social e, por conseguinte, a si mesmos, formariam o que Bourdieu chamou de *habitus*. Desta forma, “através do *habitus* temos um mundo de senso comum, um mundo social que parece evidente”¹¹, pois, segundo ele,

o *habitus* produz práticas e representações que estão disponíveis para a classificação, que são objetivamente diferenciadas; mas elas só são imediatamente percebidas enquanto tal por agentes que possuam o mesmo código, os esquemas classificatórios necessários para compreender-lhes o sentido social¹².

Neste sentido, tal conceito ajuda-nos a compreender tanto a permanência dos costumes entrudescos entre o sexo feminino quanto as críticas sofridas por este modo de brincar o carnaval pela elite porto-alegrense, que reivindicava a existência de um carnaval mais moderno, sofisticado, atribuindo ao entrudo a pecha de jogo bárbaro e incivil. Ao longo dos capítulos, tal conceito será de grande utilidade para que possamos compreender os fenômenos aqui estudados.

O carnaval não é, efetivamente, um daqueles temas tradicionalmente contemplados pela historiografia. Até pouco tempo atrás, os estudos que no Brasil procuravam analisar os festejos

⁸Ibid., p.9 e 10.

⁹Ibid, p.11.

¹⁰Id. *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense, 2004, p.158.

¹¹Ibid., p. 159.

¹²Ibid, p.158 e 159.

carnavalescos vinham através de profissionais com formações em outras áreas das ciências sociais, demorando algum tempo para que os historiadores de ofício descobrissem o carnaval como objeto historiográfico. A partir de então, entretanto, proliferaram trabalhos com a temática carnavalesca e esta passou a ser do interesse de diversos campos disciplinares, não só no Brasil, como também nos mais diversos países do mundo.

Um dos estudos mais importantes sobre o carnaval é a obra *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento*¹³, de Mikhail Bakhtin, na qual o autor através da compreensão da produção literária de Rabelais chegou à cultura cômica popular na Idade Média e no Renascimento, e ao seu símbolo, o carnaval. Esta festa – que ocupava um lugar muito importante na vida do homem medieval – “ignora toda distinção entre atores e espectadores”¹⁴, pois o carnaval “existe para todo o povo”¹⁵. Possui um caráter universal, “é um estado peculiar do mundo: o seu renascimento e a sua renovação, dos quais participa cada indivíduo. Essa é a própria essência do carnaval, e os que participam do festejo sentem-no intensamente”¹⁶. É o momento em que o povo penetrava “temporariamente no reino utópico da universalidade, liberdade igualdade e abundância”¹⁷. Nele, ocorria “o triunfo de uma libertação temporária da verdade dominante e do regime vigente, de abolição provisória de todas as relações hierárquicas, regras e tabus”¹⁸. Suas origens remontam ao Paganismo greco-romano, identificado com as Saturnais e Matronálias e tal festa é vista em oposição às tradicionais festas religiosas cristãs, pois, para Bakhtin, “o mundo infinito das formas e manifestações do riso opunha-se à cultura oficial, ao tom sério, religioso e feudal da época”¹⁹. Apesar de tais afirmações de Bakhtin, referindo-se a uma realidade histórica distante da estudada aqui, em nosso carnaval – pelo menos no das sociedades – as fronteiras entre atores e espectadores parecem bastante nítidas: há os que desfilam e os que assistem, em um distanciamento bastante definido. Ao invés de uma quebra das hierarquias, o que se queria era um reforço dos signos de distinção, um carnaval de elite para reafirmar seu status, uma teatralização das diferenças sociais; em oposição ao entrudo, jogo bárbaro e deselegante.

¹³BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. HUCITEC; Brasília: Ed. da Universidade de Brasília, 1993.

¹⁴Ibid, p.6.

¹⁵Ibid, p.6.

¹⁶Ibid, p.6.

¹⁷Ibid, p.8.

¹⁸Ibid, p.8.

¹⁹Ibid, p.4.

Jacques Heers, em *Festas de loucos e carnavais*²⁰, também enxerga no carnaval uma dimensão de continuidade com os ritos pagãos. Para ele, entre as tradições romanas das Saturnais e as festas de loucos “a filiação parece se impor quase à evidência”, pois, segundo o autor,

esta permanência de uma herança de tradições populares fundamentais, ao longo de mais de um milênio, só surpreenderá quem se agarrar à idéia [...] de que existem fronteiras bem nítidas entre o mundo antigo e este período do nosso passado [...] o folclore é, sem dúvida, de todas as manifestações de uma cultura, a que resiste melhor às degradações do tempo e à influencia dos mentores.²¹

Ao contrário de Bakhtin e de Heers, Baroja, em *Le carnaval*²², apresenta essa festa como tendo uma origem cristã, estando estreitamente ligada à idéia de quaresma. Apesar dos festejos carnavalescos incluírem muitas festas de procedência pagã e serem caracterizados como a oposição dos valores pagãos da vida aos valores cristãos da quaresma, isso, para ele, não possibilita ajuizar-se numa teoria da sobrevivência, num fundo comum²³. Segundo Baroja, a busca pelo equilíbrio social, a fim de manter a ordem social, permitia que, durante a festa, se cometesse descomedimentos não permitidos em dias comuns, pois a “alegria e os excessos do carnaval só tem sentido como catarse preparatória para justificar a entrada na quaresma”²⁴.

Emmanuel Le Roy Ladurie, em *O Carnaval de Romans*²⁵, a despeito de seguir a mesma interpretação de Baroja quanto à origem do carnaval, entrevê nessa festa uma possibilidade transformadora; vislumbrando mudanças na ordem social ou resistências a esta. Enfoca o carnaval através dos aspectos religiosos, sociais, biológicos e cósmicos, salientando a riqueza de códigos simbólicos e folclóricos que, implexos às questões da comunidade, emergiriam durante as festas carnavalescas.

No Brasil, um dos estudos mais importantes sobre o carnaval – a despeito de todas as críticas (justas) que lhe são direcionadas – é *Carnavais, Malandros e Heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*²⁶, do antropólogo Roberto DaMatta. Nessa obra, o autor se aproxima da visão apresentada por Baroja, na qual o carnaval é uma festa que, ao permitir

²⁰HEERS, Jacques. *Festas de loucos e carnavais*. Lisboa: Publ. D. Quixote, 1987.

²¹Ibid., p.23-24.

²²BAROJA, Júlio Caro. *Le carnaval*. Paris:Gallimard, 1979.

²³Ibid., p.26.

²⁴Ibid, p. 27

²⁵LADURIE, Emmanuel Le Roy. *O Carnaval de Romans - Da Candelária à Quarta-Feira de Cinzas (1579-1580)*. Rio de Janeiro: Cia das Letras, 2002.

²⁶DAMATTA, Roberto. Op. Cit., p. 28.

determinados exageros, garantiria a manutenção da ordem e do equilíbrio social. A fim de entender o dilema brasileiro, o que faz do Brasil, Brasil, DaMatta chegou ao carnaval. Promotora de identidade social e construtora do caráter de nossa sociedade, essa festa é a marca de nossa individualidade, é o momento em que se “pode totalizar todo um conjunto de gestos, atitudes e relações que são vividas e percebidas como instituindo e constituindo o nosso próprio coração”²⁷. Apesar de análises pertinentes sobre o festejo, DaMatta peca por enxergar o carnaval como a-histórico, vislumbrando essa festa como igual por todo o país e em todos os tempos, sem explorar a contextualização/historicização dela.

Maria Isaura Pereira de Queiroz é outra cientista social que teve como objeto de estudo o carnaval. E sua obra, *Carnaval Brasileiro – o vivido e o mito*²⁸, também atribui ao “carnaval brasileiro” um sentido unívoco: festa nacional, com poucas variações regionais. A autora afirma que as “comemorações são encontradas por toda parte e com o mesmo programa, as variações são mínimas” e que “a uniformidade dos folguedos sempre existiu no país”²⁹. Queiróz estrutura o carnaval, dividindo-o em três fases: o entrudo, a festa burguesa (carnaval veneziano) e festa popular (blocos e escolas de samba).

Já no reino de Clio, encontramos Rachel Sohier que, em *A Subversão pelo Riso: estudos sobre o carnaval carioca da Belle Époque ao tempo de Vargas*³⁰, focalizou sua investigação na participação dos segmentos subalternos no Carnaval do Rio de Janeiro, de 1890 ao tempo de Vargas, assim como sua presença em festas religiosas – a Festa da Penha. Demonstrou que os populares, utilizando o riso, resistiam às situações que lhes eram opressivas; “para esses segmentos excluídos, o Carnaval, particularmente, representou uma possibilidade de participação da qual não se omitiram”³¹, ao contrário, usando de “metáforas, explorando sua criatividade, tendo o riso como arma, procuraram reagir às diversas formas de opressão que sobre eles incidiam”³². Sohier, atrás das marcas de resistência dos subalternos, encontra as mulheres, que a despeito de toda coação sofrida, através da educação formal, do aparato jurídico, literatura para “inibir a mulher de expressar seus desejos e condenar uma atitude mais descompromissada desta

²⁷Ibid, p.30

²⁸QUEIRÓZ, Maria Isaura Pereira de. *Carnaval Brasileiro – o vivido e o mito*. São Paulo, Editora Brasiliense, 1992.

²⁹Ibid, p. 12-13.

³⁰SOIHET, Rachel. *A subversão pelo riso: estudos sobre o carnaval carioca da Belle Époque ao tempo de Vargas*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1998.

³¹Ibid, p.15

³²Ibid, p.15.

em relação às regras do comportamento feminino adequado” executam transgressões, “revelando a resistência desse sexo à camisa-de-força que se lhe pretendia impor”³³.

Maria Clementina Pereira da Cunha, em *Ecos da Folia: uma história social do carnaval carioca entre 1880 e 1920*³⁴, se propôs a ouvir os diversos ecos que essa festa produziu. Critica o modelo que entende o carnaval como uma ocasião possível de “construir e exprimir simbolicamente a ‘essência do nosso sangue’”³⁵ procurou “pensar o carnaval nos termos de uma história social da cultura que o faça retornar ao leito dos conflitos, da mudança e do movimento próprios à história; chegar perto de tensões e diálogos entre sujeitos que nem sempre então reconciliados sob o reinado de Momo”³⁶. A participação das mulheres nas folias carnavalescas é analisada ao longo do livro. Em relação ao entrudo, a autora afirma que “uma das unanimidades entre os autores que descrevem esses velhos Carnavais ensopados – e que ajuda a explicar sua longevidade – diz respeito à especial preferência das mulheres por essa forma de brincadeira [...]”³⁷. Segundo ela, não era de estranhar o “apego ardente demonstrado pelas moças ‘de família’ a esse jogo”³⁸ devido à redução de suas oportunidades de “participação ativa nos jogos sociais, e em especial nos amorosos”³⁹ por causa das regras morais e dos costumes. No entrudo, no entanto, “geralmente lhes cabia a iniciativa”⁴⁰.

No Rio Grande do Sul, a maior parte dos trabalhos sobre o carnaval referem-se à capital. Entretanto, alguns estudos sobre os festejos carnavalescos em cidades como Pelotas e Rio Grande merecem destaque tais como os artigos de Álvaro Barreto, Marco Antônio Mello, Beatriz Loner e Lorena Gil⁴¹. Para o caso específico da capital, fora do âmbito acadêmico, foram encontrados

³³Ibid, p.174.

³⁴CUNHA, Maria C. P. *Ecos da Folia: uma história social do carnaval carioca entre 1880 e 1920*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

³⁵Ibid., p.14.

³⁶Ibid., p.16.

³⁷Ibid., p.60.

³⁸Ibid., p.61.

³⁹Ibid., p.61.

⁴⁰Ibid., p.61.

⁴¹Para o carnaval de Pelotas, ver BARRETO, Álvaro; GANS, Magda Roswita. “Dois ensaios sobre carnaval e sociedade no Rio Grande do Sul”. In: *Cadernos do PPGH*, nº 9, UFRGS, 1994. BARRETO, Álvaro. “Relações sociais no carnaval pelotense de 1890 a 1906”. In: *Cadernos do ISP*, nº 7, UFPel, out./1995. BARRETO, Álvaro. “O Apogeu do Carnaval Veneziano em Pelotas (1906-1921)”. In: *Cadernos do ISP/UFPel*, nº 8, jul/1996. MELLO, Marco Antônio Lirio de. *Reviras, Batuques e Carnavais: a cultura de resistência dos escravos em Pelotas*. Pelotas: Editora Universitária/UFPel, 1994. LONER, Beatriz Ana; GIL, Lorena. Organização negra em Pelotas: características e evolução (1870-1950). In: 3 Encontro Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional, 2007, Florianópolis. Anais do 3º Encontro Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional. São Leopoldo : OIKOS, 2007. v. 1. p. 1-11. LONER, Beatriz Ana; GIL, Lorena. Os clubes carnavalescos negros de Pelotas (RS). In: 3º encontro escravidão e Liberdade no Brasil Meridional, 2007, Florianópolis. 3] Encontro Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional. São Leopoldo :

três trabalhos: o livro “*Memórias de um Carnavalesco*”⁴², escrito por Hemetério de Barros; o estudo de Athos Damasceno, “*O Carnaval pôrto-alegrense no século XIX*”⁴³ e *Fragmentos históricos do carnaval de Porto Alegre*⁴⁴, pesquisa publicada por Heitor Carlos Sá Britto Garcia. Ao apresentarem elementos factuais dos diferentes carnavais de Porto Alegre estes trabalhos tornam-se importantes, sendo o de Ferreira o de maior relevância para esta pesquisa haja vista ter ele feito um histórico do carnaval em Porto Alegre, desde os tempos do entrudo até o fim do século XIX, com a decadência das sociedades carnavalescas e ter reproduzido integralmente várias notas de jornais que hoje em dia encontram-se indisponíveis para consulta. Há, ainda, outros trabalhos – publicados pela Prefeitura Municipal de Porto Alegre – com objetivo de divulgação ao grande público que têm como foco o carnaval porto-alegrense: *Carnavais de Porto Alegre*⁴⁵, *Carnaval 2000*⁴⁶, *Conversas entre confetes*⁴⁷, *Memória do Carnaval do Bairro Santana*⁴⁸, *Memórias dos destaques de carnaval de Porto Alegre*⁴⁹.

Assim como no restante do país, no Rio Grande do Sul, o carnaval também demorou um pouco mais para adentrar o terreno da história. Liliane Guterres, antropóloga, estudou a escola de samba “Imperadores do Samba”⁵⁰ e Josiane da Silva, a “Bambas da Orgia”⁵¹. O carnaval da cidade de Porto Alegre, em cursos de pós-graduação em História, até o presente momento, serviu

Oikos, 2007. v. 1. p. 1-15. LONER, B. A. ; GILL, Lorena Almeida . Clubes negros em Pelotas (RS), Brasil: histórias e memórias. In: VIII Encuentro Nacional y II Congreso Internacional de História Oral de La Republica Argentina, 2007, Buenos Aires. Las fuentes orales: sua plicación en Educación, Investigación y gestión. Buenos Aires : Ministerio de Cultura, 2007. v. 1. p. 1-5. LONER, B. A. ; GILL, Lorena Almeida . Mulher, carnaval e etnia negra em Pelotas: muito além do samba. In: Seminário Internacional Fazendo Gênero 7- gênero e preconceitos, 2006, Florianópolis. Fazendo gênero 7- gênero e preconceitos. Florianópolis: Editora Mulheres. v. 1. p. 1-7.

⁴²BARROS, Hemetério de. *Memórias de um Carnavalesco*. Porto Alegre: Ed. Guapel, s/d. Hemetério de Barros foi um dos fundadores do grupo carnavalesco “Bambas da Orgia” em 1940 e seu primeiro presidente.

⁴³FERREIRA, Athos Damasceno. *O Carnaval pôrto-alegrense no século XIX*. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1970.

⁴⁴Tal obra foi publicada com verbas do próprio autor e apareceu em poucas livrarias de Porto Alegre no ano de 2006. Há um exemplar disponível para consulta na Biblioteca Pública Estadual. GARCIA, Heitor Carlos Sá Britto. *Fragmentos históricos do carnaval de Porto Alegre. s/e*: Porto Alegre, s/e.

⁴⁵KRAWCZYK, Flávio. GERMANO, Iris. POSSAMAI, Zita. *Carnavais de Porto Alegre*. Porto Alegre: Prefeitura de Porto Alegre/SMC, 1992.

⁴⁶MAIA, Sandra. *Carnaval 2000*. Porto Alegre: Secretaria Municipal de Cultura/Prefeitura Municipal de Porto Alegre, 2000.

⁴⁷FISCHER, Luís Augusto; SEDREZ, Mariângela. (Orgs.). *Conversas entre confetes*. Porto Alegre: UE/Secretaria Municipal da Cultura, 2000.

⁴⁸GUTERRES, Liliane S. *Memória do Carnaval do Bairro Santana*. Porto Alegre: UE/SMC, 2004.

⁴⁹GUTERRES, Liliane S. *Memórias dos destaques de carnaval de Porto Alegre*. Porto Alegre: Unidade Editorial/Secretaria Municipal de Cultura, 2006.

⁵⁰GUTERRES, Liliane S. *Sou Imperador até morrer: um estudo sobre identidade, tempo e sociabilidade em uma Escola de Samba de Porto Alegre*. Dissertação de Mestrado. PPGAS/UFRGS, Porto Alegre, 1996.

⁵¹SILVA, Josiane Abrunhosa da. *Bambas da Orgia: um estudo sobre o carnaval de rua de Porto Alegre, seus carnavalescos e os territórios negros*. Dissertação de Mestrado. PPGAS/UFRGS, Porto Alegre, 1993.

como objeto de estudo para três dissertações de mestrado, são elas: *Rio Grande do Sul, Brasil e Etiópia: os negros e o carnaval de Porto Alegre nas décadas de 1930 e 1940*⁵², de Íris Germano; *Para além da identidade nacional: hierarquias e distinções, aproximações e distanciamentos, conflitos e identidades nos carnavais de Porto Alegre nas décadas de 1930 e 1940*⁵³, de Marcus Vinícius da Rosa e a de Alexandre Lazzari, *Certas Coisas não são para que o povo as faça*.⁵⁴

Íris Germano abordou alguns aspectos da construção identitária negra em Porto Alegre através do estudo do carnaval nas décadas de 1930 e 1940, enfocando os diferentes modos como os grupos afro-descendentes locais se apropriaram dessa festa, e assim, compuseram suas identidades como negros, porto-alegrenses, gaúchos e brasileiros. Poucas são as referências que a autora faz à participação das mulheres naqueles festejos – mesmo porque esse não era o objetivo de seu trabalho. Ao falar das sociedades de elite, tanto negras quanto brancas, afirma que “realizavam bailes fechados em suas sedes, concursos internos, como o da rainha, melhor fantasia, melhor bloco, entre outros”⁵⁵. Já nas bandas e blocos humorísticos as mulheres não estavam presentes, ausência que se justificava pelo “escracho e a esculhambação que faziam parte dos seus desfiles públicos, além do fato de que as *cavernas* onde ensaiavam eram espaços de sociabilidades masculinas onde os amigos se reuniam e criavam fantasias e as avacalhções para as apresentações nos dias de carnaval”⁵⁶. Rosa, trabalhando também com as décadas de 1930 e 1940, “buscou enfatizar a multiplicidade de sujeitos e modos de organização, a variedade de sentidos e a diversidade dos lugares da festa”⁵⁷, olhando para a construção de hierarquias e distinções, aproximações e distanciamentos e os conflitos e solidariedades estabelecidos entre os variados agrupamentos carnavalescos da cidade, num período em que “os folguedos ‘populares’ foram submetidos a um intenso processo de transformação em ‘ícones de brasilidade’”⁵⁸.

Possivelmente, a pesquisa de maior relevância sobre o carnaval de Porto Alegre no período estudado seja a dissertação de Alexandre Lazzari, *Certas Coisas não são para que o*

⁵²GERMANO, Íris. *Rio Grande do Sul, Brasil e Etiópia: os negros e o carnaval de Porto Alegre nas décadas de 1930 e 40*. Dissertação de Mestrado. PPGH/UFRGS, Porto Alegre, 1999.

⁵³ROSA, Marcus Vinícius Freitas de. *Para além da identidade nacional: hierarquias e distinções, aproximações e distanciamentos, conflitos e identidades nos carnavais de Porto Alegre nas décadas de 1930 e 1940*. . Dissertação de Mestrado. PPGH/UFRGS, Porto Alegre, 2008.

⁵⁴LAZZARI, Alexandre. *Certas coisas não são para que o povo as faça: Carnaval em Porto Alegre(1879-1915)*. Dissertação de Mestrado. IFCH/UNICAMP, Campinas, 1998.

⁵⁵GERMANO, Íris. Op. Cit., p.120.

⁵⁶Ibid., p.149.

⁵⁷ROSA, Marcus Vinícius Freitas de. Op. Cit., p. VI.

⁵⁸Ibid., p.VI.

povo as faça. Neste trabalho, o autor analisa o carnaval em Porto Alegre no período de 1870 a 1915, buscando entender de quem realmente era o carnaval nesse período: era ele do povo? “Que diferentes expectativas projetadas sobre o carnaval de rua teriam sido decisivas para a sua apropriação definitiva por alguns grupos e abandono por outros?”⁵⁹. Para tanto, o autor defende a hipótese de que havia, no carnaval porto-alegrense do final do século XIX, uma tradição baseada em adaptações, ressignificações e rejeições das novidades culturais da Corte carioca e da Europa, “conforme suas conveniências e condições sociais e políticas”⁶⁰. Isso, posteriormente, teria facilitado a difusão dos símbolos de identidade nacional, pois já encontraria um “terreno preparado, de diferentes formas, nos maiores centros urbanos do território nacional, onde eles não eram estranhos às classes populares”⁶¹. Lazzari destacou a mudança de lugares das mulheres dentro das sociedades carnavalescas, que surgiram como estritamente masculinas e com o passar dos anos transformaram-se em associações familiares⁶². Contudo, apesar do significado de tal pesquisa para os estudos sobre o carnaval em Porto Alegre, o espaço destinado à análise dos papéis das mulheres neste festejo limitou-se a algumas referências ao longo do texto que, apesar de apontarem caminhos interessantes, não foram suficientemente desenvolvidas em função de não serem esses os objetivos da pesquisa. A partir dos indicativos apresentados por Lazzari este trabalho pretendeu explorar essencialmente a participação dessas mulheres ao longo do processo de criação das sociedades carnavalescas até seu declínio, representado pelo último desfile dos venezianos, tentando apreender os diferentes significados atribuídos tanto por elas, quanto pelos homens que faziam o carnaval ou que escreviam sobre ele.

Desta forma, nesta dissertação, analisaremos a participação das mulheres nos festejos carnavalescos da cidade de Porto Alegre, desde os tempos de entrudo ao surgimento, consolidação e declínio das tradicionais sociedades carnavalescas, assinalando as diferentes condições e lugares ocupados por elas, bem como os espaços que queriam que elas ocupassem. Pretende-se, assim, compreender os processos de construção do gênero feminino, haja vista que ela se dá a partir de relações historicamente constituídas, pois ao apontarmos os caminhos que estavam sendo apresentados para as mulheres poderem se entregar a folia – a partir da inauguração das sociedades Esmeralda e Venezianos, que se opunha aos lugares que elas

⁵⁹LAZZARI, Alexandre. Op. Cit., p.10.

⁶⁰Ibid, p.12.

⁶¹Ibid., p.12 e 13.

⁶²Ibid., p.134.

ocupavam nas brincadeiras do entrudo – assinalamos que essa construção do que era ser mulher estava também sendo promovida através do carnaval. A fim de melhor apresentar essa trajetória percorrida, o trabalho foi estruturado em 4 capítulos. O primeiro irá analisar a participação das mulheres na brincadeira do entrudo, mais especialmente nos anos iniciais da década de 1870. Ativas jogadoras, tanto as mocinhas das famílias mais conhecidas quanto mulheres não tão “bem nascidas”, a elas eram dirigidos apelos para que desistissem do jogo. Desde discursos médico-sanitários, lembrando as epidemias por que havia passado a cidade, até os de juízo moral, condenando o comportamento de quem se entregava a esse modelo de festa. Acusadas de terem feito retornar esse costume à cidade (através da figura da Ex-marquesa de Monte Alegre), após um período de arrefecimento das práticas entrudescas, eram as mulheres protagonistas dessa história, que renderia, ainda, muitas polêmicas na imprensa porto-alegrense do período.

O capítulo II irá abordar o surgimento de uma nova festa, ou seja, a criação das sociedades carnavalescas – Esmeralda e Os Venezianos. Esse novo modelo de carnaval, proposto por um seleto grupo de homens da cidade, tinha em vista uma reforma do comportamento carnavalesco que pudesse dar a Porto Alegre os ares da modernidade. Essa transformação destinava-se também às mulheres, às quais eram atribuídos outros lugares e condições durante os festejos. Da ativa participação no entrudo – que passara a ser condenado pela licenciosidade e pela possibilidade de quebra na prudência sobre a conduta das “senhoritas” – à passividade das sociedades carnavalescas. Assim, outros lugares – jogar flores aos rapazes que desfilavam – foram estabelecidos para as mulheres, a fim de adequarem seus comportamentos durante os festejos de Momo.

No terceiro capítulo, será considerado o momento em que essas mulheres transpõem esse modelo que lhes fora apresentado e passam a participar das sociedades, “conquistando” novos espaços e lugares nessa festa, fazendo parte da organização dos festejos, dos bailes, desfilando nos préstitos e não se resignando com o lugar que inicialmente estava definido para elas: jogadoras de flores! Analisaremos, portanto, os bailes das tradicionais sociedades, evidenciando a atuação das mulheres neles, inclusive ao permanecerem fiéis às práticas do entrudo, apesar de severas recomendações contrárias a este jogo. Os préstitos também serão aqui contemplados, dando-se especial atenção aos carros que continham a presença feminina, como por exemplo, o da rainha. Mas não só de transgressões e transposições era feito o carnaval. Veremos também

que, muitas vezes, as mulheres tentaram se adequar aos modelos que eram divulgados, mesmo que somente em termos de discurso e não de prática.

O quarto e último capítulo analisará o momento em que as duas tradicionais sociedades, Esmeralda e Venezianos, ao mesmo tempo que entram em decadência, influenciam outros grupos a adaptarem o mesmo formato de carnaval, como, por exemplo, a Germânia, a Floresta Aurora e a Congos. Neste capítulo, destacaremos as possíveis causas que levaram à falência dessas agremiações, como a insistência do gosto feminino pelo entrudo. E no que tange à criação de outras sociedades, influenciadas pelo modelo veneziano, abordaremos especialmente a Germânia, na qual daremos ênfase às participações das mulheres.

Ao abordar um tema como esse – a participação feminina no carnaval durante o Segundo Império – nos deparamos com um problema relativo à escassez de fontes produzidas por e sobre essas mulheres. Contudo, conseguimos encontrar registros que conferem visibilidade a essas protagonistas do carnaval porto-alegrense. Assim, buscamos consultar um diversificado leque de fontes a fim de incorporar diferentes vozes ao trabalho. Deste modo, um dos registros mais utilizados durante esta dissertação foi a fonte impressa – sobretudo os jornais *A Reforma*, *Mercantil*, *Jornal do Comércio*, *O Século*, *Álbum de Domingo* – que, vale lembrar, jamais pode ser vista como um dado, “a partir do qual abstraímos os elementos de uma suposta realidade”⁶³. Espig ressalta uma série de qualidades – extremamente úteis para a pesquisa histórica – que o jornal possui: a periodicidade, constituindo-se em “‘arquivos do cotidiano’, nos quais podemos acompanhar a memória do dia a dia e estabelecer a cronologia dos fatos históricos”⁶⁴; a disposição espacial da informação, “que nos permite a inserção do acontecimento histórico dentro de um contexto mais amplo”⁶⁵. Existem, ainda, alguns passos que o historiador deve seguir para não cair em suas armadilhas: ler intensivamente o jornal, que é o que “acontece com leitores cujo tempo da experiência da leitura não corresponde ao tempo de formulação do jornal”⁶⁶, a leitura “deve ser meticulosa, deve ser demorada, deve ser exaustiva – e muitas vezes é mesmo enfadonha”⁶⁷, pois deve-se atentar para o fato de que a imprensa “não informa a história,

⁶³ELMIR, Cláudio. As armadilhas do jornal: algumas considerações metodológicas do seu uso para a pesquisa histórica. IN: *Cadernos do PPG em História da UFRGS*, n.13, dezembro de 1995, pp.19-29, p. 21.

⁶⁴ESPIG, Márcia Janete. O uso da fonte jornalística no trabalho historiográfico: o caso do Contestado. *Estudos Ibero-Americanos*, Porto Alegre, PUCRS – Curso de Pós-Graduação em História, v. XXIV, n.2, dez.1998, pp.269-289, p.274.

⁶⁵Ibid, p.274.

⁶⁶ELMIR, Cláudio. Op. Cit., p. 22.

⁶⁷Ibid., p. 21.

simplesmente”⁶⁸. Ela deve ser pensada como “uma representação construída sobre o real, sobre os quais incidem determinados filtros deformadores que cabe ao historiador determinar e equacionar em suas análises. Esta representação luta para impor-se frente a outras, e passará a compor o imaginário social de determinado grupo caso possua a virtude de fazer sentido para este grupo”⁶⁹.

Neste sentido, Elmir sugere que “a imprensa não pode ser fonte exclusiva para qualquer pesquisa histórica”⁷⁰ pois, para ele, dificilmente uma pesquisa se sustenta com “um único tipo de fonte documental”⁷¹. Desta forma, a presente dissertação procurou abarcar diversos tipos de registros documentais para a realização deste trabalho. Antes, é preciso salientar que maioria das “pistas” deixadas pelo passado foi elaborada por homens e que nós, com esta pesquisa, intencionamos trazer à tona, não somente o que eles queriam que essas mulheres fizessem durante o período carnavalesco, mas também o que elas acreditavam que deviam fazer e fizeram. Portanto, estamos lidando com o silêncio das mulheres, haja vista que esse é um período em que há escassez de testemunhos produzidos por elas. Há, pois, nitidamente uma fronteira, entre o que era transmitido através da imprensa e considerado legítimo e pertinente a uma mulher durante o carnaval e o que elas realmente queriam fazer. Há uma distinção entre ideais culturais e experiências sociais, dito de outra forma: há diferença entre o que era esperado e pregado como um comportamento adequado para as filhas do Sul e o que essas mulheres verdadeiramente praticavam durante o carnaval. Se nos ativermos somente àquilo que os homens de jornais pregavam como comportamento adequado às mulheres durante o festejo, diremos que elas, quando da instauração das sociedades carnavalescas, passaram de uma participação ativa (com o entrudo) para uma passiva (espectadoras da festa feita pelos homens). Entendemos, portanto, que com a instauração das sociedades carnavalescas, houve também a tentativa de implantação de um discurso dominante masculino, sendo a festa utilizada como um veículo de propagação⁷², mas que, na verdade, não passou de uma construção ideológica a fim de restringir o espaço de atuação das mulheres, pois na prática veremos mulheres rompendo com ele e criando espaços para agirem e atuarem nesse novo carnaval, e assim confirmando que, “... a convicção de que ver a mulher

⁶⁸ESPIG, Janete. Op. Cit., p.274.

⁶⁹Ibid., p.276.

⁷⁰ELMIR, Cláudio. Op. Cit., p. 25.

⁷¹Ibid, p.25.

⁷²Outros estudos mostram que nesse período havia uma diferença entre o discurso destinado ao comportamento feminino e a experiência social. BECKER, Gisele. *Uma História Polifônica: Mulheres e Laços de Família em Porto Alegre (1858 -1908)*. Dissertação de mestrado, PUCRS, Porto Alegre, 2001.

principalmente como vítima de opressão é subestimar seriamente o seu envolvimento histórico ativo”⁷³. Isso não quer dizer, entretanto, que muitas outras não acabassem imbuídas com esse imaginário e com essas disposições culturais e os praticassem ou ao menos afirmassem que o fizessem.

Todavia, se os jornais nos mostram registros produzidos predominantemente por homens, conseguimos buscar indícios, vozes femininas, a partir de processos-crime nos quais elas são chamadas à justiça para testemunharem sobre eventos dos quais fizeram parte. Nestes momentos, essas vozes emergem em meio a depoimentos, inquéritos e testemunhos e podemos saber um pouco das versões femininas, mesmo que coagidas pela justiça, em uma situação um tanto quanto constrangedora. Não devemos, contudo, acreditar que através dos processos criminais descobriremos o que realmente aconteceu. Isso, não impede que eles possam ser ricos registros das práticas e representações dos agentes envolvidos na questão, abrindo um leque de possibilidades para compreender tanto a eles, quanto a sociedade a que pertenciam. Para Chalhoub

ler processos criminais não significa partir em busca ‘do que realmente se passou’ porque esta seria uma expectativa inocente – da mesma forma como é pura inocência objetar à utilização dos processos criminais porque eles ‘mentem’. O importante é estar atento às ‘coisas’ que se repetem sistematicamente: versões que se reproduzem muita vezes, aspectos que ficam mal escondidos, mentiras ou contradições que aparecem com frequência.⁷⁴

As fontes imagéticas também foram utilizadas ao longo desta pesquisa, sobretudo a partir da análise de um conjunto de charges publicadas na imprensa da capital que retratavam o carnaval de Porto Alegre e a participação feminina nesses festejos. Para Pesavento, a arte, “seja como confirmação, negação, ultrapassagem, transformação, inscrição de um sonho, fixação de normas e códigos, registro de medos e pesadelos, expectativas”⁷⁵, pode ser entendida como “um registro sensível no tempo, que diz como os homens representavam a si próprios e ao mundo”⁷⁶. Assim, mesmo que as imagens nos permitam “‘imaginar’ o passado de forma mais vívida”⁷⁷,

⁷³HILL, B. Para onde vai a História da Mulher?: História da Mulher e História Social. IN: *Varia História*. Belo Horizonte: UFMG, 1995, p.12.

⁷⁴CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da Belle Époque*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

⁷⁵PESAVENTO, Sandra. Este mundo verdadeiro das coisas de mentira: entre a arte e a história. *Estudos Históricos, Arte e Histórico*, n.30, 2002/2, p.1.

⁷⁶Ibid, p.1.

⁷⁷BURKE, Peter. *Testemunha Ocular: história e imagem*. Bauru, SP: EDUSC, 2004, p.17.

devem ser elas entendidas como uma construção simbólica, uma representação e não como uma reconstrução fiel da realidade. Neste sentido, Kern salienta que a imagem “não pode ser pensada pelo conceito oriundo do mundo clássico, já que ela se constitui como representação, estruturada por conceitos e pela aceção que o artista tem do mundo, por suas intenções ou aquelas do encomendante da obra e pelo uso social da mesma”⁷⁸.

Outras fontes ainda foram consultadas, tais como os livros de atas da Sociedade Carnavalesca Esmeralda (1907 a 1931), livro de registro das posturas municipais (1824 a 1888) e inquéritos policiais a fim de podermos chegar o mais próximo possível daquele universo carnavalesco de nossas foliãs do século XIX. Vamos a elas então!

⁷⁸KERN, Maria Lúcia. Tradição e Modernidade: a imagem e a questão da representação. *Estudos Ibero-Americanos*. PUCRS, v. XXXI, n.2, dezembro de 2005, p.18.

CAPÍTULO I

Mulheres e entrudo: o protagonismo da participação feminina

Século XIX, década de 70. O entrudo – brincadeira de origem portuguesa realizada nas comemorações carnavalescas – ressurgia na Capital da Província do Rio Grande do Sul após um período relativamente longo no qual havia sido proibido na década de 40 e, sobretudo, em função de um surto de cólera que afligira a cidade. Esse renascimento das práticas entrudescas e, mais especificamente, a atuante participação feminina nele, será o objeto de análise deste capítulo, levando-se, ainda, em consideração, como isso era visto aos olhos da imprensa na época e as polêmicas e controvérsias originadas a partir deste renascimento.

1.1 - Entrudo e Carnaval: da Península Ibérica para Porto Alegre

1.1.1. As origens da brincadeira

Para um espectador dos dias de hoje, habituado aos desfiles de escolas de samba e aos abadas no carnaval, pode parecer estranho ouvir falar de entrudo. Todavia, o entrudo era um costume bastante ligado às práticas carnavalescas desde os primórdios do Cristianismo. Segundo Baroja, o carnaval – ou *Carnal* – era uma época que se opunha à Quaresma e na qual era permitido comer carne. E o *Antruejo* – companheiro do termo português para *entrudo* – fazia parte deste conjunto de fenômenos que “só tem sentido como catarse preparatória para justificar a entrada na quaresma”⁷⁹. A alegria e os excessos cometidos durante o carnaval e o entrudo seriam uma inversão da ordem, uma preparação para o momento de privação que estava por chegar⁸⁰. Contudo, suas origens são ainda mais remotas e – para alguns autores – remetem às Saturnálias e Matronálias do Paganismo. Bakhtin, por exemplo, ressalta que é nítido que as tradições remanescentes das Saturnais “permaneceram vivas no carnaval da idade média, que representou

⁷⁹BAROJA, Júlio Caro. *Le carnaval*. Paris: Gallimard, 1979. Apud: Reflexões sobre o carnaval na historiografia - algumas abordagens. *Revista Tempo*, Rio de Janeiro, v. 7, p. 169-188, 1999, p. 171.

⁸⁰A tese de Baroja de que o carnaval seria uma busca pelo equilíbrio social na qual a sociedade se desloca de um extremo a outro é contestada pela historiografia. Ver SOHIET, Rachel. Op. Cit., p.171.

com maior plenitude e pureza do que outras festas da mesma época, a idéia de renovação universal”⁸¹. Mas, afinal, o que eram as Saturnais? Estas eram “festas romanas em honra a Saturno que se realizavam em fins de dezembro e durante as quais se trocavam votos e presentes e se concedia aos escravos maior liberdade. Festas nas quais predomina a licenciosidade, orgia”⁸². Para Suetônio, há cerca de dois mil anos, o carnaval é um período “onde tudo é permitido, onde a transgressão se instala, embora fugaz e com hora para terminar”⁸³.

Seja de origem Cristã ou remetendo aos tempos do Paganismo, o carnaval – e o entrudo – torna-se uma tradição por toda a Europa, sendo que, na Península Ibérica, “ao contrário dos luxuosos bailes de máscara do resto da Europa, o Carnaval da Idade Moderna é caracterizado pelas corridas desordenadas em que as pessoas atiram umas nas outras, água suja, ovos, fezes, farinha e outras substâncias”⁸⁴.

É interessante observar a visão do cronista Júlio Dantas, que escreveu a respeito da brincadeira no início do século XX. Para ele, “nós, portugueses, nunca compreendemos que o entrudo pudesse ser uma festa d’arte como na Itália da renascença, ou uma festa d’espírito como na França de Luis XIX [sic]. O nosso entrudo foi sempre, desde o século XVII, fundamental e caracterizadamente porco. E mais: boçal, imundo, desordeiro e criminoso”⁸⁵.

Também para Valença, o carnaval em Portugal

não se caracterizou pelo refinamento dos bailes de máscaras, como franceses e italianos. Desde o século XVII, os portugueses brincavam nas ruas de Lisboa um carnaval diferente. Correndo desordenadamente de um lado para o outro, atirando ovos crus, líquidos de toda espécie, farinha e substâncias menos limpas nos transeuntes, os lisboetas e habitantes da cidade do Porto participavam de um tipo de carnaval característico da Península Ibérica e que daí passou para as Américas portuguesa e espanhola, popularizando-se entre nós⁸⁶.

Vejamos, ainda, a definição de Eduardo de Faria, no *Novo dicionário de língua portuguesa*, de 1861, a respeito do jogo:

⁸¹ BAKHTIN, Mikhail. Op. Cit., p.6.

⁸² *Larousse Cultural*. Nova Cultural. 1999, p.5275.

⁸³ ALBIN, Ricardo Cravo. Uma apreciação sobre as origens do carnaval carioca, que constituíram o milagre das escolas de samba de hoje. *Terceira Margem*, Rio de Janeiro, número 14 ,p. 160-165, janeiro-junho / 2006, p. 160.

⁸⁴ KRAWCZYK, Flávio; GERMANO, Íris e POSSAMAI, Zita. *Carnavais de Porto Alegre*. Porto Alegre: Secretaria Municipal de Cultura, 1992, p.11.

⁸⁵ DANTAS, Júlio. *Gazeta de Notícias*, 21 de fevereiro de 1909. Apud. ALBIN, Ricardo Cravo. Op. Cit., p.160.

⁸⁶ VALENÇA, Rachel. Op. Cit., p.10.

Entrudo, s. m. (intróito de quaresma) os três dias que precedem a quaresma ou quadragésima, durante os quais é uso em alguns países divertir-se o povo banquetando-se, molhando-se uns aos outros, empoando-se e fazendo outras peças jocosas; carnaval. Dia de entrudo, a terça-feira que precede à quarta-feira de cinza, primeiro dia da quaresma. Jogar o entrudo, entrudar. Passar o entrudo, botar o entrudo fora, divertir-se, banquetear-se; comer lautamente carne antes da quaresma. Ter o entrudo fora com alguém, divertir-se com essa pessoa por ocasião do entrudo. O nosso entrudo corresponde e é uma imitação das Saturnais da antiga Roma⁸⁷.

Contudo, as práticas do entrudo abarcavam uma diversidade muito maior de diversões e de jogos pois “esses festejos variavam de região para região e em cada cidade se apresentavam como uma reunião das brincadeiras típicas do lugar. Muitas dessas diversões possuíam características agressivas, possivelmente herdadas dos *charivaris* medievais, durante os quais certos grupos de pessoas criticavam as atitudes que desviavam da norma social através de zombarias e pancadarias simbólicas”⁸⁸.

Entretanto, com as críticas de parte daqueles que queriam a extinção desta brincadeira, considerada bárbara e pouco educada, e sua substituição por práticas carnavalescas mais sofisticadas – como as praticadas na França ou na Itália – os dias de entrudo deixaram de ser considerados como “um momento do ano que abrangia todo tipo de comemoração e passam a ser vistos como um jogo com regras e formatos específicos. Um jogo que resumia tudo aquilo que deveria ser extinto para dar lugar ao novo e civilizado carnaval nos moldes parisienses”⁸⁹.

1.1.2. Sua chegada no Brasil

Assim, o entrudo foi a forma como o carnaval chegou ao Brasil e de acordo com Germano, “trazido pelos portugueses, desde a época da colonização foi uma das festas contidas no calendário cristão”⁹⁰. Nestas brincadeiras, “não havia música, nem dança, mas muita bebida e correrias, perseguições, sujeira e violência”⁹¹. Flores, em um artigo sobre a história do carnaval

⁸⁷Faria, Eduardo de. Novo Dicionário da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Eduardo & Henrique Laemmert. 1861. Apud. FLORES, Moacyr. Do entrudo ao carnaval. *Estudos Ibero-Americanos*, XXII (1) – junho, 1999, p.149.

⁸⁸FERREIRA, Felipe. O triunfal passeio do “Congresso das Summidades Carnavalescas” e a fundação do carnaval moderno no Brasil. *Terceira Margem*, Rio de Janeiro, Número 14, p. 160-165 • janeiro-junho / 2006, p. 12.

⁸⁹Ibid, p.12.

⁹⁰GERMANO, Íris. Op. Cit., p.132.

⁹¹VALENÇA, Rachel. Op. Cit., p.13.

em nosso país, afirma que “o entrudo era uma verdadeira batalha para molhar alguém com água jogada de balde, bacia ou seringa, com arremesso de limão de cheiro”.⁹² Nestes dias, “homens e mulheres se empenhavam em loucas correrias e agarramentos, jogando água. Era um salve-se quem puder!”⁹³.

Segundo Cunha, durante muito tempo, entrudo significava “o mesmo que Carnaval: um conjunto de brincadeiras e folguedos realizados quarenta dias antes da Páscoa”⁹⁴. Entre elas, além da molhadeira, argumenta a autora, compreendia-se uma série de troças de mascarados, bem como a pregação de peça em conhecidos ou passantes: “dias de molhadeiras, mas também dias de mentira e das pilherias que podiam, por vezes dar margem a incidentes desagradáveis se realizados fora de seu contexto específico”⁹⁵. Havia também, o costume das mulheres de prepararem “empadas ocas ou recheadas com insetos para servir aos incautos, ou biscoito e pão-de-ló temperados com boas doses de vermífugos ou purgantes”⁹⁶. Nesse jogo, todos brincavam: “homens austeros, estudantes, mulheres de postura recatada, crianças, escravos, trabalhadores livres. O grande apelo da festa era participar. Não havia graça em preparar armadilhas e engodos sem se arriscar a ser uma possível vítima a qualquer instante”.⁹⁷

1.1.3. O Entrudo em Porto Alegre

Na cidade de Porto Alegre, as comemorações carnavalescas – festejadas na forma do entrudo – parecem ter feito parte das vivências do povoado desde o início de sua formação⁹⁸. Porto Alegre começou a ser ocupada ainda na primeira metade do século XVII, mas seu processo de povoamento só teria início com a chegada de casais açorianos em 1752. O pacato vilarejo passou a ser a sede da administração do governo provincial no ano de 1773, antes mesmo de ser elevado à categoria de município: isso só ocorreria por volta do início do século XIX, quando

⁹²Ibid, p.152

⁹³Ibid, p.152.

⁹⁴CUNHA, Maria Clementina. Op. Cit., p.25

⁹⁵Ibid,p.56.

⁹⁶Ibid, p.56.

⁹⁷SOHET, Rachel. Op. Cit., p.66

⁹⁸Cf. FRANCO, Sergio da Costa. *Porto Alegre: Guia Histórico*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1998, p.100.

contava com uma população de 3.927 habitantes⁹⁹. Segundo Ferreira, jogava-se o entrudo na cidade desde os “primeiros anos da colonização”¹⁰⁰.

Entretanto, diferentemente de outras regiões nas quais o entrudo abrangia uma gama mais variada de troças e jogos, em Porto Alegre o que encontramos foi predominantemente “uma brincadeira na qual os foliões atiravam entre si os limões de cheiro, água das seringas e até farinha”¹⁰¹, onde os passantes eram, muitas vezes “pegos de surpresa e obrigados a resignar-se com as roupas molhadas ou sujas pelos brincalhões”¹⁰². O objetivo era mesmo molhar e sujar o adversário.

Em 1847, todavia, através do código de posturas municipais, a brincadeira foi proibida, tendo sido estipuladas multas para quem desobedecesse¹⁰³. De acordo com Beatriz Weber, esses códigos, formulados pelas autoridades locais, é que “regularão o dia-a dia da população. Estes eram um conjunto de normas que estabeleciam regras de comportamento e convívio para uma determinada comunidade, demonstrando a preocupação com a preservação da ordem e a segurança pública, incluindo aí as relativas à saúde pública”.¹⁰⁴ Monteiro também afirma que “antes dos planos de urbanização, [os Códigos de Posturas] eram importantes instrumentos de controle político do meio urbano”.¹⁰⁵ Apesar da tentativa das autoridades em tentar deter o jogo, ele continuava existindo e foi somente partir da segunda metade do século XIX, por causa do medo das epidemias de cólera, que sua popularidade baixou. Segundo Beatriz Weber, em meados do século XIX,

Porto Alegre sofreu ameaças de epidemias, fazendo parte das cidades atingidas no Brasil, em 1855, pela cólera. Essas ameaças foram constantes na década de 1850, destacando-se de febre escarlatina em 1850 e 1853, provavelmente em consequência do cerco da cidade na década de 1840, do aumento da população, devido a presença de tropas durante a Revolução Farroupilha, e do comércio com a área colonial, que não foram acompanhadas, imediatamente, de

⁹⁹SIMANSKY, Luis Cláudio. *Espaço privado e vida material em Porto Alegre no século XIX*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998, p.41.

¹⁰⁰FERREIRA, Athos Damasceno. Op. Cit., p.11.

¹⁰¹KRAWCZYK, Flávio; GERMANO, Íris e POSSAMAI, Zita. Op. Cit., p.16.

¹⁰²Ibid, p.16

¹⁰³Livro de Registros de Posturas Municipais de 1829 a 1888.4 dez 1829. “Posturas Policiaes da Câmara Municipal da cidade de Porto Alegre aprovadas pelo Conselho Geral da Província”. Porto Alegre, Typ. Do Commercio, 1847 (anexadas ao Livro de Registros das Posturas Municipais de 1829 até 1888). AHPA.

¹⁰⁴WEBER, Beatriz. *Códigos de Posturas e Regulamentação do Convívio Social em Porto Alegre no Século XIX*. Porto Alegre: UFRGS, Dissertação de Mestrado, 1992, p.8.

¹⁰⁵MONTEIRO, Charles. *Porto Alegre: urbanização e modernidade: a construção social do espaço urbano*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995, p.30.

condições urbanas ideais para enfrentar uma maior concentração populacional¹⁰⁶.

Em decorrência destas epidemias – cólera, tifo e tísica – e das proibições e multas estabelecidas pelos Códigos de Posturas Municipais, a popularidade do entrudo decaiu, acarretando um relativo desaparecimento desta brincadeira, para a o deleite de seus críticos.

1.2 - O Entrudo e as Mulheres

Após um período de aproximadamente 20 anos no qual houve um refluxo das práticas entrudescas na capital da província, a partir de 1870 ocorreu um renascimento da brincadeira. Com isso, os periódicos da capital passaram a condenar de forma veemente o retorno deste jogo e a defender a implantação de uma nova forma de se brincar o carnaval, mais sofisticada e moderna, que trouxesse a Porto Alegre o requinte dos carnavais da Corte carioca e de Veneza.

1.2.1. O Saneamento Físico e Moral da Cidade: a moralização do comportamento carnavalesco

Entre os argumentos mais utilizados pela imprensa porto-alegrense para condenar as práticas do entrudo estava o que atribuía ao jogo um caráter de ameaça à saúde pública, utilizando as recentes epidemias ocorridas na capital como forma de amedrontar os foliões e dissuadí-los de entrudar. O tifo, a tísica, e a febre eram lembrados com o intuito de abolir definitivamente essa prática dos costumes da cidade. Note-se que Porto Alegre, em fins do século XIX, vai passar por uma higienização, tanto física quanto moral, pretendendo fixar novos padrões de conduta e de sociabilidade naquele fim de século. Além da higienização física, que visava estabelecer em Porto Alegre ares de uma metrópole, pretendia-se “moralizar” a sociedade porto-alegrense, sobretudo as mulheres (que, como veremos adiante, passam a ser criticadas pela licenciosidade do entrudo).

Deste modo, o apelo a essas doenças tinha também um caráter moralizador e regulamentador do comportamento feminino. O jornal *A Reforma* argumentava que:

¹⁰⁶WEBER, Beatriz.. Op. Cit., p.98.

Ainda menos conveniente se pode dizer que é este jogo para as damas, pois não se dão bem com água fria, e mais de uma donzela robusta e viçosa tem deixado de ver o carnaval seguinte por haver sido arrebatada pela tísica, provocadas pelas águas aromáticas do limão¹⁰⁷.

O argumento sanitário é reforçado pela alegada fragilidade feminina. Segundo o jornal, o jogo do entrudo seria ainda mais inconveniente para as mulheres, que estariam mais suscetíveis às doenças devido à sua maior vulnerabilidade – em função da qual “não se davam bem com água fria”. Ademais, atribui-se uma excessiva sensibilidade às damas e donzelas que seriam vítimas fáceis de tais males. O fato desta recomendação dirigir-se às mulheres se deve a que estas eram, normalmente, acusadas de serem as grandes entusiastas do jogo do entrudo, como veremos mais adiante. Não seria, portanto, “digno das humanas filhas do Rio Grande, num tempo em que o tifo, a febre e a tísica dizimam a população, ensopar d’água os que transitam nas ruas banhados em suor?”¹⁰⁸.

Beatriz Weber pontua que “os discursos sobre higiene nesse período fundamentavam uma determinada concepção das relações sociais, definiam um procedimento de ordenação das mesmas que combinava saúde física com moral, sendo esta a dimensão da noção de progresso”¹⁰⁹. É isso o que vemos no carnaval: a tentativa de controle e ordenação das práticas carnavalescas através de um discurso sanitário, incutindo no imaginário social¹¹⁰ a noção de que esse era uma brincadeira rude e atrasada, como veremos no próximo capítulo.

No que concerne a esta transformação física de Porto Alegre, observa-se que, “a partir da segunda metade do século XIX, a cidade recebe uma série de melhoramentos significativos”,¹¹¹ como por exemplo, a construção do Teatro São Pedro (1858), da Hidráulica Porto-Alegrense (1865), do Mercado Público (1865), a implantação da primeira linha férrea ligando Porto Alegre a Novo Hamburgo (1876), a instalação de transportes coletivos (bondes) (1874), a regularização da coleta de lixo (1876), o início do saneamento (1878), a implantação de

¹⁰⁷ *A Reforma*, 15 de fevereiro de 1871. Apud: FERREIRA, Athos Damasceno. Op. Cit., p. 18.

¹⁰⁸ *A Reforma*, 15 de fevereiro de 1871. Apud: FERREIRA, Athos Damasceno. Op. Cit., p. 19.

¹⁰⁹ WEBER, Beatriz. Op. Cit., p. 108.

¹¹⁰ Segundo Baczko, “os imaginários sociais constituem outros tantos pontos de referência no vasto sistema simbólico que qualquer coletividade produz e através da qual, como disse Mauss, ela se perscepciona, divide e elabora seus objetivos. [...] É assim que, através dos seus imaginários sociais uma coletividade designa sua identidade; elabora uma certa representação de si; estabelece a distribuição dos papéis e das posições sociais; exprime, impõe crenças comuns; constrói uma posição de ‘bom comportamento’, designadamente através da instalação de modelos formadores tais como o do ‘chefe’, o ‘bom súdito’, o guerreiro corajoso’, etc.”. BACZKO, Bronislaw. Utopia. In: Enciclopédia Einaudi (Antropos – homem). Portugal: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, s/d. Vol. 5, p. 309-310.

¹¹¹ MONTEIRO, Charles. Op. Cit., p. 31.

serviços telefônicos (1886), demonstrando, como afirma Simanski, o quanto a “expansão econômica se refletiu no desenvolvimento urbano da capital”¹¹².

Esse *boom* econômico ocorreu após um momento de crise e estagnação, quando a produção tritícola entra em decadência e o charque, produzido no sul da Província, passa a ter destaque, gerando um ofuscamento da cidade, “que ficou reduzida, do ponto de vista econômico, ao papel da capital regional de uma zona secundária”¹¹³. Essa estagnação econômica “se prolonga quase que até o último quartel do século passado”¹¹⁴, mas, aos poucos a cidade readquire a função comercial que detinha anteriormente, tornando-se o escoadouro da produção das colônias alemãs e desenvolvendo-se rapidamente¹¹⁵.

Entretanto, é por volta de 1890 que “inicia-se uma nova fase do fenômeno urbano, caracterizada pela crescente complexidade da organização dos grupos sociais no espaço urbano decorrente das transformações das estruturas política, social e econômica da sociedade brasileira”¹¹⁶. A cidade passa a ter dificuldades com o excesso de população, que de 18.465 habitantes, em 1858, salta para 43.998 no ano de 1872¹¹⁷, com um aumento populacional que significou um crescimento de 138,27%. No centro, por exemplo, se percebe “... uma promiscuidade indesejada de ricos e pobres, vivendo face a face”¹¹⁸.

Cláudia Mauch, ao pesquisar dois jornais porto-alegrenses (Gazeta da Tarde e Gazetinha) do final do século XIX, afirma que com grande frequência, os termos desordem e imoralidade, apareciam em suas páginas. Segundo ela,

Para esses jornais, não eram considerados perigosos apenas as meretrizes, gatunos, vadios e desordeiros, mas todos os habitantes das zonas mais pobres da capital que não se enquadravam no modelo de ‘bom trabalhador’ e que viviam em ambientes física e moralmente degenerados, constituindo então a ‘escória’ ou a ‘parte ruim da sociedade’. A periculosidade dessas pessoas foi construída a partir da identificação da sua aparência física, do seu comportamento desregrado, do seu tipo de trabalho e local de moradia¹¹⁹.

¹¹²SIMANSKY, Luis Cláudio. *Op. Cit.*, p. 52.

¹¹³SINGER, Paul. *Desenvolvimento econômico e evolução urbana*. São Paulo: Nacional, 1977, p. 153.

¹¹⁴*Ibid.*, p.153.

¹¹⁵Cf. ARAND, Sílvia. *Um olhar sobre a família popular porto-alegrense (1886-1906)*. Porto Alegre: UFRGS, Dissertação de Mestrado, 1994, p.22.

¹¹⁶SINGER, Paul. *Op. Cit.*, p. 33.

¹¹⁷*Anuário estatístico do Brasil 1936*. Rio de Janeiro: IBGE, v.2, 1936.

¹¹⁸PESAVENTO, Sandra. *Os Pobres da Cidade: vida e trabalho – 1880-1920*. Porto Alegre: Edufrgs, 1994, p. 86.

¹¹⁹MAUCH, Cláudia. Saneamento moral em Porto Alegre na década de 1890. In: MAUCH [et. al.]. *Porto Alegre na virada do século XIX: cultura e sociedade*. Porto Alegre/Canoas/São Leopoldo: Ed. Universidade/UFRGS/Ed. ULBRA/ Ed. UNISINOS, 1994, p.9.

Segundo esses jornais da capital, “a polícia deveria impedir que a ‘parte ruim’ da sociedade contagiasse a ‘parte sã’, proibindo a circulação de turbulentos e prostitutas em locais freqüentados por famílias [...]”¹²⁰. Em suas campanhas de saneamento moral, ambos jornais acabavam generalizando “os adjetivos de desordeiros e imorais para todos os habitantes de zonas pobres de Porto Alegre. Pode-se dizer que lá onde existia diversidade e um modo de vida diferente do das elites, os jornais enxergavam o espaço das ‘classes perigosas’”¹²¹. Podemos sugerir, portanto, que a condenação do entrudo e a tentativa de estabelecer um novo modelo de carnaval, produzido pelas elites – que será analisado posteriormente – tenham sido, também, alguns dos primeiros passos nessa tentativa de saneamento físico e moral da cidade de Porto Alegre. Um meio da elite procurar não ter mais que viver *face to face* com os pobres, como poderia ocorrer com o entrudo, passando a exhibir-se em elegantes desfiles e bailes fechados.

1.2.2. Culpada! A condenação da Ex-Marquesa de Monte Alegre

Mas de que maneira o entrudo teria ressurgido? De que forma ele teria conseguido escapar do esquecimento e voltar a usufruir a popularidade dos porto-alegrenses? A imprensa da capital havia atribuído este ressurgimento a uma mulher do alto escalão da sociedade, que ao jogá-lo reintroduzira a brincadeira na cidade. Segundo o jornal *A Reforma*:

Alguns anos havia que este jogo bárbaro caíra em desuso, quando a célebre ex-marquesa de Monte Alegre, mulher do atual Sátrapa de São Paulo, que já foi desta Satrapia do Rio Grande, o pôs novamente em moda. Que esta renovação do passado fosse obra da ex-marquesa nada há que admirar, pois é muito conhecida pelo seu ardente temperamento e extraordinário calor; Não é, porém digno das humanas filhas do Rio Grande, num tempo em que o tifo, a febre e a tísica dizimam a população, ensopar d’água os que transitam nas ruas banhados em suor?¹²²

Este excerto permite-nos perceber não só o descontentamento por parte do jornal com o retorno do velho costume, mas também o ataque à conduta e moral da ex-marquesa, de quem tal comportamento podia-se esperar por causa de “seu ardente temperamento e extraordinário calor”. Ademais, note-se que, como ressaltamos anteriormente, o periódico salientava os riscos de contrair doenças como tifo e tísica a fim de alertar para as desvantagens destas práticas.

¹²⁰Ibid, p.12.

¹²¹Ibid, p.14.

¹²²*A Reforma*, 15 de fevereiro de 1871. Apud: FERREIRA, Athos Damasceno. Op. Cit., p.19.

A ex-marquesa de Monte Alegre¹²³, mulher do ex-presidente da Província, Antônio da Costa Pinto e Silva¹²⁴, era uma mulher vinda de fora, de São Paulo, logo com um comportamento que não era, para o jornal, condizente com o das filhas do Rio Grande. Estas deveriam ser moças recatadas, elegantes e sofisticadas, não se deixando levar por esse bárbaro jogo e sem seguir o exemplo da ex-marquesa. Denota-se também aí, a intenção, por parte do periódico, em “apresentar a volta do vício como trazido de fora”¹²⁵.

Além de criticar o retorno do entrudo e o comportamento da ex-marquesa, a análise do excerto permite observar uma referência a termos que denotam uma certa erudição¹²⁶ por parte do colunista, que compara o marido da ex-marquesa com os Sátrapas da Antiguidade, apontando para outros elementos significativos para a cidade e, por conseguinte, para este trabalho. Segundo Lazzari, o jornal *A Reforma*, vinculado ao Partido Liberal, chamava o ex-presidente provincial de Sátrapa – governadores das províncias do Império Persa – com o intuito de designar o governo como despótico e centralizador, como se aqueles também representassem um governo assim. Isso porque o Imperador, desde 1868, “mantinha o Partido Conservador no controle dos Ministérios e dos governos provinciais, tendo os governadores nomeados sofrido intensa oposição dos liberais gaúchos”¹²⁷. O fato de o colunista ter utilizado um termo do mundo antigo pôde despertar nosso interesse sobre uma possível relação entre os papéis femininos atribuídos às atenenses do século V a.C. e às porto-alegrenses do século XIX durante os festejos carnavalescos, considerando o que Perrot e Duby denominavam continuidades fundamentais do viver histórico¹²⁸.

Na Grécia Antiga, o termo *hetairai* era utilizado para designar as mulheres que acompanhavam os homens no espaço público. Segundo Ullmann, “eram mulheres de alguma cultura e não raras providas do estrangeiro. Participavam em pé de igualdade nas conversações

¹²³Não conseguimos, até o momento, descobrir de fato o nome da ex-marquesa de Monte Alegre. Acreditamos ser ela Maria Isabel de Souza Alvim, a segunda esposa do Marquês de Monte Alegre, José da Costa Carvalho, com quem casou-se em São Paulo, em 1839. O Marquês de Monte Alegre morreu em 1860 e ela se casou novamente com Antonio da Costa Silva e Pinto. Site de genealogia, disponível em http://www.jbcultura.com.br/gde_fam/pafg109.htm. Acessado em 31 de março de 2007.

¹²⁴Exerceu mandato de 16/09/1868 a 20/05/1869. Apud: AITA, Carmem (org.). *Parlamentares Gaúchos das Cortes de Lisboa aos nossos dias: 1821-1996*. Porto Alegre: Assembléia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul, 1996.

¹²⁵LAZZARI, Alexandre. Op. Cit., p. 65.

¹²⁶Erudição entendida como sinônimo de saber vasto e variado.

¹²⁷LAZZARI, A. Op. Cit., p.65.

¹²⁸PERROT, Michelle, DUBY, Georges. *História das mulheres no Ocidente*. Porto: Afrontamento, 1990, vol.1, p.14.

com os homens que eventualmente se valiam delas para satisfação sexual”¹²⁹. Essas mulheres podiam participar dos simpósios¹³⁰, festividades das quais as mulheres casadas não podiam. Enquanto esposas, se restringiam apenas ao espaço do gineceu.

Por esse motivo, enxergamos na ex-marquesa um comportamento condizente ao de uma hetera, pois essa, vinda de fora, entrou e no espaço público, participando em pé de igualdade com os homens da festividade. A ex-marquesa, contudo, era uma mulher casada, diferenciando-se das heteras atenienses, apesar de ter sido atacada pelo articulista no que se refere à sua atitude de liberdade de agir, de forma semelhante aos homens, rompendo com os lugares a ela destinados.

Do mesmo modo, no Rio de Janeiro, décadas mais tarde, encontramos articulistas denominando mulheres da alta sociedade de heteras, por causa de seus comportamentos durante os festejos de Momo, o que vem corroborar nossa comparação:

(...) muitas são as damas finas que se nivelam às hetairas nos clubes, nos bailes, nos três dias de orgia carnavalesca (...) Terminada a festa, porém, as prostitutas continuam no seu ‘triste’ mister; as elegantes, ‘decaídas eventuais’, tornam aos seus lares, tomam parte em ligas contra o álcool, veitam o ‘verbo’ fulminando vícios¹³¹.

Essa citação demonstra que, provavelmente, não estávamos equivocados ao comparar aqueles dois universos femininos, pois eles estavam presentes na forma de ver o mundo dos homens de jornais daqueles tempos, tanto é que utilizavam em uma época termos análogos a outra. Além disso, o fato do jornalista ter denominado a mulher do presidente da Província de ex-marquesa, nos transmite a noção que ele estava tentando atacá-la moralmente por ter participado da brincadeira, pois ele não a chamou pelo nome ou por adjetivos que se reportassem a sua condição de “primeira dama” do Rio Grande do Sul, mas sim evidenciou que um dia fora marquesa e hoje não era mais, tendo se casado novamente com o então presidente da Província.

Diferentemente das heteras, as esposas atenienses abastadas e bem-nascidas tinham um padrão a seguir, o modelo mélixa. Isso consistia em permanecer reclusa no interior de sua casa,

¹²⁹ ULLMANN, Reinhold. *Amor e Sexo na Grécia Antiga*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005, p.64.

¹³⁰ Reuniões para filosofar e beber em conjunto.

¹³¹ *Revista Policial*, 26.02.1927. Apud: SOHIET, Rachel. A sensualidade em festa: representações do corpo feminino nas festas populares no Rio de Janeiro da virada dos séculos XIX a XX. *Diálogos Latinoamericanos*, n.002, Aarhus, 2000, p. 108.

cuidando dos filhos e dos bens da família. Especializavam-se em tecer, bordar e fiar. Deveriam ter um “tipo de vida puro e casto, ou seja, vida sexual bastante discreta; hostilidade aos odores, à sedução; a fidelidade conjugal”¹³². Fábio de Souza Lessa, entretanto, contesta essa idéia de que a atuação feminina fora do *oikos* era algo exclusivo das heteras e dos homens. Para ele há uma permeabilidade mútua entre os espaços, exterior/interior.

Maria Angélica de Souza afirma que “as esposas abastadas utilizavam táticas com o intuito de diluir as margens desse modelo e assim subvertiam a dominação masculina alcançando dessa forma certa autonomia”¹³³. A autora completa ainda que as “esposas abastadas atenienses do período clássico transgrediam ao modelo idealizado pela sociedade ateniense não o rompendo por completo”¹³⁴ mas criando um lugar social para elas.

Na obra *Oréstia*, Ésquilo apresenta a personagem Clitemnestra como uma transgressora do modelo melissa. Clitemnestra, que era esposa de Agamêmnon, como vingança, se uniu a um primo dele e o assassinou, para reinar em Micenas; depois disso, ainda teria abandonado os filhos. Segundo Severina Ramos dessa maneira o autor

apresenta e discute as falhas do pretenso ‘modelo ideal’ de comportamento feminino, mostrando de maneira oposta do pretendido a postura das mulheres dentro desta sociedade, levando-nos a crer que a confirmação de mulheres alheias ao processo político, econômico, religioso e social estava longe de ser presenciado no cotidiano ¹³⁵.

Neste sentido, é que Lessa argüi que se deve fazer uma distinção entre ideais culturais e práticas sociais. O confinamento das esposas no gineceu é, portanto, “mais um ideal cultural de seus maridos do que propriamente uma prática”¹³⁶.

Passamos, por conseguinte, a visualizar o comportamento da ex-marquesa não mais como o de uma hetera, mas sim como o de uma esposa bem-nascida, uma melissa que rompeu

¹³²DETIENE, Marcel. O Mito Orfeu no Mel. In: LE GOFF, J. *História: Novos Objetos*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976, p. 55 e 56.

¹³³SOUZA, Maria Angélica Rodrigues. Melissa: gerenciamento, complementaridade e transgressão na Atenas Clássica. In: *Gaia – Revista Eletrônica de História Antiga*, 2002, p.1. Disponível em <http://www.ifcs.ufrj.br/~gaia/m%20m.htm>, acessado em 27/05/2007.

¹³⁴ Ibid, p.1.

¹³⁵RAMOS, Severina Oliveira. Teatro e o feminino na Atenas Clássica. In: *Gaia – Revista Eletrônica de História Antiga*, 2001, p.1. Disponível em <http://www.ifcs.ufrj.br/~gaia/m%20m.htm>, acessado em 27/05/2007.

¹³⁶LESSA, Fábio de Souza. *Mulheres de Atenas. Melissa do Gineceu à Agora*. Rio de Janeiro: Laboratório de História Antiga/ IFCH da UFRJ, 2001, p.106.

com essas fronteiras interior/exterior, transgredindo os ideais culturais destinados às mulheres do Rio Grande.

Desta forma, a crítica feita à prática do entrudo e a tentativa de se estabelecer um novo tipo de carnaval correspondem a uma imposição de certos modelos culturais relacionados ao comportamento feminino, condenando a licenciosidade que caracterizaria esta brincadeira e afirmando não ser esta uma conduta adequada às boas damas porto-alegrenses. Contudo, estes ideais culturais acabavam sendo contrariados pelas práticas sociais dos agentes uma vez que, pelo menos algumas mulheres (como no caso a ex-marquesa), não se submetiam a estes ideais e continuavam a entrudar¹³⁷.

Mas qual o porquê de se fazer essa comparação? Atenienses e porto-alegrenses, tempos e espaços a princípio tão longínquos e distintos? Duby e Perrot ao refletirem sobre a história das mulheres e das relações entre os sexos, se perguntam: “quais foram, em suma, as continuidades fundamentais, as descontinuidades maiores e os acontecimentos decisivos?”¹³⁸. Para nós, essa é uma das continuidades fundamentais: mulheres peculiares que têm comportamentos diferenciados daqueles que lhes são apregoados. A existência dessa fração feminina, encontrada tanto em Atenas, quanto em Porto Alegre, em tempos diferentes, é histórica. Mas além dessas “transgressoras”, histórico também é o fato de se querer enquadrar as mulheres em papéis, ou nos ideais culturais de que nos falava Lessa.

1.2.3. Delicadas mãozinhas e rudes limões de cheiro

Como antecipamos anteriormente, as recomendações contra o jogo do entrudo produzidas pela imprensa costumavam dirigir-se, sobretudo, ao público feminino devido à alegada predileção que as mulheres cultivavam por tais folguedos. Assim, as mocinhas de família, ou das boas famílias, tinham como um dos “prazeres diletos” entrudarem. Essa

¹³⁷Gisele Becker, ao pesquisar narrativas literárias, inventários, processos de divórcio e jornais, aponta para a diversidade dos tipos femininos que circulavam em Porto Alegre. Havia “mulheres que se adequavam ao padrão desejado de retidão (a boa esposa, a boa mãe, a defensora dos filhos, a mulher que se apegava às coisas simples da vida e não aos prazeres mundanos e ao luxo, a moça de boa índole, a que suporta o adultério do cônjuge), mulheres que fogem a esse estereótipo (a adúltera, a ciumenta, a questionadora, a viúva que contrai um segundo matrimônio, a mulher que assume os negócios deixados pelo marido, as que passam a administrar propriedades, a que não perdoa a infidelidade do marido) e, até, possivelmente mulheres que conjugam diferentes elementos desses perfis.” BECKER, Gisele. *Uma História Polifônica: Mulheres e Laços de Família em Porto Alegre (1858 -1908)*. Dissertação de mestrado, PUCRS, Porto Alegre, 2001, p. 274.

¹³⁸PERROT, Michelle, DUBY, Georges. *História das mulheres no Ocidente*. Porto: Afrontamento, 1990, vol.1, p.14.

predileção feminina pelo entrudo foi constatada pelo viajante John Luccock, que sentira na pele este entusiasmo. Segundo ele:

O seu pretendido entrudo estritamente familiar e doméstico era algo próximo de uma ficção. Os mais antigos relatos mostram que, muito embora ocorressem batalhas de limões de cheiro entre famílias amigas, ficar de tocaia nas janelas e ensopar passantes distraídos era um dos prazeres prediletos das donzelas da terra, ainda mais se as vítimas fossem estrangeiro¹³⁹.

O relato do viajante vem corroborar a idéia apresentada de comparação do carnaval de Porto Alegre à Grécia Antiga. Ele nos mostra que as donzelas da terra, participavam da brincadeira sim, mas com a proteção do lar, atrás de suas janelas, no espaço do gineceu. Analisando o carnaval carioca, Ferreira salienta que “a maioria das famílias de posses continuava a se entregar às delícias do entrudo familiar – fato que pode ser constatado pela manutenção da venda de limões de cheiro nas ruas da cidade, anunciada nos jornais”¹⁴⁰. Em Porto Alegre, este entrudo familiar também era bastante apreciado, mesmo entre as elites – como veremos em outro momento – e, embora ocorressem casos em que transeuntes eram vítimas das molhadelas, suas algozes contavam nessas ocasiões com a proteção doméstica, de seus lares.

Neste mesmo sentido, vemos o relato de um antigo morador de Porto Alegre sobre o carnaval na cidade:

Quem se quisesse transportar ao antigo entrudo de Porto Alegre havia de lembrar-se que na rua Nova, em casa das Ângelas* e Perpétuas, havia nas três tardes de entrudo um perfeito bazar de banheiras, gamelas, bacias, alguidares, seringas, copos, canecas e canjirões, a não deixar impunes os transeuntes; que no Alto da Bronze além de tudo isso ainda havia o vermelhão, o polvilho e os pós de sapatos; e que a moçada de Porto Alegre saía a pé ou a cavalo com a competente cestinha de limões de cheiro ao braço, acompanhados de criados com os respectivos suplementos, a molharem aqui e acolá as descuidadas (ou não descuidadas) que se achavam às janelas. (...).¹⁴¹

Percebe-se que as moças de família participavam e gostavam da brincadeira, tanto é que ficavam em suas janelas à espera de rapazes para jogá-la. O entrudo familiar, doméstico, ao que

¹³⁹Relato do viajante inglês John Luccock, de 1808, sobre o banho que tomou das filhas do Governador, reproduzido em FEERIRA, Athos. Op. cit. p. 10.

¹⁴⁰FERREIRA, Felipe. O triunfal passeio. Op. Cit., p. 12

* “Ângelas eram uma família de cores honestas”.

¹⁴¹CORUJA, Antônio Álvares Pereira, *Antigualhas: Reminiscências de Porto Alegre*, Organizado por Sérgio da Costa Franco, 2ª Ed. Porto Alegre: UE/Porto Alegre, 1996. O trecho citado faz parte de um artigo originalmente publicado em *Gazeta de Porto Alegre*, 13 de março de 1884.

tudo indica, era aprovado pelos habitantes da Província, sendo o problema jogar o entrudo em público, não respeitando as regras da boa convivência.

Arsène Isabelle, viajante francês que aqui esteve entre 1833 e 1834, revela em seu relato “a tirania e a severidade que não permitia a estranhos, como ele próprio, a aproximação dessas mulheres e ao fato das mesmas serem condenadas a permanecerem em casa, longe dos olhos alheios, ousando apenas observar furtivamente o movimento da rua ‘entricheiradas’ nos parapeitos ou sacadas de suas residência”¹⁴², não sendo esse um comportamento só em dias comuns, como também durante a brincadeira do entrudo, como vimos.

A partir disso, podemos entender um pouco melhor a polêmica causada pela ex-marquesa, durante os festejos momescos: as filhas do Rio Grande, igualmente, participavam da brincadeira, mas com a proteção do lar, das janelas, dentro de casa; a ex-marquesa, por sua vez, se apropriou de um espaço público para participar da festa. DaMatta, em um estudo para tentar entender a sociedade através de seus espaços, os quais ele divide em casa, rua e outro mundo, afirma que “o espaço se confunde com a própria ordem social, de modo que, sem entender a sociedade com suas redes de relações sociais e valores, não se pode interpretar como o espaço é concebido”¹⁴³. Segundo o autor, “o normal – o esperado e o legitimado – é que casa, rua e outro mundo demarquem fortemente mudanças de atitudes, gestos, roupas, assuntos, papéis sociais e quadro de avaliação da existência em todos os membros de nossa sociedade”¹⁴⁴. Desta forma, a casa é por ele entendida como uma área especial, um “espaço infenso ao tempo linear, onde as coisas ‘lá de fora’, do ‘mundo’ e da rua não atingem, com seus novos valores de individualização e subversão, a velha e boa ordem estabelecida pelas diferenças de sexo, idade e ‘sangue’”¹⁴⁵. Já a rua “é o local de indesejável individualização, de luta e de malandragem”¹⁴⁶, é uma “terra que pertence ao ‘governo’ ou ao ‘povo’ e que está sempre repleta de fluidez e movimento”¹⁴⁷.

Não sabemos se a ex-marquesa foi de fato para as ruas da cidade brincar o entrudo, mas mesmo que ela o tenha feito somente no Palácio, e este sendo uma área pública, pode-se dizer

¹⁴²CARELI, Sandra. *Texto e contexto: Virtude e Comportamento Sexual Adequado às Mulheres na Visão da Imprensa Porto-Alegrense da Segunda Metade do Século XIX*. Porto Alegre: Dissertação de Mestrado, UFRGS, 1997, p.10.

¹⁴³DAMATTA, Roberto. *A Casa e a Rua*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1991, p. 34.

¹⁴⁴Ibid, p.53.

¹⁴⁵Ibid, p.59.

¹⁴⁶Ibid, p.61.

¹⁴⁷Ibid, p.63.

que ela se apropriou do espaço da rua. De acordo com DaMatta, esta tem como linguagem a subversão da ordem¹⁴⁸, enquanto a da casa – que era onde as moças da terra brincavam – seria a da moral¹⁴⁹. Apesar de estarem entrudando, as filhas do Rio Grande estavam protegidas, pois estavam no reduto familiar, onde a ordem já estava estabelecida. A ex-marquesa, além de fazer retornar o costume, o fez no espaço da rua, que é o lugar da subversão, tornando-se então uma transgressora dos modelos de conduta destinados às mulheres e da própria ordem social. Mas teria a atitude dessa melissa influenciado as filhas da Província? O que se sabe é que, na década de 1870, as pessoas voltaram a se entregar à prática do entrudo e que isso rendeu muita polêmica entre jogadores, policiais, fiscais, jornalistas, etc.

Do mesmo modo que observamos a participação das boas moças de família nos jogos de entrudo, na proteção de seus lares; há ainda referências a mulheres “não bem nascidas” que também entrudavam. Assim, em um processo resultante de agressões presumivelmente sofridas por uma mulher de nome Maria Antônia, chegamos a um universo no qual as práticas entrudescas mostravam-se presentes entre as camadas populares. Neste processo, o pardo Jorge – um escravo de Dona Thereza Emília de Lima com 32 anos de idade que exercia o ofício de alfaiate – fora acusado de ter agredido a Maria Antonia – uma meretriz de 29 anos que residia no famoso Beco do Fanha – tendo-lhe causado alguns ferimentos no rosto.

Entretanto, contrariando a versão policial, em seu depoimento, Maria Antônia afirmou que havia saído para ir “à casa de uma moça sua conhecida a fim de jogar o entrudo”¹⁵⁰. Quando voltava, foi atingida por limões de cheiro, que a fizeram cair e por isso teria se ferido, “batendo com o rosto em uma laje que fica do lado de dentro” de casa. O pardo Jorge – que aparecera em sua residência “por ocasião de principiar com o jogo do entrudo”¹⁵¹ – “nenhum mal lhe fez”¹⁵², tendo somente a repreendido em função de sua queda.

Na versão do alferes Guimarães, que deu voz de prisão ao acusado, este foi preso quando “lutava com uma mulher, dando-lhe pancadas, achando-se a mesma toda ensangüentada e ele próprio com a camisa toda rasgada” e esta pediu que o referido alferes não o prendesse “porque ele fazia tudo aquilo por amizade”¹⁵³.

¹⁴⁸Ibid, p.55.

¹⁴⁹Ibid, p.54.

¹⁵⁰Secretaria de Polícia. Maço 67. 03 de fevereiro de 1872. Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul.

¹⁵¹Secretaria de Polícia. Maço 67. 03 de fevereiro de 1872. Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul.

¹⁵²Secretaria de Polícia. Maço 67. 03 de fevereiro de 1872. Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul.

¹⁵³Secretaria de Polícia. Maço 67. 03 de fevereiro de 1872. Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul.

Para Burke, o uso de histórias narradas pelas pessoas no passado, registradas nos arquivos de polícia, permite que o historiador tenha acesso a diversas vozes do passado e diferentes visões do mesmo assunto. Entretanto, ele recomenda que,

a questão para os historiadores nesse tipo de justaposição de narrativas concorrentes é não tentar decidir a história de quem é a ‘correta’ (como faria o juiz) ou provar o que tomamos como realidade é uma ilusão (como faria um filósofo), mas usar as histórias para reconstruir as atitudes e valores dos narradores, empregando um conflito de narrativas para compor uma narrativa de conflitos.¹⁵⁴

Provavelmente, os ferimentos não foram causados pela brincadeira, como afirmava Maria Antônia, mas o que nos interessa é o fato dela tê-la usado para justificá-los, podendo ser isso um indicativo de que esse jogo poderia, às vezes, ter uma face agressiva e grosseira, fazendo com que pessoas saíssem lesionadas da diversão.

Além disso, denota-se que outros segmentos sociais, como no caso o de uma prostituta, também entrudavam com todo gosto e utilizavam o espaço dito como correto pela imprensa para a brincadeira: o privado. E não somente isso: Maria Antônia, ao tomar esta postura, não rompeu com as fronteiras designadas para as participações femininas, e sim, adequou-se aos padrões estabelecidos como corretos. Careli, ao investigar inquéritos policiais, processos criminais e crônicas jornalísticas, buscando a caracterização da virtude, expõe “a forma como determinados comportamentos veiculados como ideais, característicos de um dado grupo social, não ficavam restritos ao mesmo, sendo de formas diversas incorporados por indivíduos alheios a ele”¹⁵⁵, como no caso de Maria Antônia, uma popular, que ao brincar o entrudo, o fez na casa de uma amiga, no interior do lar, como recomendavam os jornalistas, e atribuiu a culpa de seus ferimentos ao entrudo público, que era também condenado pela imprensa, como veremos a seguir.

1.3 - Entrudo, Imprensa e Repressão

Com este ressurgimento do entrudo, percebe-se uma preocupação tanto da imprensa quanto das autoridades no sentido de tentar evitar a sua proliferação. O jornal *A Reforma*,

¹⁵⁴BURKE, Peter. *Desafios de uma história polifônica*. Folha de São Paulo, São Paulo, 15 de outubro de 2000, Caderno Mais!, p.18.

¹⁵⁵CARELI, Sandra. Op. Cit., p. 278.

externava sua preocupação com a situação ao afirmar que “em todas as ruas da capital se tem jogado entrudo como nos tempos antigos, e todo o arreganho policial não conseguiu mais do que fazer com que um ou outro agente policial tomasse banho involuntário”¹⁵⁶.

Em um tom irônico, o jornal narrava o retorno do entrudo como nos tempos antigos, satirizando a força policial que acabou, involuntariamente, entrando na brincadeira, o que deixava transparecer uma certa impotência das autoridades policiais em sua tarefa de repressão ao jogo. Paulo Moreira, ao analisar a questão do policiamento urbano em Porto Alegre, afirma que “os relatórios do período constantemente enumeravam a precariedade da força policial como uma das causas da criminalidade, mas concordavam que ‘avultada como já é a verba a ela destinada’, a Assembléia dificilmente atenderia as reclamações de diversos municípios, que pediam a criação de seções policiais”¹⁵⁷, enfatizando bem essa questão da ineficácia policial perante as transgressões, como o era considerado o entrudo.

Neste ano, as autoridades pareciam querer cumprir com as posturas municipais referentes ao entrudo, tanto é que foram publicados editais, em sucessivas datas¹⁵⁸, lembrando sua proibição. Um desses editais, mandado publicar pela Secretaria de Polícia de Porto Alegre, informava que:

De ordem do Illm. Sr. Dr. Chefe de Polícia faço público que, sendo proibido o jogo do entrudo e venda das respectivas laranjas pelos arts. 99 e 100 das posturas municipais estão dadas as ordens precisas para serem multadas todas as pessoas que nele foram encontradas e na venda das ditas laranjas, que serão também inutilizadas.¹⁵⁹

Era, portanto, proibido por lei jogar e vender utensílios para a prática do entrudo na cidade de Porto Alegre, tendo – quem o fizesse – que pagar multas por isso. Desta forma, ao retornar o velho costume e as autoridades tentarem detê-lo, muitas disputas e discussões foram geradas. Percebe-se que havia um descompasso entre aquilo que era uma infração por lei e o que era considerado transgressão no imaginário social.

¹⁵⁶FERREIRA, Athos Damasceno. Op. Cit., p. 23.

¹⁵⁷MOREIRA, Paulo Roberto. E a rua não é do rei. Morcegos e Populares no início do policiamento urbano em Porto Alegre - século XIX. In: *Sobre a Rua e Outros Lugares. Reinventando Porto Alegre*. Porto Alegre: Caixa Econômica Federal, 1995, p.59.

¹⁵⁸Nos dias 24, 25, 26, 27 de fevereiro e 01 de março.

¹⁵⁹Edital publicado pela Secretaria de polícia de Porto Alegre, pelo Secretário César Vianna, em 4 de fevereiro de 1870. *A Reforma*, 24 de fevereiro de 1870, p.3.

Numa dessas confusões, geradas por esse desafinamento, encontramos o jornal *A Reforma* publicando uma série de artigos nos quais provocava e revidava as notas do rival *Riograndense*, que era o jornal oficial, do Partido Conservador¹⁶⁰. Um episódio em particular ganhou a atenção dos articulistas, quando um rapaz foi preso pelos fiscais, acusado de ter atirado suas laranjinhas. Pedro Nicolau da Silva Telles, tenente do exército, havia sido “intimado pelo fiscal Antônio Francisco de Paula para que não continuasse a jogar entrudo na rua”¹⁶¹.

O jornal *A Reforma* assumindo francamente sua defesa, afirmou que sua prisão teria sido ilegal, um desacato policial.

Entre outros citamos o fato acontecido anteontem à noite na rua da Igreja, á porta de uma respeitável família, que dois fiscais e três policiais acharam o lugar mais próprio para se darem em espetáculo, mostrando o seu arreganho bélico e uma educação digna de inveja!

Um moço d’essa família tinha ido jogar entrudo em casa de pessoas de seu conhecimento e os amáveis fiscais e os seus guardas entenderam que deviam cercar-lhe a morada e não só multá-lo, como ainda exigir a multa incontinente sem estrepito, nem figura de juízo!

O espetáculo, aliás, tão edificante, fez com que se reunisse muita gente e foi preciso muita prudência da parte do ofendido, para que não levassem os agentes policiais a lição que mereciam.

O Sr. Chefe da Polícia pode empregar as medidas que quizer – legais,, para fazer cumprir a postura municipal, mas faça-o em termos e sobretudo coíba os seus agentes de excessos, como aquele que acabamos de apontar.¹⁶²

A fala do jornalista nos deixa entrever a vulnerabilidade policial diante do entusiasmo das pessoas com o jogo. Os agentes, mesmo no cumprimento do seu dever, por pouco não acabaram sofrendo represália e agressões por parte do acusado, que segundo a nota, precisou de muito cuidado e sensatez para que não agredisse aos policiais.

Segundo o depoimento do acusado, em versão que entra em choque com o que disse o jornal, ele estava em frente à sua casa e admitiu que um de seus amigos portava limões de cheiro, mas que ele não estava a brincar e nem carregava nada e confessou ter dito apenas que

¹⁶⁰“Rescindi o contrato que tinha o *Jornal do Commercio*, desta capital para a publicação dos atos da Presidência, e mandei contratá-la com o *Rio-grandense*, por ser, além daquele, o único jornal diário aqui existente. Os motivos que tive para assim proceder são os mesmos que fundamentam a exoneração de um dos chefes ostensivos de sua redação”. Relatório com que o Ex UFRGS, m. Sr. Dr. Israel Rodrigues Barcellos passou a administração ao Exm. Sr. Dr. Antonio da Costa Pinto Silva. 16 de setembro de 1868. Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul.

¹⁶¹Auto de Perguntas feitas ao Tenente Pedro Nicolau da Silva Telles. Secretaria de Polícia, maço 67, 26 de fevereiro de 1870. Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul.

¹⁶²*A Reforma*, 27 de fevereiro de 1870, p.3.

não receberia ordens de paisanos¹⁶³. Segundo Moreira, “os atritos entre policiais e soldados do Exército foi uma das preocupações mais freqüentes das autoridades provinciais, principalmente num período ainda caracterizado pela confusão de papéis a serem desempenhados por ambos os corpos, na manutenção da ordem pública”¹⁶⁴, tanto que em 1878 o presidente da Província declarava que:

Fruto de antiga e talvez invencível rivalidade, que a severa disciplina do Exército mau continha, os conflitos entre a força pública e a de polícia vão tomando tal caráter, proporções tão extraordinárias e violentas, que reclamam do governo e dos chefes militares a mais séria atenção.¹⁶⁵

A Reforma justificava que o problema teria sido causado pela postura das autoridades, criticando os atos do chefe de polícia que, sempre tão brando, tem se mostrado capaz de posturas violentas, como o do caso em questão, mesmo que essas tenham sido tomadas por seus subordinados. Apesar de ter feito cumprir a lei, publicando os editais de proibição do jogo, as autoridades teriam se equivocado ao quererem proibir o entrudo doméstico, ao invés de se preocuparem com o público, que era o gerador de problemas.

O Sr. Chefe da Polícia anda se querendo mostrar deverás rigoroso!
S. S. tão melífluo, tão elegante, nunca nos pareceu próprio para papéis terríveis; mas pelo que se vê, vai pondo os braços de fora, ao menos por seus agentes.
Mandou S.S. publicar um edital, fazendo constar a disposição das posturas municipais que proibem o jogo, chamado de entrudo!
Até aí foi muito bem; era uma disposição legal, fê-la conhecida e devia torná-la obrigatória.
O que, porém, o Sr. Chefe da Polícia não podia e nem pode proibir, é que as famílias no interior de suas casas, divirtam-se do modo que muito bem queiram.
Na porta do domicílio do cidadão cessa a jurisdição da autoridade, sempre que a ordem pública não seja alterada; mas n'esses casos extremos não depende a jurisdição de simples vontade.
O Sr. Chefe da Polícia com seus agentes não entendem a coisa assim, e com tal furor, tão cegos se atiram aos jogadores do entrudo, que em lugar de proibirem que se lancem bacias d'água do alto das janelas e publicamente nas ruas, endireitam-se a querer multar os que, no uso do seu direito legítimo, jogam o entrudo com as famílias de sua amizade e no interior das casa!¹⁶⁶

¹⁶³Secretaria de Polícia, maço 67, 26 de fevereiro de 1870. Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul.

¹⁶⁴MOREIRA, Paulo. Op. Cit., p.55.

¹⁶⁵Relatório do Presidente da Província – A. 7.15 – Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul. Apud: MOREIRA, Paulo. Op. Cit., p.71.

¹⁶⁶*A Reforma*, 27 de fevereiro de 1870, p.3.

O periódico era, portanto, contra a proibição de que as pessoas, dentro de casa, jogassem o entrudo. Condenava apenas aqueles que perturbavam a ordem pública, tal como os que lançavam bacias de água das janelas. O aumento populacional pode ter sido um dos fatores que justificava essa posição, pois o entrudo público, apesar de ser uma brincadeira feita por quem se conhecia e tinha certo grau de relacionamento, tornava-se um incômodo, um problema quando jogado entre estranhos e que não estavam dispostos a entrar na folia. O periódico *A Reforma*, a respeito da brincadeira no ano de 1873, anunciava que “não nos consta que se tivesse dado fato algum de gravidade, em que tivesse de intervir a polícia. Houve, porém, muita disputa, muita queixa, muita reclamação, de uns que queriam molhar, e de outros que não queriam ser molhados”¹⁶⁷.

Desta forma, o que causaria danos e malefícios para a população e para a cidade, seria o jogo público, e esse sim é o que deveria ser coibido.

Julgamos pernicioso o entrudo especialmente o público, do meio das ruas sem respeito às conveniências, á saúde dos transeuntes, e na maior parte das vezes brutal – pelo emprego das bacias d’água, tinta, etc; mas ninguém pode proibir que as famílias, que os cidadãos dentro de sua casa, com as pessoas de suas relações, esmaguem todas as laranjinhas presentes e futuras!

Mais respeito ao lar doméstico, a que se deve recato e consideração!

Ah, Sr. Chefe da Polícia, se fossemos moças havíamos de fazê-lo convidar a qualquer reunião a nossa casa e depois molhá-lo, bem molhadinho, para que abrandasse mais seu terrível arreganho!

E fique certo que então em pouco tempo, S. S. tão galanteador, seria o mais terrível jogador de entrudo!¹⁶⁸

Deve-se atentar para o fato do jornalista ter dito que se fosse mulher haveria de molhar o chefe da polícia para abrandar suas violentas ameaças e que, em virtude disso, ele tornar-se-ia um feroz folião, passando a jogar entusiasticamente o entrudo e abandonando a rígida perseguição que fazia, mesmo contra aqueles que brincam no aconchego de seus lares. Além disso, a expressão do jornalista deixa transparecer uma proibição subjetiva de que um homem pudesse molhar outro e que o jogo era realizado entre homens e mulheres. Não seria, portanto, de bom tom um homem molhar a outro¹⁶⁹.

¹⁶⁷ *A Reforma*, 27 de fevereiro de 1873. Apud: LAZZARI, Alexandre. Op. Cit, p.20.

¹⁶⁸ *A Reforma*, 27 de fevereiro de 1870, p.3.

¹⁶⁹ Não encontramos referências sobre regras do jogo em relação ao gênero, se homens não poderiam molhar outros homens, somente mulheres. Em relação a elas há referência de mulheres brincando com mulheres. Sabe-se que escravos não podiam molhar seus senhores e sim brincar somente entre eles. Cf. FRANCO, Sergio. Op. Cit., p. 100.

O jornal *A Reforma* queixava-se de uma nota que teria sido publicada pelo periódico *Riograndense*¹⁷⁰ que afirmava ser falso o conteúdo da notícia publicada por ele. O jornal do Partido Liberal então se defendeu:

Por nossa vez declaramos que – falsa é a comunicação, porque se afastou inteiramente da verdade!

O que afiançamos foi o que se passou e podemos prová-lo com muitas testemunhas que nos referiram o fato.

Na ocasião em que os fiscais, acompanhados de seu cortejo de soldados, foram cometer o desacato à porta da casa da família do oficial, não se achava este jogando entrudo, estava recolhido e muito tranqüilamente conversando.¹⁷¹

Além de denotar as rivalidades existentes entre os jornais e a solidariedade destes com seus grupos de apoio – como, por exemplo, a aliança polícia/Riograndense – a nota demonstra o quanto a brincadeira mexia com a rotina e com o viver das pessoas na antiga Porto Alegre. Para nós, contudo, o mais interessante é a parte que se segue, quando o jornalista tenta esclarecer porque achou a prisão um desacato policial: quando os oficiais chegaram à casa dessa família, eram duas mulheres que estavam saindo para brincar o entrudo na casa de amigas, e isto não seria crime, haja vista estarem elas no interior do domicílio.

A despeito disso, a brincadeira feita em casa parecia ser um costume bastante comum e, até mesmo tolerada, sobretudo se jogado pelas moças. Em contrapartida, o jornal que defende esse tipo de jogo, recomenda maior rigor com a repressão do entrudo em público.

O que os fiscais podiam ter visto, foi o que dissemos ontem, isto é, que duas moças d'esse família tinham ido à casa vizinha molhar uma suas camaradas. Isto não constituía infração de postura, porque passou-se fora do alcance das posturas, no interior do domicílio, e portanto os fiscais nada podiam fazer, o seu ato foi ilegal e atentatório.

À tarde, esse moço havia com muitos outros jogado e nas mesmas circunstancias já apontadas, mas a essa hora os fiscais - nada fizeram – e, nem mesmo podiam fazer; guardaram-se para a ocasião em que só um indivíduo lhes pudesse cair nas garras, inda que para isso excedessem suas funções e cometessem uma grosseria – que nem nossas leis, nem nossos costumes podem admitir.

Esta é a narração fiel dos fatos!¹⁷²

É curioso perceber que, ao explicar que eram duas moças que iam brincar, o jornalista pareceu estar dizendo: ah! Eram duas moças a jogar o entrudo e isso não é crime, moças

¹⁷⁰ Não constam aqui as notas publicadas pelo *Riograndense* porque não estavam elas disponíveis para pesquisa.

¹⁷¹ *A Reforma*, 02 de Março de 1870, p.3.

¹⁷² *A Reforma*, 02 de Março de 1870, p.3.

jogando o entrudo, tudo bem! Essa referência nos remete para o conceito de *habitus* proposto por Bourdieu. Para ele, o *habitus* “produz práticas e representações que estão disponíveis para a classificação, que são objetivamente diferenciadas”¹⁷³. Neste sentido, é que a propósito de uma roupa, “de um móvel ou de um livro, nós dizemos: ‘Isso é coisa de pequeno burguês’, ou ‘Isso é coisa de intelectual’”. Assim, o entrudo – “isso é coisa de mulher” – também pode ser apreendido como um *habitus* feminino, que enquanto sistema de esquemas de classificação está objetivamente referido, através dos condicionamentos sociais que o produziram, a uma condição social”¹⁷⁴.

Além disso, o jornalista afirmava que o que estava sujeito a multas ou prisões seria a brincadeira pública e não se feita no interior das residências. Apesar de as posturas não se referirem ao jogo público ou privado e apenas dizerem que ele era proibido, como vimos no edital, os articulistas do jornal *A Reforma* defendiam o entrudo doméstico e condenavam somente o praticado nas ruas.

Novamente a idéia de uma certa vulnerabilidade por parte dos policiais é apresentada. Segundo o jornal, estes não foram cumprir seu dever quando todos estavam a jogar, mas sim quando já se achavam dispersos, efetuando a prisão de somente um. Além de questões pessoais que podiam estar em jogo, isso denota a fragilidade dos fiscais, que não poderiam controlar o enfurecer das massas, optando por fazer cumprir as posturas municipais quando estas já estavam espalhadas.

Confirmando sua postura de condenação ao jogo do entrudo no espaço público e de tolerância ao jogado em casa, o jornal *A Reforma* criticava a postura repressiva da polícia, sobretudo por considerar que o retorno desta brincadeira, em grande parte, devia-se às próprias autoridades locais que, no ano anterior haviam ignorado o Código de Posturas e brincado livremente, dando ao povo um exemplo a ser seguido, uma vez que a lei valeria para todos. Afirmava o jornal que:

Não somos apologistas dos brinquedos de entrudo pela antiga forma, mormente quando da casa passam para a rua e são executados com maneiras brutais; no caso vertente, porém não podemos deixar de dar razão ao povo, não por espírito “revolucionário” e de “anarquia”, mas sim por justiça e equidade.

¹⁷³BOURDIEU. Coisas... Op. Cit., p.158. e 159.

¹⁷⁴Ibid, p. 159.

Estavam adormecidos os jogos de entrudo; pálida e descorada festa só fazia com meia dúzia de máscaras; o povo não se divertia mais, porém, também não brincava mais com água e limões de cheiro.

A lei havia triunfado de um velho e inveterado uso que finalmente estava sendo esquecido.

No ano passado, porém, houve quem quisesse brincar de entrudo, e quem soubesse convencer o Sr. Coelho Bastos da completa “inocência” d’esse brinquedo e da necessidade e de abrogar de fato uma postura absurda.

Com tácito consentimento da polícia (pois que o Sr. Coelho Bastos também brincou e não pouco), reviveu o entrudo.

Por essa ocasião, o então órgão dos liberais fez algumas observações sobre o escândalo dado pelas primeiras autoridades da província, que estavam mofando das posturas municipais, e o contemporâneo do “Riograndense”, que na ocasião ainda não fazia parte da polícia e gostava também de brincar, respondeu com molejos, aprovando o procedimento das autoridades, o que, aliás, era e é o seu ofício.¹⁷⁵

Novamente o jornalista retomava a presença da ex-marquesa na brincadeira, lembrando que fora ela que convencera o chefe da polícia da “completa ‘inocência’ d’esse brinquedo e da necessidade e de abrogar de fato uma postura absurda”. Além disso, o articulista do jornal ao afirmar que a brincadeira estava adormecida, deixa saber que, na opinião dele, “o povo não se divertia mais”, pois a “justiça triunfara”, informando o grau de popularidade do entrudo que encantava significativa parcela da população.

Já comentamos anteriormente o fato de *A Reforma*, sendo um jornal liberal, denominar o marido da ex-marquesa, então presidente da Província, de Sátrapa, numa crítica ao governo imperial. No Rio de Janeiro, os jornais, freqüentemente, associavam o entrudo ao Império, fazendo duras críticas a eles. Note-se que tanto D. Pedro I, quanto seu filho D. Pedro II, parecem ter sido ardorosos jogadores¹⁷⁶ e, aos olhos de quem defendia o novo carnaval, o gosto dos monarcas por tal divertimento parecia “contribuir para que o entrudo, monarca destronado, persistisse comandando o Carnaval nas ruas”¹⁷⁷. Assim, a tentativa de identificar o jogo com o imperador indicava que “a monarquia já era vista, em pleno contexto do abolicionismo e da propaganda republicana, como algo tão arcaico quanto o velho entrudo, que se combatia em nome da civilização e do progresso”¹⁷⁸. Aqui, a imagem entrudo/império, a fim de criticá-los, era atrelada a uma mulher, nossa ex-marquesa, a quem foram atribuídas características que não

¹⁷⁵ *A Reforma*, 01 de março de 1870, p.3. Para FERREIRA. Op. Cit., p.15e LAZZARI. Op. Cit., p.54, encontra-se no *Jornal do Comércio*, 1870.

¹⁷⁶ VALENÇA, Rachel. Op. Cit., p.14.

¹⁷⁷ CUNHA, Maria. Op. Cit., p.54.

¹⁷⁸ Ibid., .54.

deviam ser seguidas pelas “humanas filhas do Rio Grande”. Deslegitimavam não apenas o comportamento daquela mulher, como também a permanência do entrudo e do império, confirmando, como afirma Heeers, que “reflexo brilhante de civilizações e de culturas, a festa não pode ser olhada, em caso algum, independentemente do meio social e político em que decorre”¹⁷⁹.

Para o jornalista, entretanto, a proibição do jogo do entrudo só valia para a “arraia miúda”. Enquanto fora jogado em palácio, por pessoas da alta sociedade porto-alegrense, não era perseguido. Quando praticado fora destes círculos privilegiados, rigor no caso. Assim, criticava-se que

Passa-se um ano e mudam as cenas: hoje já não se brinca de entrudo em palácio, e, portanto rigor no caso.

Aí vão ordens, editais, arreganhos policiais e palavras severas e moralizadoras do órgão policial; o Entrudo é proibido, não se deve brincar, porque d’esta vez não há Entrudo em palácio! O povo, porém, entendeu o caso de maneira diversa, e as moças, sobretudo, que às vezes dispõem de inexcedível lógica, disseram lá com os seus botões:

“Ora qual! Seu Coelho Bastos! V. S.a o ano passado brincou e deixou os mais brincarem; V. S.a e a roda palaciana de então foram os que fizeram reviver o Entrudo, já esquecido e sepultado; agora tenha paciência que nós não estamos pelos autos e queremos brincar, porque isto de lei é invariável e não é feita para os meros caprichos das autoridades!”

E zás! Um banho de cheiro no Sr. Chefe, um balde de água no Sr. subdelegado, um fiscal submergindo n’um tanque...

E peguem-lhes com um trapo quente.

O povo também tem a sua lógica, e por isso entende que, se no ano passado o Sr. Chefe e a roda palaciana fizeram reviver o entrudo, não o podem proibir n’este ano, tanto mais quanto, o sr. Chefe da Polícia também gosta, e ainda proibindo o entrudo, joga mui honradamente o seu limãozinho de cheiro...¹⁸⁰

A Reforma apresenta as moças – possivelmente influenciadas pela postura da ex-marquesa – como as principais autoras, as líderes da reivindicação para que se jogasse o entrudo naquele ano. A postura dos palacianos – que aproveitaram alegremente entrudo no ano anterior sem nenhuma punição – poderia ter influenciado o povo que, desacatando as autoridades, voltara a jogar entusiasticamente. Agnes Heller afirma que um dos fatores gerais que estruturam os papéis sociais é a imitação. Para ela, o “homem é capaz de imitar não apenas momentos e funções isoladas, mas inteiros modos de conduta e de ação”.¹⁸¹ Talvez por esse motivo, a postura

¹⁷⁹HEERS, Jacques. Op. Cit., p.11.

¹⁸⁰*A Reforma*, 01 de março de 1870, p.2.

¹⁸¹HELLER, Agnes. *O Cotidiano e a História*. Paz e Terra: São Paulo, 1970, p.88.

da ex-marquesa tenha tido tamanha repercussão e causado o retorno da brincadeira com tanta força, pois “mesmo a vida social mais elementar seria inimaginável sem imitação”¹⁸². Deste modo, mesmo que não consigamos encontrar referências diretas dos agentes sociais sobre a influência do comportamento da ex-marquesa a respeito do retorno das práticas entrudescas, a nota do periódico *A Reforma*, transcrita acima, aponta para esta realidade: o entrudo jogado nos círculos palacianos despertara o jogo das ruas, do povo, e a postura condescendente da polícia – que no ano anterior teria inclusive participado da brincadeira – levava a uma quebra da autoridade. De que maneira o Sr. Coelho Bastos queria impedir o jogo de entrudo se o próprio havia se entregado a tais diversões? Ademais, muitos de nossos comportamentos sofrem influências exteriores e isso seria, inclusive, típico de nossos modos de conduta.

Pudemos, portanto, analisar neste capítulo as relações que foram estabelecidas entre as comemorações carnavalescas sob a forma do entrudo e a maneira como a sociedade porto-alegrense se apropriava e enxergava essa festa, a fim de render preito ao deus Momo. Foi possível, também, adentrarmos no universo de cinco casos de “mulheres entrudeiras” o que, além de demonstrar que elas participavam ativamente da folia, nos fez compreender os entremeios que povoavam essa sociedade e sua forma de ver e entender o mundo em que viviam.

O primeiro episódio foi o da ex-marquesa, nossa *estrangeira*, que além de reviver a brincadeira, o fez num espaço impróprio, rompendo com as fronteiras e os espaços destinados às mulheres. Ao brincar o entrudo público ela se apropriou de uma linguagem subversiva, indo de encontro aos ideais culturais estabelecidos para as figuras femininas, sendo por isso desclassificada moralmente.

Os próximos dois, foram das *mocinhas de família*: o primeiro, dos relatos de viajantes, que demonstra que a brincadeira era praticada, sobretudo, com a proteção das janelas e do quintal; o segundo, as duas moças que saíram para entrar na casa de amigos. Em ambos, o jogo ocorreu dentro dos domicílios, na proteção do lar, onde a ordem estava estabelecida e a linguagem era a da moral, não apresentando risco àquilo que consideravam legítimo às mulheres durante o reinado momesco, não sendo, em nenhum deles, usados adjetivos pejorativos por suas participações na brincadeira.

Maria Antônia, a *meretriz*, nosso único exemplo das classes populares, que nos mostrou o quanto estas também apreciavam esse folguedo, e procuravam se enquadrar, pelo menos na

¹⁸²Ibid, p.87.

forma de discurso, nos moldes estabelecidos para as mulheres durante a festa. Maria Antonia, apesar de meretriz e com sua profissão romper com os ideais de virgindade e honra que eram construídos para as mulheres, quando foi brincar o entrudo, o fez no espaço privado, não transgredindo as noções de comportamento tido como adequado às humanas filhas do Rio Grande.

Por fim, o último episódio, o das mulheres – as *líderes* – que reivindicavam a continuação da brincadeira. Mesmo que hipotético, deixa-nos observar que – pelo menos sob o olhar da imprensa – eram elas as maiores entusiastas com o jogo do entrudo e que essa prática parecia estar arraigada em seus *habitus*.

CAPÍTULO II

JÁ É O CARNAVAL: vem à luz Esmeralda e Venezianos e o ideal de passividade feminina

Como vimos, o entrudo era alvo de uma série de críticas por parte dos jornais da capital que o consideravam um jogo bruto, não condizente com o comportamento que as filhas da terra deveriam ter; apelavam para o fato de que tal prática poderia, inclusive, ser fonte de doenças e epidemias, a fim de desestimular os foliões de jogá-lo. Essa reforma de costumes, reivindicada pelos periódicos, implantaria novas formas de se brincar a festa de Momo e novos comportamentos, tidos como mais adequados, para as humanas filhas do Rio Grande. Desta forma, este capítulo pretende abordar o surgimento das sociedades carnavalescas e desse novo modelo de festa que, entre seus objetivos, pretendia propor novos lugares e condições para a participação das mulheres nos festejos momescos, passando de um envolvimento mais ativo nas brincadeiras entrudescas para uma postura de meras expectadoras nos carnavais das sociedades.

2.1 – Surgimento de Esmeralda e Venezianos

Ao iniciar essa pesquisa, partimos do pressuposto de que queríamos ouvir as vozes femininas. Isso, num primeiro momento, nos fez querer ignorar tudo o que dissesse respeito aos homens, nos importando apenas com o que nos desse acesso aos mundos femininos. Inserido nessa perspectiva, estava o surgimento das sociedades carnavalescas, pois essas foram “iniciativas masculinas para conferir ao carnaval um significado e uma forma diferente das práticas do entrudo”¹⁸³.

Contudo, com o decorrer do trabalho, percebemos que um (as mulheres) não pode ser entendido sem o outro (os homens): primeiro, porque a maioria dos vestígios que temos delas, provém deles; segundo, pois estudar as mulheres é também entender a imagem que os homens fazem delas, uma vez que, estamos procurando entender o que significava ser mulher (e com isso o que a ela era permitido) no passado, já que o “gênero é o elemento constitutivo das

¹⁸³LAZZARI, Alexandre. Op. Cit., p.89.

relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos e o gênero é o primeiro modo de dar significado às relações de poder”¹⁸⁴. Assim, foi preciso buscar elementos que nos fizessem entender o surgimento dessas duas sociedades e, com elas, de um discurso sobre a participação feminina no carnaval.

Em suas existências, os homens participam de múltiplos grupos sociais, “complexos associativos ou societários baseados nas preferências dos indivíduos que os integram, ou seja, na vontade ou livre de arbítrio, e que formou uma associação deliberada por seus participantes para a consecução de certos fins”¹⁸⁵. Uma sociedade carnavalesca seria, portanto, uma associação, um desses inúmeros grupos sociais dos quais o homem participa e no qual, juntamente aos demais que com ele há congruências, estabelece normas de conduta para atingir um determinado fim. Mas quem seriam os homens que constituíram Os Venezianos e Esmeralda?

Entre os esmeraldinos encontravam-se modestos funcionários públicos, comerciantes, major da Guarda Nacional, moços relativamente pobres: empregados públicos, estudantes, intelectuais. Já os venezianos eram pertencentes às famílias mais abastadas, membros do alto comércio e pessoas ligadas a atividades financeiras e empresariais¹⁸⁶. Essa condição mais modesta dos esmeraldinos nunca fora, segundo Lazzari, apontada como desprestígio, “todos os cronistas fazem questão de declarar que ambas as associações igualaram-se em excelência na tarefa de acabar com o entrudo e promover um carnaval brilhante”¹⁸⁷. Em um artigo publicado no periódico *Mercantil*, um articulista ressaltava as diferenças sociais existentes na Esmeralda, estando o “profano enrodilhado com o sagrado”, mas sem desmerecer, nem tirar o brilho dessa sociedade:

Encanta a sua espécie de democracia, com quanto no seu baile transpareçam uns loges de luxo e aristocracia. Mas enfim, ali está o profano enrodilhado com o sagrado, e por isso desculpa-se.

A Esmeralda apresenta-se sempre feliz, ostentando também em parte de seus sócios certo luxo, que coaduna se perfeitamente com a simplicidade gentil da outra parte, sem contudo desaparecer a elegância e bom gosto nos vestuários de todos.¹⁸⁸

¹⁸⁴SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria de análise histórica. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v.16, n.2, jul/dez 1990, p.14.

¹⁸⁵SICHES, Recásens. *Tratado de Sociologia*. Editora Globo: Porto Alegre, 1968. p.505.

¹⁸⁶Cf. LAZZARI, Alexandre. Op. Cit., p.87.

¹⁸⁷Ibid, p.87.

¹⁸⁸*Mercantil*, 01 de março de 1879, p.1.

A constituição social dessa associação abrangia, portanto, tanto elementos pertencentes das camadas mais abastadas quanto indivíduos que, apesar de apresentarem condição mais modesta, vestiam-se e partilhavam da mesma elegância e bom gosto.

Como vimos, uma sociedade carnavalesca, por exemplo, surge da “organização de seres sociais (um corpo de seres sociais organizados) para a perseguição de um ou mais interesses em comuns. É uma unidade social determinada construída sobre a base de um objetivo”¹⁸⁹. Quais seriam os objetivos de reunirem-se um seletivo grupo masculino de habitantes da capital da Província de São Pedro, a fim de formar uma associação cultural que festejasse o carnaval?¹⁹⁰

Desjenais¹⁹¹, na coluna *Folhetim* do Jornal *A Reforma*, no Domingo de carnaval do ano de 1873, saudava a festa, como “o dia da folia, da loucura, do regozijo, da mais ampla liberdade. Momo, com seus guizos e suas caretas, atordoa a humanidade inteira”¹⁹²; discorrendo sobre suas origens, de Veneza, onde ali “o carnaval imperou e enraizou-se com em nenhuma parte alguma do mundo, [sendo que] foi ali, na Rainha do Adriático, que a festa carnavalesca alcançou o maior grau de magnificência e brilhantismo”¹⁹³, passando de “Veneza a Milão, de Milão a Roma, de Roma a Floresça a viagem é curta, e o Carnaval ali floresceu. Depois introduziu-se por todas as cidades da Europa, até que afinal chegou à América. Até os ingleses, povo que não gosta de expansões, se entregam às alegrias do Carnaval”¹⁹⁴. Dessa forma, Desjenais anunciava que “quase todos os povos conservam o uso de tripudiar de prazer nestes dias de verdadeira folia”¹⁹⁵ e que até o carnaval do Rio de Janeiro já tinha “*interesse e importância*”¹⁹⁶, ou seja, sociedades carnavalescas. Lá já havia

¹⁸⁹SICHES, Op. Cit., p.507.

¹⁹⁰Estamos aqui tomando as sociedades carnavalescas como um ente organizacional único por estarmos analisando os aspectos singulares que levaram a formação dessas associações. Acreditamos, entretanto, que essas instituições também precisam ser entendidas em seus aspectos díspares, nas características que as diferenciavam e que faziam com que elas se vissem e fossem vistas como Venezianos e Esmeralda.

¹⁹¹Desjenais era o pseudônimo de Joaquim Antônio Vasques. Foi pagador do Exército na Guerra do Paraguai, Inspetor Fiscal da Fazenda Provincial até 1879 e deputado provincial pelo Partido Liberal de 1873 a 1876. Foi homem de confiança de Gaspar Silveira Martins, o cacique supremo dos liberais gaúchos, sendo seu Oficial de Gabinete quando este esteve no Ministério da Fazenda do Império em 1878. MARTINS, Ari. *Escritores do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Ed. UFRGS/IEL, 1878. Segundo Lazzari, “não consta que ele houvesse participado da fundação da Sociedade Carnavalesca Esmeralda em 1873”. LAZZARI, Alexandre. Op. Cit., p. 85. Entretanto, o mesmo foi sócio e chegou a presidir a sociedade na gestão de 1880/1881. *Mercantil*, 16 de fevereiro de 1880, p.2

¹⁹²*A Reforma*, 23 de fevereiro de 1873. Apud: FERREIRA, Athos. Op. Cit., p.20.

¹⁹³*A Reforma*, 23 de fevereiro de 1873. Apud: FERREIRA, Athos. Op. Cit., p.20.

¹⁹⁴*A Reforma*, 23 de fevereiro de 1873. Apud: FERREIRA, Athos. Op. Cit., p.20.

¹⁹⁵*A Reforma*, 23 de fevereiro de 1873. Apud: FERREIRA, Athos. Op. Cit., p.20.

¹⁹⁶*A Reforma*, 23 de fevereiro de 1873. Apud: FERREIRA, Athos. Op. Cit., p.20.

um grande número de sociedades carnavalescas [que] capricham na ostentação com que se apresentam em seus ruidosos passeios, na fertilidade das lembranças extravagantes, no gosto e riqueza com que preparam os teatros e as ruas por onde tem de transitar o préstito folgazão. Os três dias de carnaval são três dias de pleno regozijo, em que numerosa população sai à rua, ávida de riso e de prazer¹⁹⁷.

Desjenais expunha aos leitores os benefícios que esse tipo de festividade proporcionava, trazendo somente deleite e alegria para as pessoas. Lembrava que naquela cidade todos podiam sair à rua, sem ficar receosos “que uma seringa lhe esguiche água podre no peito da camisa; que de um sobrado lhe despejem uma bacia de água cheirosa , nem mesmo que uma elegante menina lhe atire um mimoso limão”¹⁹⁸; advertia, pois, sobre os inconvenientes do jogo do entrudo, os quais a cidade do Rio de Janeiro já não mais presenciava, já que “ali já não se conhecem esses elementos de molhadelas. Só há bisnagas de fragrantessências, que é mesmo um regalo achar um mísero mortal quem o borriфе com cheiroso líquido: só há confeitos e flores para oferecer ao sexo das gentilezas”¹⁹⁹. Mas e aqui, que festa teríamos? Segundo ele,

O Entrudo, o velho Entrudo! Pois joguemos o Entrudo! Este ano podemos brincar a vontade porque a polícia tomou a resolução de não querer mais desrespeitadas as suas ordens, e não proibiu o brinquedo. Um mês antes da Quinquaségima é preciso andar de olho vivo, e atender bem para quem está na janela; porque um pequeno descuido fazem de um homem um pinto. É um horror! Engomar-se a gente para uma visita de cerimônia e, ao dobrar uma esquina, descarregam-lhe uma dúzia de limões! Ir um homem muito sério, meditando mui filosoficamente sobre casos graves da vida, e receber em cheio uma bacia d’água! Andar curtindo os efeitos de uma constipação, atarefado no seu labor diário, suando em bicas, e ver-se repentinamente molhado, e bem molhado! Nem nos bondes já se pode andar. Esperam os carros, e, das janelas, delicadas mãozinhas tiroteiam os passageiros! Ora, melhor fora que não nos tivessem trazido este velho, de quem já havíamos esquecido; e que nos deixassem mesmo sem Carnaval. Há outros numerosos inconvenientes que poderiam ser apontados, porque o Entrudo traz sempre prejuízos físicos e morais. Há brigas domésticas, brigas públicas, dão-se más respostas, recebem-se descomposturas, quebra-se um perna, esfolia-se o nariz, - o diabo, enfim!²⁰⁰

Salientava o redator do jornal *A Reforma* todos os prejuízos que esse jogo traria para a população, tanto físicos quanto morais. Como expusemos no capítulo anterior, Porto Alegre em fins do século XIX passaria por uma higienização física e moral, que pretendia estabelecer novos

¹⁹⁷ *A Reforma*, 23 de fevereiro de 1873. Apud: FERREIRA, Athos. Op. Cit., p.20.

¹⁹⁸ *A Reforma*, 23 de fevereiro de 1873. Apud: FERREIRA, Athos. Op. Cit., p.20 .

¹⁹⁹ *A Reforma*, 23 de fevereiro de 1873. Apud: FERREIRA, Athos. Op. Cit., p.20.

²⁰⁰ *A Reforma*, 23 de fevereiro de 1873. Apud: FERREIRA, Athos. Op. Cit., p. 21.

padrões de conduta e de sociabilidade naquele fim de século e que, para nós, com essa tentativa de readequação das práticas carnavalescas teria se dado um dos primeiros passos neste sentido. Assim, Desjenais lembrava das doenças, dos machucados, das brigas públicas e domésticas, dos incômodos de se “receber em cheio uma bacia d’água” e ficar “repentinamente molhado, e bem molhado”, de todos os argumentos que foram utilizados pela imprensa para fazer com que a população desistisse do jogo do entrudo, depois da Ex-Marquesa de Monte Alegre tê-lo revivido anos atrás. Desta forma, ele conclamava as pessoas a que “trabalhemos, portanto, para acabar com o Entrudo. Olhem: no Rio Grande e Pelotas já há Carnaval. E é até vergonhosos para a mocidade porto-alegrense ter deixado a rapaziada daquelas sociedades pôr-lhes o pé na frente”²⁰¹.

Assim como, ele lembrou que “das janelas, delicadas mãozinhas tiroteiam os passageiros”, ressaltando a participação e o protagonismo das mulheres na brincadeira do entrudo, ele pedia era aos rapazes de Porto Alegre que não deixassem que os moços de outras cidades os ultrapassassem em gosto e elegância, pois tanto em Rio Grande quanto em Pelotas já se teria criado sociedades carnavalescas, ou como dizia Desjenais, “já há Carnaval”. E ainda mais: lembrava que se não fosse a licenciosidade do entrudo, que como veremos adiante oportunizava facilidades para se exercer a sexualidade, ele seria até suportável.

Se o Entrudo não passasse do bombardeio das lanranjinhas de cheiro e mesmo de alguma boa porção de pós-de-arroz, seria suportável. Mas qual! Ficamos todos doidos, e entregamo-nos com furor aos excessos da folia. Nada: precisamos acabar com o Entrudo. Temos tantos carros na cidade e uma rapaziada que se distingue por seu bom gosto e fino espírito (é preciso elogiá-la); por que não havemos de organizar uma sociedade carnavalesca que enterre para sempre o antiquário Entrudo? Apareça aí um mais corajoso, tome a iniciativa, e verá que há de ser acompanhado. Se aparecer este herói, prometo desde á endeusá-lo, num discurso ad-hoc que há de ser proferido na sexta-feira gorda de 1874, por ocasião do banquete oferecido pelo Deus Baco, em regozijo à entrada da Quaresma”²⁰².

Era preciso, portanto, um carnaval regrado. Que não trouxesse problemas tanto de ordem física, quanto de ordem comportamental e que, sobretudo, fosse feito pelos moços da cidade que, como heróis, a livrassem do “antiquário Entrudo” e fundassem uma sociedade carnavalesca.

²⁰¹ *A Reforma*, 23 de fevereiro de 1873. Apud: FERREIRA, Athos. Op. Cit., p. 21.

²⁰² *A Reforma*, 23 de fevereiro de 1873. Apud: FERREIRA, Athos. Op. Cit., p. 21

Como poderia esse novo modelo de carnaval exercer influências sobre a população de Porto Alegre, fazendo-a desistir do entrudo e aderir à nova proposta? Talvez uma permanente crítica aos velhos hábitos carnavalescos, inculcando na população os males de tal prática, poderia vir a facilitar a aceitação de novas idéias, que já presentes em campos de atitudes, em discursos proferidos que formariam os sonhos e as emoções das pessoas, tornariam isto a verdade e dariam o direcionamento para estas pessoas, abrindo, assim, o caminho para a adesão ao novo carnaval. Neste sentido, pode-se perceber, desde antes do anúncio da criação das sociedades carnavalescas, uma tentativa por parte da imprensa nessa construção de uma nova imagem para o carnaval, que ele deixasse de ser uma rude brincadeira para se tornar algo elegante e sofisticado.

Estava, destarte, o terreno preparado! Assim, com o nascimento da sociedade *Esmeralda Porto-alegrense*, em 1º de março de 1873, e da Sociedade Carnavalesca *Os Venezianos* dois dias depois (dias após ter Desjenais escrito essa coluna), os jornais saudavam essa iniciativa “como o início de uma reforma de costumes que colocaria Porto Alegre à altura da Corte e das demais cidades civilizadas do mundo”²⁰³, uma vez que a reunião desses homens para a consecução dessas agremiações tinha como objetivo máximo a eliminação do entrudo como forma de comemoração carnavalesca. Com o estabelecimento dessa nova prática, Porto Alegre passaria a ter o “Carnaval” pois, para a maioria dos cronistas locais, a festa promovida pelas sociedades representava todos os valores positivos, enquanto o entrudo era a representação de todos os males²⁰⁴, que eles vinham reafirmando desde 1870, após ter a Ex-marquesa entrudado novamente.

Em várias cidades do Brasil²⁰⁵ esse jogo era “considerado uma prática arcaica de comemorar os festejos dos Dias Gordos e pouco condizente com as aspirações de modernidade manifestadas no país”²⁰⁶. Era preciso se construir uma nova imagem ideal para o carnaval. Imagem essa que refletisse o bom gosto, o bom senso, o refinamento e sofisticação da cidade que estava a se modernizar e “nesse frenesi civilizatório não havia espaço às práticas sociais consideradas ‘grosseiras’ e ‘sujas’ como o velho entrudo”²⁰⁷. O jornal *A Reforma* saudava

²⁰³ LAZZARI, Alexandre. Op. Cit. p. 69.

²⁰⁴ Ibid., p.89.

²⁰⁵ Cf. SILVA, Zélia L. O Carnaval dos anos 30 em São Paulo e no Rio de Janeiro (de festa de elite a brincadeira popular). *Historia*, São Paulo, v. 16, 1997; PEREIRA, Leonardo A. M. Pereira, *O carnaval das letras*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, 1994; CUNHA, Maria. Op. Cit.

²⁰⁶ SILVA, Zélia L. Op. Cit., p. 186.

²⁰⁷ Ibid. p.186.

entusiasticamente a chegada desse novo carnaval que estava trazendo o progresso e a civilização para essa capital, afirmando que:

A cidade de Porto Alegre deve estar orgulhosa de reconhecer em seus filhos desta época, jovens de idéias tão adiantadas, e tão entusiastas do progresso, que não hesitaram em fazer, a porfia, tão grandes sacrifícios, a fim de extirpar do seio da mãe pátria essa feia nódoa, que a envergonhava aos olhos das nações. Honra, pois, a essa mocidade que, em todos os cometimentos da esfera do conhecimento e da moralidade, não cedem a palma aos países mais antigamente civilizados, e que mais se distinguem nas vias do progresso humano.²⁰⁸

Segundo o jornal, com a chegada das sociedades e, com elas, do novo carnaval - ou da era carnavalesca²⁰⁹ - Porto Alegre se modernizava, equiparando-se aos países mais civilizados, pelo menos no se que se referia às práticas carnavalescas pois,

D'antes, quando lia as grandes descrições desta loucura imponente e maravilhosa, chamada carnaval, executada com toda verve lá pela velha Europa, eu tinha anseios, uma vontade indomável de presenciar-a e envolver-me nesse sonho encantador. Hoje não é tanta a ansiedade. O progresso da nossa capital já permite verificarmos, pelo exemplo vivo e palpável, o que é o carnaval, a grande festa, a grande folia, a única feição séria e característica da humanidade!... Sim, porque eu sustento que o verdadeiro estado normal da humanidade é - o carnaval!... Nunca ela está tão bem representada como nesses três dias de suprema exaltação.²¹⁰

O folhetinista revelava o seu anseio de querer participar de um carnaval praticado com todo calor e toda exuberância, como o era no velho continente, e que, graças aos filhos da Veneza e da Esmeralda, já podia ser presenciado aqui em Porto Alegre. Desta forma, esses homens modernos estariam trazendo para essa cidade o progresso, a civilização, os ares da modernidade representados através da folia de Momo. Cabe ressaltar que esse discurso da modernidade veiculado pelos periódicos perpassava o restante da elite da capital, sobretudo se observarmos que havia membros das sociedades que eram participantes do Partenon Literário,

²⁰⁸ *A Reforma*, 14 de fevereiro de 1875. Apud: LAZZARI, Alexandre, Op. Cit., p. 65.

²⁰⁹ As sociedades carnavalescas chegaram a instalar um “novo calendário”, passando a contar o tempo a partir do nascimento desse novo carnaval, como por exemplo, em 1878, quando Os Venezianos, em seu programa publicaram: “o programa abaixo para os festejos, com que pretende solenizar o Carnaval do ano V da era carnavalesca [...]”. *Mercantil*, 02 de março de 1878, p.3.

²¹⁰ *Mercantil*, 01 de março de 1879, p.1.

fundado em 1868, e que lá já pregavam as mesmas idéias de modernidade, que seriam difundidas através do carnaval²¹¹.

A Sociedade Partenon Literário foi uma instituição cultural criada em Porto Alegre, que funcionou entre 1868 e 1886. Nesta associação, defendiam-se ideais abolicionistas e republicanos, bem como maiores oportunidades para as mulheres e, em seus saraus literários, participava o elemento feminino.²¹² Lothar Hessel assinala que a “Sociedade empreendeu grandes causas nas quais conquistaria os galardões merecidos da alfabetização gratuita à alforria de escravos: da formação de valiosa biblioteca à emancipação cultural e social da mulher”²¹³.

É interessante perceber essa referência que se faz ao Partenon Literário e sua luta pela causa feminina. Como já salientamos, alguns de seus membros eram também sócios das sociedades carnavalescas - instituição que tinha uma posição bem diferente a respeito dessa pretensa liberdade feminina. Conforme Becker, o Partenon Literário

é um centro aglutinador de intelectuais e tem importante contribuição no campo da literatura e na vida social e cultural gaúcha. Vinculados à instituição, homens de letras do Rio Grande do Sul debatem ideais, produzem e publicam contos, crônicas, poesias e dramas veiculados na íntegra na Revista Mensal da Sociedade Partenon Literário²¹⁴.

Ao analisar as obras de autores (Apolinário Porto Alegre, Hilário Ribeiro, Artur Rocha, Joaquim Torres) publicadas na revista da sociedade, Becker afirma que os quatro autores “escrevem dramas que salientam a valorização dos laços de família e exaltam o recato no comportamento feminino, aproximando-se e tornando-se um veículo de divulgação de uma imagem de mulher enquadrada no perfil ideal”²¹⁵. Assim, a idéia de que os membros do Partenon Literário lutavam em prol da causa feminina é um tanto distorcida. O que eles faziam era defender a posição de que se deveria educá-las, instruí-las, mas dentro da noção de comportamento feminino ideal, que também seria divulgada, anos mais tarde, através do carnaval.

²¹¹Entre ele: Mighel Werna, Aquylles Porto Alegre, Cristiano Kramer, Danasceno Vieira, Nicolau Vicente Pereira, Hilário Ribeiro, Norberto Vasques, Gustavo Vianna.

²¹²Cf. LOURO, Guacira Lopes. *Prendas e antiprendas: uma escola de mulheres*. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 1997, p. 27.

²¹³HEssel, Lothar. *O Partenon Literário e sua obra*. Porto Alegre: FLAMA/IEL, 1976, p.188.

²¹⁴BECKER, Gisele. Op. Cit., p.20.

²¹⁵Ibid, p.267.

Como havíamos dito, tanto as sociedades carnavalescas quanto o Partenon Literário, além de um pretenso modelo ideal feminino, partilhavam, ainda, a idéia de tornar Porto Alegre um centro civilizado, dar-lhe os ares da modernidade. Neste momento, é válido nos perguntarmos o que é a modernidade? Domenach afirma que a modernidade lhe parece “menos um período cronologicamente definido do que uma idéia reguladora (ou desreguladora), uma cultura, um estado de espírito (conjunto de aspirações, de pesquisas, de valores) que se impõe no final do século XVIII”²¹⁶. Para Santos, a modernidade é um modo de civilização burguesa e secularizada que pode “ser caracterizada pela fé inabalável na Razão, pela crença indestrutível na idéia de Progresso e pela oposição resoluta à Tradição”.²¹⁷ A tradição é identificada por ele “aos modos de pensar, de sentir e de agir que permanecem tributários do passado, enraizados nos hábitos e nos costumes”²¹⁸.

Essa, portanto, é a forma como aqui se entende a modernidade. Não simplesmente sinônimo de modernização e progresso tecnológico, que separa as coisas em avançado e atrasado; mas, sim, como um modo de vida, o nosso ideário de civilização, que tenta buscar explicações para os problemas do cotidiano e que se definiria por um “jogo de signos, de costumes, de cultura que resultaram de mudanças técnicas, científicas e políticas ocorridas desde o século XVI”.²¹⁹

E a cidade é o espaço da modernidade, “é o corpo social cuja integridade é necessária à felicidade de cada um”.²²⁰ Por isso é interessante analisar a modernidade a partir do século XIX, “quando [ela] ganha um aspecto mais particular, que foi o da crença da modernização do meio urbano como o único caminho que levaria ao desenvolvimento pleno”²²¹. E Porto Alegre se encontra no rol das cidades que atravessaram esse processo no século XIX, passando tanto por uma reforma urbana, como vimos anteriormente, quanto por uma tentativa de introduzir novos costumes mais adequados a essa nova noção de civilização que a colocaria no caminho das grandes capitais do velho mundo, como o que ocorre com o carnaval. É nesse século que a

²¹⁶DOMENACH, Jean-Marie. Dinâmica da modernidade. *Abordagem à modernidade*. Lisboa: Instituto Piaget, 1995, p.23.

²¹⁷SANTOS, Francisco. O acaso das origens e o acaso das finalidades. In: TORRESINI, E. (Org.). *Modernidade e urbanização no Brasil*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998, p.22.

²¹⁸Ibid., p.22.

²¹⁹BAUDRILLARD, Jean. Modedernité. In: Biennale de Paris. La modernité du temps. Paris: Editions Léquerre, pp. 28-31, 1982, p.28. Apud: NASCIMENTO, Mara. No movimento do bonde, a festa e a modernidade. In: TORRESINI, E. (Org.). *Modernidade e Urbanização no Brasil*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998, p.119.

²²⁰TOURAINE, Alain. *Crítica a Modernidade*. Petrópolis: Vozes, 1998, p.24.

²²¹NASCIMENTO, Mara. No movimento do bonde, a festa e a modernidade. In: TORRESINI, E. (Org.). *Modernidade e Urbanização no Brasil*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998, p.123.

“sociedade moderna se pensa em si mesma enquanto tal, em termos de modernidade e ela é vivida miticamente”.²²² Segundo Touraine, nos séculos XIX e XX, a modernidade

não está separada de modernização, o que já era o caso na filosofia do Iluminismo, mas ela se reveste de muito mais importância num século em que o progresso não é unicamente o das idéias, mas torna-se o das formas de produção e de trabalho, onde a industrialização, a urbanização e a extensão da administração pública transtornam a vida da maioria.²²³

Para Nascimento, entretanto, haveria uma peculiaridade no “nascimento do nosso país no contexto moderno no mundo ocidental [...]: a relação íntima, direta e de amálgama entre o fenômeno urbano – somado ao progresso tecnológico e o processo de civilizar, que lhe são sempre inseparáveis – e as festas religiosas”²²⁴. Ela argumenta que a instalação de bondes na cidade de Porto Alegre se deu com o objetivo de facilitar a ida das pessoas a esses festejos, a modernização com o intuito de “estar-junto” da festa. E nós vamos mais além: não só o progresso tecnológico se deu por esse motivo, mas também uma tentativa de mudança dos hábitos, uma reformulação das práticas sociais a fim de adaptá-las às necessidades desse “novo tempo”. Mudança essa que acabou verificando-se também nas festas carnavalescas, pois o desenvolvimento pleno de uma cidade, passaria também por uma idéia de “faxina geral”, de saneamento, de cura da desordem, impondo o mesmo padrão de comportamento ideal para a sociedade, ao qual nos referimos anteriormente. O princípio desse novo carnaval é feito com o intuito de higienizar, de desenvolver, de tornar Porto Alegre uma urbe à altura das demais cidades civilizadas do mundo, seguindo os moldes do ideário da modernidade, tendo em vista a noção do inabalável progresso, na qual se estruturava sua própria concepção de mundo.

Desta forma, em 1874, os jovens das “boas famílias” irão representar essa mudança, desfilando em carros abertos, esperando o aplauso e o reconhecimento dos que os assistiam e instituindo – o que seria para eles – o verdadeiro Carnaval. Vejamos como a mudança foi percebida pelo periódico *A Reforma*:

O inconveniente jogo de entrudo foi este ano substituído completamente, nesta cidade, pelo Carnaval.

Deve-se este acontecimento às sociedades carnavalescas “Venezianos” e “Esmeralda”, que foram os iniciadores da reforma, secundados pelos habitantes,

²²²Ibid, p.123.

²²³TOURAINÉ, Op. Cit., p.71.

²²⁴NASCIMENTO, Op. Cit., p. 123.

que visando mais um progresso, firmaram a abolição do entrudo e concorreram gostosos para o abrilhantamento da festa carnavalesca. Nas principais ruas da cidade, não se viu jogar um só limão; e nas menos populosas aconteceu outro tanto.²²⁵

O entrudo, como foi visto, já tinha, no passado, sido objeto de críticas; agora, entretanto, ele era “tratado pela imprensa como o grande inimigo da civilização e do progresso dos costumes da pacata Porto Alegre”²²⁶, uma “feia nódoa” que nos “envergonhava aos olhos das nações”. O referido jornal comemorava com gosto que, naquele ano, essa prática havia sido substituída, extirpada, sendo que nas ruas mais movimentadas não se havia visto atirar um só limão. Seria a abolição do entrudo. Jogada com grande animação pela população, a brincadeira era “apontada como antiquada e bárbara tradição, recebia ataques e reclamações por parte dos jornalistas”.²²⁷

A tradição – que segundo as palavras de Santos citadas anteriormente, é identificada com os modos de ser do passado, enraizados nos hábitos e costumes – refletida no entrudo, passara a ser considerada algo inconveniente, grosseira, selvagem, sem civilização. Por conseguinte, deveria ser trocada pela inovação burguesa - o desfile de ilustres em carros decorados - que representaria o avanço tecnológico e fundamentalmente, comportamental dos habitantes da cidade de Porto Alegre rumo ao progresso. Segundo Touraine, no século XIX, a idéia de progresso era entendida como uma nova etapa da evolução humana. E ao sair do plano das idéias e sob o uso da razão passou a organizar o todo social: políticas públicas, formas de organização do trabalho, atividade de lazer, como por exemplo, no caso da maneira de se brincar o carnaval. Deste modo, as mudanças são sempre entendidas como o triunfo do moderno sobre o tradicional.

A idéia da construção de uma sociedade melhor no futuro, apresentada pelos jornais, difundia entre esmeraldinos e venezianos a convicção de que eles deveriam lutar para realizar a transformação de sua cidade. Vê-se, pois, que o espírito da modernidade permeava pelo menos uma parcela da sociedade, fazendo com que os jovens que criaram as sociedades carnavalescas – os quais muitos também participavam do Partenon Literário – tivessem a pretensão de se transformarem em sujeitos de sua história, ou seja, de pensarem que poderiam, através de sua própria ação organizada, conquistar melhorias e transformar a sociedade em que viviam, pois “ser moderno é encontrar-se em um ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, auto-

²²⁵ *A Reforma*, 19 de fevereiro de 1874.

²²⁶ LAZZARI, Alexandre. Op. Cit., p.58.

²²⁷ Ibid., p.58.

transformação e transformação das coisas ao redor...”²²⁸. E assim, também, entendia a imprensa. Vejamos:

Tudo quanto pôde realizar o bom gosto, a coragem e a emulação, viu-se pelo carnaval que acaba de passar, devido a incansável dedicação dessas filhas do progresso e da civilização, atletas pujantes do engrandecimento da nossa capital.

Os Venezianos, com o seu nunca desmedido ardor, sans peur e sans reproche, ali estiveram frementes de entusiasmo, trazendo-nos á imaginação umas idéias do que pode ser essa Veneza cheia de alegria, de placidez e de amor.

[...]Não menos digna é a Esmeralda. Aquilo é uma epopéia riquíssima de prazer, de franqueza e de mimo.²²⁹

As filhas do progresso, Esmeralda e Venezianos, com paixão, energia e requinte, na ótica do jornalista, fizeram de tudo para engrandecer a capital e trazer para cá a civilização já vista na Europa, recriando e fazendo com que os porto-alegrenses pudessem sentir o que era o júbilo de Veneza.

Segundo Santos, na argumentação da modernidade a história é a lógica da superação, tudo deve mudar e “é como consequência desse sentido progressivo que o que se encontra mais próximo do fim do processo, isto é, aquilo que é mais avançado ou mais desenvolvido é também mais valorizado: o mais avançado é o que melhor corresponde ao ideal de emancipação ou, o que é a mesma coisa, ao ideal de realização da civilização”²³⁰. Ainda segundo o autor, esse ideal é “desde o século XIX, confundido, consciente ou inconscientemente, com a forma do homem europeu moderno”.²³¹ Desta forma, o carnaval também deveria mudar, e na concepção dos articulistas dos jornais, o carnaval das sociedades deveria ser muito valorizado, por ser mais desenvolvido, avançado – em contraposição ao grosseiro e rude entrudo – e, portanto, representar o ideal de civilização, já praticado em outros países do mundo, numa idéia de história teleológica da humanidade. Esse trecho também evidencia uma noção de caráter impositivo da modernidade, onde o centro (países desenvolvidos/ Europa) seria o modelo para as demais sociedades, ou seja, para a periferia. Entretanto, de acordo com Lazzari, “em vez de realizar a tão sonhada modernização e homogeneidade de costumes que os jornalistas e intelectuais porto-alegrenses”²³²

²²⁸BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar*. São Paulo: Cia das Letras, 1986, p.15.

²²⁹*Mercantil*, 01 de março de 1879, p.1.

²³⁰SANTOS, Francisco. O acaso das origens e o acaso das finalidades. In: TORRESINI, E. (Org.). *Modernidade e urbanização no Brasil*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998, p.26.

²³¹*Ibid*, p.26.

²³²LAZZARI, Alexandre. *Op. Cit.*, p.54

sonhavam, o carnaval das sociedades carnavalescas, na verdade, reforçou e cristalizou diferenças e preconceitos, ao mesmo tempo em que expressou as “rivalidades pessoais e políticas de seus protagonistas”²³³.

No Brasil, é usual a idéia de um projeto de modernidade inacabada. Esta concepção coloca a industrialização como “fator por excelência da homogeneização das diferenças”²³⁴ que permitiria aos países subdesenvolvidos um dia tornarem-se desenvolvidos. Isso, entretanto, seria uma visão um tanto limitada da modernidade, pois ao associar a

modernidade única e exclusivamente a fatores de ordem técnica, confunde um processo mais geral, relacionado a um dado modo de civilização – a modernidade – com a aplicação de políticas de reforma econômica, social, administrativa, urbana, etc. Dito de outro modo: a idéia de modernidade se confunde com uma concepção puramente endógena da modernização, tendo como contrapartida uma visão nostálgica e romântica do rural, uma espécie de ‘mito do campo’.²³⁵

Tal visão nostálgica e romântica do rural, apelando às tradições, pode ser nitidamente percebida na fala de Xilocomã, articulista do jornal *A Reforma*, visão esta traduzida no descontentamento com a substituição do velho entrudo pelo novo carnaval. Xilocomã vê no novo carnaval os reflexos da modernização, de avanços técnicos e científicos, e de uma forma negativa, o que gera nele uma visão nostálgica do campo, ou o mito deste. Em um artigo publicado no referido periódico o articulista escreveu o seguinte:

Mas, amigo Maneco, a grandeza encobre o crime.
O modernismo é do carnaval; quem não é sócio da Esmeralda ou dos Venezianos não é filho de boa gente.
O carnaval tem a seu favor o voto da imprensa, dos comerciantes, das modistas, dos alugadores de carros, dos empresários de teatros, dos *vendedores de flores*, dos cabeleireiros; e o entrudo tem contra si a perseguição da polícia; a condenação do Sr. Dr. Ledo Vega que, apesar de distinto mocetão, tem medo das molhadelas; a reprovação unânime dos homens sérios que calçam máscaras e usam barbas postiças!
Pobre entrudo, heróico carnaval!... Diria o gênio da moderna eloquência acompanhando o voto da opinião!
Pobre entrudo, heróico carnaval!... Dirão todos, menos eu!...²³⁶

²³³ Ibid, p.54.

²³⁴ PEREZ, Lea. Notas reflexivas sobre a modernidade e a cidade. In: TORRESINI, E. (Org.). *Modernidade e urbanização no Brasil*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998, p.18.

²³⁵ Ibid, p.18.

²³⁶ *A Reforma*, 18 de fevereiro de 1875. Apud: LAZZARI, Op. Cit., p.84.

Lazzari já ressaltava como era “curioso o modo como via [Xilocomã] o ‘modernismo’ no carnaval sob um juízo negativo, relacionado a diversas atividades que impulsionavam a vida urbana, como a imprensa, o comércio e os empresários de diversões”²³⁷. Neste sentido, cabe ressaltar que o sucesso do carnaval das sociedades movimentava muito mais os setores da economia, com a venda de fantasias, utensílios para decoração, do que o entrudo, prática que não despendia muitos gastos. Além disso, entre as características desse carnaval moderno apontadas pelo articulista estaria a discriminação, pois só seria “filho de boa gente” quem participasse da Venezianos e Esmeralda. Xilocomã assinalava, ainda, o caráter de maior liberdade e apelo sexual presente nas brincadeiras de entrudo, ao afirmar que o chefe de polícia, Sr. Dr. Ledo Veja, apesar de um distinto mocetão, tinha medo das molhadelas, ou seja, do contato corporal entre homens e mulheres que o jogo permitia.

O jornalista percebia essa série de reformas sociais, econômicas e urbanas, refletidas no novo carnaval de modo negativo, pois “o puro e o autêntico estaria nos costumes simples do campo e do passado”.²³⁸ Nas palavras de Touraine, o que o articulista sentia era a “nostalgia do ser”, uma saudade da estabilidade da pré-modernidade, pré-revolucionária, “o princípio de unidade do mundo natural e do mundo humano, e por isso de uma visão racionalista, que não cessará de se fortalecer antes de se tornar a força principal de reação intelectual contra a modernidade”.²³⁹ Este movimento, na estética, terá voz no romantismo, numa tentativa de reencantamento do mundo.

Ainda para Touraine, a modernidade ocidental passou a ser vista como sendo uma revolução que todos os povos deviam seguir, pois dentro dessa visão teleológica da história, onde o tempo tem uma finalidade a ser atingida, a idéia de revolução está muito presente: “o historicismo e sua expressão prática, a ação revolucionária, mobilizam as massas, em nome da nação e da história, contra as minorias que bloqueiam a modernização para defender seus interesses e privilégios”²⁴⁰. Esse é o discurso aqui apresentado, apesar dos papéis dos atores sociais estarem invertidos. Queria-se uma revolução, uma revolução de costumes que permitiria a Porto Alegre ingressar no rol das cidades modernas e civilizadas. Essa transformação radical, que pretendia mobilizar a massa para romper com a antiga tradição, seria levada a cabo pela minoria,

²³⁷ LAZZARI, Op. Cit., p.84.

²³⁸ Ibid, p.84.

²³⁹ TOURAINE, Op. Cit., p.80.

²⁴⁰ Ibid, p.70.

representada por esmeraldinos e venezianos, que tinha como nobre missão trazer idéias adiantadas e civilizadas. Segundo o jornal *A Reforma*, Porto Alegre estaria vivendo uma revolução. Todavia essa

é pacífica, e contudo regeneradora; promovem-na os sócios das sociedades carnavalescas, que andam aí abaixo e acima, pondo todos em alvoroço. E é nobre a sua missão; e à população desta cidade compete agora secundar os esforços que faz a mocidade animando-a. Como os antigos paladinos da Idade Média, que batiam-se galhardamente só para receberem em troca um sorriso, ou uma lembrança grata da dama de suas afeições, assim também venezianos e esmeraldinos, à porfia, se atiram à luta, aspirando, como único galardão, a uma recepção estrondosa, a uma manifestação de simpatia; mas as suas armas são mais delicadas, e a sua causa é mais nobre que a daqueles, pois eles batem-se pela civilização, pela inoculação de idéias adiantadas, enquanto que aqueles somente o faziam para satisfazerem um capricho pessoal, sem fim algum, nobre, que os justificassem. Nós saudamos com verdadeiro entusiasmo os iniciadores e sustentadores dessa idéia grandiosa.²⁴¹

As sociedades carnavalescas estariam exercendo uma ação regeneradora nas festas de comemoração à Momo da cidade, promovendo uma revolução pacífica em prol da civilização. A idéia de revolução no trecho apresentado não é a noção de ruptura, mas sim a de evolução, com a qual Touraine também concorda. Uma revolução, mas uma revolução regeneradora. Segundo Bulhões, em um estudo sobre a modernidade na América Latina, uma das características desta é o seu caráter conservador:

não há rupturas radicais, mas tentativas de construir continuidades e recuperar raízes. Uma modernização que enseja, ao mesmo tempo, transformações que atualizem as elites locais em relação às suas congêneres européias e a preservação dos privilégios dessas mesmas elites, pois a consolidação do modernismo na América latina [...] expressa a esperança no mundo moderno, urbano e industrializado.²⁴²

A tentativa de mudança das práticas carnavalescas em Porto Alegre evidencia esse caráter. Queria-se trocar a brincadeira tradicional por outra considerada mais moderna e civilizada, inspirada em modelos europeus, já praticada na Corte que não afetaria e sim enfatizaria os privilégios dessas elites. Assim, esmeraldinos e venezianos, filhos da “boa gente”, poderiam, através dos desfiles burlescos, mostrarem suas marcas de distinção, não misturando-se,

²⁴¹ *A Reforma*, 08 de fevereiro de 1875. Apud: LAZZARI, Op. Cit., p.84.

²⁴² BULHÕES, Maria Amélia. Saudáveis oportunismos ou reflexões sobre a modernidade e a pós-modernidade na América Latina. *Estudos Ibero-Americanos*. PUCRS, v.XXVI, nº2, p.151-168, dezembro de 2000, p.156.

nem igualando-se aos populares, como ocorria no jogo do entrudo. O que, destarte, articulistas e intelectuais pregavam nas páginas de seus jornais era que, através das sociedades carnavalescas, se conseguisse “um progresso simbólico, uma cidade livre de costumes atrasados como o entrudo e adotando no carnaval os ideais do século XIX e as práticas da Corte e da civilização européia, indicando o crescimento de um novo espírito público mais auto-confiante e progressista, mesmo diante de toda a precariedade material da capital”²⁴³.

Através da análise dos artigos publicados nos periódicos da capital da província do Rio Grande, podemos perceber os elementos dos discursos sobre a modernidade presentes em suas páginas, a partir do último quartel do século XIX, no que se refere à forma que deveria ter a brincadeira carnavalesca e como seus participantes deveriam comportar-se. Assim, como foi visto, o entrudo era entendido como o grande inimigo da civilização, uma antiga e bárbara tradição, feia nódoa para cidade; enquanto o carnaval das sociedades passou a representar o progresso e a civilização, sendo impressionante a frequência com que o “novo carnaval” era associado a esses termos. A transformação deveria ser total, substituindo aquele por este. A revolução deveria ser levada a cabo pelos filhos da Esmeralda e da Veneza, permitindo a Porto Alegre, assim, ingressar no rol das cidades mais adiantadas e civilizadas do mundo. Os esmeraldinos e venezianos estariam, dessa forma, levando o progresso a Porto Alegre. Cabia aos filhos de boa gente não mais entrudarem, e, quanto aos demais, também não deveriam fazê-lo, e sim “passar a participar como espectadores, deixando-se educar e ‘civilizar’ pelos primeiros”²⁴⁴, cabendo à população “secundar os esforços que faz a mocidade animando-a”.

Desta maneira, “era o momento de [esmeraldinos e venezianos] serem reconhecidos como os mais ilustres membros da sociedade, a sua elite intelectual e moral, bem como os portadores de uma missão toda especial”²⁴⁵, que seria afastar a cidade de hábitos e costumes que a envergonhava. Segundo Pereira de Queiroz,

do ponto de vista sociológico, uma diferença flagrante separa o velho carnaval colonial do carnaval ‘veneziano’. Nos tempos do antigo entrudo, os folguedos, nas cidades tinham sido os mesmos para todas as camadas sociais. O aparecimento do carnaval ‘veneziano’ foi o sinal de uma diferenciação segundo hierarquias sócio-econômicas.²⁴⁶

²⁴³ LAZZARI, Alexandre. Op. Cit., p.107.

²⁴⁴ Ibid., p.89.

²⁴⁵ Ibid., p.90.

²⁴⁶ PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura. Evolução do carnaval latino-americano. *Ciência e Cultura*. São Paulo, 32(11): 1481, 1980.

Hermetes Araújo, em um estudo sobre as reformas urbanas em Florianópolis na Primeira República, discorrendo sobre a nova elite que ali se formou, afirma que,

estes segmentos sociais que aburguesavam seus hábitos e que produziam novos modelos de percepção e representação, demarcavam, sob novas distribuições, categorias de pertencimento e exclusão em relação aos modelos de comportamento que passaram a irradiar, de maneira mais ampla, na vida urbana da cidade. A esta burguesia, ansiosa por acender a posições que lhe garantissem situações de segurança material e prestígio, e a incorporar as modas e os hábitos que importava do Rio de Janeiro, não era mais suficiente ser branco, católico e proprietário; era preciso ser ‘civilizado’, ter ‘gosto’ e ser higienizado²⁴⁷.

Esta afirmação feita para a capital da Província vizinha pode muito bem ser aplicada para o caso de Porto Alegre e, sobretudo, à nova relação que essa elite procurava ter com o carnaval. Além de incorporar o novo hábito da Corte carioca, de desfiles e bailes à Veneza e França, esses novos ricos, através da festa, também incorporavam ideais de civilidade, higiene e bom gosto, como vimos na análise acima²⁴⁸.

2.2 - As mulheres nas sociedades carnavalescas

No ano de 1874, segundo Ferreira, Porto Alegre tivera então “um carnaval autêntico, com préstitos soberbos, bailes deslumbrantes, partidas encantadoras. E, acima de tudo, com a morte do Entrudo”²⁴⁹. Ferreira compartilha com a idéia expressa pela imprensa de que o

²⁴⁷ ARAÚJO, Hermetes Reis. *A invenção do Litoral: reformas urbanas e reajustamento social em Florianópolis na Primeira República*. São Paulo: Dissertação de mestrado, PUCSP, 1990, p. 79.80.

²⁴⁸ Na cidade de Porto, em Portugal, em fins do século XIX e início do XX há semelhanças concernentes a esse assunto. Segundo Brito, nesse período, “a perspectiva jornalística é marcada, no que se refere à festa de Momo, pela crítica negativa às práticas carnavalescas”. Segundo ela, esse aspecto crítico “girava em torno da oposição entre chamado Carnaval incivilizado e o civilizado, oposição logo associada, respectivamente, ao Carnaval popular versus Carnaval das classes dominantes”, mesmo efeito que ocorria em Porto Alegre, onde o entrudo, que vai ser denominado de carnaval popular, era o incivilizado e a festa das sociedades, das elites, era a civilizada. BRITO, Sandra. O carnaval e o mundo burguês. *Revista da Faculdade de Letras*, História, Porto, III Série, vol. 6. 2005, p.317.

²⁴⁹ FERREIRA, Athos. Op. Cit, p.22.

verdadeiro carnaval era o das sociedades carnavalescas, uma festa majestosa, extasiaste, se comparada às velhas brincadeiras das molhadelas.²⁵⁰ De acordo com a imprensa da época,

importante e agradável deve ser o passeio carnavalesco se, como é uso em todas as cidades civilizadas, os moradores ornamentarem as suas testadas convenientemente; e se, embelezarem as suas janelas com damascos e outros enfeites; e se, finalmente, em vez do limão prejudicial, jogarem flores. Os mascarados venezianos e esmeraldinos serão a nata dos moços da nossa sociedade, a boa gente da terra. E, por isso, têm direito a todas as atenções dos habitantes, aos quais cabe também de sua parte secundá-los no abrilhantamento das festas carnavalescas²⁵¹.

A exclusiva participação masculina no novo carnaval é acima evidenciada: era a nata dos moços da terra quem fazia a festa. Aos demais, cabia ornamentar, embelezar a fachada de suas casas e jogar flores para ajudar no abrilhantamento do folguedo. Vejamos a forma pela qual o jornalista apresentava os moradores que enfeitavam o frontispício de suas residências como patrióticos cidadãos:

A quadra entre o beco do Fanha e a do Arroio sobressaia nos adornos, tendo colocados sobre os postes escudos com emblemas próprios da festa.

Como nunca pode haver nada perfeito, houve uma quadra nesta rua que quis diferenciar-se das outras. Queremos falar da que medeia entre as ruas do General Câmara e beco do Fanha, que por ser habitada por pessoas desfavorecidas da fortuna estava completamente despida, excetuando as casas dos patrióticos cidadãos Srs. Cardoso e Leão, as quais achavam-se com o frontispício adornado e em frente tinham colocado postes com flâmulas.

As demais estavam pobres como Job, indicando a indigência de seus habitantes.

Coitados! Eles são tão miseráveis, isto é, tão faltos de recursos, que por isso devem ser perdoados!...²⁵²

Com a criação das sociedades carnavalescas, pretendia-se uma moralização da festa. Ao invés da proximidade, principalmente corporal, oferecida pela brincadeira tradicional, o distanciamento do préstito: agora os rapazes das sociedades desfilariam nos carros, enquanto os demais, incluindo as mulheres, assistiriam, aplaudiriam e jogariam flores ao invés do temido limão.

Segundo Joana Maria Pedro, as funções urbanas que em outras cidades do país eram exercidas por negros, no Sul – devido ao reduzido enriquecimento e escasso número de escravos

²⁵⁰ Athos Damasceno Ferreira nasceu em Porto Alegre em 1902 e faleceu em 1975. Poeta, cronista, ficcionista e historiador. Foi funcionário público estadual e exerceu também o jornalismo, sendo redator da revista ilustrada *Máscara*. Foi membro do Instituto Histórico Geográfico do Rio Grande do Sul. Cf. FRANCO, Sérgio. Op. Cit. P.171.

²⁵¹ FERREIRA, Athos. Op. Cit, p.32.

²⁵² *Mercantil*, 11 de fevereiro de 1880, p.2.

– eram feitas por brancos e mulheres. Desta forma “a redução das mulheres das elites nos papéis familiares bem como seu desaparecimento das ruas tornaram-se referências importantes na definição de distinções, uma vez que a cor da pele não poderia exercer tal função. Não bastava, portanto, ser branco e livre: era preciso ter propriedade e ser ‘distinto’”²⁵³. Se olharmos por essa perspectiva, é plausível que não fosse mais cabível às filhas da elite ficarem nas ruas jogando o terrível entrudo e sim apreciarem, de suas sacadas preferencialmente, o desfile dos rapazes das sociedades. Além disso, esse isolamento das mulheres “nas atividades de esposa, mãe e dona-de-casa tornou-se forma de distinção para uma classe urbana abastada e, também, para funcionários públicos, pequenos comerciantes e proprietários urbanos, estes desejosos de ascensão social”²⁵⁴. As maneiras de ser distinto e civilizado eram receitadas por esses homens, nas quais incluíam-se os “modelos idealizados para as mulheres, segundo os quais estas deveriam restringir-se aos papéis familiares”²⁵⁵. Lembramos que essa era a composição social de nossos “novos carnavalescos”, funcionários públicos, pequenos e grandes comerciantes que, através da festa momesca, pretendiam difundir um estereotipo de comportamento para as mulheres que pudesse lhes dar as marcas da modernidade.

Careli ressalta que entre os anos de 1850 e 1900, em Porto Alegre, “reinterava-se a crise de costumes e a crise moral como explicativa dos mais diferentes problemas”²⁵⁶, não sendo, portanto, “fortuita a insistência na qual incorriam os ‘homens do jornal’ no quesito ‘virtude’ como instrumento de combate à imoralidade e ao ócio, que na visão desses, punham em risco a acumulação viabilizada pelo trabalho para a concretização de uma sociedade civilizada e ordenada”²⁵⁷. Para o alcance de uma sociedade moderna era necessário o “desenvolvimento de condições morais e sociais adequadas àquela concepção de progresso que [os intelectuais] buscavam implementar”²⁵⁸.

Desta forma, a adequação do comportamento feminino durante o reinado de Momo, foi uma das principais preocupações e objetivos a se atingir com a introdução do novo carnaval, pois como vimos, segundo os cronistas e os jornalistas, em tempos de entrudo, eram elas ativas participantes da brincadeira. Brincadeira essa que não estava mais de acordo com os hábitos do

²⁵³PEDRO, Joana Maria. *Mulheres honestas e mulheres faladas: uma questão de classe*. Florianópolis: Ed da UFSC, 1994, p.283.

²⁵⁴Ibid., p. 31.

²⁵⁵Ibid., p.31

²⁵⁶CARELI, Sandra. Op. Cit., p. 281.

²⁵⁷Ibid, p.281.

²⁵⁸Ibid, p.134.

novo tempo. Além disso, como afirma Careli, “os papéis desempenhados pela mulher eram essenciais á sobrevivência dos grupos, o sexo feminino deveria ser controlado de forma a colocar-se sob a tutela do masculino [...]”²⁵⁹. O novo carnaval permitiria esse controle, o entrudo não. E essa foi uma das motivações para se acabar com ele, pois entre os motivos de condenação ao jogo e o porquê deveria-se substituí-lo, é que ele era uma ocasião onde poderia existir a burla da vigilância paterna e, neste momento, excessos poderiam ser cometidos e isso não seria comportamento adequado para as filhas do Rio Grande. Note-se o trecho:

Eu já não quero falar nesta liberdade de que nos apossamos de entrar por qualquer casa alheia, e ir até o quintal para molhar a sinhá, as velhas e as meninas, até que nos deitam nalguma gamela, cedendo à força de frágeis mãozinhas que nos seguram e nos roçam. O brinquedo tem outros mil atrativos, e dá lugar a episódios burlescos, aconchegos ternos, a que empreguemos com toda a sem-cerimônia um dos nossos cinco sentidos, coisa que nos é inteiramente proibida nos tempos comuns.²⁶⁰

Não só aproximações carinhosas, mas alguns exageros eram cometidos em tempos de entrudo, como o tocar dos corpos de que nos fala o jornalista. Como o contato corporal era maior, o sentido do tato poderia ser empregado com mais facilidade, o que em dias comuns era totalmente proibido. As sedução do corpo eram tidas, entretanto, segundo Careli, “como ‘maléficas’ e ‘bravias’ e as existentes no ser feminino deveriam ser controladas, pois a moral só responderia pela mulher com a condição de que essa fosse inviolável em sua dignidade”²⁶¹. O recato e o pudor eram qualidades da virtude feminina, condições essas, inexistentes na fala do jornalista, durante a brincadeira do entrudo.

Segundo DaMatta, o carnaval é um tempo extraordinário, em que as regras do cotidiano são excedidas ou subvertidas, “é basicamente uma inversão do mundo”²⁶². Durante esse período há a “oportunidade de fazer tudo ao contrário: viver e ter uma experiência do mundo como excesso”²⁶³. Seguindo esse raciocínio, mesmo que o autor esteja se referindo à festa carioca atual, percebe-se que o carnaval é, justamente, um momento que facilita esse tipo de acontecimento, que se pratique atos que em tempos comuns, são inteiramente proibidos, como

²⁵⁹CARELI, Sandra. Op. Cit., p.74.

²⁶⁰*A Reforma*, 23 de fevereiro de 1873. Apud: FERREIRA, Athos Op. Cit., p. 21.

²⁶¹CARELI, Sandra. Op. Cit., p.28.

²⁶²DAMATTA, Roberto. *O que faz o brasil, Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 1984, p. 74.

²⁶³Ibid, p.73.

por exemplo, esse exercitar da libido proporcionada pelo encontro dos corpos, sempre tão condenado, principalmente em relação às condutas que deveriam as mulheres seguir.

A idéia de burla de alguns aspectos moralizantes fica, do mesmo modo, evidente nas palavras do jornalista do *A Reforma* – Xicolomã – que, entretanto, diferentemente dos demais articulistas, defende a permanência do antigo carnaval:

Ó carnaval! Ó famoso bandido e assassino dos velhos estilos dos nossos avós! Porque arrancastes barbaramente a existência ao ancião de barbas ainda úmidas das águas do dilúvio? Não vos contentais com o sacrifício do vosso rival, para sobre sua lápide gravar a injúria fatídica de jesuíta? Quem é o jesuíta - ele ou vós?

Ele entra protegido pelas sombras, no lar das famílias, é verdade; surpreende a virgem adormecida; expande-se em levandades; rompe os liames da cortesia; é indiscreto por franco; dá ao belo sexo o delírio das bacantes: porém, vós, envergais máscaras no rosto; raspais as barbas; sarapintai-vos do cabelo aos pés; tomais estranhas fisionomias; fingis; dissimulais; disfarçais; mudais de voz para não serdes conhecido.

Respondei-me agora: quem é o jesuíta? ²⁶⁴

Apesar de termos observado que o referido articulista adotava uma postura de exaltação do passado e de ver o advento do “novo carnaval” de modo negativo, novamente a idéia de uma certa liberdade sexual feminina proporcionada pela brincadeira é aqui apresentada: “dá ao belo sexo o delírio das bacantes, surpreende a virgem adormecida” e, por esse motivo, não era prudente; além de não ser civilizado, nem polido. O entrudo daria lugar a levandades e contatos corporais indiscretos, mesmo que sinceros. Observa-se que, a despeito de preferir a antiga brincadeira ibérica ao invés dos novos costumes, Xicolomã reconhecia que a mesma proporcionava licenciosidades um tanto quanto impróprias para o comportamento feminino.

Outro colunista que se refere ao entrudo como um momento de subversão da ordem sexual e do encantamento das pessoas com a festa é Achylles Porto Alegre²⁶⁵. Em suas memórias sobre o carnaval o autor, que foi membro das sociedades carnavalescas, escreve:

Não há na verdade brinquedo comparável, que espalhe a loucura, como o entrudo com água.

É um delírio e quem neles se metia, matrona ou moçoila, ancião ou mocetão, não escapava, nunca, a um mergulho no tanque.

²⁶⁴ *A Reforma*, 18 de fevereiro de 1875.

²⁶⁵ Aquiles Porto Alegre nasceu em Rio Grande em 1848 e faleceu em Porto Alegre em 1926. Foi funcionário público, jornalista, cronista, poeta. Membro da Sociedade Partenon Literário. Usava o pseudônimo de Carnioli em suas crônicas no Jornal do Comércio. Cf. FRANCO, Sérgio. Op., Cit., p.326.

O limão de cheiro então era um encanto e um pretexto para muitas coisas. Grupos havia que formavam guerrilhas e era um apedrejamento de limões às vezes raivoso e com verdadeiras intenções hostis. Mas, também, quanto moço poeta, quanto namorado maldoso, quanto D. João disfarçado não se servia do limão de cheiro para em declaração de amor espremendo-o com a intenção maliciosa, no colo ebúrneo, decotado, tentador de sua Dulcinéia encantadora?²⁶⁶

Porto Alegre, ao rememorar o festejo, ressaltava que o entrudo era pretexto para muitas outras coisas: além das guerras de limões; declarações amorosas e intenções maliciosas.

O que queriam, portanto, os promotores deste novo carnaval é que o seu tom fosse a moralidade, havia uma preocupação com o controle familiar sobre o comportamento feminino. A prudência, “era o comportamento que mais se aproximava da virtude pregada. Caberia orientar as moças a zelar por ela, mantendo sua honra e vergonha”²⁶⁷. O entrudo proporcionava a perda deste controle dos pais e também da prudência, pois durante o festejo haveria o perigo dos “abraços traiçoeiros que começam na porta da rua e iam terminar mesmo nas barbas dos senhores pais de família”²⁶⁸. Assim, “os padrões de controle do comportamento feminino objetivavam não só submetê-las à autoridade familiar, para que os ensinamentos virtuosos fossem ministrados, como também impedir seu contato com outras formas de conduta ou pensamento que viessem a corrompê-la e afastá-la do seu caminho”²⁶⁹, como por exemplo, as correrias e agarramentos da velha brincadeira das molhadelas. As novas práticas desse carnaval, que estabelecia diferentes condutas para a participação das mulheres, afastaria os perigos que o entrudo proporcionava, ajudando a mantê-las naquilo que consideravam no caminho correto e ideal.

Careli afirma que “o comportamento sexual referente ao gênero feminino no século XIX era associado – por grande parte da imprensa escrita – a uma existência virtuosa a ser canalizada ao longo da vida para o fim maior a que estava destinada a mulher: o casamento e a maternidade”²⁷⁰. Ao participarem deste temido jogo, as mulheres não estariam praticando uma existência tão virtuosa assim, podendo prejudicar o objetivo máximo dela, o casamento. Além disso, como ressalta D’Incao, a vigilância sobre a conduta feminina “sempre foi a garantia do

²⁶⁶PORTO ALEGRE, Achylles. *História Popular de Porto Alegre*. Porto Alegre, EU/Porto Alegre, 1994, p. 87.

²⁶⁷CARELI, Sandra. Op. Cit., p. 39.

²⁶⁸*A Reforma*, 14 de fevereiro de 1875. Apud: LAZZARI, A. Op. Cit., p. 70.

²⁶⁹CARELI, Sandra. Op. Cit., p. 277.

²⁷⁰Ibid, p. 40.

sistema de casamento por aliança política e econômica”²⁷¹. Dessa forma, entre as classes mais abastadas era “normal” essa preocupação com a burla que o entrudo proporcionava, pois podia estragar o “objetivo supremo” de toda mulher e fazer com que alianças fossem perdidas por causa da brincadeira. Mas essa não era uma preocupação somente entre a elite, existia também uma vigilância familiar de populares sobre a conduta de suas filhas. Isso se deveu, segundo Arend, a “expectativa de populares de ascensão social via casamento [...]. Atitudes que pudessem comprometer uma futura união deviam ser evitadas”²⁷².

Por serem as mulheres um dos “alvos” a serem atingidos com a introdução desse novo carnaval, a sua participação, mesmo que indireta, era reverenciada, deixando-se explícito que esse carnaval era feito para elas, mas para elas assistirem:

Se é o sexo mimoso, aquele que tem o dom de todas as graças, que é o enlevo das festas, a alma da vida, deve a Esmeralda maior soma de agradecimentos, a este mais especialmente ela se dirige. Morreriam todas as galas e os festejos do carnaval se lhe faltasse o encanto peculiar à mulher, à mulher brasileira, sobretudo adorável pela beleza, sedutora pela graça e simplicidade de seu coração, que só sabe abrir-se aos amores santos, às festas civilizadoras, como são aquelas que promove e leva a efeito a “Esmeralda”.
Graças, pois, a todas²⁷³.

Esmeraldinos estipulavam qual deveria ser a conduta das porto-alegrenses: abrir-se para a festa das sociedades carnavalescas – civilizada – e não ao entrudo, que ao contrário daquela não lhes oferecia amores santos. Dentro dessa perspectiva de guarda da honra feminina, a participação masculina também era importante, pois a “ação de zelo deveria se concentrar, sobretudo contra homens libertinos que freqüentemente ameaçavam a inocência das moças”. Esmeraldinos também se empenhavam nessa ação ao proclamarem que o sexo mimoso – e todas as qualidades que este possui – só se abrem para amores santos, como os que a Esmeralda lhes tinha a oferecer. Esse trecho demonstra, também, qual seria o lugar ocupado por essas mulheres na festa: de suas sacadas, jogando flores aos homens. Segundo Del Priori, desde o período colonial,

impunha-se uma dicotomia sexual onde apenas o homem fosse o ativo; a mulher seguia passiva, dando continuidade e coerência à obediência e sujeição

²⁷¹D’INCAO, Maria Ângela. Mulher e família burguesa. In: DEL PRIORY, Mary. *Historia das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2000, p. 236.

²⁷²AREND, Sílvia. Op. Cit., p.88.

²⁷³*A Reforma*, 14 de fevereiro de 1875. Apud: LAZZARI, A. Op. Cit., p.75.

a que era obrigada no mais da vida doméstica. [...] O desejo sexual erigia-se como apanágio exclusivo dos homens, atributo, aliás, confirmado pelo grande número de emissores de um discurso sobre o corpo da mulher, não havendo lugar para falas femininas sobre sua própria sexualidade²⁷⁴.

A despeito de procurarem relegar as mulheres uma posição de mera espectadora, de passividade, de sujeição ao protagonismo masculino, é atribuído a elas o triunfo da nova proposta carnavalesca: “Continue a vir daí [das mulheres] a aceitação e entusiasmo e a Esmeralda prosseguirá ufana e radiosa na senda que se traçou”²⁷⁵. Desta forma, denota-se que a aprovação feminina era algo importante para os carnavalescos, sendo o sucesso do festejo medido pela quantidade de flores por elas jogadas:

anteontem findou o carnaval que este ano esteve animadíssimo. As duas sociedades carnavalescas exibiram-se no ultimo dia, ambas disputando a supremacia: - combate magnífico que deu em resultado ficar o campo juncado de ... flores, tal foi o empenho das moças em jogar-lhes lindos buquês²⁷⁶.

Durante os préstitos eram feitos apelos e gracejos às moças. Apostava-se na adesão delas ao carnaval como contrapartida ao galanteio oferecido pelos jovens das sociedades. No transcorrer do desfile do ano de 1875 foram distribuídos recitativos - chamados *puffs* -para a população, enquanto as sociedades percorriam as ruas da capital da província. Ambos foram publicados no jornal *A Reforma*, do dia 11 de fevereiro 1875.

A Reforma, como já citado anteriormente, era um jornal vinculado aos liberais, representantes das elites políticas locais que desejavam maior autonomia em relação ao governo central. Segundo Rüdiger, este jornal, desde 1869, foi pioneiro no jornalismo político-partidário rio-grandense, assumindo o papel de difusor da doutrina dos liberais²⁷⁷. Não é de se estranhar que *A Reforma*, sendo ela um jornal atrelado às concepções das elites locais, tenha publicado os recitativos, haja vista que são os representantes do novo e “verdadeiro” carnaval de Porto Alegre.

Mas vamos aos *puffs*: o primeiro, intitulado *Sermão*, era da Sociedade Carnavalesca Esmeralda. Vejamos:

Leitora, te peço

²⁷⁴DEL PRIORI, Mary. *Ao Sul do Corpo: condição feminina, maternidade, mentalidades no Brasil Colônia*. Rio de Janeiro, José Olímpio/ EDUNB, Brasília, 1993, p.137.

²⁷⁵*A Reforma*, 11 de fevereiro de 1875. Apud: LAZZARI, Alexandre. Op. Cit., p. 65.

²⁷⁶FERREIRA, Athos. Op. Cit., p.39.

²⁷⁷RÜDIGER, Francisco. *Tendências do jornalismo*. Porto Alegre: Ed.da Universidade/UFRGS, 1993.

Me dê atenção.
 Porém não te aflijas
 Que é breve o sermão

Nos tempos antigos, de eterna lembrança,
 Passavam contentes os nossos avós,
 Sem mil baboseiras que vêm-nos da França,
 Pomadas, essências, anquinhas e pós...

As donzelas eram lindas
 Sem ter luxo e ostentação
 E nas faces não traziam
 Pó de arroz e vermelhão...

Nos tempos passados, de capa e rabicho,
 Ninguém nos cabelos usa punhais...
 Sabiam vestir-se com todo o capricho,
 Sem esses aspectos, asneiras e que tais...

Hoje tudo é diferente,
 Tudo novo e nada bom:
 Velhas, moças, lindas, feias,
 Todas querem ser do tom...

As mocas de agora, de faces pintadas
 Risonhas, coradas, sorrindo de amor,
 São meigos anjinhos, papudos, formosos,
 Gentis, preguiçosos, e...faz-me o favor!...

Quase todos esses lábios
 São vermelhos de carmim,
 Essas faces delicadas,
 Salpicadas de nanquim...

As moças de agora são todas disformes,
 Com trouxas enormes pendentes atrás.
 Andando nos rua se julgam faceiras!
 Parecem leiteiras trazendo jacás!...

Guerra aos “pufts” indecentes,
 E às anquinhas que os são mais!
 Refleti neste conselho,
 Que é de um velho, mães e pais!

Já vês, ó leitora
 Foi breve o sermão.
 Palavras ao vento
 Soltadas em vão.
 Pregar num deserto,

Somente um João...²⁷⁸

Ele faz uma sátira a respeito da moda das moças daquela época, comparando-as com as de outrora. Faz um elogio à simplicidade e ao recato, tendo um caráter conservador, moralista e nostálgico. De acordo com Careli, “a simplicidade no vestuário também era vista como sinal de virtude e elevação moral e os exageros eram condenados por serem sinais claros de comportamentos selvagens e não civilizados”²⁷⁹. Por isso, ontem, as donzelas eram lindas sem luxo e ostentação, vestindo-se com capricho sem atentarem à moral e sem os modismos atuais; hoje, moças com sorrisos de amor, desavergonhadas, de faces pintadas, preguiçosas, disformes e indecentes. Assim, esmeraldinos demarcavam sua posição de que a “moral ligada ao vestir associava à moda os perigos advindos de uma assídua exposição feminina ao olhar do outro. A vaidade relacionada ao expor-se ao público poderia ser dispendiosa – pelo alto custo da moda – e inútil – pois poderia fechar o coração da mulher à excelência moral, distanciando-a do pudor tido como um complemento necessário à beleza e à virtude”²⁸⁰.

A mensagem afirmava que todas (moças, velhas, lindas e feias) queriam ser do tom. Mas que tom seria esse? Provavelmente, o tom da moda – tão perigosa - com asneiras e baboseiras. Por fim, ainda fazia um apelo aos pais de família, para que controlassem suas filhas, reafirmando a idéia de preocupação com as condutas femininas e o domínio familiar sobre elas e o caráter conservador, moralista, patriarcal subjacente à mensagem e que está de acordo com a idéia novo carnaval de combate às escapadelas proporcionadas pelo entrudo e de um ideal de passividade feminina até mesmo no vestir-se.

Lazzari salienta que as “sociedades carnavalescas sempre conviveram com costumes que se propuseram eliminar. A permanência e a popularidade de brincadeiras como o entrudo só fazia reforçar sua necessidade de apresentar signos de distinção, procurados nas modas da Europa e da Corte, locais onde o progresso estaria chegando primeiro”²⁸¹. A moda era um destes signos de distinção. As mulheres da elite porto-alegrense procuravam seguir um padrão expresso pela França e pelo Rio de Janeiro. O que os esmeraldinos fizeram, além de apresentar seu ponto de vista sobre o assunto, é trazer esse costume para a troça carnavalesca, algo peculiar a esse festejo.

O segundo verso, distribuído pelos Venezianos, chamava-se Profissão de Fé:

²⁷⁸ *A Reforma*, 11 de fevereiro de 1875. Apud: FERREIRA, A. Op. Cit., p.45.

²⁷⁹ CARELI, Sandra. Op. Cit., p.46.

²⁸⁰ Ibid, p.48

²⁸¹ LAZZARI, Alexandre. Op. Cit., p.55

Belas Deidades que sorris de amores
às brandas auras desse céu azul,
anjos na forma- no perfume, flores,
curvando a haste às virações do sul...

Castas donzelas desta terra ingente,
lindas estrelas de eternal fulgor,
daí hoje aos filhos da Veneza ardente,
flores, sorrisos e um olhar de amor...

Eles são todos galhofeiros entes,
castos, bondosos e gentis até...
Se são devotos, santarrões e crentes,
é bem que ouçais... “Profissão de Fé”!

Eles não crêem no poder do papa,
nem nos padrecos – jesuítas vis
nem nesses homens de cumprida capa
que em tudo metem colossal nariz!

Eles não crêem nas lamúrias tolas
dessas beatas que passando vão
e que nos olhos a esfregar cebolas
fazem repuxos de alargar o chão!

Eles não crêem nas visões dantescas
nem nas corujas de grasnar feroz;
nem nas imensas pastorais, tão frescas,
nem na mais negra excomunhão atroz!

Mas eles crêem nos olhares puros
de vós, ó virgem de brilhante alvor,
nesses cabelos divinais, escuros,
onde se enreda apaixonado amor...
Crêem no colo que alabastro imita,
nesses contornos palpitando assim...
Crêem nos laços da serosa fita
e nesses lábios de eternal rubim!...

Crêem nas falas namoradas, meigas,
que se interrompem num tremor gentil...
Não é mais doce os farfalar das veigas
nem harpa eoleia na amplidão de anil...

Por isso, ó virgens desta terra ingente,
que sois estrelas de eternal fulgor,
daí hoje aos filhos da Veneza ardente,
flores, sorrisos... e um olhar de amor...²⁸²

²⁸² *A Reforma*, 11 de fevereiro de 1875. Apud: FERREIRA, A. Op. Cit., p. 46.

O recitativo da *Os Venezianos*, ao contrário do primeiro, faz um encômio às filhas da capital da Província. Termos como belas deidades, anjos na forma, lindas estrelas, castas donzelas, virgens de brilhante alvor refletem o tipo de comportamento que era esperado de tais mulheres. As filhas da elite porto-alegrense, por serem tudo isso, não deveriam mais se entregar ao pernicioso jogo do entrudo e sim participar do novo carnaval, aplaudindo e jogando flores aos rapazes que faziam o desfile carnavalesco, como fica evidente ao dizerem: “daí hoje aos filhos da Veneza ardente, flores, sorrisos e um olhar de amor...”. Percebe-se, ainda, que as antigas carícias, namoricos e excessos cometidos com o entrudo deveriam agora ser substituídos pelos olhares de amores trocados com rapazes castos, brincalhões, bondosos e gentis, como eles mesmos se declararam. Isto está de acordo com o que argumenta D’Incao: segundo ela, no século XIX, a característica dos sentimentos haveria transformado-se, “teria havido um afastamento dos corpos que passaram a ser medidos por um conjunto de regras prescritas pelo *amor romântico*”.²⁸³ Como o contato corpóreo não acontecia nesse carnaval, o que os venezianos estavam fazendo eram tentar aproximar-se do “belo sexo” com falas do amor romântico e não pelo apelo sexual.

A mensagem, entretanto, apresentava um outro tipo de mulher: as beatas. Estas seriam mulheres que, além de tolas, não eram confiáveis, pois, para chorarem, esfregavam cebolas nos olhos. Desta forma, no verso os venezianos se apresentavam como anticlericais, zombando não só da Igreja, da excomunhão como também das beatas. O anti-clericalismo, característica dos liberais, que reivindicavam a separação entre Estado e Igreja, foi também defendido por muitos intelectuais rio-grandenses de diferentes posições políticas e com forte presença nos jornais leigos da capital.²⁸⁴ Além disso, ao falarem que “crêem no colo que alabastro imita”, deixam claro para que tipo de mulheres esta profissão de fé se direcionava. Alabastro é uma espécie de mármore muito branco e translúcido, logo quem detinha colos brancos e translúcidos eram as filhas da elite porto-alegrense.

Apesar dos *puffs* das sociedades carnavalescas apresentarem um formato distinto – uma criticando, outra louvando as filhas do Rio Grande – ambas agremiações intencionavam atrair o gosto feminino para a nova festa que estava instaurando-se. Mesmo porque se dependia da

²⁸³D’INCAO, Maria. Op. Cit., p.230.

²⁸⁴Cf. PICCOLO, Helga. *A política rio-grandense no segundo Império (1868-1882)*. Porto Alegre: Gabinete de pesquisas Históricas do Rio Grande do Sul – IFCH/UFRGS, 1974.

aprovação feminina para o sucesso dos festejos: quanto mais elas atirassem flores, mais glória teria o carnaval. Entretanto, no primeiro excerto, os esmeraldinos, ao compararem as mulheres de antigamente com as do seu tempo, condenando essas e exaltando aquelas, parecem, ao meu ver, entrar em contradição com o propósito do novo carnaval, haja vista que a festa de ontem – o entrudo – era o impuro, o indecente e quem dele participasse também o era; o de agora – das sociedades – era um carnaval elegante, casto, de acordo com a filhas do Rio Grande. Por isso, ao exaltar as antigas mulheres (que também eram as que jogavam o entrudo) e o seu comportamento diante da moda e condenar as atuais (que eles queriam que se apaixonassem pela nova festa), eles acabam por, subjetivamente, incentivar a permanência do entrudo. Além disso, nessa tentativa de moralizar o proceder e o trajar das mulheres, esmeraldinos que querem imitar o velho mundo nos hábitos, criticam as mulheres por imitá-los na moda.

Denota-se, ainda, que o segundo excerto – o dos venezianos – parece zombar do primeiro. Enquanto um adotava uma posição moralista, puritana e conservadora, apesar de satírica; o outro, parte para o galanteio, pedindo que as donzelas dessem olhares de amor aos filhos da Veneza e debochando dos crentes que faziam profissão de fé. Os primeiros davam um *sermão* para as mulheres. Já os venezianos, defendiam os laços no cabelo, os colos à mostra e os lábios pintados.

Percebemos que é recorrente na fala das tradicionais sociedades carnavalescas o direcionamento de seus discursos às mulheres, como por exemplo, em 1878, quando Os Venezianos ao anunciarem seu programa para os festejo, diziam:

Esta sociedade, atendendo á ansiedade natural, com que o publico Porto-Alegrense, e especialmente o belo sexo, espera a publicação do resultado de suas lucubrações de um ano inteiro, tem resolvido levar ao conhecimento do mesmo publico o programa abaixo para os festejos.²⁸⁵

Bem como, a Esmeralda, em 1881, que também em seu programa carnavalesco “felicitava especialmente o sexo das graças, de quem espera um sorriso que dulcifique-lhe a vida, enchendo-a de magia”²⁸⁶.

Apreende-se que a participação feminina é exaltada, principalmente por embelezarem a festa e pelo tom moralizante que essa possui. Segundo Lazzari, “todas as alusões à participação feminina no carnaval excluem dela qualquer traço de licenciosidade, construindo sempre um

²⁸⁵ *Mercantil*, 02 de março de 1978, p.3.

²⁸⁶ *Mercantil*, 25 de fevereiro de 1881, p.3.

sentido de pureza”²⁸⁷. De acordo com o autor, os folhetinistas da época exaltavam a moralidade feminina no carnaval. O lugar das mulheres “passa a ser nas ruas atirando flores aos préstitos ou nos bailes, devidamente fantasiadas, onde ora elas se confundem à decoração que embeleza o salão, ora são seres angelicais que encantam, seus admiradores”²⁸⁸. Além disso, ele coloca que a participação delas passa a ser “um símbolo de progresso, um elemento a mais de distinção das festas porto-alegrenses, não bastasse a pretendida superioridade do ‘gosto’ e da ‘riqueza’”²⁸⁹, pois irá diferenciar-se da congênere carioca (onde quem participava da festa ao lado dos homens eram as prostitutas) ao adotar uma postura de festa familiar e moralizante, como veremos no próximo capítulo.²⁹⁰

Segundo Pedro, a partir de 1850, nas cidades do Sul, durante a formação das elites nos centros urbanos, foram freqüentes as imagens idealizadas das mulheres e de seus papéis familiares. E essas elites que se formaram, é que “iriam promover os jornais”²⁹¹ responsáveis pela divulgação de modelos de comportamento, especialmente para as mulheres”²⁹², como por exemplo, as atitudes que se esperavam delas durante os festejos carnavalescos.

“Ninguém nasce mulher, torna-se mulher”²⁹³, afirmava Simone de Beauvoir, em *O Segundo Sexo*. Esta construção, feita pela família, pela escola, pela Igreja, estava também sendo promovida pelo carnaval em Porto Alegre no último quartel do século XIX. Ao estipularem novos lugares e comportamentos tidos como adequados para as foliãs, os homens das sociedades carnavalescas estavam contribuindo para uma construção social do que era “ser mulher” e, acima de tudo, ser mulher distinta.

²⁸⁷LAZZARI, Op. Cit., p. 130.

²⁸⁸Ibid., p. 130.

²⁸⁹Ibid., p.130.

²⁹⁰Cf. PEREIRA, Cristiana. Os Senhores da Alegria: a presença das mulheres nas Grandes Sociedades carnavalescas cariocas em fins do século XIX. In: CUNHA, Maria Clementina (org.). *Carnavais e outras f(r)estas: ensaios de uma história social da cultura*. Campinas: Ed. da UNICAMP, CECULT, 2002, p. 312.

²⁹¹Há de se mencionar que alguns dos membros das sociedades carnavalescas, além de pertencerem ao Partenon Literário, eram donos ou redatores de muitos dos jornais da cidade, como por exemplo, Achylles Porto Alegre, Miguel Werna, Joaquim Vasques, entre outros.

²⁹²PEDRO, Joana. Op. Cit., p.281.

²⁹³BEAUVOIR, Simone de. *O Segundo Sexo I: a experiência vivida*. V. 2. São Paulo: Difel, 1967, p.9.

CAPÍTULO III

DE PLATÉIA A PARTICÍPES: a presença feminina no carnaval das tradicionais sociedades carnavalescas porto-alegrenses.

A nova festa, ao que tudo indica, fez sucesso entre os porto-alegrenses. O censo do ano de 1872 estimava em 43.998 a população da cidade e, de acordo com o periódico *Mercantil*, no ano de 1876, “uma multidão calculada em dez mil pessoas acompanhou com delírio as festas carnavalescas desse ano”²⁹⁴. Apesar do possível exagero do jornal, denota-se, em sua fala, que de cada quatro habitantes da capital, um acompanhou os desfiles daquele ano, perfazendo um total de 22.72 % da população da cidade. Entretanto, como vimos no capítulo anterior, a participação destas pessoas nos desfiles restringia-se ao papel de meras espectadoras, uma vez que, nesse novo modelo de festa, esmeraldinos e venezianos é que “faziam a festa”, desfilando pelas ruas da cidade, enquanto os demais deviam abrilhantá-la, animando-os e jogando-lhes flores. Esta também seria a função destinada às mulheres, para as quais se direcionava um discurso moralizador de seus comportamentos, relegando elas a uma posição de passividade. Todavia, ao longo deste período, as mulheres vão “conquistando” novos espaços e lugares nessa festa, fazendo parte da organização dos festejos, dos bailes, desfilando nos préstitos e não se resignando com o lugar que inicialmente estava definido para elas.

Desta forma, este capítulo pretende abordar o momento em que as mulheres, transpondo ideais culturais que estavam sendo construídos para as suas participações no carnaval, deixaram de ser somente espectadoras para participarem desse festejo, tomando um lugar diferente do que lhes havia sido proposto quando de sua instauração, ao persistirem com o jogo do entrudo e ao participarem e organizarem aos bailes e aos desfiles.

3.1 - Os bailes

Um dos lugares privilegiados para se brincar o carnaval são os bailes e salões nos quais ocorriam os festejos de Momo. Esses bailes constituíam-se em ambientes bem delimitados, cujo

²⁹⁴ FERREIRA, Athos. Op. Cit., p.43.

espaço físico era privado²⁹⁵. Esse tipo de lugar apresenta uma estrutura física que pode ser vislumbrada em três ambientes fundamentais: a) um palco onde ficava a orquestra; b) um salão, onde as pessoas “brincavam” individual ou coletivamente e; c) um conjunto de mesas e espaços em volta do salão. Segundo Damatta, no salão “temos uma estrutura aberta, como na própria rua com um desfile permanente de pessoas (foliões = loucos), brincando de modo individual (isto é, sozinhos, em casais ou coletivamente)”. Neste sentido, o salão é comparado a outro “lugar” privilegiado do carnaval que estudaremos mais adiante: os desfiles. Nos desfiles, os “desfilantes” se mostram para o grande público que os vê; lógica similar à que ocorre nos bailes onde as pessoas que se encontram no espaço do salão estão sendo observadas pelas que estão nas mesas ou coretos, espaço que “simboliza ou dramatiza a própria casa, local onde as pessoas observam o povo desfilando nas ruas (salão)”²⁹⁶. Para o autor, “o salão fica, pois, como a rua, um lugar onde as energias são gastas para depois serem recuperadas nas mesas”²⁹⁷.

Desta maneira, em meados do século XIX, afigura-se no Brasil “o baile de máscaras e o baile de salão, ou seja, a festa privada, onde as famílias brancas, ou melhor, as camadas dominantes da sociedade brasileira podiam divertir-se e participar das festas sem misturar-se aos negros e mestiços das camadas mais baixas”²⁹⁸. Segundo Sebe, “o salão tem sido sempre o lugar da elite, regulado por convites, ingressos pagos ou indicações. A celebração da festa de Momo em salões é antiga e se aprimorou, no Rio de Janeiro, depois do entrudo, mas como mostram as crônicas do tempo surgiu embasada no modelo italiano”²⁹⁹. Assim, em 1835, a fim de “criar uma alternativa interessante e elegante de folia [...] para estimular as classes abastadas a permanecerem na cidade durante o carnaval”³⁰⁰ foi que a esposa do dono do Hotel Itália, uma italiana, “inspirada nos costumes de sua terra natal”³⁰¹ organizou o primeiro baile de máscaras. A moda estava lançada; “como capital do país, cabia ao Rio de Janeiro irradiar os modelos das celebrações nacionais”³⁰², tendo o modelo carioca servido de exemplo para as demais cidades.

Em Porto Alegre não foi diferente. Tanto a sociedade Esmeralda quanto os Venezianos faziam vários bailes durante o período de carnaval. Começavam, muitas vezes, já em janeiro,

²⁹⁵DAMATTA, Roberto. Op. Cit., p.108.

²⁹⁶Ibid, p. 110.

²⁹⁷Ibid, p.110.

²⁹⁸KRAWCZYK, Flávio; GERMANO, Íris e POSSAMAI, Zita. Op. Cit, p.14.

²⁹⁹SEBE, José Carlos. *Carnaval, carnavais*. São Paulo: Ática, 1986, p.63.

³⁰⁰VALENÇA, Rachel. Op. Cit. p.19

³⁰¹Ibid, p. 19.

³⁰²SEBE, José Carlos. Op. Cit., p.64.

numa espécie de prévia carnavalesca. Havia bailes burlescos, onde as sociedades apresentavam “críticas de muito espírito”³⁰³, como por exemplo, em 1881, no baile da Esmeralda, que

sobressaia a da exposição alemã, pelos tipos verdadeiramente caracterizados, que faziam agradável impressão e provocavam boas e gostosas gargalhadas. Nos produtos de indústria e agricultura, figuraram uma formidável lingüiça e bem criadas batatas, que por muitas vezes eram oferecidas às pessoas que ali se achavam, e entre elas o Sr. Koseritz, presidente da comissão diretora da exposição.

Dizem-nos que este senhor encafifara com a graça, porem não achamos-lhe razões, porque sabemos que ele gosta muito da boa... lingüiça!³⁰⁴

Mas o grande baile era o de gala, realizado, na maioria das vezes, na terça-feira de carnaval³⁰⁵. Após percorrem as ruas do centro da cidade, com seu desfile à fantasia, os membros da sociedade dirigiam-se para os salões aonde ocorreria a festa.³⁰⁶ A findar o carnaval, havia também o baile em homenagem à rainha da sociedade, quando, normalmente, era feita a eleição da diretoria para o próximo ano³⁰⁷. No salão dos bailes os ritmos que imperavam eram “a polca, valsa, schottishes e mazurcas, sendo a polca, a dança de par enlaçado européia, a que se afirmou enquanto primeiro gênero de música carnavalesca de salão no Brasil”³⁰⁸ (ver anexos 1 e 2).

Os bailes promovidos pelas sociedades, dos quais participavam apenas os sócios e suas famílias³⁰⁹ – excluindo o grande público que acompanhava o préstito, mas que não podia adentrar o salão³¹⁰ – eram divulgados por meio da imprensa que relatava e informava sobre o sucesso dos festejos, sempre com uma linguagem que remetia a uma idealização dos salões e dos preparativos

³⁰³ *Mercantil*, 21 de fevereiro de 1881, p.2

³⁰⁴ *Mercantil*, 21 de fevereiro de 1881, p.2

³⁰⁵ Os bailes não tinham um lugar fixo para ocorrer. Foram realizados no Club Comercial, no Partenon Literário, na Soirrée Porto-Alegrense.

³⁰⁶ Sobre seu baile de gala, em seu programa carnavalesco a sociedade Esmeralda informa que: “A sociedade fará o seu passeio de gala percorrendo as ruas supra citadas, e á noite ás 9 horas fará a sua entrada para o baile no Soirée Porto-Alegrense, encerrando assim os seus festejos esse anno.” *Mercantil*. 02 de março de 1878, p.3

³⁰⁷ A respeito disso a Esmeralda manda publicar que “o baile que esta simpática sociedade ofereceu anteontem á sua rainha, esteve sobremodo concorrido e animado.

Á meia noite procedeu-se á eleição para a nova diretoria e mais comissões que tem de solenizar os festejos no ano próximo futuro [...]”. *Mercantil*, 16 de fevereiro de 1880, p.2.

³⁰⁸ KRAWCZYK, Flávio; GERMANO, Íris e POSSAMAI, Zita. Op. Cit, p.14.

³⁰⁹ No Rio de Janeiro, os bailes promovidos pelas sociedades carnavalescas eram exclusivamente para os sócios, sendo, muitas vezes, animados pelas “filhas do pecado”. Ver PEREIRA, Cristiana. Op. Cit., p.314.

³¹⁰ Em relação ao baile, em 1880, a Esmeralda afirmava que: “É indispensável a apresentação do cartão à entrada do baile, a fim de evitar-se qualquer dúvida. Finalmente previne-se aos mesmos sócios, que os referidos cartões dão unicamente ingresso á si e as pessoas de sua família”. *Mercantil*. 07 de fevereiro de 1880, p.3. Os Venezianos, por sua vez, declaravam: “Fica expressamente proibido a entrada de criados no recinto do Club”. *Mercantil*, 02 de março de 1878, p.3.

da festa. Como não podiam comparecer aos bailes – somente aos préstitos – o público assistente dos desfiles só podia acompanhar o *grand finale* da festa através dessas narrativas e descrições feitas pela imprensa. Segundo Lazzari, os cronistas, ao relatarem em seus jornais o que havia acontecido durante o baile, davam um ar totalmente romantizado a ele, descrevendo “os acanhados salões como se estivessem transformados em palácios de contos de fada, onde em meio a uma decoração deslumbrante circulavam as mais belas e espirituosas pessoas e aconteciam os mais sublimes episódios”³¹¹. Em 1881, é publicado, pelo jornal Mercantil, uma crônica que ratifica a afirmação do autor. Vejamos:

O Salão da Soirré³¹²: Visitamo-lo; está esplêndido!

De um lado destaca-se o gosto, o luxo a propriedade de toda ornamentação; do outro a magnificência, a perfeição, o bem acabado enfim de todas as telas.

[...]O visitante, á primeira vista, entra na Soirré emudece; fica imóvel, estupefato, como se penetrasse n’algum d’esses budoires dos contos mitológicos.

A admiração, o pasmo sobe de ponto; encanta.³¹³

A citação demonstra a tentativa do jornalista em tornar aquele um lugar esplêndido, que deixaria a todos pasmos por sua beleza e gosto nos enfeites. Mas qual seria o objetivo dessas descrições? A resposta poderia estar em uma provável competitividade entre Esmeralda e Venezianos. Queiroz, ao analisar o carnaval latino-americano, argumenta que “copiado de modelos italianos, um carnaval urbano [...] veio se substituir aos antigos costumes; era composto de bailes a fantasia, de desfiles suntuosos, de cavalgadas luxuosas, dando lugar a uma competição entre as diversas sociedades carnavalescas, as quais apresentavam desfiles de carros aparatosamente decorados”³¹⁴.

Portanto, apesar de ambas serem sociedades carnavalescas e terem objetivos em comum, não podem ser entendidas como um todo homogêneo. Enquanto agremiações que brincavam o carnaval, partilhavam características similares: eram formadas por membros da elite porto-alegrense e queriam mudar os costumes da população no que se referia aos festejos de Momo. Imbuídas de um ideal de modernidade, acreditavam que essas festas eram um bom momento de tornar a cidade mais civilizada e colocá-la rumo ao progresso, já adquirido em outros lugares.

³¹¹ LAZZARI, Op. Cit., p.80.

³¹² Soirré era um dos salões onde ocorriam os bailes carnavalescos.

³¹³ *Mercantil*, 25 de fevereiro de 1881, p.2.

³¹⁴ QUEIROZ, Maria Isaura. Op. Cit., p.1478.

Contudo, havia rivalidades e particularidades que as diferenciavam, características que as identificavam enquanto Venezianos ou Esmeralda. Uma dessas diferenças pode ser observada na forma como essas sociedades se dirigiam ao ‘belo sexo’ para que esse participasse e abrilhantasse os festejos dessas agremiações: enquanto os Venezianos utilizavam uma linguagem sempre mais atrevida, afirmando quererem “raptar o belo sexo para a lua”³¹⁵; a Esmeralda possuía um tom mais sério, tentando atingir o sexo das gentilezas por meio da convocação para ajudá-los na senda do progresso³¹⁶ ou criticando suas modas³¹⁷, como vimos no capítulo anterior. A rivalidade entre as duas associações fica nítida nos vários pronunciamentos de ambas, ao afirmarem que não era seu objetivo tirar o brilho de sua congênere, como por exemplo, quando os Venezianos declaram “que nunca tiveram a veleidade de querer ofuscar a sua co-irmã com os europeus da grandeza, confiam na benevolência do público e esperam se recebidos com as provas de simpatia que sempre lhes foram dispensadas”³¹⁸. Se os Venezianos fizeram essa declaração é porque, provavelmente, foram acusados de apagar o desfile da Esmeralda ao apresentarem outro de maior distinção.

E por haver essas diferenças, acreditamos que essas sociedades não podem ser entendidas como homogêneas. Tanto é que, em 1883, as duas “co-irmãs” terão rusgas públicas, sendo os presidentes de ambas ridicularizados mutuamente³¹⁹. Isso nos leva a crer que, tais descrições idílicas dos bailes dessas sociedades, eram uma maneira de elas competirem entre si, rivalizando em quem teria o salão mais bonito e, assim, atrair mais pessoas para esta ou aquela associação, haja vista também que elas dependiam da contribuição mensal de seus associados. Quanto mais pessoas tivessem vontade de participarem de seus bailes, mais sócios teriam, logo maior seria sua arrecadação!

Mas não eram só os bailes das tradicionais sociedades – Esmeralda e Venezianos – que contavam com descrições encantadoras. Vejamos o que o Rink Cosmopolita, no qual se realizavam bailes públicos, promete para o carnaval do 1882, em seu programa:

Aproxima-se a época do grande acontecimento! Da maravilha do século 19º!

³¹⁵ *Jornal do Commercio*, 18 de fevereiro de 1882, p.2.

³¹⁶ *Mercantil*, 07 de fevereiro de 1880, p.2

³¹⁷ *A Reforma*, 11 de fevereiro de 1875.

³¹⁸ *Mercantil*, 31 de janeiro de 1883, p.3.

³¹⁹ As disputas entre os presidentes das duas sociedades serão melhor analisadas no fim do capítulo. Para mais informações: LAZZARI, Alexandre. Op. Cit., p.131.

Cidadãos e cidadãs: - Nunca os vossos avoengos falaram—vos da “Roma Encantada”, na história da “Moura Torta”, na das “Mil e Uma Noites”, nas cavatinas do palácio de Sorrento, nos seus carnavais?

Pois muito bem: Isso tudo que parecer-vos-ia uma historia da carochinha, ides ver realizado no monumental Rink Cosmopolita.

[...] A música toda composta d’um instrumental ainda não visto em nossa terra, far-se-á ouvir, obrigada a variações de violino, mas completamente oculta aos olhos profanos![...]

O salão é nada menos do que um d’esses encantados palácios de que nos falam os romancistas do tempo da “Princeza Mangalona”.

De cada coluna sae um repuxo de perfumosas e inebriantes águas.

Um pequeno trem de ferro conduzirá as damas da entrada do pavilhão ao deslumbrante” toilette, e d’ai ao salão.

A iluminação é uma cousa de enlouquecer de pasmo!

Das azas de anjos e arcanjos saem faíscas elétricas que iluminam não só o edificio como as principais ruas do 3º distrito.

Nos intervalos da dança abrir-se-ão as portas que comunicam com a deslumbrante Bahia do Guaíba, e pequenas gôndolas conduzirão damas e cavalheiros a um “Tour Promenade”.

O Rink tornar-se-á por encanto um lago de fadas, uma habitação de nereidas!³²⁰

A descrição do que seria transformado o local do baile é realmente encantadora, com um tom poético que desperta a vontade dos leitores (até mesmo séculos mais tarde) de estarem presentes neste momento. O carnaval de Porto Alegre, de 1882, transformado na maravilha do século XIX, podendo ser aqui apreciado tudo o que havia de melhor nos antigos carnavais e até mesmo instrumentais nunca antes aqui vistos. É destacada a presença das mulheres, para as quais se teve o cuidado de preparar um trem de ferro para conduzi-las, possibilitando-lhes uma entrada triunfal.

Para quem conhece Porto Alegre, e mais especialmente o Rio Guaíba, a descrição idílica de que de lá partiriam gôndolas para um passeio em suas águas, transformando as damas em ninfas dos mares, em mulheres belas e encantadoras, é um tanto bizarra e nos faz questionar se, o hoje poluído e maltratado rio, já o era por esses tempos. Saint-Hilaire, que por aqui passou no início deste século, descrevia a cidade como tendo “pouca higiene sanitária e precárias condições de abastecimento de água potável. A água para consumo era retirada das fontes naturais, não tratadas, ou do Rio Guaíba. Às margens do qual depositavam-se dejetos”³²¹. A sujeira da cidade e a do rio já eram tamanhas, que em 1846 o relator da Câmara Municipal, o Conde Caxias afirmava: “[...] é um mal as impurezas d’água, apanhada nas praias cheias de imundice; convindo

³²⁰ *Jornal do Commercio*, 21 de janeiro de 1882, p.4.

³²¹ CASTRO, Carmem Lúcia. *Ferro de Brasa, Tacho de Cobre, Puxados úmidos: cotidiano das mulheres escravizadas em Porto Alegre (século XIX)*. Porto Alegre: Dissertação de mestrado/PUCRS, 1994, p. 37.

por isso que se construíssem pontes de madeira pelo rio adentro, a fim de abastecer a cidade de água potável”³²². Com isso, podemos concordar com a idéia apresentada por Lazzari de que eram divulgadas visões utópicas e idealizadoras dos bailes carnavalescos e das pessoas que deles participassem, pois ao olhar contemporâneo, o passeio de gôndolas (barcos graciosos com a extremidade levantadas usada nos canais de Veneza) no referido rio, parece não ser um passeio assim tão encantador como o descrito no programa do Rink Cosmopolita. É possível, entretanto, que tal visão não fosse compartilhada pelos nossos conterrâneos do século XIX, o que, contudo, não desacredita o fato de o programa apresentar uma descrição romantizada do baile, transformando o salão em palácios dos contos da Princesa Magalona³²³.

3.2 - Mulheres e Bisnagas: a permanência do entrudo nos bailes das sociedades

Como observou-se anteriormente, esse novo modelo de carnaval, com seus bailes e máscaras havia efetivamente conquistado o gosto dos porto-alegrenses. Apesar disto, percebe-se uma nítida preocupação por parte dos organizadores do evento com a permanência do entrudo e, mais especificamente, com a insistência e predileção feminina pela utilização das tão condenadas bisnagas. As mulheres pareciam ser as maiores entusiastas deste antigo costume e os salões acabavam sendo palco de acirradas bisnagadas, a despeito das recomendações dos organizadores que se viam desconcertados com a permanência de tal brincadeira.

Deste modo, a sociedade carnavalesca Os Venezianos, em seu programa para o carnaval do ano de 1879, solicitava que:

Preparai-vos, portanto, respeitáveis matronas, gentis formosas e feiticeiras representantes do belo sexo, venerando papás, negregados solteirões e tu, oh! Mocidade, para receber-nos. Os Venezianos vos pedem risos, flores, animação e alegria.
Que folia! Que alegria! Risos, flores, música, dança e uns rostos lindos, lindos!
Se sois tão belas gentis porto-alegrenses!

³²² *Relatório da Primeira Sessão da Segunda Legislatura da Assembléia Legislativa da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul*. Nº 1, março de 1846. Porto Alegre: Arquivo Público do Rio Grande do Sul, [A. 7.01, cx96] p.172.

³²³ Princesa Magalona era o personagem de um conto de literatura de cordel do poeta José Francisco Borges. Filha do rei de Nápoles e, apaixonada pelo conde Pierre, vive as maiores aventuras e desventuras até se reencontrar com o noivo. KAPLAN, Sheila. *.Ciência Hoje das Crianças* 144, março 2004 Especial para a CHC. <http://cienciahoje.uol.com.br/view/1348>, acessado em 15 de janeiro de 2008.

Os Venezianos pedem e esperam que não lhes será negado tão assigualado favor, que lá no salão do baile não apareça uma única bisnaga. Morra o entrudo. Viva o Carnaval.³²⁴

Os Venezianos convocavam as porto-alegrenses – tanto as mulheres respeitáveis pela idade e conduta, quanto as jovens belas, elegantes e sedutoras (somente estas é que refletiam a imagem do belo sexo) – que se preparassem para receberem os filhos da Veneza, ofertando-lhes risos, flores animação e alegria. Além de se disporem a recebê-los, com esses itens expostos, elas ajudariam a engrandecer a festa com sua beleza. Note-se que, usualmente, em seus discursos, os apelos das sociedades utilizavam qualitativos relacionados à beleza e à juventude, em uma espécie de “culto ao belo”, ao mesmo tempo em que faziam disso um argumento a fim de persuadir as mulheres a não levarem bisnagas para o baile.

Os filhos da Veneza declaravam, assim, a morte do entrudo, mas demonstravam a preocupação de recomendar que ninguém – especialmente as mulheres – levasse as referidas bisnagas à festa a fim de que ele fosse definitivamente enterrado. Ademais, ao pedirem auxílio às “gentis porto-alegrenses”, nos fazem crer que eles as consideravam as maiores e ativas jogadoras do entrudo³²⁵. É elucidativa a afirmação transcrita acima: “se sois tão belas, gentis porto-alegrenses, os venezianos pedem e esperam que não lhes será negado o assinalado favor que lá no salão do baile não apareça uma única bisnaga”. A quem era dirigida esse apelo? Às mulheres, o que demonstra o quanto elas eram consideradas responsáveis pela continuidade da brincadeira nos salões.

Em um artigo publicado na imprensa da capital, no ano de 1877, já se verificava a permanência das brincadeiras com água nos bailes, apesar da insistência dos organizadores em advertir que ninguém levasse bisnagas ao salão. Apesar do sucesso dos bailes, o entrudo permanecia:

Temos observado em toda parte esse fato: quanto maior é o entusiasmo verificado nas festas carnavalescas, menor é o uso da bisnaga e, sobretudo do feio emprego do balde d’água. Aqui em Porto Alegre, entretanto, o que se vê desmente a regra: O Carnaval e o Entrudo fazem par e é difícil dizer-se qual o que mais domina, pois até nos bailes realizados pelas nossas sociedades, apesar

³²⁴ *Mercanti*, 31 de janeiro de 1879, p.3.

³²⁵ Note-se que por essa época, já havia se inventado uma marca de distinção no entrudo. A brincadeira não era mais feita com limões de cheiro, mas sim com bisnagas, as quais tinham um preço elevado. A moda das bisnagas tomou conta da cidade desde 1877. Cf. FERREIRA, Athos. Op. Cit., p. 44.

dos prévios avisos e severas recomendações, a bisnaga se ostenta com toda a energia³²⁶.

Entrudo e carnaval: um casal, um conjunto de duas coisas iguais, uma das quais não se usaria sem a outra. Mesmo com alguns jornais publicando apelos para que os associados da Venezianos e da Esmeralda tivessem “pelo menos, a delicadeza de não levarem bisnagas para os bailes.”³²⁷, as molhadelas permaneciam, fazendo par com o carnaval. Isso demonstra que, apesar de conseguir conquistar o gosto dos porto-alegrenses, essa nova festa não conseguiu efetivar o maior de seus propósitos: eliminar o entrudo. Além disso, evidencia, como afirma Lazzari, que até mesmo os “membros das duas maiores sociedades carnavalescas nem sempre confirmaram por suas atitudes a distinção que pregavam”³²⁸.

Para Ferreira, “nosso Carnaval já era um Carnaval de respeito. E não só o da *Aristocracia*, com seus bailes e préstitos, como ainda o do povo, com seus travestir, suas máscaras, seus guizos e, sobretudo, com suas ativas estuchas e bisnagas”³²⁹. O autor afirma, portanto, que o carnaval da capital possuía uma certa pompa, um carnaval de conceito, tanto o do povo, quanto o da elite, criando uma nítida distinção entre o festejo destes (Carnaval) e daqueles (entrudo). Todavia, percebe-se que na prática essa distinção não se sustentava, uma vez que tanto a “aristocracia”, quanto o “povo” permaneciam afeitas a esse costume, assim como as “boas moças” da cidade, haja vista as várias recomendações feitas pelas sociedades de que não se levassem bisnagas aos bailes.

No programa de carnaval da sociedade Venezianos de 1880, por exemplo, a diretoria pedia “encarecidamente á todas as pessoas que forem ao baile, que não façam uso de bisnagas”³³⁰. O mesmo fazia a Esmeralda, solicitando “aos Srs, Sócios que se abstenham no baile do emprego de bisnagas, e espera de sua delicadeza a observância deste pedido”.³³¹ Segundo Careli, os padrões de virtude não eram aplicados na íntegra, e “nem os comportamentos transgressor e virtuoso ficavam restritos a classes sociais específicas”³³² podendo-se perceber “que membros das classes abastadas apresentavam comportamentos que

³²⁶ FERREIRA, Athos. Op. Cit., p.56.

³²⁷ LAZZARI, Alexandre. Op. Cit., p.45.

³²⁸ Ibid, p.106.

³²⁹ FERREIRA, Athos. Op. Cit., p.56.

³³⁰ *Mercantil*, 04 de fevereiro de 1880, p.3.

³³¹ *Mercantil*, 07 de fevereiro de 1880, p.3.

³³² CARELI, Sandra. Op. Cit., p. 62.

pelas crônicas eram atribuídos exclusivamente à populares”³³³. Assim como meretrizes e escravas no carnaval incorporavam ideais de comportamento difundidos pela imprensa tidos como adequados para as boas filhas porto-alegrenses, estas também continuavam a praticar o jogo do entrudo, que era conferido aos populares ³³⁴.

A tentativa por parte das sociedades de eliminar a utilização das bisnagas durante os bailes e a permanência delas nos mesmos foi abordada de diversas formas na imprensa da capital. Na coluna *Folhetim*, um escritor do *Jornal do Commercio*, retrata o baile da Esmeralda, do ano de 1882. Segundo ele, quando rompeu o baile a animação ainda não tinha começado, parecia que

no grande seio daquela imensa sociedade bailante faltava alguma cousa de real e importante. O que era? Ninguém sabia, ou antes, ninguém se atrevia a dizer.
[...]
O que ninguém poderia notar era o que faltava á esmeraldina nessa noite de burlesco
Entretanto, faltava-lhe sempre alguma cousa, muita cousa, tudo, enfim! Mas o que que era?
As senhoras estavam inquietas. Os cavalheiros se mostravam contrariados e a própria música ressentia-se do som, de harmonia e de cadência!
-Estou achando tão insípido este baile, Candinha!... dizia uma jovem de vestido branco de cambraia, para outra, que trajava musselina.
- É verdade, Mimosa, também eu! O do ano passado esteve muito melhor; mais animado, mais bonito... Não sei o que é isto este ano!
- É porque falta alguma cousa, disse uma senhora dos seus cinqüenta anos, gorda e folgazona. E vocês não sabem o que falta?
Não titia, o que é? Interrogarão as duas ao mesmo tempo.
-É a bisnaga!!... E a palavra bisnaga repercutiu por todo aquele vastíssimo salão, á semelhança do som de uma brônzeo sino!³³⁵

O novo carnaval, segundo o colunista, não conseguia mais animar as foliãs, faltava alguma coisa para que houvesse a diversão. As moças achavam o baile desagradável, sem vida,

³³³Ibid, p.61.

³³⁴Discordamos, portanto, da idéia apresentada por alguns autores (GANS, p.167, SILVA, p.61,62, FERREIRA, p.53) de que o entrudo era a festa dos pobres, do povo, enquanto o Carnaval é o da elite. Pudemos nesse capítulo observar que a elite porto-alegrense, que fundou essa nova festa, também continuava a jogar o entrudo. Acreditamos terem os referidos autores “comprado” a idéia vendida pelos periódicos naquele momento, como por exemplo: “Nos dias das festas carnavalescas, nenhum incidente ocorreu que viesse transtornar a ordem e satisfação popular. É que a população já compreendeu a superioridade do Carnaval ao terrível flagelo da humanidade – o brutal jogo do entrudo. Algumas pessoas de posição equivocada e de educação duvidosa, ainda este ano lembraram-se do estúpido divertimento, usando das bisnagas, seringas e limões, porém foram em número limitado, porque encontrarão para reagir o bom senso da maioria da população. Um urrah! Às sociedades carnavalescas *Esmeralda* e *Venezianos* a quem se deve a idéia da extinção do entrudo”. *Mercantil*, 06 de março de 1878, p. 2.

³³⁵*Jornal do Commercio*, 16 de fevereiro de 1882, p.1.

até que uma matrona, que provavelmente vivera os áureos tempos de entrudo, as esclarece: é a falta da bisnaga. Novamente as mulheres aparecem na imprensa como sendo as grandes adeptas do entrudo: o baile sem o entrudo parecia, na ótica das mulheres da historieta, “insípido”, desanimado. A própria música ressentia-se de harmonia. O que faltava para esse baile dos Esmeraldinos? “Alguma coisa. Muita coisa. Tudo, enfim!” Faltava-lhe as bisnagas, sem as quais o baile ficava incompleto.

D’aí a momentos, e como por encanto, a bisnaga havia entrado no salão!
 Entrudo e carnaval davam-se as mãos e a folia era completa!
 O pó de arroz e o arrebique principiarão a ser vítimas da água perfumosa de cenoura de metal. Dentro de poucos instantes os lencinhos arrendados de cambraia estavam ensopados de uma tinta cor de rosa á semelhança do carmim! Repentinamente todas aquelas jovens ficarão palidas como o jasmim.
 A rapaziada preferia a dança ao entrudo, cercava o madamismo e esgotava em doçuras a amabilidades o vocabulário do amor.
 -Minha senhora! V. Ex. é a esfínges deste salão!... disse um dengoso e arrebicado jovem a uma linda e encantadora menina, a quem oferecia o braço.
 - Oh! Quem dera que o fosse! Respondeu a donzela.
 A esfínges! Passa fora! Articulou Fr. Martinho, que andava por ali a meter em tudo o seu nariz.³³⁶

Novamente é apresentada a idéia de entrudo e carnaval como um casal, “davam-se as mãos e a folia era completa”, sem um não existiria o outro. As moças, sempre coradas pela maquiagem, ficavam pálidas, de rosto lavado pelas molhadelas e recusavam as danças, preferência dos rapazes, mostrando mais uma vez que, aos olhos da imprensa, o entrudo continuava a reinar por causa da insistência feminina na brincadeira. Note-se, ainda, que a coluna *Folhetim* era destinada ao público leitor feminino e que, apesar de afirmar que entrudo e carnaval faziam um par e que as pessoas não se divertiam mais sem este, o colunista coloca, principalmente, sobre as mulheres o gosto por tal divertimento. Tal procedimento nos parece uma forma de advertir as mulheres deste tipo de brincadeira, que apesar de animada, poderia ser um risco para suas reputações, induzindo-as a desistirem de uma vez do entrudo.

De forma sarcástica e com um tom crítico, o colunista continuava a narrar os acontecimentos do baile burlesco da Esmeralda:

A velhada, ao ouvir falar em bisnaga, pôs-se em campo!

³³⁶ *Jornal do Commercio*, 16 de fevereiro de 1882, p.1.

Ora, sempre é uma cousa notável o amor que têm os velhos ao entrudo! Frios, sem fogo, sem calor algum, eles (os velhos) contentam-se em resfriar as damas, atirando-lhes muitas e repetidas bisnagadas!

Fazia gosto ver a velhada como achava influída! Lá estava um, e este era bem velho, de bisnaga em punho, que seria mais fácil encontrar no espaço uma estrela ao meio dia do que um fio de cabelo preto em sua vasta cabeleira!

E como se influía ele para as meninas! Vejam lá se procurava as senhoras da sua idade!...

- O Dedê! Aquele velho não enxerga, não é?

-Foi ele que te molhou, Candinha?

-Foi. Ora veja... E que bisnaga que tem ele! Aquilo é um barril de água, Dedê!... Ai, meu Deus! Aí vem ele!...

Diga pra ele que vá molhar D. Fifinha, que é da sua idade. Ora esta! Que mania! Estes velhos quando dão para...

E não acabou a frase porque um grupo de rapazes a acometeu com bisnagas.

Os velhos andarão n'um sarilho. Um deles, e este então era o mais influído, meteu-se por detraz de uma coluna e dava bisnagadas a valer!

Outro, corria daqui para ali, no meio do salão, e parecia mesmo que tinha perdido a cabeça, tão louco ou alucinado se achava!

Um outro, ficou tão cego no frenesi das molhadelas, que deu uma grande bisnagada no frade, pensando que era mulher!

Até uma moça que estava da parte de fora, debruçada na janela, não contente de estar ali a bisnagar a humanidade que passava, não pode conter-se e veio ao salão molhar um moço de bigodes grandes, que dançava...

Ah! Que combate!... Ambos ficarão como dois pintinhos...

[...]E assim terminou o baile burlesco da Esmeralda.³³⁷

Percebe-se, pois, que o colunista se refere ao entrudo em um tom jocoso e malicioso, transformando a brincadeira em um ato marcado por uma profunda licenciosidade, no qual estavam presentes mesmo as pessoas de mais idade. A participação destes na brincadeira é vista de modo depreciativo, pois “frios”, “sem fogo”, “contentam-se em resfriar as damas, atirando-lhes muitas e repetidas bisnagadas”. Esta crítica à sua participação se acentua quando estes, ao invés de molharem pessoas de sua idade, apontam suas bisnagas para as moças mais jovens. As expressões deste excerto condenam tal atitude ao afirmar que “vejam lá se procurava as senhoras da sua idade!”, ou quando comenta que “aquele velho não enxerga”. A expressão “bisnaga”, usada de modo ambíguo, acaba, maliciosamente, adquirindo um duplo sentido. Expressões como “que bisnaga que tem ele”, adquirem um sentido extremamente malicioso no texto apresentado.

Em outro texto, um folhetinista do *Jornal do Commercio* ressaltava essa licenciosidade do entrudo bem como a participação de pessoas das mais variadas idades.

³³⁷ *Jornal do Commercio*, 16 de fevereiro de 1882, p.1.

E como não esteja concluindo o folhetim, cedo a palavra ao meu amigo das bisnagas, um certo folgazão que gosta de brincar, de bisnagar, mas que foge das meninas que é um gosto! Porto Alegre bem o conhece... e por isso eu não lhe digo quem é...

Ei-lo que chega! Tome a pena, meu amigo. Assente-se aqui. Converse com as leitoras e depois não vá dizer-lhes que o estilo não é seu...

-Me larguem; seu Mingote não me bisnague assim!...

-Ah, está me entrando pelo ouvido!...

-Não me pise...

Anda, bem feito!...

-Não me aperte o braço...

-Ai, ai!...Quase que torci o pé...

Estou toda molhada...

Seu Pinto, me deixe...

Eu não posso mais...

Não me belisque assim...

-Não seja atrevido...

São estas as exclamações que rebentão da onda elegante que se entrega á noite ás loucuras do entrudo na Rua da Praia.

Aqui e acolá os grupos de moças e rapazes se chocam; os velhos sentem-se rejuvenescidos... Não há um só deles que não ande com duas ou três bisnagas...

Uma só não os satisfaz...

A bisnaga é a palavra da atualidade... Janta-se, almoça-se, ceia-se e dorme-se com a bisnaga na mão ou na boca.

A bisnaga é a preocupação da cidade.

Anteontem ainda encontrei dois primos que se bisnagavam como dois desesperados...

-Não me molhe assim, primo...

-Não me provocou... Agüente-se

-Ai! Primo, não me agarre assim pela cintura...

-Deixe estar... eu não lhe piso...

E nisto o primo escorregou sobre a prima e ambos foram ao chão. Pareceu-me ouvir o frêmito de um beijo, talvez não fosse, mas o que é exato é que se não foi um beijo, foi uma bicota...³³⁸

Denota-se, na fala do colunista, o quanto a brincadeira tinha para ele uma conotação sexual: beliscões, atrevimentos, agarrões pela cintura e até prováveis beijos, mesmo que entre primos. A escolha do sobrenome de um dos participantes da brincadeira – seu Pinto – já demonstra a conotação que o autor buscou empregar em sua escrita. Beliscões, apertões e agarrões são imputados como comuns entre a “onda elegante que se entrega à noite às loucuras do entrudo da Rua da Praia”. E o que será que o autor quis expressar quando afirmava que “janta-se, almoça-se, ceia-se e dorme-se com a bisnaga na mão ou na boca?”. A participação dos “velhos” é, novamente, destacada neste excerto, pois, segundo o autor, “os velhos sentem-se

³³⁸ *Jornal do Commercio*, 19 de fevereiro de 1882, p.1.

rejuvenescidos... Não há um só deles que não ande com duas ou três bisnagas. Uma só não os satisfaz”.

Verificamos, até o momento, que apesar da tentativa das sociedades em abolir o uso das bisnagas - e principalmente - durante os bailes e de usarem um discurso crítico a quem permanecesse com esse hábito, na prática vemos o entrudo fazer parte da festa das sociedades e permanecer reinando juntamente com elas, pois como dizia o articulista, “a bisnaga é a palavra da atualidade”³³⁹. Os próprios membros destas associações, que deveriam estar de acordo com as normas estabelecidas pela organização dos bailes, permaneciam fiéis a tais práticas e costumes. DaMatta, ao analisar nossas relações sociais, fala de uma conhecida *doxa*: “faça como eu digo, mas não faça como eu faço” e diz que isso não é por acaso, pois “entre dizer e fazer há um abismo que parece caracterizar todo sistema dotado daquilo que Weber chamou de ‘éticas dúplices’, ou seja: códigos de interpretação e norteammento da conduta que são opostos e valem apenas para certas pessoas, ações e situações”³⁴⁰ e estas éticas dúplices parecem também terem se situado na esfera das condutas carnavalescas para a elite de Porto Alegre, uma vez que, mesmo procurando substituir o entrudo por um novo modelo de carnaval mais elegante e sofisticado, tais sociedades não conseguiam ter entre seus membros práticas condizentes com o discurso que era exteriorizado. A ilustração abaixo é elucidativa no sentido de podermos observar claramente quais eram os agentes sociais que estavam participando da brincadeira:

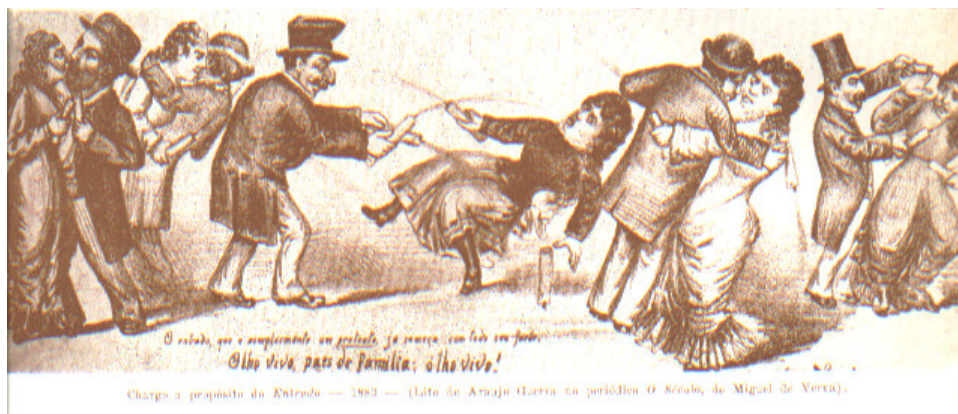


Ilustração 1. Lito de Araújo Guerra, publicada no periódico O Século, 1880, retirada de FERREIRA, 1970, p.50.

³³⁹ *Jornal do Commercio*, 19 de fevereiro de 1882, p.1.

³⁴⁰ DAMATTA, Roberto. Op. Cit, p.52

Na figura em questão, homens e mulheres estão se deliciando com bisnagas durante um baile, onde aparecem cinco casais espargindo águas um no outro (o homem na mulher e vice-versa, uma vez que, como já foi dito, não seria de bom tom homens molhando homens). Alguns casais aparecem dançando com os corpos entrelaçados, um dos casais está a se beijar, numa postura um tanto quanto indecorosa para a época, evidenciando o quanto esse jogo permitia o contato corporal entre homens e mulheres e estimulava um comportamento que era pregado como inadequado para as damas, pois como vimos no o capítulo anterior, o recato e o pudor eram qualidades da virtude feminina.

Note-se que as pessoas que estão brincando o entrudo na charge, com suas cartolas e vestimentas, são nitidamente elementos de uma classe mais abastada, de quem se esperaria o comedimento do carnaval das sociedades e não as burlas e a licenciosidade do entrudo, que deveria “civilizar” e “educar” o restante da população através do carnaval *chic*, elegante e sofisticado de esmeraldinos e venezianos. Porém, não era isso o que ocorria. Ao invés de ser o entrudo eliminado, ele continuava a motivar os foliões, não só os populares, como a *hight society* porto-alegrense.

A idéia apresentada pela imprensa de que o entrudo era uma brincadeira perigosa, onde a moral das moças e conseqüentemente das famílias estava sendo arriscada, também está presente na figura. Neste sentido, tal charge é um aviso e uma recomendação aos pais de família sobre os perigos das bisnagas. Isto torna-se claro se observarmos na extremidade inferior da gravura onde está escrito: “o entrudo, que é simplesmente um pretexto, já começa com todo o seu furor. Olho vivo, paes de família; olho vivo!”.

Para Burke, as imagens “[...] freqüentemente, tiveram seu papel na ‘construção cultural’ da sociedade, são testemunhas dos arranjos sociais passados e acima de tudo das maneiras de ver e de pensar do passado”³⁴¹. Estão muitas vezes relacionadas a acontecimentos e episódios que marcam aquele determinado período, por isso “[...] o significado das imagens depende do seu contexto social”³⁴². Deste modo, esta charge pode ser entendida como uma tentativa de ‘construção cultural’, uma imposição de um determinado comportamento que parecia inadequado aos olhos de quem a produziu. Isto é compreensível se retomar-se as tentativas por parte dos

³⁴¹BURKE, Peter. *Testemunha Ocular: história e imagem*. Bauru, SP: EDUSC, 2004, p. 324.

³⁴²Ibid., p. 324.

organizadores dos bailes de extirpar o jogo do entrudo dos salões das sociedades, especialmente entre o gosto feminino.

E quem a produziu? A charge foi feita por Araújo Guerra e publicada no periódico *O Século*, de propriedade de Miguel Werna. Este era um jornal ilustrado, de edição semanal, que costumava publicar anedotas maliciosas e escandalosas para as famílias da burguesia local e dedicado em criticar os costumes da cidade. Segundo Porto Alegre, “o Século só era publicado aos domingos, e deixou nome na imprensa da nossa terra, pela graça, pelo espírito e por muitas cousas que dizia sem recato, cruas demais ...”³⁴³.

Miguel Werna e Bilstein, seu proprietário, nasceu em 1850 e faleceu aos 46 anos. Membro de uma família ligada à aristocracia imperial, desde 1877 dedicou-se ao jornalismo. Foi um dos fundadores da Sociedade Parthenon Literário e era filiado ao Partido Conservador. Publicou *O Século* de 1880 a 1893³⁴⁴. Em editorial publicado em janeiro de 1882, Miguel Werna anunciava que:

a tiragem de seu jornal é de 2000 exemplares e declara alguns de seus princípios: afirma não fazer jornalismo partidário, mas informa sua ligação ao partido conservador e sua repulsa aos liberais; declara que respeita o lar doméstico e o cidadão digno, mas castiga com ‘estrondosas gargalhadas’ os hipócritas e mentirosos.³⁴⁵

Miguel de Werna não era um apoiador do entrudo, mesmo porque fora sócio e presidente da Esmeralda. Desta forma, através da charge, talvez ele pretendesse criticar o uso das bisnagas e a permanência do jogo do entrudo nos bailes da sociedade, pois em seu jornal, com uma linguagem provocante e por vezes até ferina, ele provocou desconforto e discussão entre as “boas famílias” da capital. Entretanto, segundo suas palavras:

Nunca escrevemos com intenção de que nossas palavras possam ter uma interpretação pouco decente; relatamos fatos que nos pareceram espirituosos ou, quando menos, merecedores de atenção pela sua originalidade. (...) Quanto a essas pessoas pudicas que se constituíram em nossas censoras aconselhamos que não consintam que suas famílias leiam o Século; ofende-lhes a pudícia, a leitura e isto pode-lhes causar grande mal.

³⁴³PORTO ALEGRE, Achylles. Op., Cit., p. 78.

³⁴⁴Cf. Sérgio da Costa .Franco, Op. Cit., p.312.

³⁴⁵LAZZARI, Alexandre. Op. Cit., p.119.

Leiam de preferência o Primo Basílio ou a Nana; são leituras moralíssimas e por isso muito próprias para tais famílias...³⁴⁶

Com isso podemos entender um pouco mais quais eram os propósitos e intenções com a publicação da charge: uma sátira, com “estrondosas gargalhadas”, à hipócrita burguesia porto-alegrense, que apesar de exaltar as sociedades carnavalescas e mal falar o entrudo continuava a praticá-lo. Segundo Lazzari, “a própria vulgaridade que descrevia no jogo do entrudo representava, no seu modo de ver, a verdadeira moralidade dos novos ricos, a qual fazia questão de expor ao escárnio público”³⁴⁷. Werna, como um aristocrata monarquista, não perderia a oportunidade, com esse comportamento dúbio dos novos ricos, de atacar aqueles que ele considerava não pertencentes ao escol da verdadeira nobreza.

Araújo Guerra³⁴⁸ – que desenhava e preparava os carros da Esmeralda³⁴⁹ – irá ainda, publicar anos mais tarde no seu próprio jornal, *A Lente*, outras charges com a temática do entrudo, como por exemplo, a apresentada a seguir:



Ilustração 2. Bisnagadas . Retirada do jornal *A Lente*, 1885.

³⁴⁶*O Século*, 1882, p.1

³⁴⁷LAZZARI,Alexandre. Op. Cit., p.119.

³⁴⁸Antonio Eduardo de Araújo Guerra, pintor português que veio para o Brasil em 1878. Foi proprietário – juntamente com Eduardo Chapon – do periódico humorístico ilustrado pelotense *Cabron*, publicado entre 1879 e 1881. “Em 1880, Eduardo Chapon se desligou do periódico, assumindo toda responsabilidade Eduardo Guerra, o qual transformou a folha numa ferramenta para criticar intensamente a sociedade da época, fato que o tornou odiado na cidade por suas caricaturas audaciosas”. LOPES, Aristeu Elisandro Machado . Representações da escravidão e da abolição nas caricaturas da imprensa ilustrada e humorística pelotense do século XIX. In: II Encontro Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional, 2005, Porto Alegre. Anais do II Encontro Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional. São Leopoldo : Oikós, 2005. p. 03.

³⁴⁹*Mercantil*, 07 de fevereiro de 1883, p.2.

Nesta imagem, três homens estão a bisnagar duas mulheres, que parecem estar se protegendo dos esguichos com suas sombrinhas. Abaixo está escrito: “As bisnagas, no fim do Carnaval, fizeram seu filé, entrando em concorrência com a chuva. Era cada aguaceiro! ...”. Segundo Flores, a charge se caracteriza por ser “um texto usualmente publicado em jornais sendo via de regra constituído por quadro único. A ilustração mostra os pormenores caracterizadores de personagens, situações, ambientes, objetos. Os comentários relativos à situação aparecem por escrito”³⁵⁰. Assim, a expressão icônica atrelada à escrita pode nos clarear um pouco mais sobre as intenções e pensamentos do autor. Flôres, ainda argumenta que:

A charge é um interessante objeto de estudo por aquilo que mostra e diz de nós mesmos e do mundo em que vivemos, contribuindo, além disso, para moldar o imaginário coletivo[...}, o conteúdo da charge desnuda a reação ao status quo. [É um] tipo de texto sui-geniris que mostra e conta, ao mesmo tempo, os conflitos sociais. [...] Sua temática versa, em geral, sobre o cotidiano – questões sociais que afligem, irritam, desgostam, confundem³⁵¹.

Note-se que, neste ano, a chuva parece não ter dado trégua ao reinado de Momo, tanto é que outro desenho (que será analisado mais adiante) é apresentado um homem, representado a Esmeralda, com um guarda-chuva e embaixo d’água. A Esmeralda teria naufragado com a chuva, enquanto a festa era feita à “moda antiga”. Dá-lhe entrudo!

Nesta outra representação, vemos um pai a defender e proteger sua filha dos esguichos das bisnagas e dos limões de cheiro, que vinham de todos os lados, fazendo com que, como afirma o cartum, “alguns chefes de família viram-se atordoados com estes destampatórios”.

³⁵⁰FLÔRES, Onici. *A leitura da charge*. Canoas: Ed. Ulbra, 2002, p.14.

³⁵¹Ibid, p.11.



Ilustração 3 – Entrudo. Retirada do jornal *A Lente*, 1885.

Datada do ano de 1885, esta charge parece ser um alerta aos pais de família ao mesmo tempo em que é um deboche aos usos e costumes dos porto-alegrenses e da defesa da moral feminina e por consequência, da família. Reflete o pensamento de seu autor sobre questões que estavam em evidência naquele período: o entusiasmo da população ao divertir-se com o “atrevido” entrudo e a possibilidade de burla, para as moças, da vigilância paterna com atitudes que em dias normais não eram permitidas.

Por ser ela uma representação, devemos atentar para o fato de que, enquanto imagem, ela dá “acesso não ao mundo social diretamente, mas sim a visões contemporâneas daquele mundo”³⁵², pois sendo arte ela “é uma fonte que diz sobre o seu momento de feitura e não sobre o tempo do narrado ou figurado”³⁵³. Logo, ao publicar essas charges, Guerra refletia as indagações de seu tempo. A preocupação das boas famílias (note-se que o pai está com uma vestimenta típica burguesa) com a honra das mulheres é mais uma vez identificada, sendo esta brincadeira um motivo para deixar os pais totalmente perplexos.

³⁵²KERN, Maria Lúcia. Tradição e Modernidade: a imagem e a questão da representação. *Estudos Ibero-Americanos*. PUCRS, v. XXXI, n.2, dezembro de 2005, p.236.

³⁵³PESAVENTO, Sandra. Este mundo verdadeiro das coisas de mentira: entre a arte e a história. *Estudos Históricos, Arte e História*, n. 30, 2002/2, p.1.

Apesar disso, não se pode afirmar que essas imagens tenham exercido algum tipo de influência sobre seus destinatários ou se foram percebidas da forma como o autor queria, pois “[...] os produtores de imagens não podem fixar ou controlar seus significados, embora tentem muito arduamente fazê-lo, seja por meio de inscrições ou outros meios”,³⁵⁴ caso que parece ser o que aconteceu na figura em questão.

As imagens, muitas vezes, cumpriram também um papel pedagógico, sendo uma forma de “educar” a população a partir de ideais vigentes de certo grupos da sociedade. Segundo Kern, “a imagem artística foi também utilizada por suas potencialidades pedagógicas e de expressão de poder, desde a antiguidade até o mundo moderno, quando a arte começou a ser desfrutada pelo prazer estético que ela produzia e cultuada como obra-prima”³⁵⁵. Neste caso, pode ser que tais imagens pretendessem vincular uma idéia oriunda de uma parte da elite porto-alegrense, que queria um carnaval culto e sofisticado e não mais o atrevido entrudo e seus contatos corporais, e, através delas (das imagens), educar, clarear para os demais as ameaças entrudescas.

Em todas as imagens analisadas, o entrudo era retratado como um momento em que ocorriam contatos corporais, propiciando oportunidades para liberações sexuais. E isto, segundo a visão do chargista, causaria, ou deveria causar, a preocupação dos chefes de família, fazendo com que estes fossem defender a honra familiar, tentando tirar suas filhas da brincadeira. A honra, preocupação constante nas charges estudadas, é um dos componentes da virtude e pode ser definida “pelo valor de uma pessoa a seus próprios olhos e perante a sociedade na qual ela se insere, demonstrando o nexo existente entre os ideais de uma sociedade e a reprodução desses pelo indivíduo”³⁵⁶. É compartilhada, por exemplo, pelo núcleo familiar, repercutindo, a conduta desonrosa de um “sobre a honra de todos”.³⁵⁷ Assim, um comportamento, como o retratado nas charges, que colocava a honra daquelas mulheres em dúvida, afetaria toda a família, gerando a aflição daquele pai que tentava salvá-la da perdição, pois se essa não fosse mais enquadrada na condição de donzela, ou não conseguisse com que o feitor do mal reparasse seu erro, casando-se, criando um lar e uma família, essa mulher seria vista com maus olhos pela sociedade, podendo entrar facilmente para o mundo da prostituição.³⁵⁸

³⁵⁴BURKE, Peter. Op. Cit., p.223.

³⁵⁵KERN, Maria Lúcia. Op. Cit., p.17.

³⁵⁶Ibid, p.133.

³⁵⁷CARELI, Sandra. Op. Cit., p. 133.

³⁵⁸Cf. CARELI, Sandra. Op. Cit., p. 149.

O que temos visto até aqui é que, apesar do esforço das sociedades em mudar os costumes carnavalescos em Porto Alegre, o entrudo continuava com força total. A permanência da brincadeira foi, de muitas formas, atribuída às mulheres, que seriam “entrudeiras inveteradas” e que, apesar de adotarem o novo modelo de carnaval permaneciam arraigadas à tradição. Como salientamos anteriormente, a noção de *habitus* nos seria útil na tentativa de compreensão tanto da permanência dos costumes entrudescos entre o sexo feminino, quanto das críticas sofridas por esse modo de brincar o carnaval pela elite porto-alegrense, que reivindicava a existência de um carnaval mais moderno, sofisticado, atribuindo ao entrudo a pecha de jogo bárbaro e grosseiro. Tais atributos – moderno e sofisticado X bárbaro e grosseiro – só fazem sentido se situados como significações referentes a um universo mental e simbólico de representações que são – ao mesmo tempo – estruturadas e estruturantes. O que levava a elite porto-alegrense a considerar o entrudo um jogo bárbaro e o carnaval dos préstitos e sociedades o verdadeiro carnaval? Do mesmo modo, Bourdieu indagara por que, “a propósito de uma roupa, de um móvel ou de um livro, nós dizemos: ‘Isso é coisa de pequeno burguês’, ou: ‘Isso é coisa de intelectual’”, questionando as condições sociais de possibilidade de tal juízo³⁵⁹. E argumentara que duas seriam as explicações para tal juízo: “Em primeiro lugar, isso supõe que o gosto (ou o *habitus*) enquanto sistema de esquemas de classificação está objetivamente referido, através dos condicionamentos sociais que o produziram, a uma condição social”³⁶⁰. “Em segundo lugar, um juízo classificatório como ‘isso é coisa de pequeno burguês’ supõe que, enquanto agentes socializados, somos capazes de perceber a relação entre as práticas ou representações e as posições no espaço social”³⁶¹. Através desses sistemas de classificação – intermediados pelo *habitus* – os agentes sociais reconheciam que o carnaval das sociedades era um carnaval requintado, enquanto que o entrudo era um jogo bárbaro.

Todavia, a correspondência que ocorre entre as disposições, os gostos e o lugar ocupado no espaço social não é a única estruturante de tais preferências e comportamentos. Senão, de que modo explicaríamos a predileção que mulheres das classes mais abastadas pelo jogo do entrudo? A permanência do jogo mesmo nos bailes das sociedades, entre as elites da capital? Para Bourdieu, “o mundo social pode ser dito e construído de diferentes maneiras, de acordo com diferentes princípios de visão e divisão – por exemplo, as divisões econômicas e as divisões

³⁵⁹BOURDIEU. Op. Cit, p.158 e 159.

³⁶⁰ Ibid., p.158 e 159.

³⁶¹ Ibid, p.158 e 159.

étnicas”³⁶². Acrescentaríamos, ainda, as divisões sexuais, às quais o autor denominou de *habitus* sexuais, constituídos e apreendidos socialmente. Assim, as disposições culturais femininas pareciam estar mais suscetíveis às preferências, por exemplo, pelo jogo do entrudo, mesmo que esse fosse – nos meios mais abastados – considerado um jogo impróprio para pessoas de determinada posição social. Tais sentidos atribuídos a práticas, costumes e atitudes – o carnaval, por exemplo – funcionam como mecanismos de distinção e classificação, signos distintivos que funcionam como um espaço simbólico de divisão do mundo social.

Ademais, os costumes arraigados entre a população da capital, os significados dados aos festejos carnavalescos e as disposições culturais associadas a tal festividade não poderiam ser substituídos automaticamente em função de uma demanda proveniente da elite e da imprensa da cidade – predominantemente masculinas – por uma modernização de tais festejos e conseqüente extinção do entrudo. Mesmo que as sociedades representassem uma nova forma de se vivenciar o carnaval – que apresentava signos distintivos que classificavam claramente os comportamentos ditos adequados – os antigos costumes não foram abandonados simplesmente porque estavam interiorizados entre a população. Neste sentido, as razões da permanência de tal costume entre a população porto-alegrense – especialmente a feminina – remetem tanto a uma predisposição interiorizada pela sexualização do *habitus* quanto a um descompasso existente entre o ritmo de adaptação das disposições culturais às demandas sociais exteriorizadas.

Por outro lado, como estamos lidando com a imposição de determinados valores, condutas e lugares que deveriam ocupar as mulheres durante as festas carnavalescas também podemos entender a insistência feminina com o jogo do entrudo como uma forma de resistência cultural. Rachel Soihet, em um trabalho sobre resistência indígena, salienta que nas obras de Thompson “as modalidades de resistência desenvolvidas pelos populares ocupam papel central”. É descartada “a visão de uma ação unilateral do poder sobre os dominados passivos e impotentes. Os subalternos não estariam a mercê das forças históricas externas e determinantes, desempenhando um papel ativo e essencial na criação de sua própria história e na definição de sua identidade cultural”³⁶³. Para a autora essa resistência pode se dar de forma simbólica, sendo as festas bons períodos para se expressarem.

³⁶²Ibid, p.158 e 159.

³⁶³SOIHET, Rachel. O drama da conquista na festa: reflexões sobre resistência indígena e circularidade cultural. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol.5, n.9, 1992, p.46.

Assim, podemos perceber as atuações femininas também como uma forma de resistência cultural ao discurso empregado pelas sociedades para uniformizar os seus comportamentos e adequá-los ao novo modelo de carnaval, um modelo de festa considerado mais elegante e sofisticado e de acordo com aquilo que Porto Alegre deveria ser para se igualar às grandes cidades – como vimos no capítulo II. Este novo carnaval impunha um modelo de comportamento às mulheres, cuja imagem deveria estar condizente aos novos padrões de conduta feminina na folia que surgem a partir da instauração das sociedades carnavalescas. Ao não se resignarem a esta nova imagem, com lugares distintos dos que elas ocupavam anteriormente e permanecerem fazendo o uso da brincadeira tão condenada, as mulheres estavam resistindo a este modelo que lhes pré-estabelecerem. Pedro, ao estudar as imagens idealizadas que foram construídas no fim do século XIX para as mulheres do Sul afirma que:

todas as campanhas homogeneizadoras tinham, entretanto, alcance limitado, não só porque os jornais atingiam apenas parte da população letrada, mas também porque esbarravam em vivências culturais que traziam há muito tempo outros modelos de papéis sexuais, difíceis de transforma”.³⁶⁴

Talvez, por esse motivo, tenha sido tão complicado extirpar o entrudo do cotidiano carnavalesco da capital da Província do Rio Grande. Mesmo porque, apesar do ataque a ele e da tentativa de cativar as mulheres para a nova festa e fazê-las desistirem do antigo jogo, encontramos muitas propagandas de venda de bisnagas, como por exemplo, essa:

Viva o folguedo, viva a pandega! O proprietário do **Grêmio dos fumantes**, aliás um anacoreta de força, saiu este ano fora do seu proverbial serio e, tomando parte ativa á vanguarda dos entusiastas do carnaval, oferece á venda um bonito sortimento de mimosas, fragrantes e odoríferas **bisnagas**, ás elegantes porto-alegrenses, ás matronas folgazonas, aos rapazes de bom gosto, aos velhos gamenhos e, finalmente, ao preto, ao branco, ao caboclo, ao bujamé, contanto que tragam as cartas de recomendação do tesouro nacional. Abaixo o carrancismo! Viva a folia!³⁶⁵

Aqui, o proprietário do Grêmio dos fumantes, oferece seu produto (que não é rude e sim, mimosas e cheirosas bisnagas) a toda população de Porto Alegre: velho, moço, branco, preto, e também às moças e senhoras. A brincadeira não é apresentada como atrasada, mas sim o ataque que era feito a ela é tido como algo do passado.

³⁶⁴PEDRO, Joana. Op. Cit., p. 306.

³⁶⁵*Mercantil*, 06 de janeiro de 1880, p.3.

É interessante notar que, quando do surgimento das sociedades, o jogo do entrudo é que era atacado como sendo um costume do passado, atrasado. Agora, a situação se inverte: o ataque a ele sim que é um carrancismo. Além disso, as bisnagas deixam de ter uma conotação negativa para serem fragrantas e mimosas, tornando-se adequadas até mesmo para as elegantes porto-alegrenses.

Essas propagandas de vendas de bisnagas chocavam-se frontalmente com o chamamento feito pelas sociedades para que ninguém as levasse para os bailes e para que se atingisse a extinção do “brutal jogo do entrudo”³⁶⁶, o “terrível flagelo da humanidade”³⁶⁷. Isso demonstra que, apesar das constantes recomendações das sociedades, o gosto pela utilização da bisnaga continuava persistindo entre os porto-alegrenses, sobretudo entre o segmento feminino e que as mesmas induziam ao uso deste utensílio e a permanência da brincadeira.

3.3 - A participação feminina nas diretorias das associações e na organização dos bailes

As mulheres, como vimos, eram presenças certas nos bailes das sociedades carnavalescas. As que se fantasiavam, reuniam-se na casa de algum sócio das sociedades e rumavam juntas para o salão. No baile da Esmeralda de 1878, os organizadores solicitavam

às Exm.as. Sr.as que pretendem fantasiar-se para o baile o obsequio de reunirem-se no sobrado á rua do Riachuelo, esquina da do General Câmara, onde se achará a comissão de senhoras para recebê-las, a fim de incorporadas fazer-se a entrada para o salão³⁶⁸.

Segundo o jornal *Mercantil*, a presença feminina era motivo de destaque do carnaval, sendo que “a concorrência ao baile foi extraordinária e o sexo das graças estava representado por infinidade de jovens da nossa sociedade, fazendo assim realçar aquella festa de folguedos, presidida pelo deus Momo”³⁶⁹.

Contudo, as participações femininas nas sociedades carnavalescas e nos bailes não se restringiram somente a esse papel “decorativo” a elas atribuído. Embora tenham nascido como

³⁶⁶ *Mercantil*, 06 de março de 1878, p.2.

³⁶⁷ *Mercantil*, 06 de março de 1878, p.2.

³⁶⁸ *Mercantil*, 02 de março de 1878, p.3.

³⁶⁹ *Mercantil*, 21 de fevereiro de 1881, p.2.

iniciativas masculinas e tenham sido sempre dirigidas por homens, as sociedades carnavalescas chegaram a ter algumas mulheres nas listas de eleições. Nunca presidentes, nem tesoureiras, as mulheres ocuparam cargos destinados à organização dos bailes e desfiles.

Na eleição da sociedade Esmeralda, em 1879, as mulheres perfaziam a comissão de honra, responsáveis pela organização dos bailes daquela agremiação e sob o título de “excelentíssimas senhoras”: Agueda Francelina Salgado, Alzira Margarida Masson, Florinda Chaves de Castro, Clemência Fróes, Georgina Nelson, Leopoldina Chaves³⁷⁰.

Em 1880 e 1881, já não havia mais essa categorização e elas passaram a integrar as comissões internas e externas dos festejos, ao lado de figuras masculinas. Algumas delas participavam da comissão dos festejos externos – Clara Telles Ribeiro, Maria da Gloria Job, Maria Emilia Belli, Palmira de Araújo – e outras da comissão dos festejos internos – Cecília Fialho, Joanna da Câmara Vasques, Clemência Fróes, Amélia Gama³⁷¹. Em 1881 a comissão de festejos internos da sociedade Esmeralda era formada por D. Julia Koeler, D. Maria Carlota Coelho da Cunha, D. Georgiana Bello, D. Leopoldina Chaves, D. Malvina Mostardeiro, D. Júlia Lara; e a comissão de festejos externos por Maria do Carmo Job, D. Alzira Masson, D. Amélia Joaquina Ladeira, Amélia da Costa e Silva, Simplicia Fróes, D. Maria Bernadina Ferreira³⁷².

Já os Venezianos, em 1882, ainda mantinham essa classificação, colocando as mulheres na comissão de honra como “Exmas. Sras. D.D” Amélia dos Reys, Alzira Bueno, Alice Vieira, Affonsina dos Reys, Adelaide Koseritz, Amélia Gaertner, Elvira Bueno, Francisca d’Araújo Vieira, Idalina Schreiner, Julieta Dutra, Maria José Fernandes Pereira, Regina Torres³⁷³.

Os bailes públicos³⁷⁴, igualmente, contavam com participações femininas em suas direções, colaborando na organização dos mesmos e, segundo jornais da época, abrilhantando-os. O programa do Teatro de Variedades³⁷⁵, para o carnaval do ano de 1882, ressaltava que:

³⁷⁰*Mercantil*, 03 de março de 1879, p.3.

³⁷¹*Mercantil*, 16 de fevereiro de 1880, p.2.

³⁷²*Mercantil*, 07 de março de 1881, p.1.

³⁷³*Jornal do Commercio*, 12 de março de 1882, p.1.

³⁷⁴Ocorriam durante o carnaval diversos bailes, chamados públicos, para os quais pagavam uma quantia para entrar. Os bailes ocorriam no Teatro de Variedades, no Teatro São Pedro, no Rink Cosmopolita. Algumas vezes, eles contavam com a presença das grandes sociedades, que após seus desfiles apresentavam-se neles: “Em atenção aos dedicados convites que lhe foram feitos, comparecerá á noite a sociedade [Esmeralda] aos bailes mascarados no teatro S. Pedro e no de Variedades”. *Mercantil*, 07 de fevereiro de 1880, p.3.

³⁷⁵Situado na Rua Voluntários da Pátria, foi inaugurado em 14 de dezembro de 1879, era uma espécie de politeama, destinado a companhias líricas, companhias dramáticas, companhias de cavalinhos, e, na falta delas, até a pistas de patinação e salas de baile. Em 1890, mudou de nome para Teatro América e teria sobrevivido até 1894. Cf. FRANCO, Sérgio. Op. Cit., p.397.

Para mais abrilhantar estes imponentes bailes são diretoras as DD. Francisca Joaquina de Oliveira, Anastácia Meirelles e Amélia Ribeiro – e para domingo - DD. Cândida Marçal. Leopoldina Maria de Macedo e Diobarda da Silva.³⁷⁶

Podemos, dessa maneira, visualizar que, com o passar do tempo, as mulheres passaram a ocupar outros lugares que não os destinados a elas quando do nascimento das sociedades, rompendo com o que lhes havia sido proposto e participando ativamente da festa tanto na organização dos bailes quanto na direção das sociedades – mesmo que não ocupando os principais cargos.

O que teria levado a essas agremiações admitirem em seu escol figuras femininas? Para Lazzari, “pouco ainda é possível saber sobre a transformação daquelas iniciativas estritamente masculinas em associações familiares e também sobre os sentidos que as próprias mulheres davam á sua participação”³⁷⁷, o que podemos visualizar é que gradativamente, os lugares e as condições dessas mulheres no festejo foram se transmutando. A própria forma como o nome delas aparece na lista de eleitos da sociedade Esmeralda reflete isso: primeiro apareciam como as esposas dos homens das sociedades, que os ajudariam a organizar os bailes, para no ano seguinte já serem incluídas, lado a lado a eles, na comissão organizadora, sem ter que ter o respaldo do “excelentíssima senhora”³⁷⁸. Será que dar-lhes espaço nas sociedades teria sido uma forma de tentar fazê-las desistirem do entrudo? Uma maneira de fazê-las sentirem-se representadas e assim adotarem a nova prática, desistindo das antigas? Ficam as questões!

3.4 – Práticas e discursos sobre o comportamento das mulheres entre as camadas populares: o universo dos bailes públicos

Muitas vezes, o discurso que atribuía às mulheres um comportamento caracterizado pela passividade e moral acabava encontrando eco nas próprias práticas sociais femininas. No caso que analisaremos a seguir, observa-se que, quando chamadas a prestar depoimento em um processo judicial, as mulheres em questão acabaram por buscar se adaptar às expectativas socialmente produzidas em torno de suas condutas. Contrariando suas práticas sociais, seus discursos buscaram uma adequação aos ideais estabelecidos para as condutas femininas.

³⁷⁶ *Jornal do Commercio*, 26 de janeiro de 1882, p.3.

³⁷⁷ LAZZARI, Alexandre. Op. Cit., p.134.

³⁷⁸ *Mercantil*, 03 de março de 1879, p.3.

O referido processo é resultado de um homicídio ocorrido durante um baile público carnavalesco realizado no dia 5 de fevereiro de 1882, no Theatro de Variedades. Significativo nesse processo é o fato de que, através dele, podemos chegar a uma voz feminina que nos elucida diversos elementos sobre a participação das mulheres nos bailes. Deve-se considerar que – como discutimos brevemente na introdução desse trabalho – quando chamadas para testemunhar perante a justiça, as pessoas estão coagidas, não é um registro voluntário e livre, mas sim um registro diante de uma autoridade. Tal processo, portanto, resultou de uma briga entre cadetes e paisanos, no referido baile, aonde Marçal Nunes Garcia é acusado de ferir gravemente a Honório dos Santos, que acabou falecendo. O conflito, de acordo com depoimentos contidos no processo-crime sobre o ocorrido, teria sido em função de uma moça, durante um baile público³⁷⁹.

Segundo José Pires Soares, amigo da vítima, Honorata – uma escrava do Dr. Barcellos – teria se dirigido a Honório e dito a ele que a próxima marca seria sua. Verifica-se, pois, que os bailes públicos, diferentemente dos bailes das sociedades carnavalescas – dos quais só participavam os sócios – eram freqüentados pelas classes menos abastadas, incluindo-se os escravos que podiam participar da folia. Apesar de Castro afirmar, conforme as Posturas Municipais da Câmara de Porto Alegre, de 1847, que “nos locais de diversão pública, não eram permitidos negros escravizados, a jogar, a conversar, a comer, a tanger ou a bailar”, na prática isso não se verifica, tendo Honorata, escrava do Dr. Barcellos, ido participar de um baile público em homenagem a Momo³⁸⁰.

Nisso, chegara o cadete Fontoura e convidara a moça para dançar, tendo esta se recusado. Iniciada a música, Honório se levantou, puxando Honorata para bailar. Fontoura a proíbe, colocando-se à frente dos dois, dirigindo palavras agressivas a Honório. O cadete é retirado pelo alferes Godinho do recinto, mas outros companheiros dele entram e apontam para a vítima dizendo: é aquele ali! A confusão inicia e Honório é ferido gravemente, sendo o cadete Marçal Nunes Garcia acusado do crime.

O caso fica mais instigante quando vemos o relato de Honorata. Segundo ela Honório é que a teria tirado para dançar e que, após a marca, ele a convidara para tomar uma cerveja, o que ela recusara.

³⁷⁹Processo-crime nº1449, maço 55, Júri-Sumário, Arquivo Público do Rio Grande do Sul.

³⁸⁰CASTRO, Carmem Lúcia. *Op. Cit.*, p. 66.

Já o cadete Fontoura, em seu depoimento, afirma que o conflito se deu porque “Honório estava pronto para dançar com ela uma marca que já havia prometido dançar com ele respondente, e que instando com o falecido para ceder-lhe o par e este respondendo-lhe mal originou-se então a questão”³⁸¹.

O que realmente aconteceu não sabemos (nem mesmo as investigações na época chegaram a uma conclusão, tendo o réu sido absolvido por falta de provas, apesar de uma testemunha ter dito que o viu empunhando uma adaga coberta de sangue), mas o que nos interessa são os diferentes pontos de vista sobre o ocorrido e a postura de seus atores.

Quando Soares afirma que Honorata dirigiu-se a Honório para convidá-lo a dançar, nos coloca diante de uma situação na qual ela parece estar transgredindo as condutas socialmente atribuídas às mulheres, que seriam marcadas pelo recato e pela passividade, como vimos no capítulo anterior, uma vez que o protagonismo ficava a cargo dos homens. Todavia, ao prestar seu depoimento e negar tal versão, alegando que teria sido convidada por Honório, talvez a mesma estivesse buscando se adequar a esses modelos de comportamento difundidos não só entre a elite como também entre as classes menos favorecidas, pois, possivelmente, a visibilidade do ocorrido poderia acarretar prejuízos à sua imagem de conduta moral em seu meio. Tal atitude, de negação de seu comportamento, talvez tenha se dado, porque “nas classes populares a honra não é uma condição moral herdada pela destacada posição social dos genitores, mas sim é definida pelas ações e intenções social e cotidianamente verificáveis”³⁸². Ao assumir sua postura Honorata estaria se declarando não tão virtuosa assim, colocando em risco sua honra e moral e não se enquadrando no modelo de boa mulher.

Além do mais, de acordo com Careli, “uma mulher que por sua beleza fosse alvo de disputa masculina representava o perigo da presença de duelos, brigas... que ameaçavam a normalidade social almejada, bem como davam um poder à mulher que não era compatível com os limites a ela socialmente atribuídos”³⁸³. Talvez por isso, Honorata negasse sua postura de ter tomado a iniciativa, pois derivado da disputa masculina para tê-la como par, ocorreria um homicídio, pesando sobre ela, indiretamente, a culpa pelo assassinato; aos nossos olhos, no entanto, ela não só teria rompido com essas fronteiras de comportamento destinado às mulheres pela iniciativa de convidar Honório para dançar, como também o fez por, ao causar a disputa

³⁸¹ Processo-crime nº1449, maço 55, Júri-Sumário, Arquivo Público do Rio Grande do Sul.

³⁸² ARAND, Sílvia. Op. Cit., p.173.

³⁸³ CARELI, Sandra. Op. Cit., p.50.

entre os homens e exercer um poder sobre eles, não praticando o ideal de passividade disseminado, mesmo que, em termos de discurso, ela negasse essa pretensa autonomia.

No desenrolar do caso, foram inquiridas duas testemunhas no processo: Amália e Maria Leopoldina, ambas amigas do acusado, que foram com ele para o baile. As moças, ao serem inquiridas sobre seus ofícios, declararam-se profissionais de serviço doméstico. Marçal Nunes Garcia, no entanto, ao ser questionado o porquê dele ter dado uma adaga a Amália para esta guardar, afirmou ser perigoso não ter armas em tais casas, nos levando a acreditar que a profissão das moças não era a de serviços domésticos e sim de prostituta³⁸⁴.

Mas por que teriam elas omitido seus verdadeiros ofícios? Segundo Arend, “durante o século XIX, a elite procurava ‘regulamentar’ as práticas sexuais da população segundo os seus padrões. Através do discurso e da prática médica, da atuação do judiciário, do discurso higienista da imprensa, [de novas práticas para se brincar o carnaval], etc essa elite difundia a idéia do ‘sexo dentro da legalidade do matrimônio’, ou junto das relações ‘estáveis’”³⁸⁵. Ao haverem elas preterido seu real ofício, Amália e Maria Leopoldina, nos dão a idéia de terem “introjetado alguns desses valores difundidos pela elite em relação à sexualidade”³⁸⁶.

Honorata, Amália e Maria Leopoldina, mulheres cujas ocupações as colocavam em lugares considerados inferiores na disposição dos espaços sociais – a primeira escrava e as demais, possivelmente, meretrizes – são exemplos de que mesmo entre as camadas populares os emblemas e sinais produzidos pela elite se proliferavam, uma vez que em seus discursos, ambas procuraram se adequar às expectativas sociais em relação aos comportamentos femininos. Honorata, ao negar sua conduta durante o baile, e Amália e Maria Leopoldina, ao esconderem suas reais profissões, procuraram reproduzir os comportamentos esperados, atestando virtude moral e honradez.

3.5 – “Debaixo da máscara, imagine o meu amigo, o que não farão os pelintras”: ordem na folia e o controle sobre as mulheres

³⁸⁴ Segundo Careli, tal negação era recorrente nos inquéritos e processos-crime, sendo escasso o número de meretrizes nele. Moreira explica esse fato dizendo que: “primeiro, muitas dessas profissionais, deviam assumir a categoria de ‘serviços domésticos’ negando suas atividades como ‘mulheres de má nota’. Além disso, as próprias autoridades, num período em que a moralização pelo trabalho’ já vinha sendo pregada para sanar a causa da maioria dos crimes, negava-se a dar o status de profissão a tais práticas, preferindo qualificações genéricas como ‘serviço doméstico’, ‘sem trabalho’, etc. CARELI, Sandra. Op. Cit., p.240.

³⁸⁵ AREND, Silvia. Op. Cit., p.61.

³⁸⁶ Ibid, p.62.

O caso de Honorata ganhou as páginas da imprensa, sendo publicada essa nota no *Jornal do Commercio*. Vejamos:

Assassinato. – Anteontem á noite, no Teatro de Variedades, um militar feriu gravemente com o refê que trazia a Honório Duprat Fontes, que faleceu poucos momentos depois.

Não temos pormenores sobre este triste acontecimento, que deve servir à autoridade de prevenção para acabar com os bailes públicos sempre que não dispuser de força que garanta a vida dos que procuram essa diversão.³⁸⁷

A gravidade do episódio e a recriminação por parte da imprensa, que salientava a falha das autoridades em permitir a realização da festa, sem ter a devida força para policiá-lo, provavelmente, fez com que nos anos seguintes a repressão fosse maior, levando ao cancelamento dos bailes públicos realizados nos teatros da cidade.³⁸⁸

Essa preocupação com a ordem dentro dos bailes, no entanto, já vinha mesmo de antes. No programa publicado para a festa no Skating-rink³⁸⁹, do ano de 1879, pediu-se às pessoas que “se apresentarem fantasiadas ajam de se deixar conhecer à porta de entrada, para o que encontrarão em lugar reservado o abaixo-assinado, a fim de evitar que se pratiquem abusos à sombra dos disfarces”.³⁹⁰

Com isso, os organizadores manifestavam a sua preocupação com a ordem durante os festejos, a fim de que ninguém cometesse excessos, fossem eles quais fossem (assassinatos, atentados a moral, etc) por estar encoberto pelas fantasias e não pudesse ser punido por não se saber sua identidade. Não só uma preocupação com a ordem física era expressa pelos promotores da festa como, do mesmo modo, uma apreensão com a ordem moral, que pode ser percebida quando, no ano de 1877, a sociedade Esmeralda fez um pedido “às gentis donzelas de Veneza para levarem meia-máscara nos rostinhos encantadores por ocasião dos bailes”; e instituiu

³⁸⁷ *Jornal do Commercio*, 07 de março de 1882, p.1.

³⁸⁸ Ver as reações do jornal *A Reforma* à ação policial e ao cancelamento dos bailes públicos de 1885 em FERREIRA, Athos, op. cit. p. 78. O próprio jornal *O Athleta* daquele ano relata que, juntamente com o entrudo, a “impagável polícia” e o “corpo” eram os responsáveis por distúrbios na tradicional festa de Nossa Senhora dos Navegantes, às vésperas do carnaval. Cf. *O Athleta. Órgão do Club Caixeiral Porto-Alegrense*, 08 de fevereiro de 1885.

³⁸⁹ Skating-rink, hoje Praça Brigadeiro Sampaio, localizada na zona central da cidade, era uma pista de patinação construída na então Praça da Harmonia (que já fora também denominada de Praça do Arsenal), em 1878, destinada ao lazer urbano, onde eram realizados bailes carnavalescos. Cf. FRANCO, Sérgio. Op. Cit., p. 360.

³⁹⁰ *Mercantil*, 19 de fevereiro de 1879, p. 3.

a censura para os sócios fantasiados, que deveriam declarar seus vestuários, bem como todos e quaisquer acessórios, tais como cartazes, letreiros, etc. , que se destinassem a aparecer em público, a fim de sujeitá-los à apreciação de uma comissão nomeada para aquele fim³⁹¹.

Dessa forma, esmeraldinos pretendiam coibir foliões que por ventura em seus trajes usassem símbolos que pudesse atentar contra a moral ou até mesmo que provocassem disputas e discussões. Tal ato visava exercer um controle sobre as condutas sociais nos bailes, capacitando a direção dos mesmos a empregar medidas coercitivas e restritivas àqueles que não se adequassem às normas do salão, tendo em vista que todo ato censório “se apresenta como um eficaz instrumento de controle social”³⁹².

Roberto DaMatta, em seu estudo sobre o carnaval, faz uma análise diferente do uso das fantasias. Para ele, ao invés de encobrirem “as fantasias distinguem e revelam, já que cada um é livre pra escolher o que quer”³⁹³. O autor justifica sua afirmação argumentando que a fantasia carnavalesca revela muito mais do que oculta, pois ela, “representando um desejo escondido, faz uma síntese entre o fantasiado, os papéis que representa e os que gostaria de desempenhar”³⁹⁴, mas por outro lado, “se no mundo diário estamos todos limitados pelo dinheiro que se ganha, pelas leis da sociedade, do mercado, da casa e da família, no carnaval e na fantasia temos a possibilidade do disfarce e da liberação. Há a possibilidade de virar onipotente e ser tudo o que se tem vontade”³⁹⁵.

Contudo, para os agentes da ordem, essa inversão de papéis poderia engendrar uma liberação e uma licenciosidade excessivas, sendo aconselhável que os responsáveis pelo evento, tal qual Bentham – soubessem da identidade de todos os convidados e participantes do baile.

Ainda segundo Da Matta, “o conjunto de personagens criados pelas fantasias de carnaval não é homogêneo. Isso significa dizer que o campo formado pelo carnaval e, sobretudo, pelos costumes usados durante o carnaval não é uniforme e fundamentado em princípios de ordenação unívocos”³⁹⁶. Ao contrário da fantasia, “que permite a invenção e a troca de posições”³⁹⁷, o uniforme “cria a ordem. O uniforme é uma roupa que ‘uniformiza’, isto é, faz com que todos

³⁹¹ FERREIRA, Athos. Op. Cit., p.48.

³⁹² STEPHANOU, Alexandre. Censura no Regime Militar e Militarização das Artes. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001, p.11.

³⁹³ DAMATTA, Roberto. Op. Cit., p.60.

³⁹⁴ Ibid, p.61.

³⁹⁵ DAMATTA, Roberto. *O que faz o Brasil, Brasil?.* Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 1984, p.75..

³⁹⁶ Id., *Carnaval, Malandro e heróis....* Op. Cit., p.62

³⁹⁷ Id.. *O que faz o Brasil, Brasil?.* Op. Cit., p.74.

fiquem iguais, sujeitos a uma mesma ordenação ou principio de governo”.³⁹⁸ Isso se torna ainda mais interessante quando nos deparamos com uma fala da sociedade Esmeralda, do ano 1878, que diz que:

Também ficou decidido pedir-se às moças que se preparam para o baile de fantasia, e que não pretendem fantasiar-se, o obsequio de apresentarem-se vestidas de branco com faixas verdes, sendo as toilettes da forma mais simples possível.

Esta medida que a festejada sociedade tomou é digna de valores.

O uniforme dará um esplêndido realce á festa dançante assim afastará de seu seio o luxo, que no fim das contas é sempre prejudicial.³⁹⁹

Como observado anteriormente, que “uma mulher que por sua beleza fosse alvo de disputa masculina representava o perigo da presença de duelos, brigas... que ameaçavam a normalidade social almejada”⁴⁰⁰, essa tentativa de uniformização estética das mulheres poderia ser vislumbrada como uma estratégia de reduzir esse potencial conflitivo durante os bailes, lugares em que os galanteios e cantadas poderiam acirrar disputas entre cavalheiros mais audaciosos. Assim, as moças que fossem ao baile e não se fantasiassem, deveriam estar uniformizadas, sob uma mesma ordenação, pois “uniforme achata, ordena e hierarquiza. A fantasia liberta, dê-constroí, abre caminho e promove a passagem para outros lugares e espaços sociais”.⁴⁰¹ Mais do que uma uniformização do vestir-se, o que se pretendia era uma uniformização do comportamento feminino. Essa liberdade proporcionada pela fantasia era motivo de apreensão, como por exemplo, nos mostra uma crônica publicada em 1878, no jornal *Mercantil*, a respeito do primeiro baile de máscaras.

Nela o autor aconselhava que se prestasse atenção a fim de que o leitor não se tornasse algum dos personagens desta realíssima história, afirmando que: “isto passou-se há bom par de anos, na época em que se introduziu pela primeira vez a máscara e o vestuário carnavalesco, em substituição ao pavoroso brinquedo do entrudo”⁴⁰².

Relata então a história de Nunes, que indignado com a mudança, diz ao amigo Silva que proibirá sua família de participar da brincadeira. Silva concorda com ele e exclama: “Debaixo

³⁹⁸Ibid., p.74.

³⁹⁹*Mercantil*, 28 de janeiro de 1878, p.1.

⁴⁰⁰CARELI, Sandra. Op. Cit., p.50.

⁴⁰¹DAMATTA, Roberto. Op. Cit., p.75.

⁴⁰²*Mercantil*, 02 de março de 1878, p.1.

da máscara, imagine o meu amigo, o que não farão os pelintras”⁴⁰³. Após despedir-se do amigo e dirigindo-se à sua casa Nunes resmunga: “Para grande cousa serve a polícia. Ora? Nunca se viu! Tirarem os limões que não faziam mal a ninguém e introduzirem máscaras que... Vou prevenir a Gerturdes que ponha o olho na menina!”⁴⁰⁴.

Na sexta-feira, antevéspera de domingo gordo, foi visitar a família de Nunes o sobrinho Gastão de tal Pacheco, de quem o próprio Nunes não gostava e chegara até a brigar com a mulher por causa dele: “tenho uma menina, Sra. D. Gertrudes, uma menina que pode desonrar-se com a presença de semelhante côdea!”. Nunes, porém, não se encontrava, tendo por isso sua filha insistido para que a mãe o recebesse.

Gastão traz a notícia de que agora a tia e a prima poderiam divertir-se “a gosto sem que o pançudo dê por nada”, pois “foram abolidos os limões de cheiro” e “em lugar de limões e água temos cousa melhor”.

“Máscaras; credo”, diz a tia. O sobrinho replica: “bem se vê que a senhora ainda não compreende nada. A máscara, minha tia, é a mais útil invenção para o gênero humano. Se nós já somos por natureza mascarados!”. E convida e convence a tia e a prima de que agora, sob as máscaras, elas podem ir ao baile sem que Nunes saiba: “de máscaras, sim! Pense em primeiro lugar no seguinte: ninguém as conhecerá!”.

Nunes, por sua vez, “pregou durante uma semana inteira um sermão enorme contra o carnaval”, mas no domingo gordo saiu para passear com o amigo Silva e avistou um belo par de pernas, o que lhe fez ir ao baile de carnaval, vestido de arlequin. No meio do baile, após muito beberem, Nunes descobriu a filha e a mulher lá, o que gerou muita confusão. Conclusão da história: “Daí a uma semana começou Nunes a tratar do... divórcio”. O autor encerra a crônica com a mensagem: “Se o primeiro Baile de máscaras deu esse resultado, o que não terá acontecido nos outros até hoje! Safa!”⁴⁰⁵.

A análise dessa crônica nos permite revelar muitos aspectos interessantes. O uso de máscaras durante o carnaval, de acordo com Valença, “se prende ao desejo de assumir uma outra personalidade (*persona* é o nome latino para designar máscara) durante os folguedos, libertando-se da censura da sociedade e da repressão imposta durante todo o ano”⁴⁰⁶. Assim, o

⁴⁰³ *Mercantil*, 02 de março de 1878, p.1.

⁴⁰⁴ *Mercantil*, 02 de março de 1878, p.1.

⁴⁰⁵ *Mercantil*, 02 de março de 1878, p.1.

⁴⁰⁶ VALENÇA, Rachel. Op. Cit., p,20.

uso da máscara permitiria às mulheres participarem do baile sem que tivessem que pôr em risco a imagem de sua conduta moral.

Novamente aparece a apreensão do pai com a defesa da honra da filha. Já vimos anteriormente, através das charges, a preocupação (lá com o entrudo, aqui com as máscaras) de que a folia fosse um momento em que a imagem de “boa moça” estivesse em perigo, colocando os pais de família em inquietação, pois a conduta desonrosa da filha poderia repercutir “sobre a honra de todos”⁴⁰⁷.

Além disso, a crônica é uma crítica de costume, que revela uma hipocrisia social, onde o pai nega o divertimento para a família, tendo em vista a preservação da honra dela, mas ele mesmo o pratica. Ademais, verifica-se um tom de crítica moralizadora na história do colunista, que ainda recomendava atenção para que os leitores não tomassem parte da história, condenando o comportamento de todos os envolvidos.

A crítica feita à máscara e à fantasia como legitimadoras de transgressões comportamentais também é utilizada na charge que se segue:



Ilustração 4- Cenas domésticas. Retirado do jornal O Século de 01 de março de 1884.

⁴⁰⁷CARELI, Sandra. Op. Cit., p. 133.

- Não aceito tais desculpas; tu andaste mascarado com a Candoca Dourado!...
 - É como te digo, meu amorzinho, veio a tal maldita máscara e vai puxou-me pelo braço e fomos brincar, e depois conversamos, e depois ceiamos, e depois... e juro-te que sempre pensei que eras tu!

Aqui, o marido, após divertir-se em um baile com outra mulher – a Candoca, ao ser questionado pela esposa, argumenta que só o fez por causa das máscaras. Esse adereço ocultara a verdadeira faceta da pessoa com quem ele “carnavalizara”. Ele tenta convencer a esposa de que acreditava estar com ela é que foi somente depois de brincar, conversar, ceiar e... tirar a máscara é que teria visto não ser “sua senhora”. Novamente uma crítica explícita é feita a esse tipo de vestimenta.

Percebe-se, portanto, que mesmo no seio desse novo carnaval – que veio para civilizar e moralizar as práticas carnavalescas e os comportamentos femininos nelas – a licenciosidade continuava presente: seja através do entrudo ou do uso de fantasias. Os comportamentos que eram tidos como inadequados aos olhos da imprensa mantinham-se fazendo com que as críticas também permanecessem.

3.6 – Desfiles

Existem certos espaços específicos destinados à prática do carnaval, verdadeiros palcos nos quais os foliões desfilam e encenam suas histórias: eles são, principalmente, os salões e a rua. O carnaval dos bailes, dos salões, é um “carnaval fechado, em clubes, realmente caseiro, pois antes de os bailes se tornarem populares a partir de 1840, sabemos que se realizava nas casas, sem muita ordenação em termos de público”⁴⁰⁸. Em oposição a este carnaval de “casa”, temos o carnaval de “rua”, do qual fazem parte os desfiles carnavalescos. Contudo, estes dois lugares essenciais do carnaval – a casa e a rua, na metáfora de Damatta – apesar de parecerem antipodais, rigidamente segmentados, possuem uma correspondência entre si, “reproduzindo em seus respectivos contextos novamente a mesma posição”⁴⁰⁹. Deste modo, assim como o baile é um ambiente privado, restrito, do qual somente um público seletivo participa; pela mesma lógica, os desfiles “provocam um fechamento do espaço carnavalesco, já que aí temos associações de pessoas que se reúnem para promover um desfile. Quando passam, as ruas e avenidas demarcam

⁴⁰⁸DAMATTA, Roberto. Op. Cit., p. 108.

⁴⁰⁹Ibid., p.109.

um público que apenas vê, e os desfilantes, que se mostram”⁴¹⁰. A rua é das sociedades e de seus membros – tornando-se, quem sabe, um ambiente privado – enquanto que os demais somente assistem à passagem dos foliões. Desfile significa “literalmente ‘andar em fila’, mas que aplica sobretudo às apresentações realizadas no carnaval”⁴¹¹. Para o autor, no mundo ritual “é a marcha que se torna importante. De fato, tudo indica que, nesse contexto, é menos importante o sair e o chegar do que a própria caminhada, que passa a ser o elemento realmente ritualizado e, por isso mesmo, pleno de consciência”⁴¹².

Em Porto Alegre, durante os dias de carnaval, as sociedades carnavalescas desfilavam pelas ruas do centro da cidade, ou seja, mostravam-se ao público que os acompanhava e assistia. Entre as principais ruas percorridas encontravam-se: Duque de Caxias, Andradas, Voluntários da Pátria, Silva Tavares, Riachuelo⁴¹³. Nestes momentos a rua era das sociedades, de seus sócios, ocorrendo uma privatização do espaço público que, naquela ocasião, estaria apossado pelos membros das sociedades. Aos demais, cabia somente o papel de espectadores do desfile: a rua estava proibida para eles.

Ao público, além de observar o desfile, cabia a ornamentação das ruas por onde ele passaria, pois mesmo ocorrendo na rua, os desfiles requeriam uma preparação prévia do espaço destinado à passagem do préstito: “a rua ou avenida é domesticada”⁴¹⁴ para a passagem dos foliões. Neste momento, “o mundo urbano fica demarcado para o carnaval”⁴¹⁵. Em nome da Esmeralda, o Mercantil, em 1881, afirmava que:

Aproveitamos por esse motivo a oportunidade de solicitar, em nome da diretoria da sociedade, – dos Srs. Moradores próximos às calhas que atravessam as ruas da capital, a que, por meio de um estrado de madeira ou coisa semelhante, sejam elas cobertas, afim de facilitar melhormente a boa marcha e regularidade do préstito.⁴¹⁶

⁴¹⁰Ibid., p.109.

⁴¹¹Ibid., p.108.

⁴¹²Ibid., p.108.

⁴¹³*Mercantil*, 02 de fevereiro de 1878, p.3. O trajeto percorrido pelas sociedades não foi o mesmo ao longo dos anos, havendo a inclusão/exclusão de algumas ruas.

⁴¹⁴DAMATTA, Roberto. Op. Cit., p.111.

⁴¹⁵Ibid, p.112.

⁴¹⁶*Mercantil*, 25 de fevereiro de 1881, p.2.

As pessoas eram, portanto, convocadas a auxiliarem nessa preparação do desfile, cobrindo as calhas para facilitar sua passagem. Mas, mesmo assim, estava vedada a elas a participação, mesmo que o préstito passasse diante de suas portas e janelas.

Havia duas modalidades de préstito: o burlesco e o de gala. No passeio burlesco – que era realizado no Sábado ou Domingo de carnaval – as sociedades Esmeralda e Venezianos apresentavam carros de crítica e troça a personalidades ou a fatos contemporâneos. Em seu programa de carnaval para o ano de 1880, os Venezianos informavam que, domingo, dia 8 de fevereiro, durante o passeio burlesco, “a sociedade julga poder fazer cousas do arco da velha com relação a certas questões da atualidade”⁴¹⁷. Nesses passeios, “os carros alegóricos traziam, muitas vezes, críticas a pessoas ilustres da cidade ou a fatos políticos nacionais e estrangeiros”⁴¹⁸, fazendo sátira a respeito de questões da atualidade, como por exemplo, no carnaval de 1883, quando Miguel de Werna publicou chistosos versos, que foram distribuídos por um carro de crítica da Esmeralda, a respeito do jornalista Carlos Von Koseritz⁴¹⁹. Outro exemplo foi a troça ocorrida no mesmo carnaval entre o já referido Werna e o médico Ramiro Barcelos, ambos presidentes da Esmeralda e Venezianos, respectivamente. Em um de seus carros a Esmeralda apresentou o “monstro Mitológico”, em que satirizava Barcelos, que foi representado como um animal de três faces (ver anexo 3). Em contrapartida, Os Venezianos, desfilaram com um urso em uma carroça e que foi apresentado como Miguel de Werna⁴²⁰. Segundo Porto Alegre, na ocasião em que

a luta estava mais acesa entre os dois contendores [Barcellos e Werna], chegou aqui um bando de ciganos conduzindo um belo urso branco. Num passeio burlesco do carnaval o Ramiro aluga o animal e apresenta como moço fidalgo, chapéu de copa alta e alegre gravata, com enorme laço, como usava então o Miguel Werna⁴²¹.

Assim, esses desfiles eram marcados por críticas e chacotas aos desafetos, bem como retratavam os problemas da cidade. Observa-se que as disputas políticas entre monarquistas e republicanos refletiam-se nas sociedades carnavalescas da capital. Um dos motivos da animosidade entre Werna e Barcelos era, justamente, o fato de que Werna, “como monarquista

⁴¹⁷ *Mercantil*, 04 de fevereiro de 1880, p.3.

⁴¹⁸ KRAWCZYK, Flávio; GERMANO, Íris e POSSAMAI, Zita. Op. Cit., p.17.

⁴¹⁹ *O Século*, 11 de fevereiro de 1883, p.2..

⁴²⁰ Cf. PORTO ALEGRE, Achylles. Op. Cit., p. 78.

⁴²¹ *Ibid.*, p. 78.

que era, e ainda mais moço fidalgo, vivia ridicularizando os velhos republicanos, que o traziam atravessado na garganta, como uma espinha de bagre”⁴²².

Os préstitos de gala eram realizados, normalmente, na terça-feira de carnaval. Era quando as sociedades desfilavam fantasiadas. Esse cortejo era considerado um “passeio de gala ou apresentação formal dos tipos mais formosos de que dispõe a ninfa do Guaíba”⁴²³. Note-se que tal prática pretendia apresentar as “melhores” pessoas, as mais belas e bonitas que a cidade dispunha. Era a oportunidade da elite porto-alegrense desfilar “pelas ruas da cidade, mostrando luxo e brilho”⁴²⁴, apresentando “luxuosos carros e riquíssimos costumes”⁴²⁵. Assim, os ricos vestuários, as belas fantasias eram frisadas como fator de prestígio desse novo carnaval, uma vez que, nesse desfile as sociedades caprichavam no “vestuário, reunindo o gosto à elegância”⁴²⁶.

3.7 – As mulheres nos préstitos das sociedades

Assim como nos bailes, as mulheres estavam também presentes nos desfiles da sociedade. Aqui, porém, há uma diferença: não foi sempre assim. No surgimento desse modo de carnaval, a participação feminina nos desfiles não era permitida e recomendada. Como vimos anteriormente, os préstitos eram formados pelos formosos moços da elite porto-alegrenses e o papel feminino durante os mesmos restringia-se a jogar flores aos cavalheiros das sociedades. Todavia, com o passar do tempo, as moças de família começaram também a participar dos desfiles das sociedades, ao invés de terem somente um papel de espectadoras da festa.

Comentando os desfile da Venezianos no ano de 1879, o periódico *O Mercantil*, afirmava que “nos magníficos e ricos vestuários dos Venezianos, e no porte altivo e sereno de suas damas, parecia verem-se os suaves idílicos dessa terra, que *Lord Byron*⁴²⁷ chamou o paraíso da languidez”⁴²⁸. A participação das mulheres em tais desfiles, portanto, começava a ser destacada pelos cronistas que ressaltavam seu porte altivo e sereno: não bastava mais a elas

⁴²²Ibid., p. 78.

⁴²³*Mercantil*, 04 de fevereiro de 1880, p.3.

⁴²⁴KRAWCZYK, Flávio; GERMANO, Íris e POSSAMAI, Zita. Op. Cit., p.17.

⁴²⁵*Mercantil*, 18 de fevereiro de 1882, p.1.

⁴²⁶*Mercantil*, 06 de março de 1878, p.2.

⁴²⁷Byron, poeta apreciador do carnaval de Veneza. Cf. VALENÇA, Rachel. Op. Cit., p.10.

⁴²⁸*Mercantil*, 01 de março de 1879, p.1.

ficarem jogando flores ao préstito, agora elas também participavam, muitas vezes em posição de destaque.

Em seu programa de carnaval do ano de 1883, a sociedade Venezianos salientava que, no dia 6 de fevereiro, faria seu “passeio de gala, o qual, abrilhantado como vai ser com o concurso de nossas belas Venezianas, deverá ser imponente, se não for simplesmente monumental”⁴²⁹. As venezianas, dessa forma, ajudariam, com sua presença, a alcançar o sucesso no desfile, que com isso se tornaria extraordinário.

Durante os desfiles, um carro tinha atenção especial: era o carro que conduzia a rainha da sociedade. Nas descrições a respeito dos desfiles, feitas pelos jornalistas, esse era sempre um dos carros mencionados. Em 1882, um artigo publicado no periódico *O Mercantil* ressaltava que “o carro triunfante, que pertence à rainha, é de apurado gosto, preparado com todas as regras de arte, apresentando um todo de magnífico efeito”⁴³⁰.

Em 1883, por exemplo, Os Venezianos saíram com um grandioso préstito, composto de vinte e seis carros alegóricos, se destacando o da Rainha, que era seguido “das respectivas guardas de honra, além de grande número de viaturas repletas de gentis donzelas, ostentando ricas fantasias”⁴³¹, o que nos mostra como realmente elas deixaram de ser apenas espectadoras da festa e tomaram parte dela.

Ao ressurgir, já no século XX, em um folheto sobre a retrospectiva social da agremiação, a sociedade Esmeralda apresentava uma listagem de todos os seus presidentes e de suas rainhas, eram elas: “Alzira Masson, hoje esposa do Cel. João Candido Saches; Alzira Só; hoje esposa do Capitão Fabiano Jobim Corrêa; Celina Cunha, hoje esposa de Ataliba Farria Corrêa; Carolina Baptista Lisboa, hoje esposa de José Rodrigues Vizeu; Edith Ribeiro, filha do Sr. João Pinto Ribeiro; Esmeralda Masson, sobrinha de Leopoldo Masson; Cecília Leite de Castro, hoje esposa de José Severo Fialho; Elvira Fonseca, hoje esposa de Eleutherio Araújo; Emma Fontoura, filha de Honório Fontoura; Francisca Marques, hoje esposa do Cel. João Leocádio de Mello; Joaquina Laranjeira, hoje esposa do Dr. Serapião Mello Mariante; Maria do Carmo d’Ávilla, hoje viúva de José Ripper Monteiro; Miguelina Werna, já falecida João da Matta Coelho; Maria Joaquina Ladeira, hoje esposa Sr. Luiz Gonzaga Ribeiro; Marieta Chaves, hoje esposa Dr. Carlos Frederico de Nabuco; Marina Barros, filha de João Rodrigues de Barros;

⁴²⁹ *Mercantil*, 31 de janeiro de 1883, p.3.

⁴³⁰ *Mercantil*, 18 de fevereiro de 1882, p.1.

⁴³¹ FERREIRA, Athos. Op. Cit., p.66.

Paulina Ferraz, hoje esposa de Germano Hassolocher, Laura Paes Brazil, filha de José Messias Brazil”⁴³² (ver anexo 4).

A preparação dos carros das rainhas era sempre motivo de muito cuidado e zelo, como se verifica constantemente em notas publicadas nos periódicos. Em 1883, sobre o desfile da Esmeralda, o periódico *O Mercantil* comentava que “o carro da rainha e outro que se seguia, estavam preparados com muito gosto, trabalho devido ao pincel do estimado cidadão Sr. Guerra, que mostrou mais uma vez o quanto é hábil nas artes”⁴³³. Como vimos anteriormente, Araújo Guerra foi o proprietário do jornal *A Lente* e era o autor de diversas charges, publicadas tanto nesse periódico, quanto no *O Século*, que criticavam o entrudo com um tom moralizador.

Mais adiante, observa-se novamente o destaque dado ao carro que conduzia a rainha da sociedade Esmeralda, que se sobressaía aos demais pelo luxo com o qual havia sido preparado.

Fazia a guarda de honra uma lusiada cavalaria de – chicards – de bonito efeito, seguindo-se outros carros, entre os quais se sobressaíam pelo luxo e Idea, o que conduzia a rainha vestida de custosas galas, e o que representava o – tempo – feliz lembrança realizada com muita precisão⁴³⁴.

No desfile de 1885, o jornal *A Lente*, de propriedade de Araújo Guerra, comentava que durante o desfile da Esmeralda

Aparecia um lindo carro triunfal com a graciosa Rainha da sociedade, a estremecida filha do Sr. João Baptista da Silva Lisboa.
Este carro representava uma flor entre nuvens, puxada por quatro elegantes cisnes, guiados por dois cupidos e servia-lhe de cúpula um pé de girassol, que ornamentava perfeitamente a parte superior do carro.
Quatorze crianças fantasiadas com sumo capricho, distribuídas a volta da flor, faziam corte á rainha⁴³⁵.

Nesse ano, a Esmeralda preparou três carros para apresentar no desfile e cada um deles era representado por esmeraldinas: o primeiro, acima comentado, conduzia a rainha; no segundo “três elegantes jovens compunham a tenda posterior ricamente coberta com cortinas de fina belhutina escarlata, toda batida a franja dourada e forrada de cetim gris-perle”⁴³⁶ e o terceiro

⁴³² Atas da Sociedade Carnavalesca Esmeralda (1909). Lata 31, n.12. Instituto Histórico Geográfico do Rio Grande do Sul.

⁴³³ *Mercantil*, 07 de fevereiro de 1883, p.2.

⁴³⁴ *Mercantil*, 07 de fevereiro de 1883, p.2.

⁴³⁵ *A Lente*, 1885.

⁴³⁶ *A Lente*, 1885.

– América – era “representado pela esbelta jovem Marieta Chaves”⁴³⁷. Além disso, um “grande numero de gentis Esmeraldinas ocuparam outros carros, aos quais um esquadrão de 40 sócios uniformemente vestidos fará a guarda de honra”⁴³⁸.

Percebemos, portanto, que as mulheres passaram a estar presentes nos préstitos, sobretudo a partir de 1879. Isso torna-se relevante se lembrarmos que o surgimento desse modo de carnaval foi uma iniciativa masculina, na qual a participação feminina nos desfiles não era apontada nem recomendada, como mostrado no capítulo II. Os préstitos eram formados pelos formosos moços da elite porto-alegrense e o papel feminino durante os mesmos restringia-se a jogar flores aos cavalheiros das sociedades.

Em 1881, elas não só participaram como também, na visão de um jornalista d’*O Mercantil*, engrandeceram o préstito da Venezianos e Esmeralda, pois “ambas fizeram se abrilhantar com o concurso de lindas jovens de nossa sociedade, caprichosamente vestidas, dando um realce aos préstitos difícil de imaginar-se”⁴³⁹. Para o jornalista, o concurso das jovens das agremiações, cooperando com o êxito da apresentação, fez com que o desfile delas tivesse maior brilho, conquistando o sucesso almejado.

Assim, segundo a fala do autor, a presença feminina nos desfiles tornar-se-ia um elemento fundamental para que os mesmos tivessem maior beleza e esplendor. As mulheres não só passaram a desfilar juntamente com os homens, como também lhes era creditado o sucesso ou maior vivacidade da festa, como afirma novamente o jornalista do *Mercantil*, que, em outra ocasião, depois de se render em elogios à Venezianos, declara “Não queremos dizer com isto, que a Esmeralda ficou-lhe a quem, não; esta também esteve sublime: – para isso também muito contribuiu o sexo das graças, que ali estava representado por elegantes jovens, luxuosamente vestidas”⁴⁴⁰.

A sociedade Esmeralda não teria feito um desfile inferior ao da Venezianos, seu préstito também estaria sublime, em grande parte devido à presença das jovens elegantes, que mostraram-se com todo luxo durante o passeio.

Neste sentido, vimos que a participação feminina nos cortejos passa a ser bastante destacada, seja ela nos carros alegóricos que conduziam as rainhas e as mulheres que

⁴³⁷ *A Lente*, 1885.

⁴³⁸ *A Reforma*, 17 de fevereiro de 1885, p.1.

⁴³⁹ *Mercantil*, 02 de março de 1881, p.2.

⁴⁴⁰ *Mercantil*, 25 de fevereiro de 1881, p.3.

compunham suas “guardas de honra”⁴⁴¹; seja abrilhantando os séquitos com suas luxuosas vestes; seja colaborando para que os desfiles das sociedades fossem “simplesmente monumental”⁴⁴².

Como vimos anteriormente, esse novo carnaval era inspirado no modelo da Corte carioca e foi adaptado à sociedade porto-alegrense. Entretanto, percebe-se a existência de algumas diferenças entre o carnaval do Rio de Janeiro e o de nossa capital, sobremaneira no que se refere à participação feminina no mesmo. Analisando o carnaval do Rio de Janeiro da *Belle Époque* ao tempo de Vargas, Sohiet afirma que “o desfile das grandes sociedades carnavalescas, surgidos na década de 1850, prevaleceu no gosto público por longo tempo. Tais desfiles ocorriam no terceiro dia de carnaval, constando de carros alegóricos com lindas mulheres seminuas e carros de crítica política”⁴⁴³.

Segundo Cunha, eram as mais célebres meretrizes que, sobre os carros alegóricos, “encarnavam as inumeráveis personagens alusivas à cultura clássica (deusas, ninfas) ou às simbologias políticas dos carros montados apenas para exibi-las generosamente ao público curioso”⁴⁴⁴. Essa tendência, de trazer mulheres seminuas aos desfiles, parece ter declinado a partir da década de 1890, mas não teria desaparecido dos préstitos das três grandes sociedades: Fenianos, Democráticos e Tenentes do Diabo. As sociedades suburbanas (que apareceram com a proliferação do padrão carnavalesco das Grandes Sociedades) iriam, no entanto, mudar a da presença feminina nos desfiles; trouxeram as “moças de família” para eles.⁴⁴⁵

Pereira também menciona que as Grandes Sociedades eram compostas exclusivamente por homens. De acordo com a autora, eles freqüentemente “recorriam a figuras femininas, sempre nos termos da dicotomia honesta/prostituta. Por meio destas figuras, eles construíram uma auto-imagem de ‘senhores da alegria’, dos donos da festa, atribuindo-se a função de determinar o lugar do outro na festa”⁴⁴⁶.

Os *puffs* apresentados pelas sociedades “prenunciavam uma festa orgástica, repleta de ‘filhas do pecado’ que garantiriam as diversões e os prazeres dos ‘senhores da alegria’”⁴⁴⁷, ou

⁴⁴¹ FERREIRA, Athos. Op. Cit., p.66.

⁴⁴² *Mercantil*, 31 de janeiro de 1883, p.3.

⁴⁴³ SOHIET, Rachel. Op. Cit., p.69.

⁴⁴⁴ CUNHA, Maria Clementina. P.146

⁴⁴⁵ Ibid, p.147.

⁴⁴⁶ PEREIRA, Cristiana. Op. Cit., p..312

⁴⁴⁷ Ibid., p.313

seja, dos membros daquelas agremiações. Segundo Pereira, as meretrizes estavam presentes em toda parte no carnaval das sociedades:

eram objeto de exaltação nos puffs, servindo à afirmação da prerrogativa licenciosa desses foliões; eram a principal atração dos bailes dedicados apenas aos sócios, que compareciam desacompanhados das famílias; estavam no alto dos carros alegóricos, representando os mais altos ideais cultivados nas sociedades, como a Democracia ou a Liberdade, mas também em carros como O Nascimento de Vênus; empunhavam os estandartes dos clubes e dos grupos internos e compunham as guardas de honra, com barretes frígios ou vestidas de Carlota Corday. Também desfilavam em carros abertos ao lado dos sócios e, por tudo isso, chegavam a ser chamadas de ‘sócias’ nos jornais⁴⁴⁸.

Percebe-se logo que as participações femininas nos desfiles – e no carnaval – daquela cidade era perpassada por um tom de sensualidade, erotismo, devido à presença de mulheres seminuas nos carros alegóricos. Essa é uma diferença que pode ser observada com relação ao carnaval das sociedades carnavalescas porto-alegrenses no mesmo período uma vez que – pelo menos a imprensa afirmava isso – nesta cidade os préstitos possuíam um tom mais familiar. O periódico *A Reforma* ressaltava tal peculiaridade afirmando que “aplaudimos o carnaval daqui muito mais do que em outras cidades. Aqui tomou ele um caráter familiar, pode dizer-se mesmo que é uma carnaval de família”⁴⁴⁹.

Esse carnaval de família pode ser entendido à medida que observamos que as mulheres que desfilavam nos préstitos eram – em quase sua totalidade – esposas, sobrinhas e filhas dos membros das sociedades, como já pudemos observar anteriormente. Entre as mulheres arroladas como rainhas do carnaval da sociedade Esmeralda, observa-se que a grande maioria delas possuía laços familiares com os diretores da mesma. Assim, vê-se os nomes de Alzira Masson – Leopoldo Masson e Amedeu Masson estavam entre os fundadores e presidentes da sociedade Esmeralda – a “estremecida”⁴⁵⁰ Carolina Baptista Lisboa, filha do Sr. João Baptista da Silva Lisboa e que havia sido a “graciosa Rainha da sociedade”⁴⁵¹ do ano de 1885; Edith Ribeiro, filha de João Pinto Ribeiro, tesoureiro da sociedade; Esmeralda Masson⁴⁵², sobrinha de Leopoldo Masson; Cecília Leite de Castro, filha de Joaquim Leite de Castro, diretor e presidente interino;

⁴⁴⁸Ibid, p.318.

⁴⁴⁹*A Reforma*, 14 de fevereiro de 1875.

⁴⁵⁰*A Lente*, 1885.

⁴⁵¹*A Lente*, 1885.

⁴⁵²É curioso observar que Leopoldo Masson, um dos responsáveis pela fundação da sociedade uma vez que, tendo vindo da Corte, vivenciara este novo tipo de carnaval, tinha uma sobrinha de nome Esmeralda. Quem teria vindo primeiro: o ovo ou a galinha?

Maria de Carmo de Ávila, esposa de José Ripper Monteiro, secretario e tesoureiro da Esmeralda; Miguelina Werna, filha de Miguel de Werna, presidente e que casou-se com João da Matta Coelho, tesoureiro da Venezianos; e Paulina Ferraz, esposa de Germano Hassolocher, que fora presidente dos Venezianos. Na realidade, as outras rainhas, possivelmente, também fossem membros das famílias pertencentes às sociedades carnavalescas. Entretanto, restringimo-nos somente àquelas cujo parentesco pudesse ser realmente comprovado.

Para Lazzari, “as filhas das ‘melhores famílias’ não só atiraram flores como acabaram tomando lugares de destaque nos préstitos que percorriam as ruas da cidade e casando com os destemidos carnavalescos”⁴⁵³. Com isso, pode-se reforçar a idéia de que haveria em Porto Alegre um “carnaval familiar”, em virtude da participação destas “mulheres de família”, filhas, esposas e sobrinhas dos “destemidos carnavalescos”, oriundos das “melhores famílias” da capital.

A imprensa destacava, ainda, que as mulheres abrilhantavam os préstitos vestindo-se ricamente, de modo imponente e gracioso, contrapondo-se ao vestir das mulheres do Rio de Janeiro. Assim,

O belo sexo, a seu turno, fez o possível para abrilhantar as festas, concorrendo com o seu contingente.
Assim é que nas três sociedades via-se elegantes grupos de gentis donzelas ricamente vestidas, dando assim graça e imponência aos préstitos⁴⁵⁴.

A participação feminina nos desfiles da capital parecia mais recatada, sujeita a regras, do que os que ocorriam em outras cidades e comemorava-se que os preconceitos de outrora – que restringiam a presença delas nos festejos – estavam acabando.

Ainda bem que, entre nós, vão-se acabando certos preconceitos que nada tinham de comum com o progresso da sociedade porto-alegrense.
Eis o ligeiro esboço das festas do carnaval, havidas este ano na nossa Porto Alegre, que segundo opinião de pessoas idôneas, em outras cidades do Império, inclusive a capital, não são exibidas com tanto gosto nem com mais riqueza.
Finalizando, cumpre-nos dirigirmos deste cantinho as nossas felicitações às sociedades carnavalescas, pelo modo porque se houveram os seus sócios, não poupando esforços nem sacrifícios para que a festa fosse executada com toda a pompa e brilhantismo.
O público a seu turno, tudo envidou para que fossem elas recebidas com toda decência e esmero de que eram merecedoras⁴⁵⁵.

⁴⁵³ LAZZARI, Alexandre. Op. Cit., p.78.

⁴⁵⁴ *Mercantil*, 11 de fevereiro de 1880, p.2.

⁴⁵⁵ *Mercantil*, 11 de fevereiro de 1880, p.2.

O *Mercantil*, assim, louvava a participação das mulheres nas sociedades carnavalescas e, sobretudo, durante os desfiles, sendo que naquele ano, as festas momescas da capital se distinguiriam das demais cidades, aonde “não são exibidas com tanto gosto nem com mais riqueza”. Ademais, como analisado anteriormente, a imprensa louvava o fato de que aqui haveria um “carnaval de família”⁴⁵⁶, uma vez que as festas e desfiles teriam tomado “um caráter familiar”⁴⁵⁷, onde as mulheres desfilavam “luxuosamente”⁴⁵⁸, “caprichosamente vestidas, dando um realce aos préstitos difícil de imaginar-se”⁴⁵⁹ e não seminuas, como acontecia nos festejos da Corte.

Entretanto, mesmo as mulheres participando dos desfiles e da organização dos bailes, ainda percebe-se que tal participação está limitada a determinados lugares e condições. É permitido a elas desfilarem nos préstitos e nos carros, participarem das listas para a eleição das diretorias na condição de organizadoras dos bailes, é conferido a elas um lugar de destaque nos festejos, mas ainda pertence a eles o título de promotores do carnaval. Assim, a imprensa da capital louvava “aos distintos cavalheiros de que se compõem as sociedades carnavalescas da nossa capital, pelo interesse que tomarão para a realização da grande festa, nada poupando para que ela excedesse em brilhantismo á dos anos anteriores”⁴⁶⁰. Neste sentido, a despeito do aumento da participação feminina nas tradicionais sociedades porto-alegrenses, percebe-se que a imagem associada a elas continua sendo uma imagem predominantemente masculina, a dos “distintos cavalheiros”. A figura apresentada a seguir reflete essa noção de representação masculina das sociedades:

⁴⁵⁶ *A Reforma*, 14 de fevereiro de 1875.

⁴⁵⁷ *A Reforma*, 14 de fevereiro de 1875.

⁴⁵⁸ *Mercantil*, 25 de fevereiro de 1881, p.3.

⁴⁵⁹ *Mercantil*, 02 de março de 1881, p.2.

⁴⁶⁰ *Mercantil*, 22 de fevereiro de 1879.



Ilustração 5 – Esmeralda. Retirada do jornal A Lente, 1885.

Este desenho é datado do ano de 1885 e foi publicado no periódico *A Lente*, de Araújo Guerra, que, como vimos, era sócio da Esmeralda e fazia os carros alegóricos desta mesma sociedade. Neste ano choveu muito em Porto Alegre durante os dias de carnaval. A Esmeralda, devido a isso, não conseguiu apresentar seu préstito, como vemos na nota do jornal *A Lente*:

O passeio de gala e burlesco desta simpática sociedade carnavalesca, não se puderam realizar devido á chuva torrencial de terça-feira, 17, que tudo inutilizou, apanhado a sociedade já em saída.
No entanto, oh! Grande caiporismo da Esmeralda era talvez um dos seus mais ricos e deslumbrantes passeios⁴⁶¹.

Assim, Araújo Guerra, retratou a questão através de uma alegoria masculina – que representaria a Esmeralda – segurando um guarda-chuva, embaixo de um aguaceiro. Mas por que a sociedade foi representada por uma figura masculina? A Esmeralda não poderia ser representada por uma alegoria feminina?

José Murilo de Carvalho, ao estudar o porquê do fracasso da representação feminina da república no Brasil, argumenta que “símbolos, alegorias, mitos só criam raízes quando há terreno social e cultural no qual se alimentarem”⁴⁶². Desta forma, um símbolo só terá significado para uma determinada sociedade e constituirá um imaginário social do período, dependendo “da existência daquilo que Baczko chamou de comunidade de imaginação, ou comunidade de sentido. Inexistindo esse terreno comum, que terá suas raízes seja no imaginário preexistente, seja em aspirações coletivas em busca de um novo imaginário, a relação de significado não se estabelece e o símbolo cai no vazio, se não no ridículo”⁴⁶³. Para este autor,

o social produz-se através de uma rede de sentidos, de marcos de referência simbólicos por meio dos quais os homens comunicam-se dotam-se de uma identidade coletiva e designam as suas relações com as instituições políticas etc. (...) Assim se define um código coletivo segundo o qual se exprimem as necessidades e as expectativas, as esperanças e as angústias dos agentes sociais⁴⁶⁴.

Assim, Araújo Guerra, ao representar a sociedade Esmeralda através de uma figura masculina, demonstra haver uma “comunidade de sentido” que reconheceria aquela imagem

⁴⁶¹ *A Lente*, 1885.

⁴⁶² CARVALHO, José Murilo de. *A Formação das Almas*. São Paulo: Cia das Letras, 1990, p.89.

⁴⁶³ *Ibid*, p13.

⁴⁶⁴ BACZKO, Bronislaw. Imaginação Social. In: *Enciclopédia Einaudi (Anthropos-Homem)*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985, v. 5.1990, p.307.

representada através de um homem. Isso nos ajuda a compreender, como já foi dito anteriormente, que mesmo as mulheres já tendo tomado seu lugar na festa, organizando-a e participando dos corsos, o quanto ainda era deles (dos homens) o título de promotores do carnaval. As sociedades continuavam essencialmente masculinas, pelo menos em termos simbólicos.

Por último, uma questão: e se os chargistas fossem representar o entrudo? Teria ele uma imagem feminina? As representações acerca do jogo do entrudo estariam associadas à figura feminina assim como as das sociedades estavam a uma masculina, formando uma comunidade de sentido na qual tais signos e classificações eram percebidos e apreendidos enquanto tal? Logo, entrudo = mulheres X sociedades = homens, numa relação de contraposição de feminino/masculino X entrudo/sociedades, onde (a) feminino implica (b) entrudo e (não a) masculino implica (não b) sociedades?

Em nenhuma das imagens pesquisadas e trabalhadas ao longo deste capítulo pudemos encontrar o entrudo sendo representado através de uma alegoria, como no caso analisado em que figura masculina representava a sociedade Esmeralda. Todavia, em todas as charges que representavam esse jogo, as mulheres estavam marcadamente presentes. E não somente nas charges: diversas outras fontes foram utilizadas – crônicas e notícias de jornal, programas e comunicados das sociedades carnavalescas – para mostrar que a imagem feminina aparece conectada ao jogo do entrudo, do qual elas seriam não só as mais ardentes adeptas, como também as mantenedoras da prática, a despeito de toda a crítica sofrida e da tentativa de imposição e readequação de comportamentos, lugares e condições carnavalescas que lhes eram apresentadas.

Assim, neste capítulo, pudemos analisar que, mesmo com o surgimento das sociedades carnavalescas, propondo outras formas de participação feminina nesta festa, os lugares e condições ocupados pelas mulheres permaneceram sendo objetos de disputa, uma vez que as mesmas recusavam-se a ocupar posição de meras espectadoras dos festejos carnavalescos. Deste modo, as imposições sociais veiculadas tanto pela imprensa quanto pelos programas das sociedades representaram “ideais culturais carnavalescos” que visavam restringir o espaço de atuação dessas mulheres, pois, na prática, veremos que elas transpuseram essas fronteiras com as quais se depararam. Tais mulheres permaneceram fiéis ao entrudo, passaram a organizar os bailes e desfiles das sociedades, a desfilar e a ocupar papéis de destaque nos préstitos, a se fazerem presentes nas listas de eleições das sociedades Esmeralda e Venezianos, enfim, não se

restringiram à posição que lhes era proposta por esse novo modelo de carnaval: espectadoras e meras atiradoras de flores!

CAPÍTULO IV

DECADÊNCIA x INFLUÊNCIA

O novo carnaval havia feito sucesso entre os porto-alegrenses. Os bailes e prêmios eram sempre bastante concorridos e contavam com a presença de boa parte da elite da capital. Mesmo não havendo conseguido a tão desejada extinção do entrudo, o carnaval das sociedades havia conquistado, efetivamente, o gosto dos moços e moças da cidade. Todavia, mesmo com tal êxito, as tradicionais sociedades carnavalescas – Esmeralda e Venezianos – ingressaram em uma crise que as levou à falência. Apesar disso, tais associações influenciaram o surgimento de novos grupos adeptos do mesmo formato de carnaval – como a Germânia, a Floresta Aurora, a Congos, entre outras – o que demonstra que o modelo de carnaval por elas defendido – a despeito de sua falência – fora exitoso⁴⁶⁵.

Assim, este capítulo tem o objetivo de analisar a crise destas sociedades, destacando as causas que levaram a Venezianos e a Esmeralda a não desfilar mais no carnaval porto-alegrense. Analisa, ainda, o surgimento de novas sociedades – especialmente a Germânia – o que atesta o sucesso do formato do carnaval provindo da corte carioca. Verificaremos, também, como as mulheres participarão desses acontecimentos.

4.1. A falência das tradicionais sociedades

Entre os anos de 1873 e 1879 verificou-se um período em que as sociedades carnavalescas porto-alegrenses obtiveram grande sucesso. Contudo, a partir deste ano, tais sociedades começam a apresentar sinais de crise. No ano de 1885 – pouco mais de 10 anos após sua fundação – a Venezianos não apresentou mais o seu carnaval. Mas não só essa agremiação entrava em decadência: em 1891, era a vez da Esmeralda não comparecer aos festejos. Assim, a década de 80, do século XIX, iria marcar o progressivo esgotamento e falência das tradicionais sociedades carnavalescas (ver anexo 5). Porém, como veremos, o modelo de carnaval defendido

⁴⁶⁵ Mesmo fenômeno acontece no Rio de Janeiro onde, após o surgimento da “tríade” do carnaval carioca – Tenentes do Diabo, Fenianos e Democráticos – surgem diversas outras sociedades copiando tal modelo de carnaval – Pingas Carnavalescos, Do Engenho de Dentro, os Progressistas da Cidade Nova, entre outras. CUNHA, Maria. Op. Cit. p. 118.

por elas permanecera, na medida em que elas influenciariam o surgimento de novas associações que utilizavam o mesmo formato dos festejos carnavalescos: os bailes e os prêmios⁴⁶⁶.

Essas associações tradicionais do carnaval porto-alegrense, louvadas por trazerem para a cidade uma nova forma de se comemorar os festejos de Momo e por extirpar o entrudo de nossas festas carnavalescas, já entravam em declínio pouco mais de uma década após terem surgido com toda a pompa. Mas por que motivos teria ocorrido a falência dessas tradicionais sociedades? Antes de abordar as causas de tal falência, deve-se considerar que as relações sociais, de um modo geral, não possuem exclusivamente uma natureza associativa: muitas vezes elas apresentam um caráter de negação, de oposição e de dissociação. Assim, alguns fatores, que veremos a seguir, colaboraram para o fim das sociedades tradicionais, mas não do modelo de carnaval por elas defendido, uma vez que outras várias surgiriam, apropriando-se desse modelo e adaptando-o a suas especificidades.

Deste modo, os dias de glória das duas entidades tiveram um fim e, de acordo com Lazzari, “o declínio do carnaval da Esmeralda e da Venezianos na década de 1880 foi marcado pela frustração e progressivo abandono por parte de seus antigos fundadores”⁴⁶⁷. Mas quais seriam os motivos que levaram a falência das sociedades? Várias foram as causas apontadas para isso, como por exemplo a) a falta de colaboração financeira, b) disputas internas e c) a insistência do gosto feminino pelo temido entrudo. A seguir, analisaremos as causas do fracasso dessas associações

4.1.1. O entrudo e as mulheres

Ao longo do trabalho, percebemos que, mesmo com a insistência por parte das sociedades de exterminar com o entrudo e com as recomendações para que ninguém levasse bisnagas aos bailes, essa prática continuava fazendo parte do cotidiano carnavalesco dos homens e mulheres do final do Império. A permanência desse jogo – e, sobretudo, a preferência das mulheres pelas bisnagas – logo se constituiu em um argumento utilizado pelas agremiações –

⁴⁶⁶Segundo Valença, No Rio de Janeiro a crise das sociedades iniciou na década de 40 do século XX, período em que ocorreu “o declínio das grandes sociedades, cujo desfile na terça-feira gorda, foi durante décadas o ponto alto do carnaval, ansiosamente esperado”. VALENÇA, Rachel. Op. Cit. p. 30. Para Cunha, entretanto, na década de 80 já se observava uma crise do modelo veneziano de carnaval, o que era atribuído “à ingratidão e ao barbarismo do povo, às pretas massas incultas, incapazes de entender o sentido elevado dos prêmios das grandes sociedades e também, decerto, os seus ilustres protagonistas”. Cunha, Maria. Op. Cit. p. 95.

⁴⁶⁷LAZZARI, Alexandre. Op. Cit., p.109.

especialmente a Venezianos – para justificar a crise que enfrentava por aqueles dias⁴⁶⁸. Em seu programa para o carnaval do ano de 1882, os Venezianos enfatizavam que, a despeito de todos os esforços e feitos dessa sociedade, a permanência da “perniciosa bisnaga” e, especialmente, o fato de elas “emanarem de delicadas e alvas mãozinhas” continuavam a contaminar o carnaval.

S. C. Os Venezianos – Festeiros e ridentes habitantes desta heróica terra!
 Volto de novo à vossa presença para do alto destas colunas, anunciar-vos que está chegando o dia de nosso reinado!
 Chega o Carnaval! A velhice volta à mocidade e esta à loucura; mas à loucura pelo prazer, pela alegria e a festa!...
 Com o nosso poder tudo temos conquistado na senda do progresso.
 Tudo!
 Tratados de paz com diversas nações estrangeiras, abolição de diversas instituições nocivas a moralidade pública, criação de diversos estabelecimentos de utilidade publica, mandamos lavar o sol para brilhar mais nas nossas festas, e regular o serviço da linha de bondes para a lua, a fim de poder qualquer cidadão transportar para lá a sua jovem raptada, sem susto de que o facão matrimoniar-se, como sucede cá por baixo!...
 E quem fez tudo isto, não tem podido abolir a perniciosa bisnaga, fonte de quanta constipação, pneumonia e tifo, há, que flagela e dissipa a humanidade!...
 E o que mais horroriza, é ver que esta plêiade de epidemias dimana de delicadas e alvas mãozinhas que parecem fadadas para derramarem consolações sobre a humanidade sofredora!!!...⁴⁶⁹

Os filhos da Veneza confessavam, que apesar de todo o sucesso obtido por eles e do progresso trazido aos festejos da capital, não haviam conseguido extirpar a terrível bisnaga – fonte de diversos males, tifo, pneumonia – e acima de tudo, que esta se encontra sempre na ativa por causa das delicadas e alvas mãozinhas das boas moças da terra. O entrudo já era identificado como um elemento que ameaçava o êxito dos desfiles e as mulheres acusadas de serem as principais promotoras de tal fracasso. A licenciosidade de tal prática realmente agradava em muito o gosto feminino. Segundo Rachel Sohiet, a sexualidade feminina seria marcada por um “anseio presente na maioria das mulheres, o de se fazerem sentir como um elemento de sedução”⁴⁷⁰. Por isso, as senhoras e senhoritas de boas famílias do Rio de Janeiro esperavam o ano inteiro para, no dia de carnaval, poderem usar uma fantasia de *cocottes*,

⁴⁶⁸Vimos que, na corte, o fracasso do modelo do carnaval veneziano também era atribuído às bárbaras práticas da massa inculta. Aqui, em Porto Alegre, tais práticas eram atribuídas às mulheres.

⁴⁶⁹*Jornal do Commercio*, 18 de fevereiro de 1882, p.2.

⁴⁷⁰SOIHET, Rachel. A sensualidade em festa: representações do corpo feminino nas festas populares no Rio de Janeiro da virada dos séculos XIX a XX. IN: *Diálogos Latinoamericanos*, número 002, Universidade de Aarhus, Dinamarca, 2000, p.105.

denominação atribuída às prostitutas de luxo, em sua maioria francesas. Desta forma, podemos entender o porquê do sucesso do entrudo entre o sexo feminino: era um dos únicos momentos em que as senhoritas podiam exercer sua sexualidade de forma mais declarada. Sohiet justifica essa atitude pelo fato de que “apesar da repressão sexual que recaía sobre as mulheres, buscando nelas incutir o estereotipo da frigidez feminina, das exigências de virgindade e de sobriedade de conduta, confirma-se o pressuposto de Freud de que a sexualidade, o ingrediente mais poderoso da constituição humana, não pode tão facilmente ser descartado”⁴⁷¹.

Para a autora, “as mulheres, vivendo outra modalidade de opressão, utilizavam-se igualmente da festa carnavalesca para entrar no reino do prazer, em sua variada significação, empregando-a como alavanca para a sua liberação”⁴⁷². As mulheres “estavam, igualmente, procurando festejar o corpo e extrair o prazer que ele é capaz de proporcionar, ao invés de permanecer numa atitude passiva, conforme lhes era apregoado”⁴⁷³. Contudo, para os diretores das sociedades, tal comportamento ameaçava o sucesso dos festejos e seria de horrorizar que essa atitude emanasse de tão delicadas mãos.

Sandra Britto, numa análise do carnaval na cidade do Porto, em Portugal, em fins do século XIX, afirma que uma das preocupações referentes a esse festejo era a moralidade. Segundo ela, “o Carnaval, tido como uma época em que se dava livre expansão aos sentimentos, potencializava a tentativa por parte das mulheres de tornarem reais alguns de seus desejos, asfixiados durante todo o ano pelas imposições sociais”⁴⁷⁴, é a entrada no reino dos prazeres de que nos fala Sohiet.

O carnaval tido como um momento do despertar da sexualidade, no qual os desejos e aspirações femininas poderiam ser realizados, aparece também na imprensa do período. Em um artigo publicado em 1882, o *Jornal do Comércio*, de modo crítico e ferino, debochava das “donas carnavalescas” que, segundo o colunista, povoavam os bailes de carnaval. Estas seriam mulheres de meia idade que há “trinta anos foram raparigas”⁴⁷⁵. Em termos físicos, seria

⁴⁷¹SOHJET, Op. Cit. 2000. p. 105.

⁴⁷²SOIHET, Rachel. *Condição feminina e forma de violência: mulheres pobres e ordem urbana (1890 – 1920)*, Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1989. Apud: FLORES, Elio Chaves. Quando os subalternos amansam o Leviatã, *Tempo*, Rio de Janeiro, Vol.4, n.8, 1999, p. 156.

⁴⁷³Ibid, p. 107.

⁴⁷⁴RITO, Sandra. Op. Cit., p.319.

⁴⁷⁵*Jornal do Comércio*. 25 de fevereiro de 1882. p. 1.

alta, carnuda, mal feita e singularmente afetada. Usa cabelos e dentes postiços, fala carregando muito nos ss, e quando passa diante das vitrines mira-se com olhares mistericos. Seus vestidos, talhados no rigor da moda, bem conchegados ao corpo, dão-lhe o aspecto grotesco dos tipos introduzidos com sucesso ruídos por Labiche na comédia francesa⁴⁷⁶.

Tal descrição aponta para uma mulher de meia idade, solteira e pertencente a uma classe abastada, podendo acompanhar o desenvolvimento da moda com belos vestidos e fricotes. E o carnaval aparece como uma época na qual ela cultiva a esperança de realizar seus desejos. Segundo o artigo, a “dona carnavalesca leva o ano inteiro colérica, enfezada, inquieta, infeliz, mas resta-lhe uma esperança, uma esperança que ela afaga sofregamente: – é de encontrar o elixir do longo amor nos dias de carnaval”⁴⁷⁷. Durante todo o ano – ou, seja, na vida cotidiana – essas mulheres seriam infelizes e solitárias e os festejos de carnaval apareceriam como a única esperança para que elas encontrassem um grande amor. O ano inteiro seria marcado pela espera daquele momento mágico, de esperanças de que seus sonhos se realizassem. Seus desejos – asfixiados durante todo o ano pelas imposições sociais – teriam nessa data a possibilidade de serem realizados.

Como parte da realização dos sonhos desta mulher, o colunista do referido periódico introduz as práticas entrudescas como sendo o caminho através do qual os jovens moços chegariam a seu coração. O entrudo, desta forma, seria um atalho para a paquera, para os galanteios. Em sua imaginação, ela vê “grupos de moços de uma elegância irrepreensível aproximarem-se-lhe com ímpetos amorosos, prenderem-na pela cintura e deitarem-lhe aos seios nus frascos delicados de finas essências orientais”⁴⁷⁸. As intenções amorosas do entrudo bem como a sensualidade de tal prática ficam evidentes nesta exposição. Os homens chegariam até ela por meio de finas bisnagas com essências orientais. O carnaval seria, portanto, o momento no qual essa dona “luta para ver se tira o partido esperado durante 364 dias no ao desde que atingiu aos quinze”⁴⁷⁹.

Contudo, apesar de ser apreciado por boa parte da população – especialmente as mulheres – o entrudo continuava a ser alvo de críticas. O argumento utilizado acima pela *Venezianos* – de que a permanência do entrudo prejudicava a comemoração do carnaval – também era compartilhado pela imprensa, que o classificava como sendo “o pior inimigo das

⁴⁷⁶ *Jornal do Comércio*. 25 de fevereiro de 1882. p. 1.

⁴⁷⁷ *Jornal do Comércio*. 25 de fevereiro de 1882. p. 1.

⁴⁷⁸ *Jornal do Comércio*. 25 de fevereiro de 1882. p. 1.

⁴⁷⁹ *Jornal do Comércio*. 25 de fevereiro de 1882. p. 1.

sociedades carnavalescas”. Para o *Álbum de Domingo*, bastava chegar o período carnavalesco que “o movimento é geral... O pior, porém, é que os sinais da aproximação da época carnavalesca se manifestam de modo a fazer reaparecer velhos usos e costumes, que podem vir prejudicar o moderno sistema de festejar o folieiro Momo”⁴⁸⁰.

E o referido periódico, em tom profético, lançava as causas do fim das sociedades sobre esses velhos costumes que, além de “prejudicar o moderno sistema de festejar o folieiro Momo”, levariam as sociedades à morte, afogadas pela água das bisnagas. Assim, lê-se que

O entrudo!... O entrudo é o pior inimigo das sociedades carnavalescas, que decididamente hão de vir a morrer em dia debaixo de uma aluvião de bisnagas e afogadas n’um verdadeiro mar de água perfumosa.

Pois se até já há bisnagas que equivalem a um barril d’água!⁴⁸¹.

O entusiasmo com o novo tipo de carnaval era atribuído à empolgação pela novidade e, passada esta, os velhos hábitos retornariam com força total: com a chegada das sociedades, o povo abandonara os limões de cheiro e dedicara-se a lançar flores sobre os elegantes moços das recém surgidas entidades. Segundo o jornal:

È sempre assim:

No primeiro ano de Carnaval o querido Zé-povinho, mais pela curiosidade do que por atenção às proibições e ordens da polícia, que é velha, cansada e reumática matrona, com quem ele nunca se importou, despejou todas as vasilhas d’água, deixou a cera de limões apodrecer nos armazéns e nas tavernas, banuiu de casa as enormes seringas de folha, que eram um flagelo, e mandou comprar flores para atirar nos bandos carnavalescos, saindo em pessoa para ir ver das esquinas desfilar os préstitos.

E era bonito de ver-se como ele, de boca aberta e olhos arregalados, acompanhava aqueles carros e ria-se das pilhérias do Doux, que fazia de Dulcâmara, e atropelava-se e pisava-se para disputar a outrem um impresso que embolado saía de um carro em direção a uma janela, caindo sem força na calçada.

Foi um carnaval cheio esse⁴⁸².

O tom irônico com o qual o jornal se referiu ao “querido Zé Povinho” entra em contradição com o fato de que mesmo nos bailes das sociedades o entrudo era jogado, não sendo ele somente um costume do “Zé Povinho” e sim das elites que compunham as sociedades carnavalescas da cidade⁴⁸³. Para Lazzari, “a permissividade que acompanhava o antigo jogo do

⁴⁸⁰ *Álbum do Domingo*, 05 de fevereiro de 1879, p.5,6 e 7.

⁴⁸¹ *Álbum do Domingo*, 05 de fevereiro de 1879, p.5,6 e 7.

⁴⁸² *Álbum do Domingo*, 05 de fevereiro de 1879, p.5,6 e 7.

⁴⁸³ Como analisamos no Capítulo III.

entrudo e a oportunidade que ele oferecia de se afrouxarem os controles patriarcais sobre a sexualidade, no entanto, foram um atrativo ainda mais forte entre as elites porto-alegrenses do que o sonho de civilização das sociedades carnavalescas”⁴⁸⁴.

O entrudo parecia coisa do passado, vencido pelo progresso representado por esta nova maneira de se brincar o carnaval. Até que

Passarão-se os anos.

Um dia alguém se lembrou de comprar no Rosa uma bisnaga de odorífera água, fazendo a si próprio estas considerações: isto não é jogar entrudo; por este microscópico orifício (o da bisnaga) não pode sair senão um fio quase imperceptível d’água, que tem a virtude de perfumar a pessoa em quem o atirar. E tomou da pequenina bisnaga e foi para a retreta. Foi na retreta, em palácio, que a coisa começou.⁴⁸⁵

A brincadeira se sofisticara: ao invés do limão de cera, passou a ser utilizada a bisnaga – adereço mais elegante e dispendioso – que ganhou os palácios e salões das sociedades da capital. As queixas avolumavam-se:

Cada ano que passa, mais forte se torna o brinquedinho, e cuida-se mais das bisnagas de que de encomendar flores para atirar nos Venezianos ou na Esmeralda, de adornar as ruas e fazer toilette de fantasia. As bisnagas foram agimentando de tamanho, de modo que hoje já as há capazes de ensopar sem homens.

São bisnagas barris...

Esta “Semana” foi especialmente escrita para prevenir as sociedades carnavalescas do perigo que lhes está iminente.

Acaulem-se e procurem evitar a asfixia por submersão.

O entrudo as ameaça e é preciso vencê-lo.

Para isso é mister que o brilhantismo das festas este ano seja tal que extasie este povo, tão aferrado aos bárbaros e estúpidos usos de outras eras⁴⁸⁶.

O entrudo era tido, então, como um perigo, uma ameaça à sobrevivência das sociedades: ou se exterminava com a brincadeira ou elas estariam fadadas à asfixia por submersão. Para acabar com as bisnagas, seria necessário que o desfile daquele ano – 1879 – fosse de tal brilhantismo que extiasse o povo, tão aferrado a esses bárbaros e estúpidos usos de outras eras.

⁴⁸⁴ LAZZARI, Alexandre. Op. Cit., p.78.

⁴⁸⁵ *Álbum do Domingo*, 05 de fevereiro de 1879, p.5,6 e 7.

⁴⁸⁶ *Álbum do Domingo*, 05 de fevereiro de 1879, p.5,6 e 7.

No entanto, em seu programa de carnaval do ano de 1882, os esmeraldinos rebatiam as acusações da rival Venezianos, de que sua falência seria por causa da insistência do gosto feminino pelas molhadelas. O programa apresentava a seguinte proclamação:

Cidadãos!

Do alto pináculo desta tribuna joco-séria e em nome do parlamento Esmeraldino, eu venho, qual moderno Mirabeau, refocilar-me nas incongruências da palavra convincente e retumbante.

Ouvi-me, cidadãos: não quero com frases hiperbólicas pregar-vos uma moral chata, que anda por aí a tirar-nos o chapéu a cada instante.

Tão pouco não desejo cacetar-vos os castos ouvidos com idéias do tempo dos balandrãos, nem lembrar aqui as carcomidas tradições de nossos avoengos, não.

Meu intuito é outro. Sou do presente e realista às deveras, tendo ojeriza á pindaíba, que entisica as algibeiras dos caiporas com absolutismo indomável.⁴⁸⁷

Esmeraldinos pareciam estar criticando a declaração de sua companheira e rival veneziana. Afirmavam que do mais alto lugar, mais até que das colunas venezianas, vêm divertir-se com as incoerências das palavras que andam por aí ressoando, usando de frases de efeito para pregarem uma moral chata. Não querem incomodar com idéias de antigamente, nem com tradições de nossos antepassados. Seu objetivo é outro: gostam é do presente e têm repulsa pela quebradeira que se abateu sobre o bolso de infelizes com uma tirania sem controle. Desta forma, esmeraldinos repreendem o comportamento dos venezianos de quererem colocar a culpa de sua falência no gosto de antigas tradições como, por exemplo, o entrudo, não admitindo que a bancarrota de sua sociedade tenha se dado pela falta de dinheiro e não pelo gosto feminino às bisnagas, como insinuavam em seu programa.

Neste sentido, apesar da Venezianos e de parte da imprensa atribuírem a crise das sociedades ao gosto feminino pelo entrudo, o que acarretaria a morte das mesmas, afogadas pelas águas provenientes das bisnagas, a Esmeralda contesta tal argumento e insinua que a sua co-irmã não estaria admitindo a crise financeira na qual se encontrava e, em função disto, atribuía a causa de seu insucesso à permanência de velhas tradições.

⁴⁸⁷ *Jornal do Commercio*, 19 de fevereiro de 1882, p.1.

4.1.2 – Crise Financeira

Apesar desta crítica à insistência com as bisnagas, no programa de carnaval do ano seguinte – assinado sob o cognome de *Pantagrue*⁴⁸⁸ – os Venezianos admitiam a falta de dinheiro:

A sociedade os Venezianos, apesar das imensas dificuldades que se apresentaram este ano para a realização de suas festas, resolveu não deixar passar despercebida a grande época em que todos os povos do mundo rendem seu tributo ao impagável, ao incomensurabilíssimo Deus Momo, esse pandego de força, que tem a habilidade de nos despertar os cordões da bolsa e dar reviravoltas na nossa cachola, com o único fim, mas este nobilíssimo, de nos fazer proporcionar á população da encantadora Rainha do Guaíba, festas que estejam na altura de seus alevantados créditos.

Infelizmente a influência do grande Deus não chegou ainda a eletrizar os corações empedernidos de um grande numero de ilustres concidadãos nossos, os quais, conquanto reconheça, serem as festas carnavalescas mais brilhantes que se fazem entre nós, contudo não deixaram de ser apologistas do sistema da comodidade, entendendo que é melhor ver de graça do que cair com o ferro, e que já nos fazem grande favor chamando-nos de tolos[...].⁴⁸⁹

Neste ano, Os Venezianos – que no anterior tinham culpado as mulheres pela crise que se lhes abatia – reconheciam as imensas dificuldades para a realização de suas festas, admitindo que seu problema era a falta de dinheiro, pois vários “ilustres concidadãos”, apesar de apreciarem a festa, eram “apologistas do sistema da comodidade”, preferiam somente assisti-las do que ter que pagar para realizá-las e lamentavam que as graças do deus Momo ainda não haviam eletrizado suficientemente os corações da população da capital.

No ano anterior, o programa desta sociedade já evidenciava a crise que – em seu momento mais agudo – a levaria a não desfilar no ano de 1885, encerrando suas atividades carnavalescas. Segundo esse programa, a sociedade necessitava reviver de ano em ano, tal qual a Fênix⁴⁹⁰, em decorrência da apatia do público e da falta de dinheiro. Deste modo, eles lamentavam que “apesar da indiferença do público e a falta dos seus favores, os Venezianos

⁴⁸⁸Pantagrue é filho do gigante Gargântua e de sua mulher Badebec, que morre durante o parto. Um grande boavida, alegre e glutão, destaca-se desde a infância por sua força descomunal - superada apenas por seu apetite. Seu nome significa "tudo alterado" e é também o nome de um demônio do folclore bretão cuja atividade preferida era a de jogar sal na boca dos bêbados adormecidos, para alterá-los e fazê-los beber ainda mais. *Grande Enciclopédia Larousse Cultural*, Nova Cultural Ltda, 1999, p.4417.

⁴⁸⁹Mercantil, 31 de janeiro de 1883, p.3.

⁴⁹⁰Fênix, ave que, segundo a mitologia egípcia, durava séculos e, queimada, renascia das próprias cinzas. *Grande Enciclopédia Larousse Cultural*, Nova Cultural Ltda, 1999, p.1350.

existem, como a Fênix; porém menos tardos que ela, revivem de ano em ano, e ei-los ainda esta ano a apresentar-vos o programa das suas festas⁴⁹¹.

Como vimos, para os esmeraldinos o motivo da falência de sua companheira foi a falta de dinheiro e não o gosto feminino pelas bisnagas como os filhos da Veneza insinuaram. Satirizando a crise financeira pela qual passavam os Venezianos, Miguel de Werna publicou em seu jornal – *O Século* – a seguinte charge:



Ilustração 6 – Alegria Veneziana. Retirada do Jornal *O Século*, 28 de janeiro de 1883.

Nesta charge, publicada em 1883, Werna – que neste ano era presidente da Esmeralda – debochava da “alegria dos cadáveres dos ‘Venezianos’ ao verem anunciado o espetáculo dos ditos. Mas como a alegria em casa de pobre dura pouco, eles terão de chorar, por que há cada gargantua ...”⁴⁹². Percebe-se nitidamente a linguagem sarcástica e provocativa do presidente da Esmeralda. Neste ano, os programas da Venezianos eram assinados com o pseudônimo de Pantagrue – cujo nome significa “tudo alterado” –, personagem de Rabelais. Fazendo referência a tal pseudônimo, Werna ironizava ao afirmar que naquela sociedade haveria “cada Gargântua”, numa clara referência a outro personagem de Rabelais, Gargântua, pai de Pantagrue. Todavia, parece que o autor da charge quis fazer um trocadilho Gargântua/garganta, procurando acusar os

⁴⁹¹ Jornal do Comércio, 18 de fevereiro de 1882, p.2.

⁴⁹² *O Século*, 28 de janeiro de 1883, p.4.

Venezianos de chorões e faladores. Acusar alguém de “garganta” significa chamar este de “fanfarrão” ou “mentiroso”.

E parece que a ironia de Werna em pouco tempo se realizara, a alegria dos Venezianos durara pouco: em 1885, atingida pela crise, essa sociedade não compareceu às festas em homenagem a Momo⁴⁹³. Nesta charge, Werna retratou caricatamente alguns venezianos, dançando alegremente, insinuando que tal alegria não resistiria muito tempo. Segundo Fonseca, “gente de renome, políticos notórios, senhores de guerra, celebridades e outros poderosos, bem como eventos sociais e políticos em que estão envolvidos, têm sido alvos, direta ou indiretamente, do comentário gráfico ferino e impiedoso na forma dos desenhos e gravuras com que os caricaturistas os expõem à opinião pública”⁴⁹⁴. E, nesse caso, a caricatura dos venezianos tinha o intuito de ironizar a crise da sociedade. Infelizmente, não pudemos identificar quem eram os retratados nas charges, pois não encontrou-se registros fotográficos dos mesmos, mas tudo leva a crer que eram alguns dos principais membros da diretoria daquela sociedade. Naquele ano, esta era composta por Ramiro Barcellos (presidente), Olímpio da Cunha Brochado (vice-presidente), Cristiano Kraemer (1º secretário), Pedro de Araújo Viana (2º secretário) entre outros. Deve-se lembrar que, nesse mesmo carnaval, ocorreu a polêmica envolvendo os presidentes dessas duas sociedades, Werna e Barcellos, na qual a Venezianos desfilou com um urso trajado como o presidente de sua concorrente⁴⁹⁵.

Assim, o comentário gráfico, a caricatura, tem como objetivo expor ao seu público leitor, de forma ácida, questões que considera pertinente, pois “a caricatura é a representação plástica ou gráfica de uma pessoa, tipo, ação ou idéia interpretada voluntariamente de forma distorcida sob seu aspecto distorcido ou grotesco. É um desenho que, pelo traço, pela seleção criteriosa de detalhes, acentua ou revela certos aspectos ridículo de uma pessoa ou fato”⁴⁹⁶. Werna acentuava a demasiada alegria dos Venezianos (note-se que os homens pulam estonteantemente) que comemoravam a realização dos festejos de sua sociedade naquele ano, apesar das dificuldades enfrentadas, como os próprios afirmaram.

Mas não só Venezianos passaram por crises financeiras. A conjuntura das finanças da Esmeralda também não parecia das melhores. Já durante o ano de 1882, a imprensa referia-se à

⁴⁹³FERREIRA, Athos. Op. Cit. p.45.

⁴⁹⁴FONSECA, Joaquim da. *Caricatura: a imagem gráfica do humor*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1999, p.11.

⁴⁹⁵Esta polêmica foi analisada no Capítulo III.

⁴⁹⁶FONSECA, Joaquim da. Op. Cit., p.17.

situação econômica desta sociedade e às dificuldades que esta enfrentava para organizar os empréstimos daquele ano. Assim, o *Mercantil* informava que a Esmeralda “trabalhou com todo o sigilo, para causar verdadeira surpresa á população, e assim vai acontecer. Quando todos a supunham, por assim dizer morta, ei-la que surge com todo o vigor para suplantar os descrentes”⁴⁹⁷.

A morte das sociedades – no caso acima referido da Esmeralda – era francamente tratada, o que demonstrava que a crise dessa associação preocupava diversos setores da população porto-alegrense, não só os membros da diretoria, que com dificuldades conseguiam mantê-la viva.

Em função dessa crise, os diretores dessa associação resolveram convidar Miguel de Werna para exercer a presidência dela a fim dela poder se beneficiar de sua “influência pessoal”. José Leite de Castro, presidente interino da Esmeralda, em 1883, em 19 de janeiro desse mesmo ano, redigiu uma carta a Werna na qual oficializava o convite, afirmando que “será dolorosa a nossa decepção se declinar de aceitar a nossa escolha na próxima eleição de domingo”⁴⁹⁸. A seguinte carta foi publicada no jornal *O Século*, de propriedade de Werna, no ano seguinte:

[...]Á vista de sua condescendência e de tão boa vontade com a Esmeralda cedendo a sua mimosa e galante filhinha para representar como nossa soberana, quer a maioria dos sócios eleger V.S. presidente, prevenindo-o desde já de que a sociedade conta com grande número de sócios que oferecem os recursos para a sua ligeira festa, sem o sacrificio da parte do meu amigo, mais do a influência pessoal de que dispõe.
Já deram as necessárias providências que requer o começo da festa, invendo-se distribuído a cobrança, cuja arrecadação parece animar-nos.⁴⁹⁹

Leite de Castro afirmava não ter a sociedade problemas com recursos para a realização do carnaval, tendo um grande numero de sócios já os oferecido. Garantia, ainda, que as cobranças de anuidades já estavam sendo feitas e que os sócios estavam respondendo ao chamado, a fim de prepararem uma bonita festa.

Contudo, já com Werna na presidência, o jornal *O Século*, publicava um apelo às mulheres para que não namorassem jovens que não lhes mostrassem o recibo de pagamento das sociedades carnavalescas, de modo que lhes provassem bom gosto.

⁴⁹⁷ *Mercantil*, 18 de fevereiro de 1882, p.1.

⁴⁹⁸ *O Século*, 04 de fevereiro de 1883.

⁴⁹⁹ “A sociedade Esmeralda e os seus credores”, *O Século*, 1º de fevereiro de 1884.

[...] Grande parte dos moços da nossa terra negam-se a contribuir com a sua anuidade.
 É vergonha!
 Leitora querida, não te metas em derriço com rapaz que não te provar o seu bom gosto, apresentando-te um recibo de qualquer das sociedades.
 Só assim tomarão caminho esses unhas de fome!
 Há certa gente em Porto Alegre que não devia existir, por honra da nossa capital.
 Gente refratária a tudo quanto é belo e sublime!
 Gente incapaz de concorrer com um seítal para um fim útil ou agradável!
 Gente que só tem uma aspiração: - o circo de cavalinhos!
 Anuncie-se a exibição de uma companhia ginástica e eqüestre e aí vem o mundo abaixo com tanta gente. [...] ⁵⁰⁰

Ao contrário do que afirmava Leite de Castro, ao fazer esse pedido às mulheres em seu jornal, Werna asseverava que grande parte dos moços da terra não estavam contribuindo com as sociedades carnavalescas, eram pessoas inacessíveis ao belo – carnaval – unhas de fome que não sabiam apreciar e pagar por algo proveitoso e aprazível.

Mais uma vez, a presença feminina se faz importante: aqui elas não são as culpadas pela falência das sociedades, mas sim conclamadas a fazer com que elas sobrevivam. Ao negarem-se a namorarem rapazes que “não tenham bom gosto”, elas estariam exercendo um poder sobre eles e sobre o futuro do carnaval, de tal modo, que tais rapazes se obrigariam a pagar as anuidades, pois “só assim tomarão caminho esses unhas de fome!”.

Parece que o apelo não surtiu muito efeito, pois no ano seguinte, a Esmeralda estava com muitas dívidas. Miguel Werna, então presidente da sociedade, a despeito de cobranças dos débitos da associação, que foram enviadas para ele, mandou publicar em seu jornal:

A Esmeralda deve-me a vida.
 Estava morta e eu a fiz ressuscitar.
 Mas não se segue daí que eu seja responsável pelas suas dívidas.
 Tomei a sua direção quando até alguns dos seus membros mais influentes a abandonaram.
 Isso foi quase em fins de Janeiro de 1883, e o carnaval foi a 4 de Fevereiro ⁵⁰¹.

Em 1883, segundo Werna, a Esmeralda também estava morta: sem a colaboração de importantes membros, abandonada. Ele, com sua influência e persistência, a fez renascer:

Ativei a sua cobrança

⁵⁰⁰ *O Século*, 04 de fevereiro de 1883.

⁵⁰¹ “A sociedade Esmeralda e os seus credores”, *O Século*, 1º de fevereiro de 1884.

Andei de porta em porta pedindo aos sócios para pagarem as suas anualidades, alguns dos quais só o fizeram em consideração a mim.

Que digam os Srs. Carvalho Bastos, da rua 7 de Setembro, Boaventura Marques da Silva e muitíssimos outros sócios, que declararão pagar unicamente em atenção á minha pessoa.

Promovi uma subscrição entre o honrado comercio desta praça, e tirei 600\$000 mais ou menos.

Alguns dos distintos comerciantes que subscreverão, tais como os Srs. Felizardo & Comp., Francisco de Almeida, Silveiras, Esteves & Comp, Silva Bastos, Leonel de Souza, Pohlman, Doval e outros, cujos nomes não me vêm de momento a memória, declararam que concorriam somente por me obsequiar⁵⁰².

A causa *mortis* da Esmeralda, pelas palavras de Werna, teria sido mesmo monetária: pois para revivê-la ele teve que ir de porta em porta, pedindo a colaboração de seus sócios, como os Srs. Carvalho Bastos e Boaventura Marques da Silva, a fim de que pagassem suas anuidades. Conseguiu, ainda, “600\$000 mais ou menos” no comércio de Porto Alegre, ratificando sempre que as ajudas que recebia em nome da Esmeralda eram sempre feitas em apreço a sua pessoa.

Além disso, despendi o que pude com as festas carnavalescas.

Note-se, porém, que um suítil do dinheiro recebido não passou pelas minhas mãos.

Quando ia pedir aos comerciantes, apresentava a subscrição, mas nunca recebi dinheiro.

O Sr. Leite de Castro, que me acompanhava, recebia os donativos, tomava nota, e no fim do peditório entregava –os ao Sr. Tesoureiro.

Não me envolvi em questões de despesa, pois aceitei a presidência com a condição de não ter a mínima responsabilidade das dívidas.

Depois das festas concluídas disse-me o Sr. Carvalhinho, secretario da sociedade, que a receita dava para a despesa.

Com quanto nada tivesse com essas cousas, fiquei satisfeito por saber que a sociedade, que eu tinha a honra de presidir, não possuía cadáveres.

Mas ela senão quando apresentam-me agora alguns, exigindo que eu lhes pague, e ameaçando-me com mofinas pela imprensa.

E eu que tenho tanto medo da imprensa!

Eu que até emagreço quando ela toca!

Todavia, devo dar esta satisfação ao público, que não esta ao fato do que se passou, e dizer aos cadáveres da Esmeralda: – Amiguinhos, vão bater a outra porta; Deus os favoreça⁵⁰³.

Note-se que, a despeito das promessas de Leite de Castro de que Werna não teria que arcar com nenhum prejuízo material, pois a sociedade já iniciara o recolhimento das anuidades dos sócios, o que seria suficiente para cobrir os custos com os festejos daquele ano e que só

⁵⁰² “A sociedade Esmeralda e os seus credores”, *O Século*, 1º de fevereiro de 1884.

⁵⁰³ “A sociedade Esmeralda e os seus credores”, *O Século*, 1º de fevereiro de 1884.

desejava contar com a influência dele, após o desfile vários credores passaram a cobrá-lo dívidas referentes ao carnaval. Ademais, o mesmo alegava ter despendido o que podia com a Esmeralda. A carta enviada por Leite de Castro a Werna, convidando-o a aceitar a presidência da referida sociedade deixava isto claro ao afirmar que “a sociedade conta com grande número de sócios que oferecem os recursos para a sua ligeira festa, sem o sacrifício da parte do meu amigo, mais do a influência pessoal de que dispõe”⁵⁰⁴. Deste modo, Werna afirmava nada ter “com as dívidas, e que aceitei a presidência por empenhos dos sócios que apenas exigiam a minha influencia pessoal”⁵⁰⁵. Respondia às cobranças em tom sarcástico, ironizando as ameaças de seus credores que diziam expor toda a questão na imprensa se ele não pagasse as dívidas da Esmeralda: “E eu que tenho tanto medo da imprensa! Eu que até emagreço quando ela toca!”. Essa situação, ocorrida no início de 1884, demonstra a gravidade da situação econômica da Esmeralda: repleta de dívidas, apossada por credores, abandonada por seus “membros mais influentes” e incerta de seu futuro.

No ano de 1885, que foi marcado pelo não comparecimento da Venezianos aos empréstimos, a Esmeralda preparava seus desfiles “com pequenos recursos, mas a custa de grandes esforços e de insano trabalho de sua diretoria, coadjuvada por alguns sócios, a Esmeralda apresentará um deslumbrante empréstimo”⁵⁰⁶. O problema da escassez de recursos para os desfiles persistia, mas - enquanto a Venezianos já encerrara suas atividades carnavalescas - a Esmeralda insistia corajosamente graças a um “trabalho insano” de sua diretoria.

4.1.3 – Disputas Internas

Vimos que a falta de contribuição dos sócios, que geraria falta de dinheiro para se realizarem os festejos, parece ter sido um dos motivos que levaram Esmeralda e Venezianos a entrarem em decadência na década de 80. Mas que motivos teriam levado os sócios a não se interessarem mais pelas agremiações, a se desgostarem e não mais contribuir? Teria havido outros elementos além da simples “falta de dinheiro”, haja vista que elas eram pertencentes a grupos que chelpa possuía?

⁵⁰⁴ “A sociedade Esmeralda e os seus credores”, *O Século*, 1º de fevereiro de 1884.

⁵⁰⁵ “A sociedade Esmeralda e os seus credores”, *O Século*, 1º de fevereiro de 1884.

⁵⁰⁶ *A Reforma*, 17 de fevereiro de 1885, p.1.

Para a formação, o desenvolvimento e a sobrevivência de uma associação ou sociedade é necessário que “se tenha superado exatamente aqueles instintos, apetites ou paixões, que representariam um obstáculo para a realização das finalidades que se procuram realizar na entidade corporativa e por meio dela”⁵⁰⁷. Assim, para que uma sociedade carnavalesca sobreviva, obstáculos como disputas e rivalidades internas, lutas e interesse pessoais devem ser superados ou eliminados. E essas disputas internas, esses instintos ou paixões, pareciam não ter sido superados, pelo menos na Venezianos, onde os interesses pessoais foram, gradativamente, levando a distensões e rachas no grupo que constituía o corpo diretivo desta associação.

Uma nota publicada no jornal *Mercantil*, em 1881, nos dá alguns indícios de que esses interesses pessoais levados a chocar-se contra os interesses próprios da sociedade ocasionaram disputas internas e desinteligências entre seus membros. Além do entrudo e da dificuldade financeira – analisados acima como causas que contribuíram para a crise das sociedades – tais desentendimentos poderiam ter levado os Venezianos a desaparecerem quatro anos depois. Nela, o jornalista relata os preparativos que a sociedade fazia a fim de render preito ao deus Momo até que a postura de um ex-presidente da associação veio a trazer dificuldades e criar conflitos. Vejamos a nota:

A sociedade carnavalesca do nome acima [venezianos] preparava-se para neste ano apresentar festejos superior aos que realizou nos anteriores.

Mandarão vir da Europa novidades carnavalescas, e prontificavam-se para o passeio burlesco do próximo domingo tipos interessantes, críticas de subido espírito e bonito efeito: mas...

Como não há prazer completo, apareceu para a sociedade uma aza negra: o Sr. Germano Hasslocher, que se mete em tudo como um piolho por costura, lá fez umas imposições á sociedade, umas propostas insensatas foram pouco a pouco desgostando os sócios, que têm afinal perdido grande parte da sua influência e entusiasmo⁵⁰⁸.

Os Venezianos estavam a preparar-se para uma bonita festa, até que um caiporismo lhes apareceu: Sr. Germano Hasslocher⁵⁰⁹, presidente da sociedade na gestão de 1879/1880. Para o jornalista, esse membro veio estragar, atrapalhar o trabalho dela, interferindo e impondo

⁵⁰⁷SICHES, Op. Cit., p.550.

⁵⁰⁸*Mercantil*, 23 de fevereiro de 1881, p.1.

⁵⁰⁹Germano Hasslocher foi um dos fundadores de Santa Cruz do Sul. Liberal, foi vereador à Câmara Municipal de Porto Alegre, na legislação 1881/1884, tendo falecido no exercício do mandato. Seu filho, de igual nome, foi profundamente ligado a Porto Alegre pela atividade jornalística, política e forense. PORTO ALEGRE, Achylles. *Homens Ilustres do Rio Grande do Sul*. Livraria Selbach, Porto Alegre, 1917, p.203 morre em junho de 1881. Nasceu em 1842, filho de Nicolau Hasslocher e Hedwiges Klingelhofer. Casou-se com Marie Durand e foi pai de Germano e Eduardo Hasslocher. Disponível em <http://elraupp.sites.uol.com.br/>. Acessado em 02 de abril de 2008.

desatinadas idéias, gerando disputas entre as propostas já existentes e que estavam sendo implementadas e as trazidas por ele. Aos poucos, os sócios foram se desgostando e gradativamente afastando-se.

Consta-nos que há até no proceder do Sr. Hasslocher assim como que uns moveisinhos interesseiros, umas vistas futuras de proteção de contratos, a sua corda sensível.

Ora; que se trate de lucros em qualquer parte era para nós possível; mas no número de todas as partes em que se pode tratar de proveitos pecuniários não havíamos julgado que se incluísse uma sociedade carnavalesca, onde se vai unicamente folgar.

Só o Sr. Hasslocher poderia realizar esse impossível para nós.

Só mesmo a febre daquele Sr. pelos contratos poderia demonstrar-nos que mesmo debaixo d'água há quem seja capaz de ser financeiro e espertalhão⁵¹⁰.

Interesses particulares pareciam mesclar-se aos da sociedade e a nota do *Mercantil* estranhava que tais interesses se mesclassem aos do verdadeiro carnaval. O Sr. Hasslocher, acusado de estar preocupado com lucros e de proteger seus contratos, estaria prejudicando a sociedade, lugar que se vem para divertir-se e não para tratar de dinheiro. O jornalista continua expondo os problemas que Hasslocher trouxera para os Venezianos:

Houve a idéia de fazer uma crítica aos esgotos e outra ao capitão Koseritz; o Sr. Germano impôs a retirada delas, e foi obedecido.

Anteontem foi ele pela primeira vez a reunião da sociedade e apresentou uma proposta digna de sua cachola.

A diretoria da sociedade cumpre colocar-se na sua verdadeira posição e não aceitar as imposições desse Sr., que dará com a sociedade em terra se as suas vontades forem satisfeitas.

O fim da sociedade não é atender aos interesses particulares de quem quer que seja; e nada tendo ela com os futuros planos do Sr. Germano Hasslocher, deve apresentar as críticas em questão, que muito agradarão ao publico da capital.

E com isso a diretoria firmará a sua autonomia e os créditos da sociedade.⁵¹¹

Havia impasses quanto aos temas a serem apresentados no passeio burlesco. Sr. Germano Hasslocher, vereador e liberal, provavelmente não gostaria de se indispor com o governo, nem com Koseritz – jornalista, intelectual, ativista político, que entre os teutos-brasileiros liderou a aproximação destes com o Partido Liberal⁵¹² – por isso impôs a retirada das críticas que seriam feitas aos esgotos e “ao capitão Koseritz”. Essa postura, de colocar interesses pessoais em

⁵¹⁰ *Mercantil*, 23 de fevereiro de 1881, p.1.

⁵¹¹ *Mercantil*, 23 de fevereiro de 1881, p.1.

⁵¹² Cf. LAZZARI, Alexandre. Op. Cit., p.98.

detrimento do bem da sociedade deve ter gerado muitos problemas no seio da associação, fazendo com que muitos sócios se sentissem desgostados. Ademais, sendo de ascendência germânica, era possível que ambos – Koseritz e Hasslocher – mantivessem relações.

Além disso, o jornalista aconselhava que a Venezianos apresentasse as críticas em questão, pois ela não teria de se preocupar com “os futuros planos do Sr. Germano Hasslocher”, visto que se a diretoria acatasse as imposições dele “dará com a sociedade em terra”. Seu dever é agradar o público da capital com o festejo oferecido e não absorver interesses pessoais dos membros.

Desta forma, em 1885, os Venezianos não vêm à folia. E Werna não perdeu a oportunidade de zombar de sua “co-irmã”: “Depois de uma triste peregrinação por este vale de lágrimas, faleceu vítima de uma cruel *anemia-algibeirites*, a desventurada *Veneziana*”⁵¹³. A Esmeralda, no entanto, prejudicada pela chuva – como comentamos no capítulo anterior – também não fez seu desfile, realizando somente o baile e, segundo o jornal *A Lente*, “aqui para os leitores, o carnaval este ano prometeu muito mais do que deu, e se não fosse a intrépida Germânia passávamos mesmo em família. Hurrah!... Pela Germânia”⁵¹⁴. Ao que parece, apesar da crise financeira pela qual a Esmeralda passava e do abandono por parte de seus membros que preferiam “o circo de cavaleiros”⁵¹⁵ do que contribuir com anuidade da sociedade, ela não enfrentava sérios problemas de disputas internas entre seus membros, posto que a imprensa noticiava que, a despeito de tais dificuldades e com poucos recursos, essa associação se mantinha viva graças aos “grandes esforços e de insano trabalho de sua diretoria, coadjuvada por alguns sócios”⁵¹⁶. Encaminhava-se, então, o triste fim das tradicionais sociedades carnavalescas porto-alegrenses.

4.2 - Surgem outras sociedades

Apesar da crise que avassalara as tradicionais sociedades carnavalescas da capital durante a década de 1880, o modelo de carnaval expresso por esmeraldinos e venezianos fora bem aceito pela população e acabou por influenciar e motivar o surgimento de outras sociedades

⁵¹³ *O Século*, 15 de fevereiro de 1885, p.3.

⁵¹⁴ *A Lente*, 1885.

⁵¹⁵ *O Século*, 04 de fevereiro de 1883.

⁵¹⁶ *A Reforma*, 17 de fevereiro de 1885, p.1.

com os mesmos fins e que propalavam o modelo dos festejos veneziano. A propagação das idéias dessas instituições em nosso círculo social demonstra que “uma conduta individual, um invento – qualquer que seja – se coletiviza devido à adesão que os valores que contêm suscitam nos integrantes de um círculo social”⁵¹⁷. E os valores, o tipo de festejo e as condutas que eram apregoados pela Esmeralda e pela Venezianos foram também aceitos no seio da sociedade porto-alegrense, vindo a influenciar novos grupos a adotarem esse modelo de carnaval. Para que haja a coletivização de uma invenção “é necessário que se dê uma relação de afinidade entre o invento e a compreensão, as necessidades, a sensibilidade ou os desejos das pessoas que integram o círculo coletivo”⁵¹⁸ e a adesão de várias sociedades a esse novo modelo de festejo demonstra claramente a ocorrência dessa afinidade, sua aceitação e aprovação. Ao adotarem essa nova prática de carnaval – mesmo que as antigas continuassem em uso – esses outros grupos exteriorizavam terem aceitado e quererem eles também praticar essa invenção, pois é só

quando as pessoas compreendem o valor de uma invenção, quando se sentem seduzidas pela bondade de uma nova conduta, pela utilidade de um novo programa político, pela beleza de uma nova canção, pelas vantagens de uma nova forma econômica, pela certeza de uma nova teoria, adotam então essa criação como forma comum de conduta⁵¹⁹.

Assim, vários grupos carnavalescos surgiram nos anos seguintes à criação das tradicionais sociedades, se apropriando – e muitas vezes re-significando – o modelo de esmeraldinos e venezianos de renderem preito ao deus da folia. Ente eles podemos citar: Congos (1877), Germânia (1879), Floresta Aurora (1881)⁵²⁰, Estrella D’Alva (1878), Moçambique(1878), XPTO (1882), Cara Duras. Neste momento, analisar-se-á de modo mais aprofundado a Sociedade Germânia, procurando-se - como ao longo de toda a dissertação - ressaltar a participação feminina dentro dos festejos carnavalescos dessa sociedade.

⁵¹⁷SICHES, Op. Cit.,p. 292.

⁵¹⁸Ibid, p.292.

⁵¹⁹Ibid, p.292.

⁵²⁰A Sociedade Floresta Aurora surge no ano de 1881, participando de cursos, “compondo grupos esparsos de mascarados e conjuntos humorísticos, com perfeitas e divertidas imitações”. Essa sociedade era “uma associação de negros libertos, sem vinculação exclusiva com o carnaval”. LAZZARI, Op. Cit. p. 60 e 149.

4. 2.1 – Germânia

A Sociedade Germânia, a mais antiga sociedade recreativa de Porto Alegre, foi fundada em 1855. Segundo Franco, “reunia a elite alemã radicada em Porto Alegre, diferenciando-se, por isso, de outras associações mais modestas que surgiram mais tarde. Expressivas personalidades do comércio e da indústria porto-alegrense dirigiram, ao longo do tempo, a Sociedade Germânia”⁵²¹.

Apesar de não ter surgido com fins carnavalescos, em 1878 já realizara bailes à fantasia e, no ano seguinte, organizara seu primeiro desfile alegórico e crítico⁵²². Outras sociedades germânicas – como a Leopoldina⁵²³ e a Schützenverein (sociedade de tiro) – também passaram a realizar bailes carnavalescos – mas não préstitos⁵²⁴.

A despeito de Gans afirmar que em 1878 “a sociedade saiu com seu próprio cortejo”⁵²⁵, o primeiro desfile dessa sociedade ocorrerá no ano seguinte. Tal equívoco talvez se deva ao fato de que a autora utilizou uma nota publicada na imprensa teuto-brasileira na qual se mencionava a participação de alemães nos desfiles daquele ano, sem que, todavia, houvesse referência a um cortejo organizado pela Germânia. Muitos alemães e descendentes eram sócios das sociedades tradicionais da capital, chegando a ocupar cargos em sua diretoria e, inclusive, a presidência – como Germano Hasslocher. O carnaval das sociedades era, com frequência, noticiado pela imprensa teuta, o que demonstra que essa festa “ parece ter sido um evento apreciado pelos teutos de Porto Alegre”⁵²⁶. Nada mais natural, portanto, que eles quisessem fazer seu próprio carnaval, com sua própria sociedade. E cada vez mais a necessidade de “formação de uma sociedade carnavalesca alemã especial”⁵²⁷ parecia se fazer presente. Cobrindo os festejos do carnaval de 1878 – e, mais especialmente, a participação de alemães nos mesmos – o jornal teuto-brasileiro *Deutsche Zeitung* publicava que

⁵²¹Cf. FRANCO, Sérgio. Op. Cit., p.191.

⁵²²Cf. LAZZARI, Alexandre. Op. Cit. p.144.

⁵²³Lia-se na imprensa notas como esta: “ LEOPOLDINA – no salão cosmopolita dá hoje a noite esta sociedade um baile à fantasia”. Jornal do Commercio, 17 de fevereiro de 1885.

⁵²⁴Vieram, entretanto, incorporadas ao desfile da Germânia, como por exemplo, no ano de 1885.

⁵²⁵GANS, Magda. *Presença teuta em Porto Alegre no século XIX (1850 – 1889)*. Porto Alegre: Editora da UFRGS/ANPUH/RS, 2004, p. 170.

⁵²⁶Ibid., p. 168.

⁵²⁷*Deutsche Zeitung*, 23 de fevereiro de 1881. Apud: Gan, Op. Cit. p. 170.

No que diz respeito aos desfiles nas ruas, estavam bem bonitos; [...]uma das melhores críticas, sobre Dr. Eisenbart, foi feita pelo Senhor Rudolph Bier. Jovens damas participaram do desfile e a decoração dos carros era de bom gosto. A propósito, o ‘príncipe do carnaval’ decididamente entrou em pé de guerra, pois o velho entrudo voltou a atacá-lo com força e neste ano as bisnagas com essências cheirosas tiveram maior importância do que as verdadeiras brincadeiras carnavalescas. Foram gastos contos de réis em bisnagas. Mesmo assim a autêntica atmosfera do carnaval, nas ruas, ainda não se desenvolveu direito. Além dos cortejos organizados, viram-se poucos mascarados nas ruas; em compensação, o belo sexo participou mais dos bailes à fantasia e também em círculos alemães houve o maior interesse pelo festejo.⁵²⁸

O *Deutsche Zeitung*, jornal teuto-brasileiro – compartilhando com os demais periódicos da cidade, a idéia de que “verdadeiras brincadeiras carnavalescas”, ou seja, o autêntico carnaval era o promovido pelas sociedades – afirmava que entrudo havia imperado com força total naquele ano, gastando-se “contos de réis em bisnagas” e entrando em “pé de guerra” com o “príncipe do carnaval”. Além disso, a presença feminina nos préstitos é evidenciada na afirmação de que “jovens damas participaram do desfile”.

Para o jornalista, entretanto, a “autêntica atmosfera do carnaval” ainda não teria se desenvolvido. Sensação expressa também por esta outra nota publicada no jornal teuto-brasileiro.

A impressão deixada ainda foi a do improviso. Porto Alegre ainda não se elevou ao carnaval como ele deve ser e também nos folguedos carnavalescos espelharam-se os tempos difíceis, pois não houve nem sinal de fantasias ricas e de bom gosto como antigamente.⁵²⁹

Ao contrário do restante da imprensa, esse jornal acreditava não ter o carnaval se desenvolvido direito, não o via tão deslumbrante como os outros o caracterizavam, contrastando com as visões sobre o festejo expressas pelos demais jornais, apresentadas nos capítulos anteriores.

Então, em 1878 foram realizados bailes por essa sociedade. Nos bailes promovidos pela Germânia, mesclavam-se componentes do carnaval e de costume teutos. Vejamos o programa publicado pelo jornal *Deutsche Zeitung*:

Domingo, 24: “reunião familiar de encapuzados”; Domingo, 3 de março: baile de máscara; Terça, 5 de março: Kappensitzung (reunião de encapuzados)

⁵²⁸ *Deutsche Zeitung*, 09 de março de 1878. Apud: Gans, Op. Cit., p. 167.

⁵²⁹ *Deutsche Zeitung*, 06 de março de 1878. Apud: Gans, Op. Cit., p. 167.

familiar com Kränzchen (tradição de encontro de senhoras amigas que confraternizavam regularmente no café da tarde). Para os referidos bailes, cada folião, seja ele membro ou não, deve estar provido de convite. Para estranhos estes só podem ser adquiridos por intermédio dos sócios, pelo valor de 2,000 por pessoa.⁵³⁰

Percebe-se que, durante os dias de folia, os teuto-brasileiros faziam reuniões a fim de comemorar o carnaval. Esses encontros, entretanto, tinham características germânicas, como o *Kappensitzung* e *Kränzchen*⁵³¹. Neste, a presença feminina era marcante, sendo usual a confraternização das senhoras amigas no café da tarde. Faziam, além disso, o baile de máscara.

No ano de 1879, a Germânia apresentou seu cortejo, tendo sido elogiada pela imprensa da capital. Segundo um cronista local, “sobressaiu este ano a Sociedade Germânia que, aproveitando-se, com critério e beleza, de alguns acontecimentos para apresentá-los sob a máscara, tomando deles apenas o que havia de jocoso e ambíguo, conseguindo criticar sem causticar, nem ferir”⁵³². Deve-se lembrar que o ano de 1879 marca o início da crise das sociedades carnavalescas que, afligidas pela permanência do entrudo, pelas disputas internas e pela crise financeira, iniciavam seu caminho à falência.

O jornal *Mercantil* também salientava o gosto na exposição das críticas e que teve a Germânia muito luxo nos tipos apresentados. Na segunda-feira de carnaval,

coube á Germânia fazer seu passeio, o qual foi realizado da maneira a mais brilhante possível, tal foi o gosto e execução dos diversos grupos de que se compunha a comitiva.

Não nos é possível especializar este ou aquele grupo pela grande quantidade, á exceção do carro que conduzia a Germânia, que estava magnífico; notamos, porém, que houve muito gosto na combinação das críticas havendo também luxo nos tipos apresentados⁵³³.

O jornalista ressaltava a grande quantidade de carros que exibiu a Germânia em seu desfile. Entre eles, apresentou ela o seguinte carro: Till Eulenspiegel⁵³⁴, um personagem

⁵³⁰ *Deutsche Zeitung*, 28 de fevereiro de 1878. Apud: GANS, Magda. Op. Cit., p. 168.

⁵³¹ Kränzchen eram “pequenos grupos informais de senhoras ou senhoritas que se reúnem semanalmente, alternando as casas, para conversarem fazendo algum trabalho manual, e tomar chá com cucas ou doces. Segundo Fachel, apesar de “serem uma forma de recreação muito conhecida entre pessoas de origem germânica” seriam originários da Suíça, ou melhor, do cantão suíço alemão. FACHEL, José Fraga. Os grupos de bolão e os Kränzchen em Santa Cruz do Sul. *I Colóquio de Estudos Teuto-Brasileiros*. Centro de Estudos Sociais. Faculdade de Filosofia/UFRGS. Porto Alegre, 1963, p.329.

⁵³² FERREIRA, Athos. Op. Cit., p. 154.

⁵³³ *Mercantil*, 26 de fevereiro de 1879, p. 2.

⁵³⁴ *Mercantil*, 22 de fevereiro de 1879, p. 2.

galhofeiro do século XIV, dos contos folclóricos alemães⁵³⁵. Isso demonstra essa apropriação e re-significação das práticas carnavalescas a costumes próprios dos grupos que os elaboravam, incorporando, no caso em questão, aos hábitos carnavalescos costumes próprios de suas origens étnicas. Para Gans, as sociedades luso-brasileiras e as teuto-brasileiras “pareciam partilhar uma mesma identidade social, o que, contudo, não impedia que os eventos carnavalescos assinalassem bem as distinções étnicas”⁵³⁶.

Com o passar dos anos, parece haver um maior encantamento da população alemã com o carnaval, não só na Germânia, como também em outros clubes teutos. Em 1879, o jornal *Deutsche Zeitung*, afirmava que eles participariam amplamente das festas a Momo. Vejamos:

As diversas sociedades da cidade preparam grandes comemorações carnavalescas. Os Venezianos se apresentarão em toda pompa e os Esmeraldinos esforçam-se para não ficar para trás. Nossa velha e honrada Germânia, neste ano, também realizará um cortejo especial, na segunda feira de carnaval.. No club, na Germânia, no Schützenverein (sociedade de tiro) e na sociedade Leopoldina haverá bailes e a população alemã participará amplamente dos festejos carnavalescos. Haverá bailes no Skantig-Rink, os Venezianos e Esmeraldinos darão seus bailes costumeiros e no teatro, como sempre, haverá bailes para demimonde.⁵³⁷

Seja no *club*⁵³⁸, na Germânia, na sociedade de tiro ou no Leopoldina, os alemães compartilhavam e ofereciam festejos a Momo. Mas não só o *Deutsche Zeitung*, como o restante da imprensa da capital passara a reconhecer a Germânia enquanto uma sociedade momesca.

A Germânia é outra sociedade carnavalesca, composta em sua totalidade de alemães natos e oriundos.

Os seus sócios são uma plêiade de moços folgazões, e entre aqueles patuscos, admiradores do chanceler Bismark, há sempre idéias felizes e agradáveis.

O seu passeio foi admirado pelo público, que se mostrou contente; os seus grupos significativos agradarão extremamente.⁵³⁹

Para o *Mercantil*, as idéias apresentadas pelo conjunto de rapazes ilustres de origem alemã, que formavam a Germânia, eram “felizes e agradáveis” e animavam extremamente ao público que os assistia.

⁵³⁵Cf. FONSECA, Joaquim da . Op. Cit., p. 23.

⁵³⁶GANS, Op. Cit., p. 170.

⁵³⁷*Deutsche Zeitung*, 11 de fevereiro de 1879. Apud: GANS, Magda. Op. Cit., p. 169.

⁵³⁸Club Commercial, onde se realizavam diversos bailes carnavalescos.

⁵³⁹*Mercantil*, 01 de março de 1879, p.1.

Os desfiles da Germânia eram realizados normalmente na segunda feira. No ano de 1880, ela parecia ter definitivamente conquistado a simpatia do público que a recebia em seu préstito, entusiasticamente, jogando-lhe flores em sua passagem.

Pelas ruas porque passou a sociedade foi ela entusiasticamente recebida com vivas e infinidade de buquês.

[...]A Germânia foi condignamente recebida pelo povo, pagando este, os esforços e sacrifícios dos seus sócios, com a homenagem merecida.⁵⁴⁰

A Germânia adquirira, portanto, credibilidade como sociedade carnavalesca, tanto que em 1880, em um anúncio de venda de roupas e adereços carnavalescos, “recomenda-se às sociedades carnavalescas Esmeralda, Venezianos, Germânia, para seus passeios burlescos, um variadíssimo sortimento de máscaras representando diversos tipos e que se vendem também quase de graça”⁵⁴¹.

Contudo, após o sucesso do desfile de 1880, no ano seguinte, a Germânia não levou seu desfile à rua por razões econômicas. Quanto a isso, o periódico *Deutsche Zeitung* lamentava

que não haverá desfile neste ano é uma pena, mas a sociedade não podia mais assumir as despesas deste, sem prejudicar seriamente seus interesses. A formação de uma sociedade carnavalesca alemã especial, como estava previsto, foi cancelada neste ano, por razões evidentes, mas ocorrerá, assim esperamos, no ano que vem⁵⁴².

A despeito da promessa de retomar os desfiles no ano seguinte, a Germânia só voltara a organizar seu préstito no ano de 1885, que parece ter sido o de maior sucesso desta sociedade. Os Venezianos não compareceram aos festejos, a Esmeralda – por causa da chuva – não pôde apresentar o passeio que havia preparado e a Germânia “aproveitou uma esteadazinha, na tarde de segunda-feira, e fez o seu passeio, que esteve imponente”⁵⁴³.

O “imponente” desfile da Germânia, acompanhada de outras sociedades teutas, era comentado pela imprensa da capital:

Na segunda-feira, apesar de ter chovido quase toda manha, fez seu passeio de gala, á tarde, a distinta sociedade alemã Germânia, acompanhada de outras sociedades teuto-brasileiras.

⁵⁴⁰ *Mercantil*, 11 de fevereiro de 1880, p.2.

⁵⁴¹ *Mercantil*, 21 de janeiro de 1880, p.3.

⁵⁴² *Deutsche Zeitung*, 23 de fevereiro de 1881. Apud: GANS, Op. Cit. p. 170.

⁵⁴³ *O Século*, 22 de fevereiro de 1885.

O préstito compôs-se de grande numero de carros, uns exibindo espirituosas críticas outros, elegantemente decorados, conduzindo muitas jovens fantasiadas.

Sobressaia entre outros o carro de crítica á atual política.⁵⁴⁴

Nota-se que o formato do cortejo apresentado é o mesmo de esmeraldinos e venezianos: grande número de carros, que apresentavam críticas, inclusive à política. Eram elegantemente preparados e permitiam a exibição de mulheres no passeio. Vejamos a imagem abaixo, desenhada por Joaquim Samarach⁵⁴⁵ e publicada n'O *Século*:



Ilustração 7 - Carnaval de 1885. O Século, 22 de fevereiro de 1885.

Samarach, retratou nessa imagem, o desfile da Germânia do ano de 1885. No canto inferior direito, o já comentado personagem Till Eulenspiegel - que esteve também presente nos passeios anteriores da sociedade - abre o desfile, secundado por uma banda de música e por gaúchos a cavalo. Logo atrás, uma bandeira da Alemanha representava as façanhas militares

⁵⁴⁴ *Mercantil*, 18 de fevereiro de 1885, p.2.

⁵⁴⁵ Joaquim Samarach, litógrafo, natural da Espanha e radicado em Porto Alegre a partir de 1881. Disponível em http://www.margs.rs.gov.br/ndpa_sele_alitografia.php, acessado em 31 de março de 2008.

prussianas, “reproduzindo um monumento erguido por Guilherme II da Prússia, que mostrava uma imensa *Germânia*, figura feminina em bronze segurando o escudo do Reich e a coroa imperial, em alusão á reconstituição do império (em 1871) e da unidade alemã”⁵⁴⁶.

Índios a cavalo também faziam parte do desfile daquele ano (canto inferior esquerdo), juntamente com um carro da Sociedade Leopoldina – outra agremiação de teuto-brasileiros. Um trem – que simbolizava o século XIX – puxava o século XX e suas inovações, como o balão voador. No carro seguinte, intitulado “Lingüiça dos Prados” eram retratadas “as típicas cenas do Prado, nas quais o relho e as facas ocupam lugar central. Sobre um grande cavalo de balanço, dois jockeys competiam. [...] No alto pairava uma grande lingüiça, em alusão à wurstymacherei então corrente nos prados”⁵⁴⁷. Logo após, apareciam dois carros repletos de mulheres. “Angra Pequena” era o título do próximo, no qual foi representado

os habitantes do ‘continente negro’, sob palmeiras e bananeiras, vivendo em paradisíaca inocência, sem ter a menor idéia do que vinha a ser o ‘regime tutelar’. Acima deles pairava a bandeira alemã para qual olhavam com certa estranheza, já que esta lhes parecia menos colorida do que aquela há muito conhecida da Inglaterra e de Portugal⁵⁴⁸.

Em outro bloco, uma gangorra, satirizava a disputa entre liberais e conservadores. Nos extremos da gangorra “Dr. Barcellos e Silveira Martins procuravam manter-se equilibrados. Subiam os liberais e Martins passava a discursar em alta voz e a distribuir panfletos liberais”⁵⁴⁹. Um acampamento militar era o assunto retratado em outro bloco. Nele, “em frente a uma barraca via-se um barril de cerveja e armas recostadas onde membros da infantaria prussiana [...] eram servidos por cinco ‘adoráveis’ *Marketenderinnen*, mulheres que exerciam aqui, o comércio informal de mantimentos comumente realizado no front ou durante as manobras”⁵⁵⁰. Neste sentido é que Gans ressalta que há uma inversão de gênero no tocante às profissões. Trabalhos ditos masculinos são representados por mulheres, como por exemplo, nesse carro ou ainda no bloco que “retrata uma mina inteira, a Carvão São Jerônimo”⁵⁵¹: são mineiras as representantes desse grupo.

⁵⁴⁶ GANS, Magda. Op. Cit. p.182.

⁵⁴⁷ *Koseritz Deutsche Zeitung*. 21/02/1885. Apud: GANS, Op. Cit. P. 186.

⁵⁴⁸ *Koseritz Deutsche Zeitung*. 21/02/1885. Apud: GANS, Op. Cit. P. 183.

⁵⁴⁹ *Koseritz Deutsche Zeitung*. 21/02/1885. Apud: GANS, Op. Cit. P. 187.

⁵⁵⁰ GANS, Magda. Op. Cit., p.29.

⁵⁵¹ *Ibid.*, p.29.

A representante de outro carro também é feminina, *Lorelei*: “uma linda jovem que, sentada sobre um rochedo à beira do Reno, enfeitiça, com seu canto os timoneiros que acabam por perder o controle da nau e naufragam”⁵⁵².

Segundo Lazzari, há semelhanças entre a Germânia e as duas sociedades tradicionais no que se refere à “forma dos préstitos, com carros de gala, de crítica, presença feminina em ambos os tipos de carros, grupos de cavaleiros e bandas de música”⁵⁵³. No entanto se difere pelas “temáticas escolhidas”⁵⁵⁴, as quais “desejavam demonstrar seu pertencimento a uma identidade cultural própria”⁵⁵⁵. Entre as temáticas tipicamente germanófilas destaca-se a presença de Till Eulenspiegel, um personagem dos contos folclóricos alemães, alusões à unificação alemã e ao chanceler Bismarck.



Ilustração 8 - Till Eulenspiegel em detalhe. Retirado do jornal *O Século*, 22 de fevereiro de 1885.

Para Gans, “o carnaval teuto estava bem de acordo com o padrão elitista e sofisticado das sociedades luso-brasileiras; ambos partilhavam, portanto, um mesmo código, expressavam-se de forma semelhante”⁵⁵⁶, mesmo que suas temáticas expressassem um forte nacionalismo e retratassem questões pertinentes aos interesses próprios da comunidade germânica. Os brasileiros natos jamais compreenderiam, por exemplo, um carro que retratasse a questão de “Angra Pequena”, mas, em seu desfile, apareciam também questões locais, como a disputa entre Liberais e Conservadores – representados em uma gangorra – e diversos gaúchos e índios a cavalo.

Apesar do sucesso que obteve a Germânia nesse ano, sendo elogiada em vários periódicos da capital, um acontecimento gerou bastante polêmica na ocasião de um baile da sociedade: foi a utilização de limões de cera contendo ácido sulfúrico sobre uma multidão que se aglomerava

⁵⁵² Ibid., p.29.

⁵⁵³ LAZZARI, Op. Cit. p.141

⁵⁵⁴ GANS, Magda., Op. Cit., p. 171

⁵⁵⁵ FERREIRA, Athos. Op. Cit. p.54.

⁵⁵⁶ GANS, Magda., Op. Cit., p. 171.

defronte ao salão da Sociedade Germânia para assistir ao baile, provocando queimaduras em diversas pessoas e causando danos a roupas e chapéus. Entre os atingidos estavam Lúcio dos Santos Lara, Inácio Rodrigues Vellinho, Adolpho Cardoso, Adolpho Acosta, João Theobaldo Jaeger, entre outros⁵⁵⁷. Entre os feridos, encontrava-se, ainda, o caixeiro dos Srs. Varncke (Warncke) e Dorken⁵⁵⁸

A imprensa local definiu tal ato com expressões como “procedimento infame”⁵⁵⁹, “péssima brincadeira”⁵⁶⁰ e “perversidade”⁵⁶¹, narrando o episódio do seguinte modo:

Na noite de sábado, por ocasião do baile da sociedade Germânia, deu-se um fato inteiramente anormal entre nós e digno da mais severa reprovação. É o caso que dos telhados de casas fronteiras foram atiradas sobre o povo reunido na rua limões cheios de ácido sulfúrico, cujo conteúdo queimou muitas pessoas, estragou muita roupa e só por um acaso não produziu desastres maiores, como sejam a perda de vista, etc, o que era muito possível. É uma infâmia sem nome, um gravíssimo crime que aí foi praticado e esperamos da energia da polícia que os criminosos sejam descobertos e punidos, o que nos parece fácil porque não se lida com ácido sulfúrico sem que fiquem vestígios nas mãos e no domicílio. Esperamos enérgicas providências da polícia⁵⁶².

Os acusados de tal cometimento foram os irmãos Hugo e Emílio Gertum, que se encontravam na residência de Alberto Deistel – enquanto este achava-se no baile, juntamente com sua esposa, Frederica Deistel – na rua dos Andradas a fim de assistirem ao baile da Germânia. Segundo depoimento de Frederica Deistel, os dois não podiam ir ao baile pois não eram sócios daquela sociedade, o que demonstra o caráter fechado destes festejos⁵⁶³. Como o povo achava-se à frente da janela, impedindo sua visão, ambos teriam atirado os limões com ácido a fim de fazerem com que a multidão se dispersasse. “D’essa diversão brutal resultou ficarem queimadas muitas pessoas – homens, senhoras, crianças, entre estas uma que, segundo nos consta, perdeu a vista”⁵⁶⁴. Após verificar que os limões eram arremessados do sótão da casa

⁵⁵⁷ Processo –crime n.2846, maço 175, Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul (APERS).

⁵⁵⁸ *Jornal do Commercio*, 17 de fevereiro de 1885, p.1. Adolpho Dorken comerciante importador, um dos teutos afortunados estabelecidos à rua 7 de setembro. Cf: GANS, Magda. Op. Cit., p.56.

⁵⁵⁹ *O Século*, 22 de fevereiro de 1885.

⁵⁶⁰ *Jornal do Commercio*, 17 de fevereiro de 1885.

⁵⁶¹ *A Federação*, 16 de fevereiro de 1885.

⁵⁶² *A Reforma*, 17 de fevereiro de 1885, p.1.

⁵⁶³ Depoimento de Frederica Deistel. Processo-crime n.2846, maço 175, APERGS.

⁵⁶⁴ *A Federação*, 16 de fevereiro de 1885.

de Alberto Deistel⁵⁶⁵, “indignado, o povo arremessou-se em massa e em grito sobre a casa querendo apedrejá-la e arrombá-la”⁵⁶⁶. Após uma altercação entre os acusados e o povo – que queria penetrar na casa – o tumulto encerrou com a chegada dos proprietários da residência e da polícia – que tomou nota do nome dos acusados e só. Tal fato resultou na abertura de um processo contra os irmãos Hugo e Emílio Gertum, filhos de Joseph Gertum, proprietário de uma grande casa de moda e instrumentos musicais na Rua da Praia⁵⁶⁷.

Reagindo às acusações e às notas publicadas pela imprensa – especialmente pelo *Mercantil* – os irmãos Gertrum fizeram publicar uma nota intitulada “*os Irmãos Gertrum ao público*”, na sessão livre do periódico *A Federação*, na qual buscaram atestar sua inocência alegando terem “honrosos precedentes de que se orgulham” e que uma testemunha, o Sr. Augusto Gomes, os teria visto fora da casa do Sr. Deistel enquanto o jogo dos limões continuava⁵⁶⁸. Tal nota contradiz diversas testemunhas que, ao longo do processo, afirmaram terem visto Hugo e Emílio Gertum lançarem limões de água forte sobre a população que assistia o baile. Contradiz, também, pelo fato de que, quando a polícia chegou ao local, ambos permaneciam dentro da residência do Sr. Deistel.

A despeito disto, juntamente com essa carta assinada pelos irmãos Hugo e Emílio Gertrum, foram publicadas neste periódico cartas de Herculano dos Santos, Cristiano Kraemer⁵⁶⁹ e de Augusto Gomes da Silva referendando o comportamento de ambos⁵⁷⁰. Augusto Gomes da Silva afirmara, inclusive, estar na companhia dos irmãos Gertum enquanto os limões eram jogados. Tais cartas resultaram de uma conversa durante um baile no *Club Commercial*, durante a qual Adolpho Cardoso – um dos que acusara os irmãos Gertum pelo delito em questão – teria sido interpelado por Kraemer e Herculano sobre os motivos pelos quais os teria acusado. O mesmo afirmara não tê-los visto arremessar os limões mas dito que estes haviam sido arremessados do sótão da casa na qual ambos se encontravam e como não havia outras pessoas com eles – somente a empregada Hammel – eles, provavelmente, teriam sido os autores.

⁵⁶⁵DIESTEL, ou deistel, Wilhelm Eduard Albert. Importação de ferros e ferro bruto, carvão e máquinas Estabelecimento de porte no Caminho Novo. GANS, Magda. Op. Cit., p. 52.

⁵⁶⁶ Processo-crime n. 2846, maço 175, APERGS.

⁵⁶⁷GANS, Op. Cit., p. 57.

⁵⁶⁸*A Federação*, 20 de fevereiro de 1885, p.2.

⁵⁶⁹Comerciante importador (dos EUA: carros, carruagens, motores, máquinas e debulhadores) com estabelecimento na Rua da Praia. GANS, Magda. Op. Cit. p. 59.

⁵⁷⁰*A Federação*, 20 de fevereiro de 1885, p.2.

O periódico *A Lente* – de Araújo Guerra – também se manifestou sobre o caso do ácido sulfúrico. Apesar de recriminar o fato e de requerer providências por parte da polícia, também tratou de inocentar os irmãos Gertum – “moços incapazes de praticar tal barbaridade” – e as duas famílias envolvidas no caso, “duas respeitáveis famílias que, certamente, não têm a menor culpabilidade pelo fato”⁵⁷¹. A respeito dos antecedentes dos acusados – apesar de Augusto Gomes da Silva referendar o comportamento de ambos e de Araújo Guerra afirmar que seriam moços incapazes de praticar tal delito – um artigo publicado no jornal *A Federação* afirmava que os envolvidos no caso “têm precedentes que fazem crer sem dificuldades que são capazes de tais atos de perversão moral”⁵⁷².

Neste episódio, podemos observar uma rede de contatos entre os participantes das três maiores sociedades carnavalescas de Porto Alegre: Venezianos, Esmeralda e Germânia. O caso ocorreu durante um baile da Germânia. Contudo, em um baile do *Club Commercial*, Cristiano Kraemer – que fizera parte da diretoria da Venezianos – interpelara Adolpho Cardozo em defesa dos irmãos Gertum. Araújo Guerra – proprietário do jornal *A Lente* e membro da Esmeralda – também saíra em defesa tanto dos acusados quanto de Alberto Deistel, cuja residência fora o palco de tal delito e que era membro da Germânia.

O periódico *A Lente*, conhecido por suas caricaturas e brincadeiras, publicou uma charge ironizando este evento na qual lia-se o seguinte comentário: “Por fim tivemos ainda os limões de água forte que deixavam um cidadão em colisões difícilísimas. E viva o carnaval!”⁵⁷³.

No ano seguinte, um caixeiro de José Gertum – pai dos irmãos Hugo, Emílio e Fernando – de nome Plínio foi ferido com duas facadas por um homem de nacionalidade italiana que, ao passar pelo estabelecimento comercial do Sr. Gertum, na rua dos Andradas, foi “bisnagado” por algumas pessoas que por ali brincavam. Não tendo gostado da brincadeira, o indivíduo entrou na loja e, acusando o caixeiro Plínio de tê-lo molhado, desferiu-lhe duas facadas nas costas, prostando-o sem vida ao solo. Coincidentemente – ou não – tal evento ocorreu na loja dos pais dos moços que, no ano anterior, foram o centro da polêmica dos limões de cera com ácido sulfúrico.

⁵⁷¹ *A Lente*, 1885.

⁵⁷² “Os limões de ácido sulfúrico e seus arremessadores”. Exposição sobre o sumário crime por queixa de Lúcio dos Santos Lara, Ignácio Rodrigues Velhinho, João Teobaldo Jaeger, Antonio Becker, Adolpho Cordozo, Ildefonso Guterres, Julio Becker, José Antonio Adolpho Acosta, Ildefonso Ferreira de Azevedo Lopes contra os irmãos Hugo e Emílio Gertrum. Artigos publicado na Federação. Porto Alegre. Oficina Tipográfica da Federação, 1885.

⁵⁷³ *A Lente*, 1885.

4.2.2 – A presença feminina na Germânia

No capítulo três pudemos evidenciar que as mulheres passaram a estar presentes tanto nos bailes, quando nos desfiles das sociedades Esmeralda e Venezianos. Elas não só participaram, como também organizaram tais eventos. E na Germânia não foi diferente: acima, viu-se que a presença feminina nos festejos carnavalescos desta sociedade ocorria tanto nos bailes, quanto nos desfiles, nos quais diversos carros eram ocupados somente por mulheres.

Os bailes promovidos pela Germânia tinham um caráter bem familiar. Como vimos, deles participavam os sócios e suas famílias ou estranhos com o aval de algum sócio. Frederica Deistel, ao depor no caso dos irmãos Gertrum, afirmava ter ido com seu marido ao baile e que dançara com ele uma marchinha⁵⁷⁴. Além disso, nesses eventos havia também a “tradição de encontro de senhoras amigas que confraternizavam regularmente no café da tarde”⁵⁷⁵.

Mas o comparecimento das mulheres não se limitou apenas aos bailes. Em 1880, um colunista do *Mercantil* informava que “nas três sociedades [Esmeralda, Venezianos e Germânia] via-se elegantes grupos de gentis donzelas ricamente vestidas, dando assim graça e imponência aos préstitos”⁵⁷⁶. Essa afirmação além de denotar o reconhecimento da Germânia no escol das “grandes sociedades”, como já trabalhamos anteriormente, evidencia também uma semelhança na forma das participações das “gentis donzelas”. Assim como nas duas tradicionais sociedades, na Germânia elas também faziam-se presentes, carregando os adjetivos de “ricamente vestidas” e sendo responsáveis pela graça e imponência dos préstitos, tal qual nas outras duas sociedades.

O desfile de 1885, por exemplo, “compôs-se de grande número de carros, uns exibindo espirituosas críticas outros, elegantemente decorados, conduzindo muitas jovens fantasiadas”⁵⁷⁷. Segundo o *Jornal do Commercio*, “abria o préstito um carro triunfal em que se exhibia a exma. Sra. D. Carolina Koseritz que fazia ressaltar os seus dotes naturais com a magnificência de seus adornos”⁵⁷⁸. Quatro carros eram exclusivamente de mulheres. Num deles, havia uma figura feminina em bronze que representaria a Germânia. Em outro a personagem principal era uma mulher, Lorilei, que com seu canto enfeitiçava aos timoneiros.

⁵⁷⁴ Depoimento de Frederica Deistel. Processo-crime 2846, maço 175, APERGS.

⁵⁷⁵ GANS, Op. Cit., p. 168.

⁵⁷⁶ *Mercantil*, 11 de fevereiro de 1880, p.2.

⁵⁷⁷ *Mercantil*, 18 de fevereiro de 1885, p.2.

⁵⁷⁸ *Jornal do Commercio*, 17 de fevereiro de 1885, p.1.

Segundo Gans, apesar do ar de sensualidade atribuído a Lorilei, há uma ausência de luxuriosas figuras femininas por causa dos “padrões morais rígidos do segmento participante do desfile”⁵⁷⁹. Para ela, “de um modo geral, as figuras femininas do cortejo parecem estabelecer uma relação metonímica com a realidade: elas são o que devem ser na vida cotidiana: encantadoras, mas decentes [...] e exemplarmente ‘positivas’”⁵⁸⁰. Vejamos a imagem de Lorilei em detalhe:



Ilustração 9 - Lorilei em detalhe. Retirado do jornal O Século, 22 de fevereiro de 1885.

A representação feminina da feiticeira - no caso do préstito da Germânia feita através da personagem Lorilei - foi, segundo Michelet, perpetrada por causa da natureza⁵⁸¹. Os males femininos, “tidos por essencialmente uterinos, [...]exudavam da zona genital”⁵⁸². Assim, essa

⁵⁷⁹ GANS, Op. Cit., p. 26.

⁵⁸⁰ Ibid., p. 27.

⁵⁸¹ MICHELET, J. *La Sorcière*. Paris: Garnier-Flammarion, 1966. Apud: PESAVENTO, Sandra. Catarina Come-Gente. *Imaginário*, São Paulo, v. 4, 1997, p.48. Apud: PESAVENTO, Sandra. Catarina Come-Gente. *Imaginário*, São Paulo, v. 4, 1997, p.48.

⁵⁸² DEL PRIORE, Mary. Viagem pelo imaginário do interior feminino. *Rev. bras. Hist.*, São Paulo, v. 19, n. 37, 1999. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo>. Acesso em: 31 Mar 2008.

“natureza própria e ordenada pela genitália reverberava os problemas da alma feminina, fazendo da mulher um monstro ou uma criança incontrolável”⁵⁸³. Essa representação da mulher - mulher monstro, mulher feiticeira - que através de sua natureza (feminina) possui ligação com o espiritual ocorre quando “a mulher emerge como uma personagem de maior presença na história”⁵⁸⁴. Neste momento é preciso diabolizá-la, é quando se “acentua a sua faceta de bruxa, de sexualidade desregrada, dotada de malícia, capaz de realizar sortilégios e malefícios. Mais do que isto: esta representação feminina trabalha com a idéia de que a mulher é perigosa, por ser capaz de trair e seduzir”⁵⁸⁵. Contudo, ao que parece, a representação da feiticeira no préstito da Germânia é destituída de sexualidade.

Sandra Pesavento, ao analisar um conhecido crime que ocorreu em Porto Alegre em 1864, o “caso da lingüiça”, a fim de mostrar as representações femininas construídas no passado, através de Catarina, uma das autoras do crime, assevera que:

estamos falando do século XIX, em que mulheres reais assumem papéis concretos na sociedade burguesa que se estrutura, mesmo que isto se configure como um simulacro nas franjas do mundo capitalista de então, como é o caso do extremo meridional do Brasil. Sem dúvida que, diante do "perigo feminino", a sociedade patriarcal que se aburguesa, para salvaguardar-se, é capaz de fabricar imagens consensuais da mulher ideal, dedicada ao lar, mesmo que a realidade da vida urbana registre a sua presença nas ruas e nos trabalhos mais diversos, como nas fábricas nascentes. A distinção sexual se acrescentam as variáveis da classe e da etnia, que negam na prática o estereótipo desejado. Todavia, a força dominadora do simbólico induz à consolidação de uma estrutura de poder que vê a representação da mulher-feiticeira como o estereótipo a ser estigmatizado. Se dominada a sua "natureza" pela "cultura", é possível coibir o comportamento indesejável e obter o controle social.⁵⁸⁶

A personagem Lorilei pode, desta forma, ser melhor entendida: a figura de mulher feiticeira, que com seu canto seduz os timoneiros, uma mulher perigosa, capaz de enganar e ludibriar, apesar da ausência de sensualidade. Desta maneira, a Germânia apresenta elementos valiosos para a compreensão daquela sociedade: assim como no “crime da lingüiça”, a representação da mulher-feiticeira era um arquétipo a ser rechaçado, a ausência de sensualidade era tentativa de não torná-la atraente para os que assistiam ao desfile, e para que não a considerassem um modelo a seguir. Era preciso retirar desta figura elementos que fizessem com

⁵⁸³ Ibid., p.37.

⁵⁸⁴ PESAVENTO, Sandra. Catarina Come-Gente. *Imaginário*, São Paulo, v. 4, 1997, p.48.

⁵⁸⁵ Ibid., p.49.

⁵⁸⁶ Ibid., p.50.

que o seu comportamento fosse sedutor. Lorelei seduzia os timoneiros, mas esse comportamento não poderia seduzir os espectadores. Além disso, ao fazer com que os timoneiros naufragassem após se deixarem seduzir pela personagem, a Germânia explicitava o que ela considerava que aconteceria a quem se deixasse encantar por esse tipo de comportamento: naufragaria!

Assim como entre esmeraldinos e venezianos, a atuação das mulheres na Sociedade Germânia se deu não só na exibição dos préstitos como também na organização deles. A esposa do jornalista Karl Von Koseritz, Katharina Von Koseritz, por exemplo, no desfile de 1885, teve a responsabilidade de organizar o bloco que retratava as façanhas militares prussianas, acima descritas⁵⁸⁷.

Inspirada no modelo proposto por Esmeralda e Venezianos vimos que a Germânia passou também a realizar o seu carnaval, intencionando até criar um sociedade com fins exclusivamente carnavalesco. Baseadas naquelas, seguiram a mesma estrutura: préstitos com exibições de críticas, seguido de baile.

Assim como as “matrizes” seu carnaval tinha um tom familiar: os bailes eram compostos pelas famílias (esposo, esposa, filhos e convidados), como por exemplo, os Deistel. As senhoras organizavam os desfiles em que as senhoritas exibiam-se, como no caso dos Koseritz – Katharina (mãe) organizou um bloco, enquanto Carolina (filha) abriu o préstito. Contudo, essa sociedade ao iniciar suas práticas carnavalescas, já contava com a participação das mulheres, diferentemente de Esmeralda e Venezianos. Isso talvez tenha ocorrido por ela ter começado alguns anos após a instauração desse novo carnaval, quando também, já nas “matrizes”, se encontravam presentes as mulheres.

⁵⁸⁷Cf. GANS, Magda. Os dias de Momo na Porto Alegre de 1885: reflexões sobre a identidade teuto-brasileira no século XIX. *Cadernos do CPG em História da UFRGS*, n.9, dezembro de 1994.

CONCLUSÃO

Se no carnaval de hoje em dia vemos as mulheres se entregando ao reinado de Momo com toda a força – e por que não com toda a pompa – exibindo beleza, sensualidade, explorando muitas vezes seu corpo com fins, até mesmo, comerciais; as encontramos também nos tempos de Império se entregando aos delírios que essa festa proporcionava. Todavia, essa participação feminina nos festejos carnavalescos sofreu tentativas de controle e de readequação no espaço social, uma vez que, segundo senso corrente na época, não seria adequado às belas filhas do Rio Grande participar de um jogo bárbaro e grotesco como o entrudo.

Adentramos, pois, um pouco mais no universo deste jogo – prática carnavalesca bem antiga, de origem ibérica que se parece ter estado presente desde a formação da cidade de Porto Alegre. Essa brincadeira, mesmo passando por uma série de proibições, se fazia presente em tempos de carnaval. A ela era direcionada uma série de críticas, tanto no sentido sanitário (de ameaça à saúde pública), quanto no âmbito comportamental (não adequada às humanas filhas do Rio Grande, rude e grosseira), mas, mesmo assim, fazia o deleite das mulheres. Após um período em que, em virtude de epidemias que assolaram a capital, tal brincadeira esteve em desuso, ressurgira de modo bastante entusiástico entre a população da capital, sobretudo a partir de 1870. Tal retorno fora atribuído pela imprensa porto-alegrense à ex-Marquesa de Monte Alegre – esposa do então presidente da Província Antônio da Costa Silva e Pinto, que havia brincado no ano anterior. As mulheres se espelharam nas brincadeiras palacianas e, a despeito das tentativas de repressão policial, se puseram a jogar limões de cheiro, águas de baldes e gamelas...

Para os jornalistas, a cidade necessitava de um carnaval mais sofisticado, que levasse a capital da Província à altura das grandes cidades européias e da corte. A fim de atender a essa demanda – expressa nos jornais de grande circulação da capital – surgiram, então, as sociedades carnavalescas Esmeralda e Venezianos. Tais sociedades representavam um carnaval fino e educado – em contraposição ao entrudo – e almejavam a extinção de tal costume. Essas sociedades, com seus bailes e préstitos, destinavam novos lugares e condições à participação feminina: elas seriam responsáveis por engrandecer os desfiles jogando flores aos rapazes que passavam sob suas janelas. Ao invés do contato físico proporcionado pela velha brincadeira, o distanciamento corporal dos préstitos, que permitiria às famílias zelarem pela honra e moral de suas donzelas.

Tal mudança de comportamento não foi bem aceita entre as mulheres. Com o tempo passaram a participar ativamente da festa. Elas organizariam e freqüentariam os bailes, nos quais permaneceram jogando entusiasticamente o tão condenado entrudo, apesar dos inúmeros apelos das diretorias de Esmeralda e Venezianos para que isso não ocorresse. Perfizeram a organização dos préstitos, mas também neles desfilaram. Tinham carros exclusivos para elas, como por exemplo, o da rainha – que era sempre alguma parenta (filha, irmã, sobrinha) de algum associado. Além disso, elas passaram a integrar as listas de eleições de ambas as sociedades; gradativamente ganharam espaço – se primeiro apareciam sob o respaldo dos maridos, com o título de Exs. Senhoras, depois essa classificação se desfez, aparecendo seus nomes lado a lado ao dos homens das sociedades.

Algumas vezes, entretanto, tais discursos que atribuíam às mulheres um comportamento caracterizado pela passividade e moral acabavam encontrando eco nas próprias práticas sociais femininas. Vimos o caso de Honorata (escrava do Dr. Barcellos) que parece ter com sua conduta transgredido a tais imposições, mas na forma de discurso se adequou. Percebemos, assim, que os signos elaborados pelas elites, muitas vezes proliferavam em meio aos populares, que procuravam se ajustar a tais noções.

Mesmo as mulheres participando dos desfiles e da organização dos bailes e das diretorias mostramos também o quanto ainda pertencia aos homens o título de promotores do carnaval, pelo menos do carnaval das sociedades, estando a imagem deles atrelada a essas agremiações, enquanto a delas estava a do entrudo.

Apesar disso, esse novo carnaval havia feito sucesso entre os porto-alegrenses e, como vimos, entre as mulheres. Mas, mesmo tendo conquistado êxito, as tradicionais sociedades carnavalescas – Esmeralda e Venezianos – ingressariam em uma crise que as levaria à falência. Algumas prováveis causas foram analisadas: a permanência do entrudo, principalmente devido ao gosto feminino por tal prática; crises financeiras e falta de contribuições dos sócios; disputas internas. Mesmo assim, tais associações influenciaram o surgimento de novas sociedades carnavalescas adeptas do mesmo formato de carnaval – como a Germânia, a Floresta Aurora, a Congos, entre outras – o que demonstra que o modelo de carnaval por elas defendido – a despeito de sua falência – fora exitoso.

Ao longo desta dissertação pudemos observar que as formas de participação feminina no carnaval de Porto Alegre foram um objeto de disputa entre aqueles que defendiam que elas

deveriam assumir uma postura de passividade, de meras espectadoras do verdadeiro carnaval; e as mulheres que, a despeito dessas imposições sociais, reivindicavam, através de ações, uma postura mais ativa, lugares e condições nos quais elas realmente pudessem usufruir as benesses dos festejos momescos. Nesta disputa, as mulheres conseguiram reafirmar seu direito de participar ativamente do carnaval, seja com limões e bisnagas, seja desfilando nos préstitos das sociedades. Assim, mesmo que o modelo de carnaval defendido por esmeraldinos e venezianos tenha efetivamente atraído o gosto dos porto-alegrenses, o espaço originalmente destinado ao sexo feminino teve que ser revisto e foi dado a elas o direito de participar das festas que – inicialmente – eram destinadas somente aos bons moços das sociedades. Um carnaval familiar, de homens e mulheres, esposos e esposas, tios e sobrinhas, mas que também podia ser espaço de paqueras e ousadias, como as da Dona Carnavalesca que esperava ansiosamente pelos festejos de Momo, quando poderia exercer e vivenciar tudo aquilo que desejava o ano inteiro!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBIN, Ricardo Cravo. Uma apreciação sobre as origens do carnaval carioca, que constituíram o milagre das escolas de samba de hoje. *Terceira Margem*, Rio de Janeiro, número 14 ,p. 160-165, janeiro-junho / 2006.
- ARAND, Sílvia. *Um olhar sobre a família popular porto-alegrense (1886-1906)*. Porto Alegre: UFRGS, Dissertação de Mestrado, 1994.
- ARAÚJO, Hermetes Reis. *A invenção do Litoral: reformas urbanas e reajustamento social em Florianópolis na Primeira República*. São Paulo: Dissertação de mestrado, PUCSP, 1990.
- BACZKO, Bronislaw. Utopia. In: Enciclopédia Einaudi (Antropos – homem). Portugal: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, s/d. Vol. 5.
- BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. HUCITEC; Brasília: Ed. da Universidade de Brasília, 1993.
- BAROJA, Júlio Caro. *Le carnaval*. Paris: Gallimard, 1979.
- BARRETO, Álvaro; GANS, Magda Roswita. Dois ensaios sobre carnaval e sociedade no Rio Grande do Sul. In: *Cadernos do PPGH*, nº 9, UFRGS, 1994.
- BARRETO, Álvaro. Relações sociais no carnaval pelotense de 1890 a 1906. In: *Cadernos do ISP*, nº 7, UFPel, out./1995.
- BARRETO, Álvaro. O Apogeu do Carnaval Veneziano em Pelotas (1906-1921). In: *Cadernos do ISP/UFPel*, nº 8, jul/1996.
- BARROS, Hemetério de. *Memórias de um Carnavalesco*. Porto Alegre: Ed. Guapel, s/d.
- BAUDRILLARD, Jean. Modedernité. In: *Biennale de Paris. La modernité du temps*. Paris: Editions L'équerre, pp. 28-31, 1982, p.28. Apud: NASCIMENTO, Mara. No movimento do bonde, a festa e a modernidade. In: TORRESINI, E. (Org.). *Modernidade e Urbanização no Brasil*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998.
- BECKER, Gisele. *Uma História Polifônica: Mulheres e Laços de Família em Porto Alegre (1858-1908)*. Dissertação de mestrado, PUCRS, Porto Alegre, 2001.
- BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar*. São Paulo: Cia das Letras, 1986.
- BEAUVOIR, Simone de. *O Segundo Sexo I: a experiência vivida*. V. 2. São Paulo: Difel, 1967.
- BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

_____. *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense, 2004.

BRITO, Sandra. O carnaval e o mundo burguês. *Revista da Faculdade de Letras, História*, Porto, III Série, vol. 6. 2005.

BULHÕES, Maria Amélia. Saudáveis oportunismos ou reflexões sobre a modernidade e a pós-modernidade na América Latina. *Estudos Ibero-Americanos*. PUCRS, v.XXVI, nº2, p.151-168, dezembro de 2000.

BURKE, Peter. *Desafios de uma história polifônica*. Folha de São Paulo, São Paulo, 15 de outubro de 2000.

BURKE, Peter. *Testemunha Ocular: história e imagem*. Bauru, SP: EDUSC, 2004.

CARELI, Sandra. *Texto e contexto: Virtude e Comportamento Sexual Adequado às Mulheres na Visão da Imprensa Porto-Alegrense da Segunda Metade do Século XIX*. Porto Alegre: Dissertação de Mestrado, UFRGS, 1997.

CARVALHO, José Murilo de. *A Formação das Almas*. São Paulo: Cia das Letras, 1990.

CASTRO, Carmem Lúcia. *Ferro de Brasa, Tacho de Cobre, Puxados úmidos: cotidiano das mulheres escravizadas em Porto Alegre (século XIX)*. Porto Alegre: Dissertação de mestrado/PUCRS, 1994.

CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da Belle Époque*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

CORUJA, Antônio Álvares Pereira, *Antigualhas: Reminiscências de Porto Alegre*, Organizado por Sérgio da Costa Franco, 2ª Ed. Porto Alegre: UE/Porto Alegre, 1996.

CUNHA, Maria C. P. *Ecos da Folia: uma história social do carnaval carioca entre 1880 e 1920*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

DAMATTA, Roberto. *O que faz o brasil, Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 1984.

DAMATTA, Roberto. *A Casa e a Rua*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1991.

DAMATTA, Roberto. *Carnavais, Malandros e Heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. Rio de Janeiro: Rocco, 6 ed., 1997.

DEL PRIORI, Mary. *Ao Sul do Corpo: condição feminina, maternidade, mentalidades no Brasil Colônia*. Rio de Janeiro, José Olímpio/ EDUNB, Brasília, 1993.

DEL PRIORE, Mary. Viagem pelo imaginário do interior feminino. *Rev. bras. Hist.*, São Paulo, v. 19, n. 37, 1999. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo>. Acesso em: 31 Mar 2008.

- DETIENE, Marcel. O Mito Orfeu no Mel. In: LE GOFF, J. *História: Novos Objetos*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.
- D'INCAO, Maria Ângela. Mulher e família burguesa. In: DEL PRIORY, Mary. *Historia das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2000.
- DOMENACH, Jean-Marie. Dinâmica da modernidade. *Abordagem à modernidade*. Lisboa: Instituto Piaget, 1995.
- ELMIR, Cláudio. As armadilhas do jornal: algumas considerações metodológicas do seu uso para a pesquisa histórica. IN: *Cadernos do PPG em História da UFRGS*, n.13, dezembro de 1995, pp.19-29.
- ESPIG, Márcia Janete. O uso da fonte jornalística no trabalho historiográfico: o caso do Contestado. *Estudos Ibero-Americanos*, Porto Alegre, PUCRS – Curso de Pós-Graduação em História, v. XXIV, n.2, dez.1998, pp.269-289, p.274.
- FACHEL, José Fraga. *Os grupos de bolão e os Kränzchen em Santa Cruz do Sul. I Colóquio de Estudos Teuto-Brasileiros*. Centro de Estudos Sociais. Faculdade de Filosofia/UFRGS. Porto Alegre, 1963.
- FERREIRA, Felipe. O triunfal passeio do “Congresso das Summidades Carnavalescas” e a fundação do carnaval moderno no Brasil. *Terceira Margem*, Rio de Janeiro, Número 14, p. 160-165 • janeiro-junho / 2006.
- FISCHER, Luís Augusto; SEDREZ, Mariângela. (Orgs.). *Conversas entre confetes*. Porto Alegre: UE/Secretaria Municipal da Cultura, 2000.
- FLORES, Moacyr. Do entrudo ao carnaval. *Estudos Ibero-Americanos*, XXII (1) – junho, 1999.
- FLÔRES, Onici. *A leitura da charge*. Canoas: Ed. Ulbra, 2002.
- FLORES, Elio Chaves. Quando os subalternos amansam o Leviatã, *Tempo*, Rio de Janeiro, Vol.4, n.8, 1999.
- FONSECA, Joaquim da. *Caricatura: a imagem gráfica do humor*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1999.
- FRANCO, Sergio da Costa. *Porto Alegre: Guia Histórico*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1998.
- GANS, Magda. Os dias de Momo na Porto Alegre de 1885: reflexões sobre a identidade teuto-brasileira no século XIX, *Cadernos do CPG em História da UFRGS*, n.9, dezembro de 1994.
- GANS, Magda. *Presença teuta em Porto Alegre no século XIX (1850 – 1889)*. Porto Alegre: Editora da UFRGS/ANPUH/RS, 2004.

- GARCIA, Heitor Carlos Sá Britto. *Fragmentos históricos do carnaval de Porto Alegre*. s/e: Porto Alegre, s/e.
- GERMANO, Íris. O Carnaval no Brasil: da origem européia à festa nacional. *C.M.H.L.B. Caravelle*, n.173, Toulouse, 1999.
- GERMANO, Iris. *Rio Grande do Sul, Brasil e Etiópia: os negros e o carnaval de Porto Alegre nas décadas de 1930 e 40*. Dissertação de Mestrado. PPGH/UFRGS, Porto Alegre, 1999.
- GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas e sinais: Morfologia e História*. São Paulo: Cia. Das Letras, 1990.
- GUTERRES, Liliane S. *Sou Imperador até morrer”, um estudo sobre identidade, tempo e sociabilidade em uma Escola de Samba de Porto Alegre*. Dissertação de Mestrado. PPGAS/UFRGS, Porto Alegre, 1996.
- GUTERRES, Liliane S. *Memórias dos destaques de carnaval de Porto Alegre*. Porto Alegre: Unidade Editorial/Secretaria Municipal de Cultura, 2006.
- HEERS, Jacques. *Festas de loucos e carnavais*. Lisboa: Publ. D. Quixote, 1987.
- HELLER, Agnes. *O Cotidiano e a História*. Paz e Terra: São Paulo, 1970.
- HESSEL, Lothar. *O Partenon Literário e sua obra*. Porto Alegre: FLAMA/IEL, 1976.
- HILL, B. Para onde vai a História da Mulher?: História da Mulher e História Social. IN: *Varia História*. Belo Horizonte: UFMG, 1995.
- HOBBSAWM, Eric (org.). *A Invenção das Tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- KAPLAN, Sheila. *Ciência Hoje das Crianças* 144, março 2004
Especial para a CHC. <http://cienciahoje.uol.com.br/view/1348>, acessado em 15 de janeiro de 2008.
- KERN, Maria Lúcia. Tradição e Modernidade: a imagem e a questão da representação. *Estudos Ibero-Americanos*. PUCRS, v. XXXI, n.2, dezembro de 2005.
- KRAWCZYK, Flávio; GERMANO, Íris e POSSAMAI, Zita. *Carnavais de Porto Alegre*. Porto Alegre: Secretaria Municipal de Cultura, 1992.
- LADURIE, Emmanuel Le Roy. *O Carnaval de Romans - Da Candelária à Quarta-Feira de Cinzas (1579-1580)*. Rio de Janeiro: Cia das Letras, 2002.
- LAZZARI, Alexandre. *Certas coisas não são para que o povo as faça: Carnaval em Porto Alegre (1879-1915)*. Dissertação de Mestrado. IFCH/UNICAMP, Campinas, 1998.

- LESSA, Fábio de Souza. *Mulheres de Atenas. Melissa do Gineceu à Agora*. Rio de Janeiro: Laboratório de História Antiga/ IFCH da UFRJ, 2001.
- LONER, Beatriz Ana; GIL, Lorena. *Organização negra em Pelotas: características e evolução (1870-1950)*. In: 3 Encontro Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional, 2007, Florianópolis. Anais do 3º Encontro Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional. São Leopoldo : OIKOS, 2007. v. 1. p. 1-11.
- LONER, Beatriz Ana; GIL, Lorena. *Os clubes carnavalescos negros de Pelotas (RS)*. In: 3º encontro escravidão e Liberdade no Brasil Meridional, 2007, Florianópolis. 3] Encontro Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional. São Leopoldo : Oikos, 2007. v. 1. p. 1-15.
- LONER, B. A. ; GILL, Lorena Almeida . *Clubes negros em Pelotas (RS), Brasil: histórias e memórias*. In: VIII Encuentro Nacional y II Congreso Internacional de História Oral de La Republica Argentina, 2007, Buenos Aires. Las fuentes orales: sua plicación en Educación, Investigación y gestión. Buenos Aires : Ministerio de Cultura, 2007. v. 1. p. 1-5.
- LONER, B. A. ; GILL, Lorena Almeida . *Mulher, carnaval e etnia negra em Pelotas: muito além do samba*. In: Seminário Internacional Fazendo Gênero 7- gênero e preconceitos, 2006, Florianópolis. Fazendo gênero 7- gênero e preconceitos. Florianópolis: Editora Mulheres. v. 1. p. 1-7.
- LOPES, Aristeu Elisandro Machado . Representações da escravidão e da abolição nas caricaturas da imprensa ilustrada e humorística pelotense do século XIX. In: II Encontro Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional, 2005, Porto Alegre. Anais do II Encontro Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional. São Leopoldo : Oikós, 2005. p. 01-13.
- LOURO, Guacira Lopes. *Prendas e antiprendas: uma escola de mulheres*. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 1997.
- MAIA, Sandra. *Carnaval 2000*. Porto Alegre: Secretaria Municipal de Cultura/Prefeitura Municipal de Porto Alegre, 2000.
- MAUCH, Cláudia. Saneamento moral em Porto Alegre na década de 1890. In: MAUCH [et. al.]. *Porto Alegre na virada do século XIX: cultura e sociedade*. Porto Alegre/Canoas/São Leopoldo: Ed. Universidade/UFRGS/Ed. ULBRA/ Ed. UNISINOS, 1999..
- MELLO, Marco Antônio Lírio de. *Reviras, Batuques e Carnavais: a cultura de resistência dos escravos em Pelotas*. Pelotas: Editora Universitária/UFPel, 1994.
- MICHELET, J. *La Sorcière*. Paris: Garnier-Flammarion, 1966. Apud: PESAVENTO, Sandra. Catarina Come-Gente. *Imaginário*, São Paulo, v. 4, 1997, p.48. Apud: PESAVENTO, Sandra. Catarina Come-Gente. *Imaginário*, São Paulo, v. 4, 1997.

- MONTEIRO, Charles. *Porto Alegre: urbanização e modernidade: a construção social do espaço urbano*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995.
- MOREIRA, Paulo Roberto. E a rua não é do rei. Morcegos e Populares no início do policiamento urbano em Porto Alegre - século XIX. In: *Sobre a Rua e Outros Lugares. Reinventando Porto Alegre*. Porto Alegre: Caixa Econômica Federal, 1995.
- NASCIMENTO, Mara. No movimento do bonde, a festa e a modernidade. In: TORRESINI, E. (Org.). *Modernidade e Urbanização no Brasil*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998.
- OLIVEN, Ruben George. *Violência e Cultura no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1989.
- QUEIRÓZ, Maria Isaura Pereira de. *Carnaval Brasileiro – o vivido e o mito*. São Paulo, Editora Brasiliense, 1992.
- PEDRO, Joana Maria. *Mulheres honestas e mulheres faladas: uma questão de classe*. Florianópolis: Ed da UFSC, 1994.
- PEREIRA, Cristiana Schettini. *Nas barbas de Momo. Os sentidos da presença feminina nos carnavais das Grandes Sociedades nos últimos anos do século XIX*. Série Monografias nº 6, ano 5. IFCH UNICAMP, 1995.
- PEREIRA, Cristiana. Os Senhores da Alegria: a presença das mulheres nas Grandes Sociedades carnavalescas cariocas em fins do século XIX. In: CUNHA, Maria Clementina (org.). *Carnavais e outras f(r)estas: ensaios de uma história social da cultura*. Campinas: Ed. da UNICAMP, CECULT, 2002.
- PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura. Evolução do carnaval latino-americano. *Ciência e Cultura*. São Paulo, 32(11): 1481, 1980.
- PEREIRA, Leonardo Afonso M. *O carnaval das letras*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, 1994.
- PEREZ, Lea. Notas reflexivas sobre a modernidade e a cidade. In: TORRESINI, E. (Org.). *Modernidade e urbanização no Brasil*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998.
- PERROT, Michelle, DUBY, Georges. *História das mulheres no Ocidente*. Porto: Afrontamento, 1990.
- PESAVENTO, Sandra. *Os Pobres da Cidade: vida e trabalho – 1880-1920*. Porto Alegre: Edufrgs, 1994.
- PESAVENTO, Sandra. Este mundo verdadeiro das coisas de mentira: entre a arte e a história. *Estudos Históricos, Arte e Histórico*, n.30, 2002/2.
- PESAVENTO, Sandra. Catarina Come-Gente. *Imaginário*, São Paulo, v. 4, 1997.

- PERROT, Michelle, DUBY, Georges. *História das mulheres no Ocidente*. Porto: Afrontamento, 1990, vol.1.
- PICCOLO, Helga. *A política rio-grandense no segundo Império (1868-1882)*. Porto Alegre: Gabinete de pesquisas Históricas do Rio Grande do Sul – IFCH/UFRGS, 1974.
- RÜDIGER, Francisco. *Tendências do jornalismo*. Porto Alegre: Ed.da Universidade/UFRGS, 1993.
- RAMOS, Severina Oliveira. Teatro e o feminino na Atenas Clássica. In: *Gaia – Revista Eletrônica de História Antiga*, 2001. Disponível em <http://www.ifcs.ufrj.br/~gaia/m%20m.htm>, acessado em 27/05/2007.
- RITO, Sandra. O carnaval e o mundo burguês. *Revista da Faculdade de Letras, História*, Porto, III Série, vol. 6. 2005.
- ROSA, Marcus Vinícius Freitas de. *Para além da identidade nacional: hierarquias e distinções, aproximações e distanciamentos, conflitos e identidades nos carnavais de Porto Alegre nas décadas de 1930 e 1940*. . Dissertação de Mestrado. PPGH/UFRGS, Porto Alegre, 2008.
- SANTOS, Francisco. O acaso das origens e o acaso das finalidades. In: TORRESINI, E. (Org.). *Modernidade e urbanização no Brasil*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998.
- SEBE, José Carlos. *Carnaval, carnavais*. São Paulo: Ática, 1986.
- SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria de análise histórica. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v.16, n.2, jul/dez 1990.
- SICHES, Recásens. *Tratado de Sociologia*. Editora Globo: Porto Alegre, 1968.
- SILVA, Josiane Abrunhosa da. *Bambas da Orgia: um estudo sobre o carnaval de rua de Porto Alegre, seus carnavalescos e os territórios negros*. Dissertação de Mestrado. PPGAS/UFRGS, Porto Alegre, 1993.
- SILVA, Zélia L. O Carnaval dos anos 30 em São Paulo e no Rio de Janeiro (de festa de elite a brincadeira popular). *Historia*, São Paulo, v. 16, 1997.
- SIMANSKY, Luis Cláudio. *Espaço privado e vida material em Porto Alegre no século XIX*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998.
- SINGER, Paul. *Desenvolvimento econômico e evolução urbana*. São Paulo, Nacional, 1977.
- SOHIET, Rachel. Reflexões sobre o carnaval na historiografia - algumas abordagens. *Revista Tempo*, Rio de Janeiro, v. 7, p. 169-188, 1999.

- SOIHET, Rachel. *A subversão pelo riso: estudos sobre o carnaval carioca da Belle Époque ao tempo de Vargas*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1998.
- SOIHET, Rachel. A sensualidade em festa: representações do corpo feminino nas festas populares no Rio de Janeiro da virada dos séculos XIX a XX. *Diálogos Latinoamericanos*, n.002, Aarhus, 2000.
- SOIHET, Rachel. O drama da conquista na festa: reflexões sobre resistência indígena e circularidade cultural. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol.5, n.9, 1992.
- SOUZA, Maria Angélica Rodrigues. Melissa: gerenciamento, complementaridade e transgressão na Atenas Clássica. In: *Gaia – Revista Eletrônica de História Antiga*, 2002. Disponível em <http://www.ifcs.ufjf.br/~gaia/m%20m.htm>, acessado em 27/05/2007.
- STEPHANOU, Alexandre. *Censura no Regime Militar e Militarização das Artes*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.
- TOURAINÉ, Alain. *Crítica a Modernidade*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- ULLMANN, Reinhold. *Amor e Sexo na Grécia Antiga*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.
- VALENÇA, Rachel. *Carnaval: pra tudo se acabar na quarta-feira*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará: Prefeitura, 1996.
- WEBER, Beatriz. *Códigos de Posturas e Regulamentação do Convívio Social em Porto Alegre no Século XIX*. Porto Alegre: UFRGS, Dissertação de Mestrado, 1992.

FONTES

Jornais

A Federação.
A Lente.
A Reforma.
Álbum do Domingo.
Deutsche Zeitung.
Jornal do Comércio.
Koseritz Deutsche Zeitung.
Mercantil.
O Athleta: Órgão do Club Caixeiral Porto-Alegrense.

Localização: Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa; Biblioteca Central da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Revista

Revista Policial, 26.02.1927. Apud: SOHIET, Rachel. A sensualidade em festa: representações do corpo feminino nas festas populares no Rio de Janeiro da virada dos séculos XIX a XX. *Diálogos Latinoamericanos*, n.002, Aarhus, 2000, p. 108.

Livro de Atas da Sociedade Carnavalesca Esmeralda, 1907 a 1931.

Localização: Instituto Histórico Geográfico. Lata 31, n.12.

Livro de Registros de Posturas Municipais de 1829 a 1888.

Localização: Arquivo Histórico de Porto Alegre.

Documentação da Secretaria de Polícia.

Maço 67, 26 de fevereiro de 1870 e . 03 de fevereiro de 1872.
Edital publicado pela Secretaria de Polícia de Porto Alegre
Localização: Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul e Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa.

Processos-crime.

Processo-crime nº1449, maço 55, Júri-Sumário.
Processo –crime n.2846, maço 175.
Localização: Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul.

Relatórios

Relatório dos Presidentes da Província .
Relatório da Primeira Sessão da Segunda Legislatura da Assembléia Legislativa da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul.

Localização: Arquivo Público do Rio Grande do Sul

Imagens

Impressos Diversos

AITA, Carmem (org.). *Parlamentares Gaúchos das Cortes de Lisboa aos nossos dias: 1821-1996*. Porto Alegre: Assembléia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul, 1996.

Anuário estatístico do Brasil 1936. Rio de Janeiro : IBGE, v.2, 1936.

CORUJA, Antônio Álvares Pereira, *Antigualhas: Reminiscências de Porto Alegre*, Organizado por Sérgio da Costa Franco, 2ª Ed. Porto Alegre: UE/Porto Alegre, 1996.

FARIA, Eduardo de. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Eduardo & Henrique Laemmert. 1861.

FERREIRA, Athos Damasceno. *O Carnaval pôrto-alegrense no século XIX*. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1970.

Grande Enciclopédia Larousse Cultural, Nova Cultural Ltda, 1999.

MARTINS, Ari. *Escritores do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Ed. UFRGS/IEL, 1878.

Os limões de ácido sulfúrico e seus arremessadores. Exposição sobre o sumário crime por queixa de Lúcio dos Santos Lara, Ignácio Rodrigues Velhinho, João Teobaldo Jaeger, Antonio Becker, Adolpho Cordozo, Ildefonso Guterres, Julio Becker, José Antonio Adolpho Acosta, Ildefonso Ferreira de Azevedo Lopes contra os irmão Hugo e Emílio Gertrum. Artigos publicado na Federação. Porto Alegre. Oficina Tipográfica da Federação, 1885.

PORTO ALEGRE, Achylles. *História Popular de Porto Alegre*. Porto Alegre, EU/Porto Alegre, 1994.

_____. *Homens Ilustres do Rio Grande do Sul*. Livraria Selbach, Porto Alegre, 1917.

Localização: Biblioteca Central da Pontifícia Universidade Católica e Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul.

Sítios de Genealogia

http://www.jbcultura.com.br/gde_fam/pafg109.htm. Acessado em 31 de março de 2007.

<http://elraupp.sites.uol.com.br/>. Acessado em 02 de abril de 2008.

ANEXOS



ESMERALDINA
por ALCIDES ANTUNES

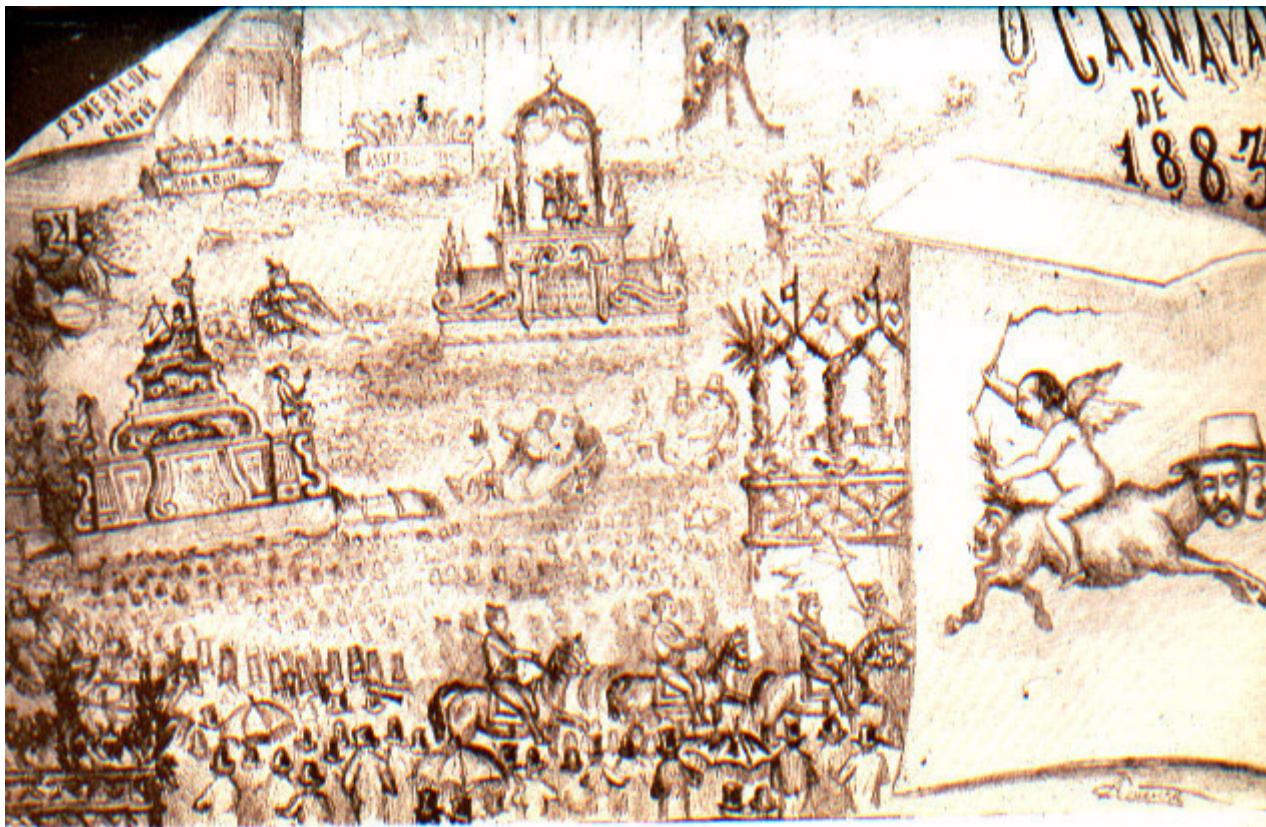
VALSA

The musical score is titled "ESMERALDINA" by ALCIDES ANTUNES, with the tempo marking "VALSA". It is a piano arrangement consisting of two systems of six staves each. The first system includes a treble and bass staff for the piano, followed by four staves of piano accompaniment. The second system continues the piano accompaniment. The score includes various musical notations such as notes, rests, and dynamic markings like "p", "f", "ff", and "D.C. al Fine".

Anexo 1 – Partitura para o baile da Esmeralda. Discoteca Pública Natho Henn – 4º andar da Casa de Cultura Mário Quintana.



Anexo 2 – Partitura dedicada às Sociedades Carnavalescas Esmeralda, Venezianos e Congos. Mercantil, 04 de fevereiro de 1883.



Anexo 3 - Charge de Araújo Guerra, publicada em *O Século*, a respeito do desfile da Esmeralda do ano de 1883. Retirada de FERREIRA, Athos Damasceno. *O Carnaval pôrto-alegrense no século XIX*. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1970.



Anexo 4 – Homenagem d'O Século á Sociedade Carnavalescas Os Venezianos, 1883. Retirada de FERREIRA, Athos Damasceno. *O Carnaval pôrto-alegrense no século XIX*. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1970.



Anexo 5 – Charge publicada em *O Século*, 01 de março de 1884, a respeito da falência do carnaval de Porto Alegre. “A que triste estado ficou reduzido o nosso pobre carnaval, outrora tão ridente e brilhante. De nada valheu-lhe a medicina – coitadito”.